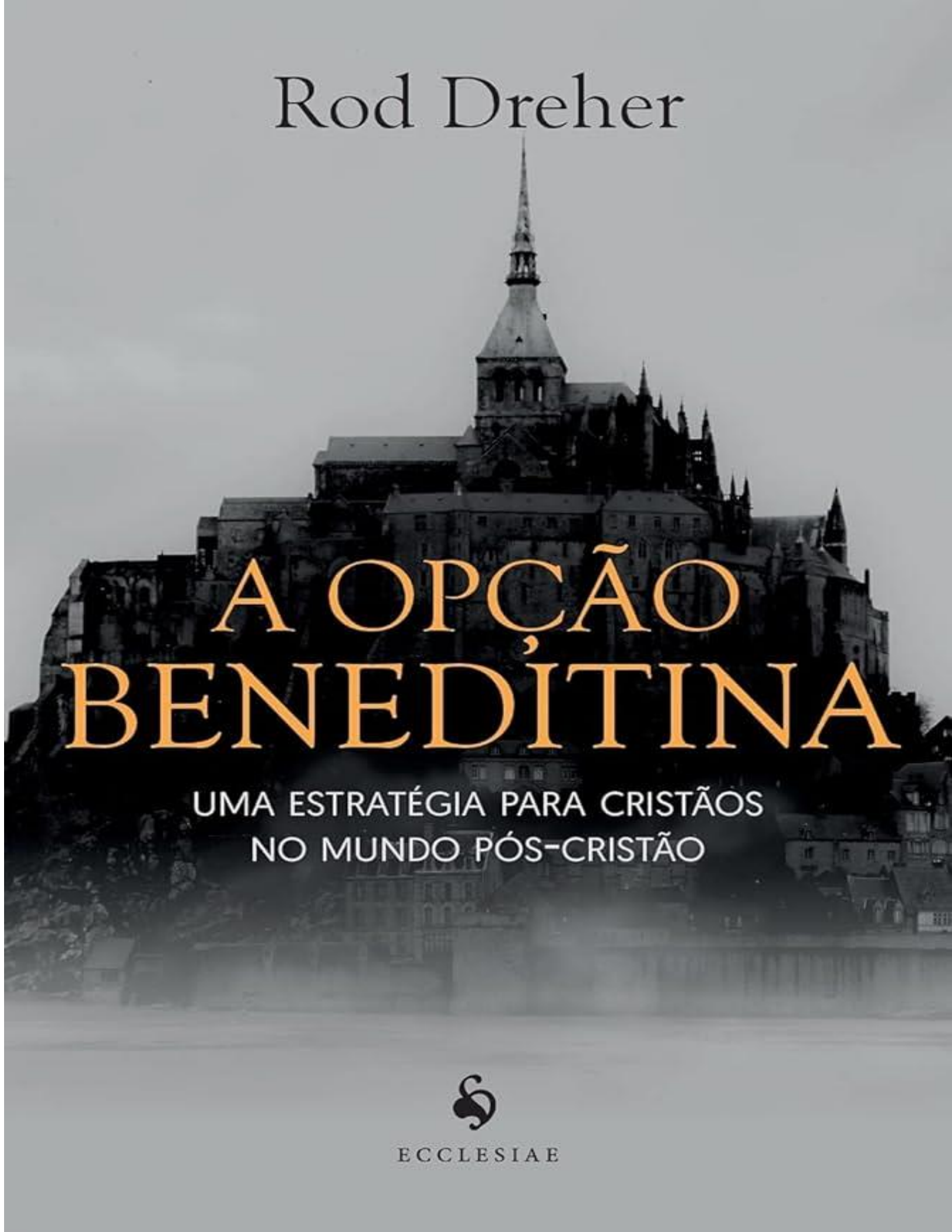
Rod Dreher



A OPÇÃO BENEDITINA

UMA ESTRATÉGIA PARA CRISTÃOS NO MUNDO PÓS-CRISTÃO

ECCLESIAE

Sumário

Cobrir
Folha de rosto
direito autoral
Dedicação
Epígrafe
Introdução: O Despertar
Capítulo 1: O Grande Dilúvio
Capítulo 2: As Raízes da Crise
Capítulo 3: Uma regra para viver
Capítulo 4: Um Novo Tipo de Política Cristã
Capítulo 5: Uma Igreja para Todas as Estações
Capítulo 6: A Ideia de uma Aldeia Cristã
Capítulo 7: A Educação como Formação Cristã
Capítulo 8: Preparando-se para o trabalho duro
Capítulo 9: Eros e a Nova Contracultura Cristã
Capítulo 10: O Homem e a Máquina
Conclusão: A Decisão de Bento XVI
Agradecimentos
Notas
Índice



Uma marca da Penguin Random House LLC
Rua Hudson, 375
Nova York, Nova York 10014

Copyright © 2017 por Rod Dreher
Penguin suporta direitos autorais. Os direitos autorais estimulam a criatividade, incentivam diversas vozes, promovem a liberdade de expressão e criam uma cultura vibrante. Obrigado por adquirir uma edição autorizada deste livro e por cumprir as leis de direitos autorais ao não reproduzir, digitalizar ou distribuir qualquer parte dele, de qualquer forma, sem permissão. Você está apoiando escritores e permitindo que a Penguin continue a publicar livros para todos os leitores.

A maioria dos livros Sentinel está disponível com desconto quando comprado em quantidade para promoções de vendas ou uso corporativo. Edições especiais, que incluem capas personalizadas, trechos e impressões corporativas, podem ser criadas quando adquiridas em grandes quantidades. Para obter mais informações, ligue para (212) 572-2232 ou envie um e-mail para specialmarkets@penguinrandomhouse.com. Sua livraria local também pode ajudar com compras em grandes quantidades com desconto usando o programa corporativo Business-to-Business da Penguin Random House. Para obter assistência na localização de um varejista participante, envie um e-mail para B2B@penguinrandomhouse.com.

Dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso
Nomes: Dreher, Rod, autor.
Título: A opção Bento XVI: uma estratégia para os cristãos numa nação pós-cristã / Rod Dreher.
Descrição: Nova York: Sentinel, 2017.
Identificadores: LCCN 2016053888 (imprimir) | LCCN 2017001377 (e-book) | ISBN 9780735213296 (capa dura) | ISBN 9780735213319 (e-book)
Disciplinas: LCSH: Cristianismo e cultura – Estados Unidos. | Bento, Santo, Abade de Monte Cassino. Regula. | Beneditinos – Regras. | Monaquismo e ordens religiosas – Regras.
Classificação: LCC BR526 .D735 2017 (imprimir) | LCC BR526 (e-book) | DDC 261.0973—dc23
Registro LC disponível em https://lccn.loc.gov/2016053888

Citações bíblicas retiradas da New American Standard Bible® (NASB), Copyright © 1960, 1962, 1963, 1968, 1971, 1972, 1973, 1975, 1977, 1995 pela The Lockman Foundation. Usado com permissão. www.Lockman.org.

Versão_3

Para Ken Myers

Levantemo-nos, então, finalmente,
Porque a Escritura nos desperta, dizendo:
“Agora é a hora de acordarmos.” (Romanos 13:11)

—Regra de São Bento

Introdução: O Despertar

Durante a maior parte da minha vida adulta, fui um cristão crente e um conservador comprometido. Não vi qualquer conflito entre os dois, até que a minha mulher e eu demos as boas-vindas ao nosso primeiro filho ao mundo em 1999. Nada muda mais a perspectiva de um homem sobre a vida do que ter de pensar sobre o tipo de mundo que os seus filhos herdarão. E assim foi comigo.

À medida que Matthew crescia, comecei a perceber como minha política estava mudando à medida que procurava criar nosso filho de acordo com os princípios cristãos tradicionalistas. Comecei a me perguntar o que exatamente o conservadorismo dominante estava conservando. Ocorreu-me que algumas das causas defendidas pelos meus colegas conservadores – principalmente um entusiasmo acrítico pelo mercado – podem, em algumas circunstâncias, minar aquilo que eu, como tradicionalista, considerava a instituição mais importante a conservar: a família.

Também passei a considerar as igrejas, incluindo a minha, como largamente ineficazes no combate às forças do declínio cultural. O cristianismo tradicional e histórico – seja católico, protestante ou ortodoxo oriental – deveria ser uma poderosa força contrária ao individualismo radical e ao secularismo da modernidade. Embora se dissesse que os cristãos conservadores estavam a travar uma guerra cultural, com excepção das questões do aborto e do

casamento gay, era difícil ver o meu povo a resistir muito. Parecíamos contentes em ser a capelania de uma cultura consumista que estava perdendo rapidamente o sentido do que significava ser cristão.

No meu livro Crunchy Cons de 2006, que explorou uma sensibilidade contracultural e tradicionalista conservadora, mencionei o trabalho do filósofo Alasdair MacIntyre, que declarou que a civilização ocidental tinha perdido as suas amarras. Estava chegando o momento, disse MacIntyre, em que homens e mulheres de virtude compreenderiam que a participação plena e contínua na sociedade dominante não era possível para aqueles que queriam viver uma vida de virtude tradicional. Estas pessoas encontrariam novas formas de viver em comunidade, disse ele, tal como São Bento, o pai do monaquismo ocidental no século VI, respondeu ao colapso da civilização romana fundando uma ordem monástica.

Chamei à retirada estratégica profetizada por MacIntyre "a Opção Benedict". A ideia é que os conservadores cristãos sérios não possam mais viver vidas normais na América, que temos de desenvolver soluções criativas e comunitárias para nos ajudar a manter a nossa fé e os nossos valores num mundo cada vez mais hostil a eles. Teríamos de escolher dar um salto decisivo para uma forma verdadeiramente contracultural de viver o Cristianismo, ou condenaríamos os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos à assimilação.

Ao longo da última década, tenho escrito continuamente sobre a Opção Bento XVI, mas ela nunca decolou fora de um círculo relativamente pequeno de conservadores cristãos. Enquanto isso, a geração Millennial começou a abandonar a igreja em números sem precedentes na história dos EUA. E é quase certo que não sabiam o que estavam a descartar: novas pesquisas em ciências sociais indicaram que os jovens adultos ignoram quase totalmente os ensinamentos e práticas da fé cristã histórica.

O declínio constante do Cristianismo e o aumento constante da hostilidade aos valores tradicionais chegaram ao auge em Abril de 2015, quando o estado de Indiana aprovou uma versão da Lei federal de Restauração da Liberdade Religiosa. A lei apenas proporcionou uma defesa válida da liberdade religiosa para aqueles processados por discriminação. Não garantiu que esses réus prevaleceriam. Os activistas dos direitos dos homossexuais protestaram ruidosamente, chamando a lei de preconceituosa – e pela primeira vez, as grandes empresas tomaram partido na guerra cultural, posicionando-se firmemente em nome dos direitos dos homossexuais. Indiana recuou sob pressão corporativa – assim como o Arkansas uma semana depois.

Este foi um evento divisor de águas. Mostrou que, se as grandes empresas se opusessem, mesmo os políticos republicanos nos estados vermelhos não tomariam uma posição, mesmo que moderada, a favor da liberdade religiosa. Professar o cristianismo bíblico ortodoxo em questões sexuais era agora considerado evidência de intolerância intolerável. Os cristãos conservadores foram derrotados. Estávamos morando em um novo país.

E então, dois meses depois, a Suprema Corte dos EUA declarou o direito constitucional ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. A decisão foi popular entre o povo americano, que, ao longo da década anterior, sofreu uma mudança surpreendente nos direitos dos homossexuais e no casamento entre pessoas do mesmo sexo. Assim que o direito ao casamento gay foi alcançado, os activistas e os seus aliados políticos, o Partido Democrata, começaram a pressionar pelos direitos dos transgéneros.

Após Obergefell, os cristãos que defendem o ensino bíblico sobre sexo e casamento têm o mesmo estatuto na cultura, e cada vez mais na lei, que os racistas. A guerra cultural que começou com a Revolução Sexual na década de 1960 terminou agora em derrota para os conservadores cristãos. A esquerda cultural – ou seja, cada vez mais a

corrente dominante americana – não tem intenção de viver na paz do pós-guerra. Está a avançar com uma ocupação dura e implacável, que é auxiliada pela falta de noção dos cristãos que não compreendem o que está a acontecer. Não se deixem enganar: a surpreendente vitória presidencial de Donald Trump deu-nos, na melhor das hipóteses, um pouco mais de tempo para nos prepararmos para o inevitável.

Escrevi A Opção Bento XVI para acordar a Igreja e encorajá-la a agir para se fortalecer, enquanto ainda há tempo. Se quisermos sobreviver, temos de regressar às raízes da nossa fé, tanto no pensamento como na prática. Teremos que aprender hábitos do coração esquecidos pelos crentes do Ocidente. Teremos que mudar nossas vidas e nossa abordagem da vida de maneiras radicais. Em suma, teremos que ser a igreja, sem compromissos, custe o que custar.

Este livro não oferece uma agenda política. Nem é um manual espiritual de instruções, nem um lamento padrão de declínio e queda. É verdade que oferece uma crítica da cultura moderna a partir de um ponto de vista cristão tradicional, mas, mais importante, conta as histórias de cristãos conservadores que são pioneiros em formas criativas de viver a fé com alegria e contraculturalmente nestes dias sombrios. A minha esperança é que você se inspire neles e colabore com cristãos que pensam da mesma forma na sua área local para construir respostas aos desafios do mundo real enfrentados pela igreja. Para que o sal não perca o sabor, temos de agir. A hora já é tarde. Isto não é um exercício.

Alasdair MacIntyre disse que aguardamos “um novo – sem dúvida muito diferente – St. Benedito.” O filósofo quis dizer um líder inspirado e criativo que será pioneiro numa forma de viver a tradição em comunidade, para que esta possa sobreviver num período de grandes testes. O Papa Emérito Bento XVI prediz um mundo em que a Igreja viverá em pequenos círculos de crentes empenhados que vivem

intensamente a fé e que terão de ser um tanto afastados da sociedade dominante para se manterem fiéis à verdade. Leia este livro, aprenda com as pessoas que você conhece nele e inspire-se no testemunho da vida dos monges. Deixe que todos falem ao seu coração e mente e, em seguida, torne-se ativo localmente para fortalecer a si mesmo, à sua família, à sua igreja, à sua escola e à sua comunidade.

Na primeira parte deste livro, definirei o desafio da América pós-cristã tal como a vejo. Explorarei as raízes filosóficas e teológicas da fragmentação da nossa sociedade e explicarei como as virtudes cristãs incorporadas na Regra de São Bento do século VI, um guia monástico que desempenhou um papel poderoso na preservação da cultura cristã em todo o chamado período negro. Séculos, pode ajudar todos os crentes hoje.

Na segunda parte, discutirei como o modo de vida cristão prescrito pela Regra pode ser adaptado à vida dos cristãos conservadores modernos de todas as igrejas e confissões. Para evitar confusão política, uso a palavra "ortodoxo" – "o" minúsculo – para me referir a protestantes, católicos e cristãos ortodoxos orientais teologicamente tradicionais. A Regra oferece insights sobre como abordar a política, a fé, a família, a comunidade, a educação e o trabalho. Detalharei como eles se manifestam na vida de um número diversificado de cristãos que têm lições para ensinar a toda a igreja. Finalmente, considerarei a importância crítica de os crentes pensarem e agirem radicalmente face aos dois fenómenos mais poderosos que orientam a vida contemporânea e pulverizam os fundamentos da Igreja: o sexo e a tecnologia.

No final, espero que você concorde comigo que os cristãos estão agora num momento de decisão. As escolhas que fazemos hoje têm consequências para as vidas dos nossos descendentes, da nossa nação e da nossa civilização. Jesus Cristo prometeu que as portas do Inferno não prevaleceriam contra a Sua igreja, mas Ele não

prometeu que o Inferno não prevaleceria contra a Sua igreja no Ocidente. Isso depende de nós e das escolhas que fazemos aqui e agora.

Convido você, leitor, a ter em mente, ao percorrer estas páginas, que talvez, apenas talvez, o novo e bem diferente Bento que Deus está chamando para reavivar e fortalecer Sua igreja seja ..... você.

—Rod Dreher

CAPÍTULO 1

O Grande Dilúvio

Ninguém previu o Grande Dilúvio chegando.

O jornal disse que fortes chuvas estavam indo para o sul da Louisiana naquele fim de semana de agosto de 2016, mas não foi nada incomum para nós. Louisiana é um lugar úmido, especialmente no verão. O meteorologista disse que poderíamos esperar de sete a quinze centímetros em um período de cinco dias.

Quando a chuva parou, o dilúvio já havia derramado mais de trinta centímetros de água na área metropolitana de Baton Rouge. Lugares que ninguém jamais imaginou que veriam a enchente desaparecerem sob a torrente lamacenta à medida que rios e riachos sangravam e transbordavam. As pessoas fugiram de suas casas e chegaram a locais elevados com minutos de sobra. Alguns nem tiveram tanto tempo e tiveram a sorte de subir com suas famílias até os telhados, onde os socorristas os encontraram.

Passei o domingo da enchente num abrigo improvisado em Baton Rouge. Meu filho Lucas e eu ajudamos a descarregar os resgatados dos helicópteros da Guarda Nacional e nos juntamos a muitos outros voluntários para alimentar e ajudar os milhares de refugiados que chegavam das áreas vizinhas. Homens, mulheres, famílias, idosos, ricos, muito pobres, brancos, negros, asiáticos, latinos – foi

um verdadeiro momento de “aí vem todo mundo”. E quase todos eles pareciam em estado de choque.

Servindo jambalaya a evacuados famintos e atordoados, ouvia-se a mesma história repetidamente: Perdemos tudo. Nunca esperávamos isso. Nunca inundou onde moramos. Não estávamos preparados.

A falta de preparação destes desabrigados e confusos poderia ser perdoada. Poucos pensaram em comprar um seguro contra inundações, mas por que o fariam? O Grande Dilúvio foi um evento climático de mil anos, e ninguém na história registrada jamais viu esta terra debaixo d'água. A última vez que algo assim aconteceu na Louisiana, a civilização ocidental ainda não havia chegado às costas americanas.

Nós, cristãos no Ocidente, estamos enfrentando a nossa própria inundação de mil anos – ou, se você acredita no Papa Emérito Bento XVI, uma inundação de mil e quinhentos anos: em 2012, o então pontífice disse que a crise espiritual que atinge o Ocidente é a mais grave desde a queda do Império Romano, perto do final do século V. A luz do Cristianismo está brilhando em todo o Ocidente. Existem pessoas vivas hoje que podem viver para ver a morte efetiva do Cristianismo em nossa civilização. Pela misericórdia de Deus, a fé pode continuar a florescer no Sul Global e na China, mas, salvo uma inversão dramática das tendências actuais, desaparecerá completamente da Europa e da América do Norte. Isto pode não ser o fim do mundo, mas é o fim de um mundo, e apenas os deliberadamente cegos o negariam. Durante muito tempo minimizamos ou ignoramos os sinais. Agora as águas da inundação estão sobre nós – e não estamos preparados.

As nuvens de tempestade vêm se acumulando há décadas, mas a maioria de nós, crentes, operamos sob a ilusão de que elas passariam. A desagregação da família natural, a perda dos valores morais tradicionais e a fragmentação das comunidades – ficámos preocupados com

estes desenvolvimentos, mas acreditámos que eram reversíveis e não reflectiam nada de fundamentalmente errado com a nossa abordagem à fé. Os nossos líderes religiosos disseram-nos que o fortalecimento dos diques da lei e da política manteria a inundação do secularismo sob controle. A sensação que se tinha era: não há nada aqui que não possa ser consertado continuando a fazer o que os cristãos têm feito há décadas – especialmente votando nos republicanos.

Hoje podemos ver que perdemos em todas as frentes e que as correntes rápidas e implacáveis do secularismo superaram as nossas frágeis barreiras. O niilismo secular hostil venceu o governo da nossa nação e a cultura voltou-se poderosamente contra os cristãos tradicionais. Dizemos a nós próprios que estes desenvolvimentos foram impostos por uma elite liberal, porque consideramos a verdade intolerável: o povo americano, activa ou passivamente, aprova.

O avanço dos direitos civis dos homossexuais, juntamente com uma reversão das liberdades religiosas para os crentes que não aceitam a agenda LGBT, tem acontecido lenta mas continuamente durante anos. A decisão Obergefell do Supremo Tribunal dos EUA, que declarou um direito constitucional ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, foi o Waterloo do conservadorismo religioso. Foi o momento em que a Revolução Sexual triunfou decisivamente e a guerra cultural, tal como a conhecemos desde a década de 1960, chegou ao fim. Na esteira de Obergefell, as crenças cristãs sobre a complementaridade sexual do casamento são consideradas um preconceito abominável – e num número crescente de casos, puníveis. A praça pública foi perdida.

Não só perdemos a praça pública, mas o suposto terreno elevado das nossas igrejas também não é um lugar seguro. Bem, e daí se aqueles ao nosso redor não compartilham de nossa moralidade? Ainda podemos manter a nossa fé e o

nosso ensino dentro dos muros das nossas igrejas, podemos pensar, mas isso é colocar uma confiança injustificada na saúde das nossas instituições religiosas. As mudanças que atingiram o Ocidente nos tempos modernos revolucionaram tudo, até mesmo a Igreja, que já não forma almas, mas serve a si mesmo. Como disse o teólogo anglicano conservador Ephraim Radner: "Não há lugar seguro no mundo ou nas nossas igrejas onde se possa ser cristão. É uma nova época."[1]

Não se deixe enganar pelo grande número de igrejas que você vê hoje. Um número sem precedentes de jovens adultos americanos afirma não ter nenhuma afiliação religiosa. De acordo com o Pew Research Center, um em cada três jovens de 18 a 29 anos deixou a religião de lado, se é que alguma vez a aprenderam.[2] Se as tendências demográficas continuarem, nossas igrejas em breve irão estar vazio.

Ainda mais preocupante é que muitas das igrejas que permanecem abertas terão sido esvaziadas por um tipo sorrateiro de secularismo, ao ponto de o "cristianismo" aí ensinado ficar desprovido de poder e de vida. Isso já aconteceu na maioria deles. Em 2005, os sociólogos Christian Smith e Melinda Lundquist Denton examinaram a vida religiosa e espiritual de adolescentes americanos de diversas origens. O que eles descobriram foi que, na maioria dos casos, os adolescentes aderiam a uma pseudo-religião piegas que os pesquisadores chamavam de Deísmo Terapêutico Moralista (MTD).[3]

MTD tem cinco princípios básicos:

- Existe um Deus que criou e ordena o mundo e zela pela vida humana na terra.
- Deus quer que as pessoas sejam boas, simpáticas e justas umas com as outras,

conforme ensinado na Bíblia e pela maioria das religiões mundiais.
- O objetivo central da vida é ser feliz e sentir-se bem consigo mesmo.
- Deus não precisa estar particularmente envolvido na vida de alguém, exceto quando é necessário para resolver um problema.
- Pessoas boas vão para o céu quando morrem.

Este credo, descobriram eles, é especialmente proeminente entre os adolescentes católicos e protestantes tradicionais. Os adolescentes evangélicos tiveram resultados mensuravelmente melhores, mas ainda estavam longe da ortodoxia bíblica histórica. Smith e Denton afirmaram que a MTD está a colonizar as igrejas cristãs existentes, destruindo o cristianismo bíblico a partir de dentro, e substituindo-o por um pseudo-cristianismo que está "apenas tênuemente ligado à verdadeira tradição histórica cristã".

MTD não está totalmente errado. Afinal, Deus existe e quer que sejamos bons. O problema com o MTD, tanto na sua versão progressista como na conservadora, é que se trata principalmente de melhorar a auto-estima e a felicidade subjectiva e de se dar bem com os outros. Tem pouco a ver com o cristianismo das Escrituras e da tradição, que ensina o arrependimento, o amor abnegado e a pureza de coração, e recomenda o sofrimento – o Caminho da Cruz – como o caminho para Deus. Embora superficialmente cristã, a MTD é a religião natural de uma cultura que adora o Ser e o conforto material.

Por mais sombrias que tenham sido as descobertas de Christian Smith em 2005, a sua investigação de acompanhamento, cuja terceira parte foi publicada em 2011, foi ainda mais sombria. Pesquisando as crenças morais de jovens de 18 a 23 anos, Smith e seus colegas

descobriram que apenas 40% dos jovens cristãos da amostra disseram que suas crenças morais pessoais estavam fundamentadas na Bíblia ou em alguma outra sensibilidade religiosa.[4] É improvável que mesmo as crenças desses fiéis sejam biblicamente coerentes. Muitos destes "cristãos" são, na verdade, individualistas morais comprometidos que não conhecem nem praticam uma moralidade coerente baseada na Bíblia.

Surpreendentes 61 por cento dos adultos emergentes não tinham qualquer problema moral com o materialismo e o consumismo. Outros 30% expressaram algumas dúvidas, mas perceberam que não valia a pena se preocupar. Nesta perspetiva, dizem Smith e a sua equipa, "tudo o que a sociedade é, aparentemente, é um conjunto de indivíduos autónomos dispostos a aproveitar a vida".

Estas não são pessoas más. Pelo contrário, são jovens adultos que foram terrivelmente falhados pela família, pela igreja e por outras instituições que formaram - ou melhor, não conseguiram formar - as suas consciências e as suas imaginações.

MTD é a religião de facto não apenas dos adolescentes americanos, mas também dos adultos americanos. Num grau notável, os adolescentes adotaram as atitudes religiosas dos pais. Já há algum tempo que somos uma nação MTD.

"A América viveu durante muito tempo com o seu fino verniz cristão, em parte devido à Guerra Fria", disse-me Smith numa entrevista. "Tudo isto está finalmente a ser eliminado pela combinação do capitalismo de consumo em massa e do individualismo liberal."

Os dados de Smith e de outros investigadores deixam claro o que muitos de nós estamos desesperados por negar: a inundação está a atingir as vigas da igreja americana. Cada congregação na América deve perguntar-se se se comprometeu tanto com o mundo que ficou comprometida

na sua fidelidade. O cristianismo que temos vivido nas nossas famílias, congregações e comunidades é um meio de conversão mais profunda ou funciona como uma vacinação contra levar a fé com a seriedade que o Evangelho exige?

Ninguém, excepto os mais iludidos membros da direita religiosa da velha escola, acredita que esta revolução cultural possa ser revertida. A onda não pode ser parada, apenas surfada. Com algumas excepções, os activistas políticos cristãos conservadores são tão ineficazes como os exilados Russos Brancos, bebendo chá em samovares nas suas salas de estar em Paris, conspirando a restauração da monarquia. Desejamos-lhes o melhor, mas no fundo sabemos que eles não são o futuro.

Os americanos não suportam contemplar a derrota ou aceitar limites de qualquer tipo. Mas os cristãos americanos terão de aceitar o facto bruto de que vivemos numa cultura em que as nossas crenças fazem cada vez menos sentido. Falamos uma língua que o mundo cada vez mais não consegue ouvir ou considera ofensiva aos seus ouvidos.

Será que a melhor forma de combater a inundação é…. . . parar de lutar contra a enchente? Ou seja, parar de acumular sacos de areia e construir uma arca para nos abrigar até que a água baixe e possamos colocar os pés novamente em terra firme? Em vez de desperdiçar energia e recursos travando batalhas políticas invencíveis, deveríamos, em vez disso, trabalhar na construção de comunidades, instituições e redes de resistência que possam enganar, sobreviver e, eventualmente, superar a ocupação.

Não tenha medo! Já estivemos em um lugar como este antes. Nos primeiros séculos do Cristianismo, a igreja primitiva sobreviveu e cresceu sob a perseguição romana e mais tarde após o colapso do império no Ocidente. Nós, cristãos dos últimos dias, devemos aprender com o seu exemplo – e particularmente com o exemplo de São Bento.

Um dia, perto da viragem do século VI, um jovem romano chamado Bento XVI despediu-se da sua cidade natal, Nursia, uma aldeia acidentada situada na cordilheira sibilina do centro de Itália. Filho do governador de Núrsia, Bento XVI estava a caminho de Roma, o lugar onde jovens promissores que procuravam um lugar no mundo iam para completar a sua educação.

Esta já não era a Roma da glória imperial, cuja memória permaneceu depois que a conversão de Constantino tornou o império oficialmente cristão. Quase setenta anos antes do nascimento de Bento XVI, os visigodos saquearam a Cidade Eterna. O colapso da cidade de Roma foi um golpe surpreendente para o moral dos cidadãos de todo o outrora poderoso império.

Naquela época, o império era governado no Ocidente por Roma, que estava em declínio há muito tempo, e no Oriente por Constantinopla, que prosperava. No entanto, os cristãos de todo o império lamentaram porque o sofrimento de Roma os forçou a confrontar um facto terrível: que os alicerces do mundo que eles e os seus antepassados conheciam estavam a desmoronar-se diante dos seus olhos.

"Minha voz fica presa na garganta; e, conforme eu dito, os soluços sufocam minha expressão", escreveu São Jerônimo depois. "A cidade que conquistou o mundo inteiro foi ela mesma tomada." O choque foi tão grande que Santo Agostinho, contemporâneo de Jerónimo, escreveu o seu clássico Cidade de Deus, que explicava a catástrofe em termos da misteriosa vontade de Deus e reorientava as mentes dos cristãos para o imperecível reino celestial.

A cidade de Roma não desapareceu, mas quando o jovem Bento XVI chegou, Roma era uma sombra patética do que era antes. Outrora a maior cidade do mundo, com uma população estimada em um milhão de almas no auge do seu

poder no século II, a sua população despencou nas décadas após o saque. Em 476, os bárbaros depuseram o último imperador romano do Ocidente. Na virada do século VI, a população de Roma havia se espalhado, deixando apenas cem mil almas para vasculhar as ruínas.

A derrubada do império ocidental não significou anarquia. Pelo contrário, em Itália as coisas continuaram como tinham acontecido durante décadas. Teodorico, o rei visigodo que governou a Itália no tempo de Bento XVI a partir da sua capital em Ravenna, era um cristão herético (um ariano), mas fez uma peregrinação a Roma no ano 500 para prestar os seus respeitos ao Papa. O rei garantiu aos romanos seu favor e sua proteção. Na verdade, o melhor que pôde fazer foi gerir o declínio de Roma.

Conhecemos poucos detalhes da vida social na Roma governada por bárbaros, mas a história mostra que um afrouxamento geral da moral segue a destruição de uma ordem social de longa data. Pense na decadência de Paris e Berlim após a Primeira Guerra Mundial, ou na Rússia na década após o fim do império soviético. O Papa São Gregório Magno nunca conheceu Bento XVI, mas escreveu a biografia do santo com base em entrevistas que conduziu com quatro discípulos de Bento XVI. Gregory escreve que o jovem Bento XVI ficou tão chocado e enojado com o vício e a corrupção na cidade que virou as costas à vida de privilégios que o esperava ali, como filho de um funcionário do governo. Ele se mudou para uma floresta próxima e mais tarde para uma caverna a sessenta quilômetros a leste. Lá, Bento XVI viveu uma vida de oração e contemplação como eremita durante três anos.

Isto era normal nos primeiros séculos da igreja e continua em alguns lugares até hoje. No século III, os homens (e até algumas mulheres) retiraram-se para o deserto egípcio, renunciando a todo conforto corporal para procurar Deus numa vida solitária de silêncio, oração e jejum. Eles levaram ao extremo a ordem bíblica de morrer

para si mesmo e viver em Cristo, obedecendo à ordem do Senhor ao jovem rico de vender os seus bens, dar aos pobres e segui-Lo. Acredita-se que Santo Antônio do Egito (ca. 251–356) tenha sido o primeiro eremita. Seus seguidores fundaram o monaquismo cristão comunitário, mas a figura do eremita permaneceu parte da vida e prática monástica.

Durante os três anos de Bento XVI na caverna, um monge chamado Romanus, de um mosteiro próximo, trouxe-lhe comida. Quando Bento XVI saiu da caverna, ele tinha reputação de santidade e foi convidado por uma comunidade monástica para ser seu abade. Eventualmente, Bento XVI fundou doze mosteiros próprios na região. Sua irmã gêmea, Escolástica, seguiu seus passos, iniciando sua própria comunidade de freiras. Para orientar os monges e freiras na vida simples e ordeira consagrada a Cristo, Bento escreveu um livro fino, agora conhecido como Regra de São Bento.

Para os primeiros monásticos, uma “regra” era simplesmente um guia para viver em comunidade cristã. O que Bento XVI escreveu é uma forma mais relaxada de um texto anterior, muito rigoroso, do Oriente cristão. Na sua Regra, Bento XVI descreveu o mosteiro como uma “escola para o serviço do Senhor”. Nesse sentido, a sua Regra é simplesmente um manual de treinamento. Os leitores modernos que recorrem a ele em busca de ensinamentos místicos de profundidade espiritual insondável ficarão desapontados. A espiritualidade de Bento XVI é totalmente prática – e ele a escreveu originalmente não para o clero, mas para leigos.

Quando deixou a Roma caída e foi para o deserto, Bento XVI não tinha ideia de que a fundação das suas escolas para o serviço do Senhor teria, com o tempo, um impacto tão dramático na civilização ocidental. A Europa no início da Idade Média estava a cambalear com o fim calamitoso do império, que deixou no seu rasto inúmeras guerras

locais enquanto tribos bárbaras lutavam pelo domínio. A queda de Roma deixou para trás um grau surpreendente de pobreza material, resultado tanto da desintegração da complexa rede comercial de Roma como da perda de sofisticação intelectual e técnica.

Nestas condições miseráveis, a igreja era muitas vezes o governo mais forte – e talvez o único – que as pessoas tinham. Dentro do amplo abraço da Igreja, o monaquismo proporcionou a tão necessária ajuda e esperança ao campesinato e, graças a Bento XVI, um enfoque renovado na vida espiritual levou muitos homens e mulheres a deixar o mundo e a dedicar-se inteiramente a Deus dentro dos muros da Igreja. mosteiros sob a Regra. Esses mosteiros mantiveram viva a fé e o aprendizado dentro de seus muros, evangelizaram os povos bárbaros e ensinaram-nos a rezar, a ler, a plantar e a construir coisas. Ao longo dos séculos seguintes, prepararam as sociedades devastadas da Europa pós-romana para o renascimento da civilização.

Tudo cresceu a partir da semente de mostarda da fé plantada por um jovem italiano fiel que não queria nada mais do que procurar e servir a Deus numa comunidade de fé construída para resistir ao caos e à decadência que os rodeava. O exemplo de Bento XVI dá-nos esperança hoje, porque revela o que um pequeno grupo de crentes que respondem criativamente aos desafios do seu próprio tempo e lugar pode realizar, canalizando a graça que flui através deles a partir da sua abertura radical a Deus, e incorporando essa graça em um modo de vida distinto.

Em seu livro After Virtue, o filósofo Alasdair MacIntyre comparou o momento cultural atual à queda do Império Romano no Ocidente. Ele argumentou que o Ocidente abandonou a razão e a tradição das virtudes ao entregar-se

ao relativismo que hoje inunda o nosso mundo. Não somos governados pela fé, nem pela razão, nem por qualquer combinação das duas. Somos governados pelo que MacIntyre chamou de emotivismo: a ideia de que todas as escolhas morais nada mais são do que expressões daquilo que o indivíduo que escolhe considera ser certo.

MacIntyre disse que uma sociedade que se governasse de acordo com princípios emotivistas se pareceria muito com o Ocidente moderno, no qual a libertação da vontade do indivíduo é considerada o maior bem. Uma sociedade virtuosa, pelo contrário, é aquela que partilha a crença em bens morais objectivos e nas práticas necessárias para que os seres humanos incorporem esses bens em comunidade.

Viver "depois da virtude", então, é viver numa sociedade que não só já não consegue concordar sobre o que constitui crença e conduta virtuosas, mas também duvida da existência da virtude. Numa sociedade pós-virtude, os indivíduos detêm a máxima liberdade de pensamento e acção, e a própria sociedade torna-se "um conjunto de estranhos, cada um perseguindo os seus próprios interesses sob restrições mínimas".

Alcançar este tipo de sociedade requer

- abandonar padrões morais objetivos;
- recusar-se a aceitar qualquer narrativa religiosa ou culturalmente vinculativa originada fora de si, exceto conforme escolhido;
- repudiar a memória do passado como irrelevante; e
- distanciar-se da comunidade, bem como quaisquer obrigações sociais não escolhidas.

Este estado de espírito aproxima-se da condição conhecida como barbárie. Quando pensamos em bárbaros,

imaginamos tribos selvagens e vorazes assolando as cidades, destruindo negligentemente as estruturas e instituições da civilização, simplesmente porque podem. Os bárbaros são governados apenas pela sua vontade de poder e não sabem nem se importam com o que estão aniquilando.

Por esse padrão, apesar da nossa riqueza e sofisticação tecnológica, nós, no Ocidente moderno, vivemos sob a barbárie, embora não a reconheçamos. Os nossos cientistas, os nossos juízes, os nossos príncipes, os nossos académicos e os nossos escribas – estão a trabalhar demolindo a fé, a família, o género, até mesmo o que significa ser humano. Nossos bárbaros trocaram as peles de animais e lanças do passado por ternos de grife e smartphones.

MacIntyre concluiu After Virtue olhando para o Ocidente, depois que tribos bárbaras derrubaram a ordem imperial romana. Ele escreveu,

> Um ponto de viragem crucial nessa história anterior ocorreu quando homens e mulheres de boa vontade se afastaram da tarefa de sustentar o império romano e deixaram de identificar a continuação da civilidade e da comunidade moral com a manutenção desse império. Em vez disso, o que se propuseram a alcançar - muitas vezes sem reconhecer plenamente o que estavam a fazer - foi a construção de novas formas de comunidade dentro das quais a vida moral pudesse ser sustentada para que tanto a moralidade como a civilidade pudessem sobreviver às eras vindouras de barbárie e escuridão.[5]

Na leitura de MacIntyre, o sistema pós-romano estava demasiado avançado para ser salvo. São Bento havia tomado a medida adequada de Roma. Ele agiu com

sabedoria ao deixar a sociedade e iniciar uma nova comunidade cujas práticas preservariam a fé durante as provações que viriam. Embora ainda não fosse cristão, MacIntyre apelou aos tradicionalistas que ainda acreditam na razão e na virtude para formarem comunidades dentro das quais a vida de virtude possa sobreviver à longa Idade das Trevas que está por vir.

O mundo, disse MacIntyre, aguarda "outro – sem dúvida muito diferente – St. Benedito." Os cristãos sitiados pelas águas violentas da modernidade esperam que alguém como Bento XVI construa arcas capazes de transportar a eles e à fé viva através do mar da crise – uma Idade das Trevas que poderá durar séculos.

Neste livro, você conhecerá homens e mulheres que são os Beneditinos de hoje. Alguns vivem no campo. Outros moram na cidade. Outros ainda moram nos subúrbios. Todos eles são cristãos ortodoxos fiéis – isto é, conservadores teológicos dentro dos três principais ramos do cristianismo histórico – que sabem que se os crentes não saírem da Babilónia e se separarem, por vezes metaforicamente, por vezes literalmente, a sua fé não sobreviverá por muito tempo. mais uma ou duas gerações nesta cultura da morte. Reconhecem uma verdade impopular: a política não nos salvará. Em vez de procurarem sustentar a ordem actual, reconheceram que o reino do qual são cidadãos não é deste mundo e decidiram não comprometer essa cidadania.

O que estes cristãos ortodoxos estão a fazer agora são as sementes daquilo que chamo de Opção Bento, uma estratégia que se baseia na autoridade das Escrituras e na sabedoria da igreja antiga para abraçar o "exílio no local" e formar uma contracultura vibrante. Reconhecendo as toxinas do secularismo moderno, bem como a fragmentação causada pelo relativismo, os cristãos da Opção Bento recorrem às Escrituras e à Regra de Bento XVI em busca de formas de cultivar práticas e comunidades. Em vez de

entrarem em pânico ou permanecerem complacentes, reconhecem que a nova ordem não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade a ser vivida. Serão aqueles que aprenderão a perseverar com fé e criatividade, a aprofundar as suas próprias vidas de oração e a adoptar práticas, concentrando-se nas famílias e comunidades em vez de na política partidária, e construindo igrejas, escolas e outras instituições dentro das quais a fé cristã ortodoxa sobreviver e prosperar durante o dilúvio.

Não se trata apenas da nossa própria sobrevivência. Se quisermos ser para o mundo como Cristo pretendia que fôssemos, teremos que passar mais tempo longe do mundo, em oração profunda e em treinamento espiritual substancial – assim como Jesus retirou-se para o deserto para orar antes de ministrar. para o povo. Não podemos dar ao mundo o que não temos. Se os antigos hebreus tivessem sido assimilados pela cultura da Babilônia, ela teria deixado de ser uma luz para o mundo. Assim é com a igreja.

A realidade da nossa situação é de facto alarmante, mas não podemos dar-nos ao luxo da histeria pessimista. Há uma bênção oculta nesta crise, se abrirmos os olhos para ela. Assim como Deus usou o castigo no Antigo Testamento para chamar Seu povo de volta a Si mesmo, também Ele pode estar proferindo um julgamento semelhante sobre uma igreja e um povo que se arrefeceu devido ao egoísmo, ao hedonismo e ao materialismo. A tempestade que se aproxima pode ser o meio pelo qual Deus nos liberta.

Tendo crescido no sul da Louisiana, sempre que um furacão se aproximava, alguém pegava a chaleira de ferro fundido, fazia uma grande panela de gumbo e, depois de fechar as escotilhas, convidava os vizinhos para comer, contar

histórias, se divertir e enfrentar a tempestade juntos. Este espírito governou a resposta à Grande Inundação de 2016. Mesmo quando as águas subiram, pequenos pelotões por todo o sul da Louisiana correram para resgatar os presos, abrigar os desabrigados, alimentar os famintos (com montanhas de jambalaya, principalmente) e confortar os quebrado e com o coração partido.

Esta não foi uma resposta ordenada do alto. Surgiu espontaneamente, devido ao amor que a população local tinha pelo próximo e ao sentido de responsabilidade que tinham para cuidar daqueles que ficaram pobres e nus pelas cheias. Homens e mulheres virtuosos – a Marinha Cajun, pessoas da igreja e outros – não esperaram que lhes dissessem o que fazer. Eles reconheceram a gravidade da crise e agiram.

A grave crise espiritual e cultural que nos atingiu não surgiu do nada. Embora o seu ritmo tenha acelerado ao longo dos últimos cinquenta anos, a crise está em gestação há muitos séculos. Se quisermos descobrir como atravessar a tempestade e o nevoeiro até chegar a um porto seguro, temos de compreender como chegámos aqui. As ideias, como veremos, têm consequências.

CAPÍTULO 2

As raízes da crise

Numa noite quente de final de outono, uma mulher recentemente aposentada está sentada na varanda da casa do vizinho, conversando sobre os costumes do mundo. Faltam duas semanas para a eleição Trump-Clinton e tudo parece estar desmoronando, concordam os vizinhos. Como nosso país chegou a este lugar? eles imaginam. Ambas as mulheres pertencem à classe trabalhadora por cultura, mas graças às mudanças económicas e culturais em meados do século XX, estão agora a entrar nos seus anos dourados como membros de uma modesta classe média. A América tem sido muito boa para eles e suas famílias.

No entanto, nenhuma das mulheres está confiante quanto ao futuro dos seus netos. Uma conta à outra que, no ano passado, compareceu a seis chás de bebê para mulheres jovens de seu círculo familiar e social. Nenhuma das gestantes tinha marido. Alguns tiveram mais de um filho fora do casamento. As mulheres de cabelos grisalhos sabem o que é a pobreza e a insegurança, e não conseguem acreditar que estas jovens trariam crianças ao mundo sem pais em casa, dada a maior probabilidade de as crianças nessas situações serem pobres. E onde estão os pais, afinal? O que há de errado com os jovens hoje em dia?

Estas mulheres são conservadoras cristãs pró-vida que nunca aprovariam o aborto. Eles preferem ver bebês nascerem do que serem exterminados no útero, não

importa o custo. Ainda assim, a normalização de ter filhos fora do casamento é difícil para eles aceitarem. Na década de 1940, quando nasceram, a taxa de natalidade fora do casamento entre os brancos era de 2%. Agora é de quase 30% (a taxa geral de natalidade de mães solteiras é de 41%).[1] "É como se o mundo inteiro estivesse desmoronando", suspirou uma das mulheres.

"Estou feliz por não estar por perto para ver isso", disse o outro.

Essas mulheres não estão imaginando coisas. O mundo inteiro deles está realmente se desintegrando. O cientista político Charles Murray documentou isso em seu livro apropriadamente intitulado de 2012, Coming Apart: The State of White America 1960–2010. Murray concentrou o seu estudo na classe trabalhadora branca, mas as tendências sociais e culturais que a destruíram não se limitam apenas aos brancos. A década de 1960 também não foi o início do nosso desmoronamento, embora tenha sido um ponto de viragem. Estamos a viver com as consequências de ideias aceites há muitas gerações e, como resultado dessas decisões, estamos a perder a nossa religião – uma crise muito maior do que simplesmente perder o hábito de ir à igreja.

A palavra religião vem da palavra latina religare, que significa "ligar". Do ponto de vista sociológico, a religião é um sistema coerente de crenças e práticas através do qual a comunidade de crentes sabe quem são e o que devem fazer. Essas crenças e práticas são consideradas enraizadas e expressivas da ordem sagrada que fundamenta e transcende a existência. Eles contam e representam a história que mantém a comunidade unida.

A perda da religião cristã é a razão pela qual o Ocidente se tem fragmentado já há algum tempo, um processo que está a acelerar. Como isso aconteceu? Houve cinco acontecimentos marcantes ao longo de sete séculos que abalaram a civilização ocidental e a despojaram da sua fé ancestral:

- No século XIV, a perda da crença na ligação integral entre Deus e a Criação – ou em termos filosóficos, a realidade transcendente e a realidade material
- O colapso da unidade religiosa e da autoridade religiosa na Reforma Protestante do século XVI
- O Iluminismo do século XVIII, que substituiu a religião cristã pelo culto da Razão, privatizou a vida religiosa e inaugurou a era da democracia
- A Revolução Industrial (ca. 1760-1840) e o crescimento do capitalismo nos séculos XIX e XX
- A Revolução Sexual (1960-presente)

É certo que este esboço da história cultural ocidental desde a Alta Idade Média deixa de fora muita coisa. E é tendencioso para uma compreensão intelectual da causalidade histórica. Na verdade, as consequências materiais muitas vezes dão origem a ideias. A descoberta do Novo Mundo e a invenção da imprensa, ambas no século XV, e a invenção da pílula anticoncepcional e da Internet no século XX, tornaram possível que as pessoas imaginassem coisas que nunca tiveram antes e, assim, tenha novos pensamentos. A história não nos dá linhas causais claras e retas que unem os eventos e lhes dão uma ordem clara. A história é um poema, não um silogismo.

Dito isto, delinear o papel que as ideias – especialmente as ideias sobre Deus – desempenharam na mudança

histórica dá-nos uma compreensão conceptual da natureza da nossa crise actual. É importante compreender este quadro, por mais incompleto e simplificado que seja, para compreender porque é que o humilde modo beneditino é uma força contrária tão potente às correntes dissolventes da modernidade.

As pessoas da Idade Média viviam no que o filósofo Charles Taylor chama de "mundo encantado" – um mundo tão diferente do nosso que temos dificuldade em imaginá-lo. Nós, no Ocidente moderno, estamos numa costa distante, e a visão de mundo dos nossos antepassados medievais está além do horizonte, longe da vista.

Os medievais vivenciavam o divino como muito mais presente em suas vidas diárias. Tal como tem acontecido com a maioria das pessoas, cristãs ou não, ao longo da história, a religião esteve em todo o lado e – isto é crucial – como uma questão não apenas de crença, mas de experiência. Na mente da cristandade medieval, o mundo espiritual e o mundo material penetravam um no outro. A divisão entre eles era tênue e porosa. Outra forma de colocar isto é que os medievais vivenciavam tudo no mundo de forma sacramental.

Associamos essa palavra à igreja e com razão. O batismo é um sacramento, por exemplo, assim como a comunhão. São rituais especiais nos quais a graça de Deus está presente de maneira particular, efetuando uma verdadeira transformação em quem deles participa. Mas o sacramentalismo tinha um significado muito mais amplo e profundo na mente da Idade Média. As pessoas daquela época consideravam todas as coisas que existiam, até mesmo o tempo, como, em certo sentido, sacramentais. Ou seja, eles acreditavam que Deus estava presente em todos

os lugares e se revelava a nós através de pessoas, lugares e coisas, através das quais fluía o Seu poder.

O poder dos lugares sagrados e das relíquias dos santos tinha tanta potência para os medievais porque Deus não estava presente num sentido espiritual vago, como um mordomo vigiando silenciosamente uma mansão. Ele estava lá, escreve Taylor, "como uma realidade imediata, como pedras, rios e montanhas".[2] O sentido específico em que Ele estava presente era um mistério - e uma fonte de especulação e contenção mesmo naquela época - mas que Ele estava verdadeiramente presente não foi contestado. A única razão pela qual o mundo material tinha algum significado era a sua relação com Deus.

O homem medieval sustentava que a realidade – o que era realmente real – estava fora dele e que, habitando na escuridão da Queda, ele não conseguia percebê-la completamente. Mas ele poderia relacionar-se com isso intelectualmente através da fé e da razão, e conhecê-lo através da conversão do coração. Todo o universo foi entrelaçado no próprio Ser de Deus, de maneiras que são difíceis de serem compreendidas pelas pessoas modernas, mesmo pelos cristãos crentes. Os cristãos da Idade Média tomaram as palavras de Paulo registradas em Atos - "Nele vivemos, nos movemos e existimos" - e em sua carta aos Colossenses - "Ele é antes de todas as coisas e Nele todas as coisas subsistem" - em um sentido muito mais literal do que nós.

O homem medieval não se via fundamentalmente separado da ordem natural; antes, a alienação que ele sentia era um efeito da Queda, uma catástrofe que, tal como ele a entendia, tornava difícil para os humanos verem a Criação como ela realmente é. Sua tarefa era unir-se ao amor de Deus e harmonizar seus próprios passos com a grande dança cósmica. A verdade foi garantida pela existência de Deus, cujo Logos, o princípio divino da ordem,

foi plenamente manifestado em Jesus Cristo, mas está presente até certo ponto em toda a Criação.

A Europa medieval não era uma utopia cristã. A igreja era espetacularmente corrupta e o exercício violento do poder – às vezes pela própria igreja – parecia governar o mundo. No entanto, apesar da ruptura radical do seu mundo, os medievais carregavam na sua imaginação uma visão poderosa de integração. No consenso medieval, os homens construíam a realidade de uma forma que lhes permitia harmonizar tudo conceptualmente e encontrar significado no meio do caos.

A concepção medieval da realidade é uma ideia antiga, anterior ao Cristianismo. Em seu último livro, The Discarded Image, C. S. Lewis, que era um medievalista profissional, explicou que Platão acreditava que duas coisas só poderiam se relacionar por meio de uma terceira coisa. No que Lewis chamou de "Modelo" medieval, tudo o que existia estava relacionado com todas as outras coisas que existiam, através da sua relação partilhada com Deus. Nosso relacionamento com o mundo é mediado por Deus, e nosso relacionamento com Deus é mediado pelo mundo.

A humanidade não vivia num universo frio e sem sentido, mas num cosmos, onde tudo tinha significado porque participava na vida do Criador. Diz Lewis: "Cada fato e história em particular se tornava mais interessante e mais prazeroso se, ao ser adequadamente encaixado, levasse a mente de volta ao Modelo como um todo."[3]

Para os medievais, diz Lewis, considerar o cosmos era como "olhar para um grande edifício" – talvez como a catedral de Chartres – "esmagador na sua grandeza, mas satisfatório na sua harmonia".

O modelo medieval considerava que toda a Criação estava ligada a uma unidade complexa que abrangia todo o tempo e espaço. Atingiu o seu apogeu na teologia racionalista altamente complexa conhecida como

Escolástica, da qual o brilhante frade dominicano do século XIII, Tomás de Aquino (1225-1274), foi o maior expoente.

Os ensinamentos centrais da Escolástica incluem o princípio de que todas as coisas existem e têm uma natureza essencial dada por Deus, independente do pensamento humano. Esta posição é chamada de "realismo metafísico". Deste princípio vem o que Charles Taylor identifica como os três baluartes básicos que sustentam o "imaginário" cristão medieval – isto é, a visão da realidade aceita por todos os cristãos ortodoxos desde a igreja primitiva até a Alta Idade Média:

- O mundo e tudo o que nele existe faz parte de um todo harmonioso ordenado por Deus e cheio de significado – e todas as coisas são sinais que apontam para Deus.
- A sociedade está fundamentada nessa realidade superior.
- O mundo está carregado de força espiritual.

Estes três pilares tiveram de desmoronar antes que o mundo moderno pudesse surgir dos escombros, diz Taylor. E eles desmoronaram. Isso não aconteceu de uma só vez e não aconteceu de forma direta. Mas aconteceu. O teólogo David Bentley Hart descreve a transformação como a abertura de um "abismo imaginativo entre os mundos pré-moderno e moderno. Os seres humanos agora habitavam, de certa forma, um universo diferente daquele habitado por seus ancestrais."[4]

O teólogo que mais fez para derrubar o poderoso carvalho do modelo medieval – isto é, o realismo metafísico cristão – foi um franciscano das Ilhas Britânicas, Guilherme de Ockham (1285-1347). O machado que ele e seus aliados teológicos criaram para fazer o trabalho foi uma grande ideia que veio a ser chamada de nominalismo.

O realismo sustenta que a essência de uma coisa é incorporada à sua existência por Deus, e seu significado último é garantido por esta conexão com a ordem transcendente. Isto implica que a Criação é compreensível porque é racionalmente ordenada por Deus e uma revelação Dele.

"Os céus declaram a glória de Deus, e o céu acima proclama a obra de suas mãos", diz o salmista. A sensação de que o mundo material revela o funcionamento da ordem transcendente estava presente na filosofia antiga e em muitas religiões mundiais, mesmo nas não-teístas, como o taoísmo. O realismo metafísico diz-nos que a admiração que sentimos na presença da natureza, da beleza ou da bondade – o sentimento de que deve haver mais do que aquilo que experimentamos com os nossos sentidos – é uma intuição razoável. Não nos diz quem é Deus, mas nos diz que não estamos imaginando coisas: algo – ou Alguém – está lá.

Tomás de Aquino diz assim: "Saber que alguém se aproxima não é o mesmo que saber que Pedro se aproxima, embora seja Pedro quem se aproxima". Através da oração e da contemplação, podemos desenvolver essa intuição e conhecer a identidade Daquele que sentimos. Por exemplo, o anseio por significado e verdade que todos os humanos têm, diz David Bentley Hart, "é simplesmente uma manifestação da estrutura metafísica de toda a realidade".

Mas se o Deus infinito se revela através da matéria finita, isso não implica limitação? Ockham pensava assim. Ele negou o realismo metafísico por zelo em proteger a soberania de Deus. Ele temia que o realismo restringisse a liberdade de ação de Deus. Para Ockham, se algo é bom, é porque Deus desejou que assim fosse. O significado de todas as coisas deriva da vontade soberana de Deus – isto é, não por causa do que Ele é, ou por causa da Sua participação no seu ser, mas por causa do que Ele ordena.

Se Ele chama algo de bom hoje e a mesma coisa de mal amanhã, isso é Seu direito.

Esta ideia implica que os objetos não têm significado intrínseco, apenas o significado que lhes é atribuído e, portanto, nenhuma existência significativa fora da mente. Uma mesa é apenas madeira e pregos dispostos de uma certa maneira, até que lhe atribuamos um significado chamando-a de "mesa". (Nomen é a palavra latina para "nome", daí nominalismo.)

No pensamento de Ockham, Deus é uma entidade todo-poderosa que está totalmente separada da Criação. Deus tem que ser, ensinou Ockham, ou então Sua liberdade de agir seria limitada pelas leis que Ele criou. Um Deus verdadeiramente onipotente não pode ser restringido por nada, na sua opinião. Se algo é bom, portanto, é bom porque Deus disse isso. A vontade de Deus, portanto, é mais importante que o intelecto de Deus.

Isso soa como anjos dançando na cabeça de um alfinete, mas sua importância não pode ser exagerada. Os metafísicos medievais acreditavam que a natureza apontava para Deus. Os nominalistas não. Eles acreditavam que não existe nenhum significado interno que exista objetivamente na natureza e possa ser descoberto pela razão. O significado é extrínseco – isto é, imposto de fora, por Deus – e acessível aos humanos pela fé Nele e somente na Sua revelação.

Se isso lhe parece muito bom senso, então você começa a compreender o quão revolucionário era o nominalismo. O que antes era uma teoria radical tornar-se-ia, com o tempo, a base para a forma como a maioria das pessoas entendia a relação entre Deus e a Criação. Tornou o mundo moderno possível – mas, como veremos, também preparou o cenário para o homem entronizar-se no lugar de Deus.

As ideias não ocorrem no vácuo. Como disse C. S. Lewis: "Estamos todos, muito apropriadamente, familiarizados com a ideia de que em todas as épocas a mente humana é

profundamente influenciada pelo modelo aceito do universo. Mas há um tráfego de mão dupla; o modelo também é influenciado pelo temperamento mental predominante."[5] O nominalismo emergiu de uma civilização inquieta cujo povo buscava algo diferente. A Idade Média foi uma época de intensa fé e espiritualidade, mas como até a arte e a poesia do século XIV mostraram, a humanidade começou a desviar o olhar dos céus e voltar-se para este mundo.

Depois de Ockham, os chamados filósofos naturais – pensadores que estudaram a natureza, os precursores dos cientistas – começaram a abandonar a bagagem metafísica que lhes foi legada por Aristóteles e pelos seus sucessores cristãos medievais. Eles descobriram que não era necessário ter uma teoria filosófica sobre o ser de um fenômeno natural para examiná-lo empiricamente e tirar conclusões.

Entretanto, no mundo da arte e da literatura, emergiu uma nova ênfase no naturalismo e no individualismo. O velho mundo, com as suas certezas metafísicas, as suas hierarquias formais e o seu foco espiritual, gradualmente deixou de dominar a imaginação do homem ocidental. A arte tornou-se menos simbólica, menos idealizada, menos focada em temas religiosos e mais ocupada com a vida do homem.

O Modelo estremeceu sob o ataque filosófico, mas acontecimentos horríveis fora do mundo da arte e das ideias também o abalaram profundamente. A guerra – especialmente a Guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra – assolou a Europa Ocidental, que também sofreu uma fome catastrófica no século XIV. O pior de tudo foi a Peste Negra, uma praga que matou entre um terço e metade de todos os europeus antes de se extinguir. Poucas civilizações poderiam suportar esses tipos de traumas sem tremendas convulsões.

Por todas estas razões, o Modelo se desintegrou. O realismo metafísico foi derrotado. O que emergiu foi um novo individualismo, uma mundanidade que inauguraria o período histórico denominado Renascimento. A derrota do realismo metafísico inaugurou uma fase nova e dinâmica da história ocidental – uma fase que culminaria numa revolução religiosa.

Renascimento e Reforma

Renascimento é uma palavra francesa que significa "renascimento". Refere-se à eflorescência cultural que acompanhou a redescoberta, pelo Ocidente, das raízes gregas e romanas da sua civilização. É importante notar que o termo não foi aplicado ao período que liga o final da Idade Média e o início da era moderna até o século XIX. Contém em si a crença progressista secular de que o período medieval de enfoque religioso foi uma época de esterilidade intelectual e artística – um julgamento ridículo, mas influente.

No entanto, a Renascença marca uma mudança distinta na cultura europeia, que mudou o seu foco da glória de Deus para a glória do homem. "Podemos nos tornar o que quisermos", disse Pico della Mirandola (1463-1494), o arquétipo do filósofo renascentista. Não foi uma forma aberta de desafio satânico – na verdade, Pico pronunciou aquela famosa frase num discurso em que advertiu contra o abuso do dom do livre arbítrio de Deus – mas essas palavras expressam o optimismo da Renascença sobre a natureza humana e as suas possibilidades.

O que estava renascendo na Renascença? O espírito clássico da Grécia e Roma antigas, que entrou em eclipse após o colapso do Império Romano Ocidental no século V e o subsequente advento do período medieval cristão.

Enquanto o final do período medieval se concentrou na redescoberta de textos filosóficos gregos, os estudiosos italianos do século XIV abriram caminho para reviver a literatura e a história antigas. “O homem é a medida de todas as coisas”, disse o antigo filósofo grego Protágoras, numa frase que também descrevia o espírito da nova era que desponta na Europa.

O humanismo renascentista começou a considerar o mundo através de percepções clássicas e enfatizou o estudo da poesia, da retórica e de outras disciplinas que hoje chamamos de humanidades. Embora a cultura humanista não se centrasse tão estreitamente na fé como a sua antecessora medieval, não era de forma alguma anticristã. A Renascença trouxe ao Cristianismo Ocidental uma maior preocupação com o indivíduo, com a liberdade e com a dignidade do homem como portador da imagem de Deus.

O Cristianismo Medieval centrou-se na queda do homem, mas o Cristianismo mais humanista da Renascença centrou-se no potencial do homem. O humanismo cristão era muito mais individualista do que o que veio antes dele e procurou cristianizar o modelo clássico do herói, o homem de virtude. A escolástica enfatizou a razão e o intelecto como a forma de se relacionar com Deus; O humanismo cristão centrou-se na vontade.

O perigo era que os humanistas cristãos se apaixonassem demasiado pelo potencial humano e pela capacidade de autocriação do homem e perdessem de vista a sua inclinação crónica para o pecado. Esta foi uma tentação à qual os humanistas italianos eram particularmente suscetíveis. Todos ficaram muito satisfeitos em se livrar do saco e das cinzas do ascetismo medieval e deleitar-se com a glória e o vigor da vida sensual. O mesmo não aconteceu com os humanistas do Norte da Europa, que eram mais modestos na sua piedade e contidos no seu optimismo sobre a natureza humana. Eles eram mais atraídos pelas Escrituras do que pela filosofia e

estavam preocupados principalmente em reformar a igreja no sentido de uma moralidade mais rigorosa e de uma vida religiosa mais democrática. Eles viam com ceticismo, até mesmo com desdém, a sensualidade que havia dominado a vida europeia, especialmente na Igreja.

A Roma renascentista era uma fossa de vícios, e a corrupção ia muito além da corte papal e dos muros do Vaticano. Muitos bispos foram desprezados pela sua mundanidade, enquanto clérigos paroquiais bêbados e ignorantes, indiferentes ao Evangelho, foram desrespeitados pelos seus rebanhos irados. À medida que a igreja sofria uma hemorragia de autoridade espiritual e moral, o clamor por mudanças aumentava. Mas os papas da Renascença, prisioneiros da sua própria ganância e gosto pela opulência, recusaram-se a ouvir. Eles pensaram que o que tinham duraria para sempre.

Foi necessário um monge agostiniano chamado Martinho Lutero para destruir as suas ilusões – e com ele, a unidade religiosa do Ocidente. A Reforma, como chamamos à revolução que ele iniciou, não foi o primeiro movimento de protesto contra a corrupção da Igreja Católica, mas foi o primeiro a atacar as raízes teológicas e eclesiológicas do próprio catolicismo romano.

Lutero construiu a sua revolução não apenas com base em protestos contra a corrupção na Igreja, mas também em desenvolvimentos teológicos e filosóficos que já tinham ocorrido no cristianismo latino. Em 1517, Lutero proclamou as suas "Noventa e Cinco Teses" questionando a venda de indulgências, uma característica do sistema penitencial católico que permitia aos vivos comprar ajuda para parentes que se acreditava estarem sofrendo punição no Purgatório.

Na verdade, Lutero apontou o seu formidável canhão retórico para toda a estrutura de Roma que definia o pecado, o perdão e a autoridade eclesial. Em 1520, o Vaticano excomungou Lutero por se recusar a retratar a

sua crença de que apenas as Escrituras – distintas das Escrituras e da interpretação autorizada da Igreja Romana – eram a fonte da verdade cristã. Assim nasceu a Reforma Protestante.

Embora houvesse uma grande diversidade local em toda a Europa católica, a fidelidade à instituição católica romana e à sua autoridade para proclamar a verdade religiosa objectiva tinha sido um princípio unificador. A Reforma destruiu essa unidade e despojou aqueles que estavam sob seu domínio de muitos símbolos, rituais e conceitos que estruturavam a vida interior dos cristãos. Os cristãos da era da Reforma – protestantes – não mais se curvariam diante do que os reformadores acreditavam ser superstição e idolatria. As Escrituras eram sua única autoridade em assuntos religiosos.

A questão surgiu imediatamente: qual interpretação das Escrituras? Nenhum reformador acreditava na interpretação privada das Escrituras, mas não tinha uma maneira clara de discernir qual interpretação era a correta. Os reformadores descobriram rapidamente que abandonar a autoridade de Roma resolvia um problema, mas criava outro. Como afirma o historiador Brad Gregory: "Como os cristãos discordavam sobre o que deveriam acreditar e fazer, eles discordavam sobre quais eram os frutos de uma vida cristã."[6] E assim permanece até hoje.

Como a religião era inseparável da política e da cultura, a Reforma e a Contra-Reforma Católica levaram rapidamente a uma série de guerras selvagens que destruíram a Europa. Para ser justo, as Guerras Religiosas foram tão políticas, sociais e económicas quanto religiosas. Mas a base religiosa para as guerras fez com que intelectuais europeus cansados explorassem formas de viver pacificamente com o cisma entre Roma e os Reformadores.

O Amanhecer do Iluminismo

A Revolução Científica sugeriu indiretamente uma possível saída.

Mesmo enquanto as guerras religiosas se intensificavam, a ciência fez rápidos avanços. A Revolução Científica foi um período de aproximadamente duzentos anos de avanços surpreendentes na ciência e na matemática que começou com Copérnico (1473-1543), que mostrou que a Terra não era o centro fixo da Criação, e terminou com Newton (1642-1727).), cujas descobertas inovadoras lançaram as bases para a física moderna. A era derrubou o cosmos aristotélico-cristão – um modelo hierárquico de realidade em que todas as coisas existem organicamente através da sua relação com Deus – em favor de um universo mecânico ordenado pelas leis da natureza, sem nenhuma base necessária no transcendente.

A maioria dos líderes da Revolução Científica eram cristãos professos, mas a base da revolução residia inegavelmente no nominalismo. Se o mundo material pudesse ser estudado e compreendido por si só, sem referência a Deus, então a ciência poderia existir por si só, livre de controvérsia teológica.

Esta proposição prática permitiu que a ciência se desenvolvesse sem impedimentos por suposições metafísicas e religiosas. A ciência concentrava-se em factos sobre o mundo material que podiam ser demonstrados e tinha um método empírico de testar hipóteses para provar ou refutar as suas afirmações.

E a ciência funcionou, de forma prática. Sir Francis Bacon, um importante filósofo da Renascença tardia e fundador do método científico, disse a famosa frase que a descoberta científica deveria ser aplicada “para o alívio da condição do homem” – isto é, para melhorar a vida dos humanos, reduzindo a sua dor, sofrimento, e pobreza. Este

foi um ponto de viragem na história das ideias. O mundo natural não deveria mais ser tomado como algo a ser contemplado como, de alguma forma, um ícone do divino, mas sim como algo a ser compreendido e manipulado pela vontade da humanidade por si só. Desta forma, a Revolução Científica distanciou ainda mais Deus da Criação na mente dos homens.

A Revolução Científica culminou na vida e obra de Sir Isaac Newton, um físico, matemático e cristão pouco ortodoxo que fabricou um novo modelo do universo que explicava o seu funcionamento físico de uma forma totalmente mecânica. Newton certamente acreditava que as leis do movimento que descobriu haviam sido estabelecidas por Deus. No entanto, o Deus de Newton, em contraste com o Deus da metafísica cristã tradicional, era como um relojoeiro divino que moldou um relógio, deu-lhe corda e deixou-o continuar sem o seu envolvimento adicional.

A explosão da ciência mudou a epistemologia ocidental, o estudo de como sabemos o que sabemos. A ciência aristotélica, que dominou a Idade Média, baseava-se em conceitos metafísicos sobre a natureza essencial das coisas. A nova ciência descartou a bagagem metafísica e raciocinou apenas com base em observações empíricas. O filósofo e matemático René Descartes (1596-1650) mudaria ainda mais a abordagem da questão epistemológica. Enquanto Bacon dizia que deveríamos desenvolver modelos através do raciocínio a partir da observação empírica, Descartes adoptou uma abordagem mais puramente racionalista.

Descartes ensinou que o melhor método era começar aceitando como verdadeiras apenas ideias claras e fora de dúvida. Você não deve aceitar nada como verdade com base na autoridade e deve até duvidar dos seus sentidos. Somente aquelas coisas das quais você pode ter certeza são

verdadeiras. E o primeiro princípio de todos neste método é: “Penso, logo existo”.

Ou seja, a única coisa da qual não se pode duvidar é da própria existência. Este é o fundamento de todos os outros pensamentos, segundo Descartes, que desta forma transformou o indivíduo autónomo e pensante no determinante da verdade. Descartes era um racionalista, mas não um relativista moral – na verdade, considerava-se um católico fiel, cuja missão era, em parte, reconciliar a ciência com a fé.

O que Descartes fez – e o que faz dele o pai da filosofia moderna – foi inverter a abordagem medieval do conhecimento. Para os escolásticos, a realidade era um estado objetivo, e o papel da humanidade era o primeiro de compreender a natureza metafísica da realidade. Só então os humanos poderiam começar a explorar o conhecimento do mundo e de tudo dentro dele. Descartes, por outro lado, iniciou toda a investigação com a subjetividade radical, declarando que o primeiro princípio do conhecimento era que o Eu é consciente de si mesmo.

A filosofia de Descartes abriu a porta ao projecto de mudança mundial apelidado de “o Iluminismo” pelos seus líderes de claque, ansiosos por contrastá-lo com os dias supostamente sombrios em que a religião revelada teve o seu domínio mortal sobre a mente ocidental. Na sua essência, o Iluminismo foi uma tentativa dos intelectuais europeus de encontrar uma base comum fora da religião para determinar a verdade moral. O sucesso da ciência levou os filósofos morais a explorar como a razão desinteressada, que teve tanto sucesso no domínio da ciência, poderia mostrar ao Ocidente uma forma não sectária de viver.

Os filósofos do Iluminismo procuraram usar apenas a razão para estabelecer uma nova base para a vida política e social, separada do passado. Eles tentaram criar uma moralidade secular que qualquer pessoa razoável pudesse

compreender e afirmar, e acreditavam que isso era possível. Eles também defenderam a ciência e a tecnologia como forma de impor a vontade racional do homem à natureza e exaltaram o indivíduo que escolhe livremente.

Para os nossos propósitos, o Iluminismo é importante porque foi a ruptura decisiva com o legado cristão do Ocidente. Deus, se é que foi mencionado, não era o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, mas a divindade indefinida dos deístas. O deísmo, uma escola de pensamento racionalista que surgiu no Iluminismo, sustenta que Deus é um arquiteto cósmico que criou o universo, mas não interage com ele. O deísmo rejeita a religião bíblica e o sobrenatural e baseia os seus princípios naquilo que pode ser conhecido sobre Deus – o "Ser Supremo" – apenas através da razão.

A maioria dos fundadores americanos eram deístas confessos como Benjamin Franklin (também maçom) ou fortemente influenciados pelo deísmo (por exemplo, Thomas Jefferson). O deísmo foi uma força intelectual poderosa na vida americana do século XVIII. John Locke, o filósofo político inglês cujos ensinamentos tiveram grande influência na fundação americana, não era tecnicamente um deísta – a sua crença em milagres contradizia o Deus relojoeiro dos deístas – mas a sua filosofia estava fortemente em consonância com os princípios deístas.

Locke acreditava que o indivíduo autônomo, nascido como uma tábula rasa, sem natureza inata, é a unidade fundamental da sociedade. O objectivo do governo, segundo Locke, não é perseguir a virtude, mas sim estabelecer e proteger uma ordem social sob a qual os indivíduos possam exercer a sua vontade dentro da razão. O governo existe para garantir os direitos desses indivíduos à vida, à liberdade e à propriedade. Os autores da Declaração de Independência mudaram esta formulação para "vida, liberdade e a busca da felicidade", uma frase que todos os estudantes americanos aprendem no seu catecismo cívico.

A Constituição dos EUA, um documento lockeano, privatiza a religião, separando-a do Estado. Todo aluno americano aprende a considerar isso uma bênção, e talvez seja. Mas segregar desta forma o sagrado do secular moldou profundamente a consciência religiosa americana.

Apesar de todo o bem que a tolerância religiosa trouxe, sem dúvida, a um país jovem, com uma população diversificada e controversa de sectários protestantes e uma minoria católica, também lançou as bases para a exclusão da religião da praça pública, tornando-a uma questão de escolha privada e individual. Na ordem americana, o papel do Estado é simplesmente agir como árbitro entre indivíduos e facções. O governo não tem uma concepção última do bem e considera o seu próprio papel limitado à protecção dos direitos dos indivíduos.

Quando uma sociedade é completamente cristã, esta é uma forma engenhosa de manter a paz e permitir o florescimento geral. Mas do ponto de vista cristão, o liberalismo iluminista continha as sementes da ruína do cristianismo.

Numa carta aos soldados em 1798, John Adams, um dos fundadores e unitarista praticante, observou:

> Não tínhamos nenhum governo armado com poder capaz de enfrentar as paixões humanas desenfreadas pela moralidade e pela religião. A avareza, a ambição, a vingança ou a bravura quebrariam as cordas mais fortes da nossa Constituição como uma baleia passa pela rede. Nossa Constituição foi feita apenas para um povo moral e religioso. É totalmente inadequado para o governo de qualquer outro.[7]

Adams compreendeu que a liberdade ao abrigo da Constituição só poderia funcionar se as pessoas fossem virtuosas, restringindo as suas paixões e orientando-as para

o bem – tal como definido, presumivelmente, pela crença religiosa racionalista de Adams. Felizmente, tendo passado pelo Primeiro Grande Despertar de meados do século XVIII, a América era fortemente evangélica e os cidadãos tinham uma forte ideia partilhada do Bem e uma definição partilhada de virtude. Infelizmente, isso não duraria.

Democracia, capitalismo, romantismo: o calamitoso século XIX

Em meados do século XVIII, novos avanços tecnológicos começaram a dar ao homem um poder sem precedentes sobre a natureza. Isso levou a uma explosão na indústria e no comércio, que trouxe mudanças revolucionárias para a sociedade. O modo de vida socialmente estável baseado na agricultura e no artesanato chegou ao fim. Os camponeses mudaram-se em massa para as cidades, onde se tornaram trabalhadores nas novas fábricas. As hierarquias sociais da família tradicional e da aldeia começaram a dissolver-se.

O mesmo aconteceu na política. A Revolução Americana em 1776 derrubou a monarquia e estabeleceu uma república constitucional. A muito mais sangrenta Revolução Francesa de 1789 foi muito mais radical, tentando uma remodelação quase totalitária da sociedade francesa em nome do republicanismo. O seu terror terminou na ditadura de Napoleão Bonaparte, que restaurou a ordem, mas a violência desencadeada pela revolução e pelos seus ideais abalou a Europa durante o resto do século. Abalou monarquias e ordens estabelecidas, usando os ideais de liberdade e democracia para atacar estruturas autoritárias mais antigas.

Na mesma época, artistas e intelectuais começaram a rebelar-se contra a razão iluminista e os efeitos da Revolução Industrial. Os românticos, como eram chamados,

consideravam desagradáveis muitos aspectos da nova sociedade racionalista e mecanizada, mas não tinham interesse em retornar ao mundo cristão. Eles valorizavam a emoção, a individualidade, a natureza e a liberdade pessoal.

Eles defendiam um ideal de indivíduo heróico e criativo, que rejeita as restrições da sociedade, que segue seus sentimentos e intuições. Para os românticos, o significado e a libertação da feiúra da sociedade moderna encontravam-se na arte, na natureza e na cultura. A reação deles foi uma reação primitivista contra o racionalismo frio da época anterior.

Embora fosse um homem da era do Iluminismo, o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) tornou-se o pai do Romantismo. Rousseau apresentou a ideia de que o homem nasce naturalmente bom, mas é corrompido pela sociedade. De Rousseau veio a noção moderna de que quanto mais livre é uma sociedade, mais virtuosa ela é. O povo, ao expressar a "vontade geral", tem sempre razão.

Alexis de Tocqueville, um jovem aristocrata francês que viajou pela América em 1831-32, observou na prática os ideais igualitários de Rousseau. Em Democracia na América, Tocqueville concluiu que a democracia era o futuro da Europa, mas observou que, com o seu impulso pela igualdade, que implicava estabelecer padrões relativos à vontade da maioria, a democracia corria o risco de eliminar as virtudes que tornavam possível o autogoverno. As democracias só terão sucesso se as "instituições mediadoras", incluindo as igrejas, prosperarem.

No século XIX, as elites intelectuais compreenderam que o mundo à sua volta se fragmentava rapidamente. "Tudo o que é sólido desmancha-se no ar", dizia o Manifesto Comunista de Marx e Engels (1848), que observava com precisão que a Revolução Industrial tinha destruído velhas certezas. Escrevendo uma geração depois de Charles Darwin ter publicado a sua Origem das Espécies em 1859,

o filósofo alemão Friedrich Nietzsche entendeu que a selecção natural significa que não existe um plano divino que oriente o desenvolvimento do homem. É aleatório, baseado na sobrevivência do mais apto. Nietzsche baseou-se em Darwin para formular uma filosofia que exaltava a força e a vontade individual.

"Deus está morto e nós matámo-lo", disse Nietzsche, afirmando uma verdade contundente sobre o ateísmo nascente do Ocidente. Matthew Arnold capturou o espírito da época nestas linhas de seu poema Dover Beach de 1867:

> O Mar da Fé
> Também já esteve na costa completa e redonda da terra
> Estava como as dobras de um cinto brilhante enroladas.
> Mas agora eu só ouço
> Seu rugido melancólico, longo e retraído,
> Recuando, para a respiração
> Do vento noturno, pelas vastas bordas sombrias
> E telhas nuas do mundo.

Apesar da desilusão de artistas, filósofos e outros produtores culturais, o século XIX foi uma época de grande fervor religioso na Inglaterra e na América. A era vitoriana na Inglaterra estendeu-se de 1837 até a virada do século XX e apresentou um cristianismo popular que era musculoso, moralista e disciplinado. Foi notavelmente uma mentalidade cívica, com uma forte ênfase na reforma social. Este Evangelicalismo reformista espalhou-se pelos Estados Unidos, desencadeando o Terceiro Grande Despertar, que trouxe um crescimento explosivo nas igrejas protestantes e lançou as bases para o movimento do Evangelho Social. A crescente imigração europeia fez com

que centenas de milhares de católicos chegassem às cidades americanas.

As mudanças importantes, porém, ocorreram entre as elites culturais, que continuaram a abandonar qualquer aparência de cristianismo tradicional. Na América, de 1870 a 1930, estas elites realizaram o que o sociólogo Christian Smith chama de "revolução secular". Aproveitaram a energia e o tumulto da industrialização para refazer a sociedade em linhas amplamente "progressistas".

Os efeitos deste movimento progressista na vida religiosa americana foram vastos. Começou a longa liberalização do protestantismo tradicional, infundindo-lhe uma paixão pela reforma social, acima e contra a piedade pessoal e a evangelização. Os progressistas expulsaram o establishment religioso protestante das universidades e de outras instituições culturais importantes. Empurrou a religião para as margens da vida pública, defendendo a ciência como a fonte primária dos valores da sociedade e como um guia para a mudança social. Dentro do Cristianismo, substituiu o modelo religioso da pessoa humana por um modelo psicológico centrado no Eu. E o ardor político dos progressistas por uma maior democracia e igualitarismo encontrou expressão na vida da igreja ao corroer a autoridade do clero e das Escrituras.

O século XX chegou no meio de uma onda de optimismo sobre o futuro do Ocidente. Foi um momento de esperança e fé no progresso. O sonho chegou a um fim catastrófico em 1914, com a eclosão da guerra mais mortal que o mundo já viu.

O triunfo de Eros

A selvageria em massa da Primeira Guerra Mundial, quatro anos de combates árduos que consumiram as vidas de

dezassete milhões de soldados e civis, destruiu os ideais europeus e desferiu um golpe mortal no que restava da cristandade. O rescaldo da guerra acelerou o abandono das fontes tradicionais de autoridade cultural. A moralidade sexual foi afrouxada. Surgiram novos estilos de arte e literatura, rompendo consciente e definitivamente com os valores desacreditados do mundo pré-guerra.

A civilização ocidental já abandonava o cristianismo há algum tempo, mas ainda tinha um sentido de progresso e um propósito para unificá-la e dar ao seu povo direção e ordem nas suas vidas. Nenhum desses progressos – científico, tecnológico, económico, político ou social – impediu a Europa de se transformar num cemitério.

Este foi o período em que o Ocidente passou daquilo que o sociólogo Zygmunt Bauman chamou de "modernidade sólida" – um período de mudança social que ainda era bastante previsível e administrável – para a "modernidade líquida", a nossa condição actual, em que a mudança é tão rápida que nenhuma instituição social tem tempo para se solidificar.[8]

Sigmund Freud, o fundador da psicanálise, encontrou o seu verdadeiro génio não como cientista, mas como uma figura quase religiosa que discerniu e proclamou o Eu como uma divindade para substituir a religião cristã. No entanto, a imensa autoridade cultural de Freud dependia do seu papel como ícone da ciência. Entre as elites secularizadas, que divulgaram amplamente as opiniões de Freud através dos meios de comunicação de massa, a visão de Freud teve a força da revelação precisamente porque as elites acreditavam que ela era científica.

Para Freud, a religião nada mais era do que um mecanismo criado pelo homem para lidar com a vida e gerir os instintos que, se pudessem funcionar livremente, tornariam a civilização impossível. O homem ocidental havia perdido Deus e, com isso, a sensação de que havia

uma autoridade superior para dar sentido último à vida. Mas o homem tinha que seguir com a vida de alguma forma.

A resposta de Freud foi substituir a religião pela psicologia. Na sua visão terapêutica, deveríamos parar com a busca infrutífera por uma fonte inexistente de significado e, em vez disso, buscar a auto-realização. A busca pela felicidade não era uma busca pela unidade com Deus, ou pela dedicação sacrificial a uma causa maior do que a própria pessoa, mas sim uma busca pela satisfação do Ser.

No passado, uma pessoa olhava para fora de si mesma para saber o que fazer da vida. Mas na modernidade, quando sabemos que a religião e todas as reivindicações de valores transcendentes são uma ilusão, devemos olhar para dentro de nós mesmos em busca do segredo do nosso próprio bem-estar. A psicologia não pretendia necessariamente mudar o caráter de um homem, como nas antigas terapias cristãs de arrependimento como um passo em direção à conformidade com a vontade de Deus, mas sim ajudar esse homem a se sentir confortável com quem ele é.

O sociólogo Philip Rieff, o grande intérprete de Freud, descreveu a mudança na consciência ocidental assim: "O homem religioso nasceu para ser salvo. O homem psicológico nasce para ficar satisfeito."[9]

A década de 1960 foi a década em que o Homem Psicológico se tornou plenamente independente. Nessa década, a liberdade do indivíduo para satisfazer os seus próprios desejos tornou-se a nossa estrela-guia cultural e, como resultado, começou o rápido afastamento da moralidade americana do seu ideal cristão. Apesar de uma reação conservadora na década de 1980, o Homem Psicológico venceu de forma decisiva e agora é dono da cultura – incluindo a maioria das igrejas – tão certamente quanto os ostrogodos, visigodos, vândalos e outros povos

conquistadores possuíam os restos do Império Romano Ocidental.

Em 1966, no início desta nova era, Rieff publicou um estudo chamado O triunfo da terapêutica: usos da fé depois de Freud, um livro que ainda impressiona pela sua presciência. Nele, Rieff, um descrente, argumentava que o Ocidente, no meio de uma liberdade e de uma prosperidade sem precedentes, estava a atravessar uma profunda revolução cultural. Não se tornou ateu, mas espiritualizou o desejo e abraçou um "evangelho de auto-realização" secular.

A maioria das pessoas compreendia que a cultura ocidental se tinha afastado lentamente do cristianismo desde o Iluminismo, mas Rieff disse que o processo tinha ido muito mais longe do que a maioria das pessoas imaginava.

Na teoria da cultura de Rieff, uma cultura é definida por aquilo que ela proíbe. Cada cultura tem a sua própria "ordem de terapia" – um sistema que ensina aos seus membros o que é permitido dentro dos seus limites e lhes dá formas sancionadas de aliviar a pressão de viver de acordo com as regras da comunidade, que estão tradicionalmente enraizadas na religião. Além disso, o ascetismo numa cultura – isto é, o ideal de abnegação – não pode ser um fim em si mesmo, porque isso destruiria uma cultura. Pelo contrário, deve ser um "ascetismo positivo" que ligue o indivíduo que nega os seus próprios desejos particulares à realização de um objectivo mais elevado, positivo e de afirmação da vida.

A principal coisa que ajuda uma cultura a sobreviver, escreveu Rieff, é "o poder das suas instituições para ligar e desligar os homens na condução dos seus assuntos com razões que penetram tão profundamente no eu que se tornam comum e implicitamente compreendidas". Uma cultura começa a morrer, continuou ele, "quando as suas instituições normativas não conseguem comunicar ideais de

uma forma que permaneça interiormente convincente, em primeiro lugar para as próprias elites culturais".

Em outras palavras, a cultura judaico-cristã do Ocidente estava morrendo porque não acreditava mais profundamente na ordem sagrada cristã, com seus "não farás", e não tinha como concordar com o "não farás" que toda cultura deve ter que restringir as paixões individuais e direcioná-las para fins socialmente benéficos. O que tornou a nossa condição tão revolucionária, disse ele, foi que, pela primeira vez na história, o Ocidente estava a tentar construir uma cultura baseada na ausência de crença numa ordem superior que ordenasse a nossa obediência. Por outras palavras, estávamos a criar uma "anticultura", que tornava impossível a fundação de uma cultura estável.

Ou seja, em vez de nos ensinar aquilo de que devemos privar-nos para sermos civilizados, temos uma cultura construída sobre um culto ao desejo, uma cultura que nos diz que encontramos significado e propósito ao libertarmo-nos das antigas proibições, à medida que auto-dirigimos os indivíduos escolhem.

"Eros deve ser elevado ao nível de um culto religioso na sociedade moderna, não porque estejamos realmente obcecados com ele, mas porque o mito da liberdade assim o exige", diz o filósofo político Stephen L. Gardner. "É no desejo carnal que o indivíduo moderno acredita afirmar a sua 'individualidade'. O corpo deve ser o verdadeiro 'sujeito' do desejo porque o indivíduo deve ser o autor do seu próprio desejo."[10]

O ideal romântico do homem autocriado encontra a sua realização nas mais novas vanguardas da Revolução Sexual, as pessoas transexuais. Recusam-se a ficar limitados pela biologia e têm por trás de si um movimento de elite que ensina às novas gerações que o género é aquilo que o indivíduo que escolhe quer que seja. O advento da pílula anticoncepcional na década de 1960 possibilitou à

humanidade estender sua conquista e sujeição da natureza à vontade do próprio corpo humano. O transgenerismo é o próximo passo lógico, após o qual virá a desconstrução de quaisquer obstruções, na lei ou nos costumes, a arranjos polígamos livremente escolhidos.

Claro, haverá custos para estender a Revolução Sexual. Nós os vimos em sua primeira fase. A década de 1970, a chamada Década do Eu, foi quando a década de 1960 chegou ao resto da América. A taxa de divórcio, que aumentou na década de 1960, cresceu rapidamente na década de 1970. Os abortos dispararam. Mas não havia como voltar atrás. A nova ordem encontrou a sua confirmação constitucional na decisão Planned Parenthood vs. Casey do Supremo Tribunal de 1992, reafirmando o direito ao aborto. O juiz Anthony Kennedy, escrevendo para a maioria pró-escolha, explicou (sem dúvida sem intenção) como a Revolução Sexual depende de uma concepção radical, até mesmo niilista, de liberdade:

> No cerne da liberdade está o direito de definir o próprio conceito de existência, de significado, do universo e do mistério da vida humana.

Aqui está o ponto final da modernidade: o indivíduo autônomo, que escolhe livremente e que não encontra significado em ninguém além de si mesmo.

O filósofo Charles Taylor descreve a mentalidade cultural que conquistou a todos nós:

> Todos têm o direito de desenvolver a sua própria forma de vida, baseada no seu próprio sentido do que é realmente importante ou de valor. As pessoas são chamadas a ser fiéis a si mesmas e a procurar a sua própria autorrealização. Em que consiste isto, cada um deve, em última instância, determinar por si

mesmo. Ninguém mais pode ou deve tentar ditar seu conteúdo.[11]

É claro que cada época teve pessoas moralmente negligentes e pessoas que abandonaram ideais e compromissos para perseguir os desejos do seu coração. Na verdade, cada um de nós, cristãos, às vezes é assim; isso se chama pecado. O que é distinto na época atual, diz Taylor, é que "hoje muitas pessoas se sentem chamadas a fazer isto, sentem que deveriam fazer isto, sentem que as suas vidas seriam de alguma forma desperdiçadas ou insatisfeitas se não o fizessem".

O que é"? Seguir o seu próprio coração, não importa o que a sociedade diga, ou a igreja, ou qualquer outra pessoa. Este tipo de pensamento é devastador para todo tipo de estabilidade social, mas especialmente para a Igreja. A Igreja, uma comunidade que ensina e discipula os seus membros com autoridade, não pode resistir a uma revolução em que cada membro se torna, de facto, o seu próprio papa. As igrejas – protestantes, católicas e ortodoxas – que nada mais são do que uma assembleia frouxa de indivíduos empenhados em encontrar a sua própria "verdade", já não são a igreja em qualquer sentido significativo, porque não existe uma crença partilhada.

Neste sentido, os cristãos de hoje podem pensar que estamos em oposição à cultura secular, mas na verdade somos tão criaturas do nosso tempo como as pessoas seculares. Como diz Charles Taylor: "Toda a postura ética dos modernos supõe e segue a morte de Deus (e, claro, do cosmos significativo)". Podemos negar que Deus está morto, mas aceitar o individualismo religioso e a sua estrutura de apoio teológico, o Deísmo Terapêutico Moralista, é declarar que Deus pode não estar completamente morto, mas está sob cuidados paliativos e confinado à cama.

Vamos rever uma cronologia de como o Ocidente chegou a esta maldita charneca de atomização, fragmentação e descrença.

> Século XIV: A derrota do realismo metafísico pelo nominalismo nos debates teológicos medievais removeu o eixo que ligava os mundos transcendente e material. No nominalismo, o significado dos objetos e ações no mundo material depende inteiramente daquilo que o homem lhe atribui. A guerra e a peste derrubaram o sistema medieval.
>
> Século XV: A Renascença surgiu com uma perspectiva nova e optimista sobre o potencial humano e começou a mudar a visão e a imaginação social do Ocidente de Deus para o homem, a quem via como "a medida de todas as coisas".
>
> Século XVI: A Reforma quebrou a unidade religiosa da Europa. Nos países protestantes, deu origem a uma crise insolúvel na autoridade religiosa, que nos séculos seguintes causaria cismas intermináveis.
>
> Século XVII: As Guerras Religiosas resultaram num descrédito ainda maior da religião e na fundação do Estado-nação moderno. A Revolução Científica desferiu o golpe final no modelo orgânico medieval do cosmos, substituindo-o por uma visão do universo como uma máquina. A divisão mente-corpo proclamada por Descartes aplicava isso ao corpo. O homem tornou-se alienado do mundo natural.

Século XVIII: O Iluminismo tentou criar uma estrutura filosófica para viver e governar a sociedade sem referência religiosa. A razão seria a estrela polar da vida pública, com a religião – considerada um fardo desde a Idade das Trevas – relegada à vida privada. As revoluções francesa e americana romperam com os antigos regimes e as suas hierarquias e inauguraram uma era democrática e igualitária.

Século XIX: O sucesso da Revolução Industrial pulverizou o modo de vida agrário, desenraizou as massas das áreas rurais e trouxe-as para as cidades. As relações entre as pessoas passaram a ser definidas pelo dinheiro. O movimento romântico rebelou-se contra esta alienação em nome do individualismo e da paixão. O ateísmo e a reforma social progressista de influência marxista espalharam-se entre as elites culturais.

Século XX: Os horrores das duas guerras mundiais prejudicaram gravemente a fé nos deuses da razão e do progresso e no Deus do Cristianismo. Com o crescimento da tecnologia e da sociedade de consumo em massa, as pessoas começaram a prestar mais atenção a si mesmas e a realizar os seus desejos individuais. A Revolução Sexual exaltou o indivíduo desejante como o centro da ordem social emergente, depondo um cristianismo enfraquecido, tal como os ostrogodos depuseram o infeliz último imperador do Império Romano Ocidental no século V.

A longa viagem desde um mundo medieval devastado pelo sofrimento, mas repleto de significado, levou-nos a um lugar de conforto outrora inimaginável, mas vazio de

significado e ligação. O Ocidente perdeu o fio dourado que nos liga a Deus, à Criação e uns aos outros. A menos que o encontremos novamente, não há esperança de travar a nossa dissolução. Na verdade, é pouco provável que o Ocidente veja esta tábua de salvação durante muito tempo. Ele não está procurando por isso e pode não ter mais a capacidade de vê-lo. Fomos soltos, mas não sabemos como amarrar.

"Acender uma vela é lançar uma sombra", disse a escritora Ursula K. Le Guin.[12] A sombra do fracasso do Iluminismo em substituir Deus pela razão engolfou o Ocidente e mergulhou-nos numa nova Idade das Trevas. Não há outra maneira de superar isso, exceto avançar para o verdadeiro amanhecer. Nós, que ainda mantemos o fio de ouro frouxo em nossas mãos, devemos agarrá-lo com mais força e agarrar-nos a ele para as gerações futuras, ou ele será arrancado de nossas mãos.

Os cristãos sabem que existe uma luz que as trevas não podem compreender nem superar, e é a essa Luz que devemos retornar se quisermos sobreviver a este tempo de provação. Esta é a Luz, Jesus Cristo, que iluminou os mosteiros da Idade Média e todos aqueles que se reuniam ao seu redor.

Os beneditinos não tinham ensinamentos secretos. Eles tinham o que ainda têm: a Regra, que mostra como ordenar a vida para ser tão receptiva quanto possível à graça de Deus, tanto individualmente como em comunidade. Enquanto esperamos que um novo São Bento apareça em nosso tempo e lugar bastante diferentes e nos ensine como refazer a tapeçaria de nossas vidas cristãs, façamos uma peregrinação à cidade natal de Bento e passemos tempo com os filhos espirituais dos santos, que, em desafiando todas as expectativas modernas, estamos vivendo de forma simples, mas abundante, guiados pelos ensinamentos atemporais do velho mestre.

CAPÍTULO 3

Uma regra para viver

Você não pode voltar ao passado, mas pode ir para Norcia. E o vislumbre do passado cristão que um peregrino consegue lá é também, estou confiante, um vislumbre do futuro cristão.

Norcia – o nome moderno do local de nascimento de Bento de Núrsia – é uma cidade murada situada num amplo planalto no final de uma estrada que serpenteia por 56 quilómetros através de uma região montanhosa agreste. É fácil imaginar quão isolada Norcia estava nos dias de Bento XVI – e por que, até onde sabemos, o santo desceu a montanha, para nunca mais voltar.

Numa manhã quente de fevereiro, viajei para o Mosteiro de São Bento, casa de quinze monges e de seu prior, padre Cassian Folsom. O Padre Cassian, um americano de 61 anos, reabriu o mosteiro com um punhado de irmãos beneditinos em Dezembro de 2000, quase dois séculos depois de o Estado ter fechado as portas da cidadela de oração do século X e ter dispersado os seus monges.

A supressão do mosteiro de Norcia aconteceu em 1810 sob leis impostas por Napoleão Bonaparte, então governante do norte da Itália. Napoleão foi um tirano que herdou o legado anticristão da Revolução Francesa e o usou para devastar a Igreja Católica em todos os territórios sob o domínio imperial francês. Napoleão era o ditador de

um estado francês tão anticlerical que muitos na Europa especulavam que ele era o Anticristo.

Diz a lenda que, numa discussão com um cardeal, Napoleão apontou que tinha o poder de destruir a igreja.

"Vossa Majestade", respondeu o cardeal, "nós, o clero, fizemos o nosso melhor para destruir a igreja nos últimos mil e oitocentos anos. Não tivemos sucesso e você também não."

Quatro anos depois de expulsar os beneditinos da sua casa de quase um milénio, o império de Napoleão estava em ruínas e ele estava no exílio. Hoje, o som dos cantos gregorianos pode mais uma vez ser ouvido na cidade natal do santo, uma melodiosa repreensão ao imperador apóstata. Às vezes, o passado, como disse um romancista americano, nem sequer é passado.

O Mosteiro de São Bento não é o primeiro mosteiro beneditino do mundo. Os monges só se estabeleceram nesta cidade no século X (ou possivelmente antes; os registos escritos datam apenas dos anos 900). A maioria dos homens que refundaram o mosteiro são jovens americanos que escolheram entregar as suas vidas inteiramente a Deus como monges beneditinos – e não apenas como monges, mas como beneditinos empenhados em viver a plenitude da sua tradição.

Ao instalar-me no silêncio do meu quarto de hóspedes no mosteiro, depois de uma manhã em Norcia, refleti sobre quão improvável era que desta pequena cidade no alto das montanhas viesse a centelha que manteve viva a luz da fé na Europa durante tempos muito difíceis. Essa centelha brilhou em um mundo quando, nas palavras da leiga beneditina inglesa Esther de Waal, "a vida era uma luta urgente para dar sentido ao que estava acontecendo".[1] Como hoje, pensei, e depois adormeci. dormir.

Na manhã seguinte encontrei o Padre Cassiano dentro do mosteiro para uma conversa. Ele é alto, seu cabelo curto

e barba são grisalhos e seu comportamento é sério e, bem, semelhante ao de um monge. Mas quando ele fala, em seu barítono gentil, você sente como se estivesse falando com seu próprio pai. O Padre Cassiano fala de forma calorosa e poderosa da integridade e da alegria da vida beneditina, que é tão diferente daquela do nosso fragmentado mundo moderno.

Embora os monges daqui tenham rejeitado o mundo, "não existe apenas um não; há um sim também", diz padre Cassiano. "Acontece que rejeitamos o que não dá vida e construímos algo novo. E passamos muito tempo na reconstrução, e as pessoas também veem isso, e é por isso que as pessoas migram para o mosteiro. Temos tanto envolvimento com hóspedes e peregrinos que chega a ser cansativo. Mas é isso que fazemos. Estamos reconstruindo. Esse é o sim que as pessoas precisam ouvir."

Reconstruir o quê? Perguntei.

"Para usar a frase do Papa Bento XVI, que ele repetiu muitas vezes, o mundo ocidental vive hoje como se Deus não existisse", diz ele. "Eu acho que isso é verdade. Fragmentação, medo, desorientação, deriva – essas são características amplamente difundidas da nossa sociedade."

Sim, pensei, isso está exatamente certo. Quando perdemos a nossa religião cristã na modernidade, perdemos aquilo que nos unia e aos nossos vizinhos e nos ancorou tanto na ordem eterna como na ordem temporal. Estamos à deriva na modernidade líquida, sem rumo para casa.

E este monge estava me contando que ele e seus irmãos no mosteiro se viam trabalhando na restauração da crença cristã e da cultura cristã. Que beneditino. Inclinei-me para ouvir mais.

Este mosteiro, explicou o Padre Cassiano, e a vida de oração dentro dele, existem como um sinal de contradição com o mundo moderno. As grades de proteção

desapareceram e o mundo corre o risco de cair de um penhasco, mas estamos tão capturados pelas luzes e pelo movimento da vida moderna que não reconhecemos o perigo. As forças de dissolução da cultura popular são demasiado grandes para que os indivíduos ou as famílias possam resistir por si próprios. Precisamos nos inserir em comunidades estáveis de fé.

A Regra de Bento XVI é um conjunto detalhado de instruções sobre como organizar e governar uma comunidade monástica, na qual monges (e separadamente, freiras) vivem juntos na pobreza e na castidade.[2] Isso é comum a toda vida monástica, mas a Regra de Bento XVI acrescenta três votos distintos: obediência, estabilidade (fidelidade à mesma comunidade monástica até a morte) e conversão de vida, o que significa dedicar-se ao trabalho vitalício de aprofundamento do arrependimento. A Regra também inclui instruções para dividir cada dia em períodos de oração, trabalho e leitura das Escrituras e de outros textos sagrados. O santo ensinou aos seus seguidores como viver separados do mundo, mas também como tratar os peregrinos e estrangeiros que chegam ao mosteiro.

Longe de ser um modo de vida para os fortes e disciplinados, a Regra de Bento XVI era para os comuns e fracos, para ajudá-los a crescer mais fortes na fé. Quando Bento XVI começou a formar os seus mosteiros, era prática comum os monásticos adoptarem uma regra de vida escrita, e a Regra de Bento XVI era uma versão simplificada e (embora nos pareça bastante rigorosa) suavizada de uma regra anterior. Bento XVI tinha um notável sentimento de compaixão pela fragilidade humana, dizendo no prólogo da Regra que esperava introduzir “nada duro e pesado”, mas apenas ser suficientemente rigoroso para fortalecer os corações dos irmãos “para percorrer o caminho dos mandamentos de Deus”. com doçura e amor indescritíveis.” Ele instruiu seus abades a governarem

como pais fortes, mas compassivos, e a não sobrecarregarem os irmãos sob sua autoridade com coisas que eles não são fortes o suficiente para lidar.

Por exemplo, no capítulo que dá a ordem do trabalho manual, Bento XVI diz: “Que todas as coisas sejam feitas com moderação, porém, por causa dos tímidos”. Isto é característico da sabedoria de Bento XVI. Ele não queria quebrar seus filhos espirituais; ele queria construí-los.

Apesar das instruções muito específicas encontradas na Regra, esta não é uma lista de verificação para o legalismo. “O propósito da Regra é libertar você. Este é um paradoxo que as pessoas não compreendem facilmente”, disse o Padre Cassiano.

Se tiver um campo coberto de água devido a uma drenagem deficiente, explicou ele, as culturas não crescerão ali ou apodrecerão. Se você não drenar, terá um pântano e doenças. Mas se você conseguir cavar um canal de drenagem, o campo se tornará saudável e útil. Além do mais, uma vez que a água fique contida dentro das paredes do canal, ela fluirá com força e poderá realizar coisas.

“Uma Regra funciona assim, para canalizar a sua energia espiritual, o seu trabalho, a sua atividade, para que você seja capaz de realizar algo”, disse Padre Cassiano.

“A vida monástica é muito simples”, continuou ele. “As pessoas de fora talvez tenham uma visão romântica, talvez o que veem na televisão, de monges flutuando pelo claustro. Existe isso, e isso é atraente, mas basicamente, os monges levantam-se de manhã, rezam, fazem o seu trabalho, rezam um pouco mais. Eles comem, oram, trabalham mais um pouco, oram mais um pouco e depois vão para a cama. É bastante simples, assim como a maioria das pessoas. A genialidade de São Bento é encontrar a presença de Deus na vida cotidiana”.

Pessoas ansiosas, confusas e em busca de respostas rapidamente buscam soluções nas páginas dos livros ou na internet, em busca daquele “aplicativo matador” que vai

consertar tudo. A Regra nos diz: Não, não é assim. Você só pode alcançar a paz e a ordem que procura criando um lugar em seu coração e em sua vida diária para que a graça de Deus crie raízes. A graça divina é dada gratuitamente, mas Deus não nos forçará a recebê-la. É necessário um esforço constante da nossa parte para sair do caminho de Deus e deixar que a Sua graça nos cure e nos mude. Para este fim, o que pensamos não importa tanto quanto o que fazemos – e quão fielmente o fazemos.

Um homem que quer entrar em forma e leu os melhores livros de musculação não chegará a lugar nenhum, a menos que aplique esse conhecimento na alimentação saudável e na prática de exercícios diários. Isso exige força de vontade sustentada. Com o tempo, se for fiel às práticas necessárias para atingir seu objetivo, o homem começará a gostar tanto de comer bem e de se exercitar que não será levado a fazê-lo pela força de vontade, mas sim atraído pelo amor. Ele terá treinado seu coração para desejar o bem.

O mesmo acontece com a vida espiritual. A crença correta (ortodoxia) é essencial, mas manter as doutrinas corretas em sua mente não adianta muito se seu coração – a sede da vontade – permanecer não convertido. Isso requer colocar essas crenças corretas em ação através da prática correta (ortopraxia), que com o tempo alcança o objetivo que Paulo estabeleceu para Timóteo quando lhe ordenou que "disciplina-te para o propósito da piedade" (1 Timóteo 4:7).

O autor de 2 Pedro explica bem a forma como a mente, o coração e o corpo trabalham em harmonia para o crescimento espiritual:

> Agora, por esta mesma razão também, aplicando toda diligência, em sua fé forneça excelência moral, e em sua excelência moral, conhecimento, e em seu conhecimento, autocontrole, e em seu autocontrole,

> perseverança, e em sua perseverança, piedade , e na sua piedade, bondade fraternal, e na sua bondade fraternal, amor. Pois se essas qualidades são suas e estão aumentando, elas não o tornam nem inútil nem infrutífero no verdadeiro conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. (2 Pedro 1:5-8)

Embora cite as Escrituras em quase todos os seus curtos capítulos, a Regra não é o Evangelho. É uma estratégia comprovada para viver o Evangelho de uma forma intensamente cristã. É um manual de instruções sobre como moldar a vida em torno do serviço de Jesus Cristo, dentro de uma comunidade forte. Não é uma coleção de máximas teológicas, mas um manual de práticas através do qual os crentes podem estruturar suas vidas em torno da oração, da Palavra de Deus e da consciência cada vez mais profunda de que, como diz o santo, “a presença divina está em toda parte, e que 'os olhos do Senhor contemplam os bons e os maus em todo lugar'” (Provérbios 15:3).

A Regra é para os monásticos, obviamente, mas os seus ensinamentos são suficientemente claros para serem adaptados pelos cristãos leigos para seu próprio uso. Fornece um guia para uma vida cristã séria e sustentada, que nos reordena interiormente, reunindo o que está disperso no nosso coração e orientando-o para a oração. Se aplicado de forma eficaz, disciplina a vida que partilhamos com os outros, derrubando barreiras que impedem o amor de Deus de passar entre nós, e torna-nos mais resilientes sem endurecer os nossos corações.

Na Opção Bento, não tentamos revogar setecentos anos de história, como se isso fosse possível. Nem estamos tentando salvar o Ocidente. Estamos apenas a tentar construir um modo de vida cristão que se mantenha como uma ilha de santidade e estabilidade no meio da maré alta da modernidade líquida. Não pretendemos criar o paraíso

na terra; estamos simplesmente procurando uma maneira de sermos fortes na fé durante um período de grandes testes. A Regra, com a sua visão de uma vida ordenada centrada em Cristo e nas práticas que prescreve para aprofundar a nossa conversão, pode ajudar-nos a alcançar esse objetivo.

Ordem

Se uma característica definidora do mundo moderno é a desordem, então o ato de resistência mais fundamental é estabelecer a ordem. Se não tivermos ordem interna, seremos controlados pelas nossas paixões humanas e pelas poderosas forças externas que têm maior controlo na direcção das correntes profundas da modernidade líquida.

Para o cristão tradicional, estabelecer a ordem interna não é mera disciplina, nem é simplesmente um ato de vontade. Pelo contrário, é o que o teólogo Romano Guardini chamou de esforços do homem para "recuperar a sua relação correta com a verdade das coisas, com as exigências do seu próprio eu mais profundo e, finalmente, com Deus".[3] Isto significa a descoberta da ordem. , o logos, que Deus escreveu na natureza da Criação e procurando viver em harmonia com ela. Implica também a compreensão dos limites naturais dentro do dado da Criação, em oposição a acreditar que a natureza é algo que podemos negar ou refutar, de acordo com os nossos próprios desejos. Finalmente, significa disciplinar a própria vida para viver uma vida que glorifique a Deus e ajude os outros.

A ordem não é simplesmente uma questão de lei e de sua aplicação. Na visão cristã clássica, a própria lei depende de uma concepção mais profunda de ordem, de uma ideia da forma como a realidade última é construída. Esta ordem

pode ser invisível, mas é acreditada e internalizada por aqueles que vivem numa comunidade que a professa. O objetivo da vida, para os indivíduos, para a igreja e para o Estado, é buscar a harmonia com essa ordem transcendente e eterna.

Para ordenar o mundo corretamente como os cristãos, é necessário considerar todas as coisas como apontando para Cristo. O Capítulo 19 da Regra oferece um exemplo sucinto da conexão entre um ensino disciplinar e a ordem invisível. Nele, Bento XVI instrui seus monges a manterem suas mentes focadas na presença de Deus e de Seus Anjos quando estiverem empenhados em cantar o Ofício Divino, chamado de opus Dei ou "obra de Deus".

"Acreditamos que a presença divina está em toda parte e que 'os olhos do Senhor olham para o bem e para o mal em todo lugar'" (Provérbios 15:3), escreve Bento XVI. "Mas devemos acreditar nisso principalmente sem qualquer dúvida quando estamos auxiliando na Obra de Deus." Ele conclui com uma admoestação para lembrar que quando rezam os Salmos juntos, eles estão diante de Deus e devem orar "de tal maneira que a nossa mente esteja em harmonia com a nossa voz".

A vida de cada monge e todos os seus trabalhos devem ser direcionados ao serviço de Deus. A Regra ensina que Deus deve ser o início e o fim de todas as nossas ações. Ligar a nossa paixão espiritual ao ritmo da vida quotidiana e às suas disciplinas, e fazê-lo com outros na nossa família e na nossa comunidade, é construir um forte alicerce de fé, dentro do qual alguém pode tornar-se plenamente humano e plenamente cristão.

Como resultado da sua orientação para Cristo, os monges reconhecem que Ele é o Criador, Aquele em quem todas as coisas consistem, e que o homem não é a medida de todas as coisas. Ao contrário dos sucessores seculares dos nominalistas, o monge beneditino não acredita que as coisas do mundo só tenham significado se as pessoas

decidirem dar-lhes significado. O monge afirma que o significado existe objetivamente, dentro do mundo natural criado por Deus, e existe para ser descoberto pela pessoa que se desapegou de suas próprias paixões e que busca ver como Deus vê.

“Não se pode apegar-se às coisas criadas, porque acabaremos vendo-as como ordenadas para nós mesmos”, disse o irmão Evagrius Hayden, de 31 anos. "Isto está errado. Não somos nós que damos sentido às coisas. Deus dá sentido às coisas.”

Finalmente, os monges não medem esforços para garantir que cada detalhe das suas vidas reflecte Cristo como o fim e como a fonte de todo o significado. Alguns desses comprimentos parecem surpreendentemente não espirituais. No capítulo 22, por exemplo, Bento XVI dá instruções sobre como os monges devem dormir – “vestidos e cingidos com cintos ou cordas”.

No entanto, mesmo estas regras aparentemente arbitrárias servem um propósito espiritual. Em alguns casos, isto acontece porque as regras libertam os monges para certos fins práticos. Por exemplo, Bento XVI explica que as regras sobre o vestuário são para garantir que os monges estejam vestidos de modo que possam levantar-se no meio da noite para rezar os ofícios noturnos, ou orações programadas, sem demora.

Mas e as regras cuja lógica é menos aparente? Será que Deus realmente se importa com o tipo de roupa de cama que um monge usa? Ou quantos pratos de comida são servidos no jantar? Por que alguém se submeteria voluntariamente a um modo de vida tão regulamentado? O Padre Basil Nixen, de trinta e seis anos, cozinheiro do mosteiro, disse que a Regra e mesmo as suas regras mais invulgares não existem por razões arbitrárias.

“O monge está profundamente consciente do fato de que em si mesmo e nos outros essa ordem foi perturbada, foi perturbada pela Queda, pelo pecado original e pelo pecado

pessoal de cada pessoa", disse o Padre Basil. "O monge entra no mosteiro sabendo que encontrar essa ordem não é fácil. Você tem que lutar por isso, trabalhar para isso e ter paciência para alcançá-lo. Mas vale a pena, porque essa ordem nos dá paz."

Submeter-se a regras que não entendemos é difícil, mas é uma boa maneira de neutralizar o desejo carnal de independência pessoal. Pode não haver mérito espiritual em escolher comer dois pratos em vez de três numa refeição, mas a humildade que advém de concordar em submeter-se à decisão de outra pessoa de o fazer é transformadora.

A ordem do mosteiro produz não só humildade, mas também resiliência espiritual. Num certo sentido, os monges beneditinos de Norcia são como um Corpo de Fuzileiros Navais da vida religiosa, treinando constantemente para a guerra espiritual.

"A estrutura da vida no mosteiro, as coisas que se fazem todos os dias, não são apenas repetições inúteis", disse o irmão Augustine Wilmeth, de 25 anos, cuja barba ruiva estilo viking lhe toca o peito. "É treinar seu coração e seu espírito para que, quando você precisar, quando não se sentir forte o suficiente para superar um momento difícil, você volte ao treinamento. Você sabe que não seria forte o suficiente para fazer isso se não tivesse trabalhado nisso e colocado todas as coisas auxiliares no lugar."

Em outras palavras, ordenar as ações é realmente treinar o coração para amar e desejar as coisas certas, as coisas que são reais, sem ter que pensar sobre isso. É adquirir virtude como um hábito.

Você nunca sabe como Deus usará as pequenas coisas em uma vida ordenada por Seu amor, para Seu serviço, para falar evangelicamente aos outros, disse o Irmão Ignatius Prakarsa, mestre convidado do mosteiro. No verão, a basílica do mosteiro enche-se de turistas, muitos dos quais são cristãos decaídos ou incrédulos, que se

sentam calmamente para ver os monges entoarem as suas orações regulares em latim.

Mais tarde, quando o irmão Inácio os encontra nos degraus da igreja, os visitantes muitas vezes lhe dizem que o canto era tão pacífico, tão bonito.

"Eu digo a eles que estamos apenas orando ao Senhor. Estamos apenas abrindo a boca para cantar a beleza que já está na música", ele me disse. "Tudo é evangélico. Tudo está direcionado para Deus. Tudo tem que ser visto do ponto de vista sobrenatural. O brilho que atravessa nossas vidas é apenas um reflexo de Deus. Em nós mesmos, não somos nada."

Oração

Esse brilho é fruto de uma oração profunda e constante. O Apóstolo Paulo disse à igreja em Tessalônica para "orar sem cessar" (1 Tessalonicenses 5:17). Os beneditinos consideram que toda a sua vida é uma tentativa de cumprir este mandamento. A rigor, oração é comunicação, privada ou comunitária, com Deus. De forma mais ampla, a oração é manter uma consciência infalível da presença divina e fazer todas as coisas com Ele em mente. Na vida beneditina, a oração regular está no centro da existência da comunidade.

Orar é envolver-se na contemplação. A palavra tem um significado particular para os monásticos. Refere-se ao que eles acreditam ser o estado mais elevado da vida cristã: libertar-se dos cuidados da carne para adorar e louvar a Deus e refletir sobre a Sua verdade. Isto está em oposição à vida ativa, que consiste em fazer boas obras no mundo.

Pense na história evangélica das irmãs Marta e Maria. Quando Jesus chegou à casa deles, Marta ocupou-se com os preparativos, mas Maria sentou-se aos pés de Jesus e ouviu

o que Ele tinha a dizer. Quando Marta reclamou com Jesus que Maria não a estava ajudando, o Senhor respondeu que Maria havia escolhido o melhor caminho.

Por que? Porque como Jesus disse quando repreendeu Satanás: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4). É importante fazer coisas para o Senhor, mas é mais importante conhecê-lo com o coração e com a mente. E é por isso que a contemplação tem prioridade.

“A oração é a vida da alma, é a vida de cada monge individualmente. É por isso que viemos morar aqui”, disse o padre Basil. “O objetivo da nossa vida como monges é aprofundar a vida de oração, crescer na oração. Tudo o que fazemos é estruturado para ajudar a favorecer isso, para ser propício para isso. A oração nos coloca em comunicação com Deus”.

Os monges beneditinos passam muito tempo com Deus. Sete vezes por dia eles se reúnem ao redor do altar da basílica para entoar as orações designadas para o Ofício Divino, também conhecido como Liturgia das Horas. Estas são orações específicas que os monges católicos (e outros) recitaram durante séculos para marcar as horas do dia. Estes consistem em salmos, hinos, leituras bíblicas e orações.

Para os monges, a oração não consiste simplesmente em palavras que falam. Cada monge passa várias horas diariamente fazendo lectio divina, um método beneditino de estudo das Escrituras que envolve a leitura de uma passagem bíblica, meditando sobre ela, orando sobre ela e, finalmente, contemplando seu significado para a alma.

A ideia não é estudar a Bíblia como um estudioso faria, mas sim encontrá-la como Deus falando diretamente ao indivíduo. Neste sentido, um monge que se mergulha nas Escrituras, conforme orienta a Regra, realiza uma forma de oração.

E não é o único.

“Cantamos quando rezamos, ficamos de pé, sentamos, nos curvamos, nos ajoelhamos, nos prostramos”, disse Padre Cassiano. “O corpo está muito envolvido na oração. Não é apenas algum tipo de meditação intelectual. Isso é importante."

Quando se avança na oração, disse o Padre Basílio, compreende-se que a oração não consiste tanto em pedir coisas a Deus, mas simplesmente em estar na Sua presença.

Contei ao padre como, em resposta a uma crise pessoal, meu próprio padre ortodoxo na Louisiana me designou uma regra estrita de oração diária, rezando a Oração de Jesus (“Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim, um pecador ”) por cerca de uma hora todos os dias. No começo foi enfadonho e difícil, mas fiz isso por obediência. Todos os dias, durante uma hora aparentemente interminável, oração silenciosa. Com o tempo, porém, a hora pareceu muito mais curta e descobri que a paz que visivelmente me faltava em minha alma veio à tona.

Depois que fui curado espiritualmente, meu sacerdote explicou seu raciocínio para me orientar a me entregar àquela simples oração meditativa: “Eu tive que tirar você da cabeça”.

Ele quis dizer que eu era cativo de uma tendência intelectual de tentar encontrar uma saída para meus problemas — uma estratégia que sempre terminava em fracasso para mim. O que eu realmente precisava fazer era aquietar minha mente e acalmar meu coração para abri-lo à graça de Deus. Ele estava certo.

“É isso”, disse o padre Basil. “Isso é a oração pura: estar com Deus. Isso pode acontecer de muitas maneiras diferentes, mas como você descobriu com a Oração de Jesus, isso leva tempo. Você tem que reservar um tempo para isso.”

O padre Benedict Nivakoff, nascido em Connecticut, de trinta e oito anos, passou quase metade de sua vida nesta

comunidade monástica. Ele diz que “se alguém puder aceitar que a vontade de Deus se manifesta em tudo o que fizer durante todo o dia, então todo o dia se tornará uma oração”.

Se passarmos todo o nosso tempo em atividade, mesmo quando essa atividade serve a Cristo, e negligenciarmos a oração e a contemplação, colocaremos a nossa fé em perigo. O teórico da mídia dos anos 1960, Marshall McLuhan, um cristão praticante, disse certa vez que todos que ele conhecia e que perderam a fé começaram por parar de orar. Se quisermos viver vidas cristãs corretamente ordenadas, então a oração deve ser a base de tudo o que fazemos.

Trabalhar

Isto não significa que a vida ativa deva ser evitada. Pelo contrário, deveria ser integrada numa vida ordenada pela oração. O bom trabalho é fruto de uma vida saudável de oração. Se você sabe alguma coisa sobre os beneditinos, provavelmente já ouviu falar que seu lema é ora et labora – latim para “oração e trabalho”. Não é estritamente verdade. São Bento nunca disse isso e, embora os monges beneditinos contemporâneos tenham reivindicado o slogan como seu, ele só entrou em uso no século XIX.

Ainda assim, não é uma má descrição da abordagem beneditina geral da vida. “A ociosidade é inimiga da alma”, diz São Bento no capítulo 48 da Regra. A ideia é que ficar ocioso é abrir a porta para a preguiça. Mas o trabalho não é simplesmente algo que você faz para ficar longe de problemas. O santo esperava que cada um de seus mosteiros fosse autossustentável e, incomum para um romano de sua época, ensinava que o trabalho manual poderia ser um ato santificador.

Embora sejam contemplativos, os monges não devem reclamar do trabalho manual, orienta Bento XVI. “Pois então eles são verdadeiramente monásticos quando vivem do trabalho de suas mãos, como fizeram nossos Padres e os Apóstolos.”

Esta é uma sabedoria prática para nós, modernos, que tendemos a ter uma relação desordenada com o nosso trabalho. Alguns de nós nos definimos pelo nosso trabalho e nos dedicamos a ele desmedidamente, às custas da contemplação. Outros, porém, veem o trabalho como algo que fazemos para pagar as contas, nada mais, considerando-o desconectado do resto da vida, especialmente da nossa vida espiritual.

Isso é um erro, diz a Regra. A obra não deve servir a nós mesmos, mas a Deus e somente a Deus. Num capítulo que instrui os artesãos monásticos, Bento XVI diz que se eles se orgulharem do seu trabalho, o abade deve encontrar outra coisa para eles fazerem. A humildade cristã é muito importante. E os monges devem ser escrupulosamente honestos nos seus negócios, diz o santo. A razão? Porque em todas as coisas Deus deve ser glorificado.

É assim que devemos encarar o nosso trabalho: como oportunidades para glorificar a Deus.

Mais profundamente, os beneditinos veem o seu trabalho como uma expressão de amor e administração da comunidade e como uma forma de reordenar o mundo natural em harmonia com a vontade de Deus.

Lembre-se que para o monge tudo é um presente de Deus e deve ser tratado como sagrado. Todo pensamento e ato humano deve ser centrado e direcionado a Deus e estar unido Nele e a Ele. E nós, homens e mulheres, somos participantes no desenvolvimento da Criação de Deus, ordenando o mundo de acordo com a Sua vontade.

Visto desta forma, o trabalho assume uma nova dimensão. Para o cristão, o trabalho tem valor sacramental.

“A criação dá louvor a Deus. Damos louvor a Deus através da Criação, através do mundo material e nas nossas áreas de trabalho”, explicou o Padre Martin Bernhard, trinta e dois anos. “Sempre que pegamos algo neutro, algo material, e fazemos algo com isso para dar glória a Deus, isso se torna sacramental, se torna um canal de graça”.

O cozinheiro do mosteiro, padre Basílio, descreveu o seu trabalho na preparação das refeições para os irmãos como uma forma de purificação, de perfeição, tanto a nível humano como sobrenatural.

“Por meio do trabalho na cozinha, estou estabelecendo a ordem. Estou exercendo a governança que Deus me deu do mundo criativo”, disse ele. “Do ponto de vista humano, o trabalho é muito importante porque nos ajuda a exercer o domínio ordenado por Deus sobre a terra. E do ponto de vista prático, fornece para nós e para os outros. É importante sabermos que através do nosso trabalho estamos dando uma contribuição importante para a comunidade.”

E em um nível sobrenatural?

“Em última análise, o trabalho serve como expressão de caridade, de amor, e é isso que todo trabalho realmente deveria ser”, explicou o Padre Basil. “Esta é uma lição que temos que trabalhar durante toda a nossa vida para aprender. Trabalho não é algo que faço para conseguir alguma coisa. Fazer isso me faz bem, é constitutivo da minha felicidade, porque nele e através dele demonstro amor ao próximo.

“Somos chamados ao amor”, acrescentou. “O trabalho é uma forma concertada de mostrar nosso amor pelos outros. Nesse sentido, pode tornar-se muito transformador – e também muito cheio de oração.”

“Muitas vezes é visto como um fardo e não precisa ser assim. Se encararmos o trabalho como um fardo, algo está errado aqui”, disse ele, apontando para o seu coração. “O

problema precisa ser resolvido principalmente aqui, no coração."

Nos dias que virão, as circunstâncias obrigarão os cristãos – especialmente aqueles que exercem certas profissões – a repensar a nossa relação com o nosso trabalho. Em alguns casos, nos mostrarão a porta por causa de nossas crenças. Noutros, as portas nunca se abrirão – e se o fizerem, os homens e mulheres de consciência não serão capazes de atravessá-las. Isto vai custar-nos dinheiro e prestígio e talvez satisfação profissional. Reorientar a forma como concebemos o trabalho de uma forma mais centrada em Deus e beneditina nos ajudará a tomar a decisão certa quando formos postos à prova no local de trabalho e nos fortalecerá quando formos forçados a encontrar outra profissão.

Ascetismo

Será difícil aceitar o fechamento de certas profissões aos fiéis cristãos ortodoxos. Na verdade, é difícil para os crentes contemporâneos imaginarem, em parte porque, como americanos, não estamos habituados a aceitar limites às nossas ambições. No entanto, está chegando o dia em que o tipo de coisa que aconteceu com padeiros, floristas e fotógrafos de casamento cristãos será muito mais difundido. E muitos de nós não estamos preparados para sofrer privações pela nossa fé.

É por isso que o ascetismo – assumir rigores físicos em prol de um objetivo espiritual – é uma parte tão importante da vida cristã comum. Tomemos como exemplo o jejum, a forma mais comum de ascetismo cristão. Jesus mostrou-nos pelo seu próprio exemplo, quando jejuou durante quarenta dias no deserto após o Seu batismo – isto, para se preparar para o Seu ministério público. Foi durante esse jejum que

Satanás apareceu ao Senhor e o tentou a transformar uma pedra em pão para saciar sua fome. Jesus recusou, afirmando a primazia da Palavra de Deus e mostrando que dominar os desejos corporais é extremamente importante para o crescimento espiritual.

Ascetismo vem da palavra grega askesis, que significa "treinamento". A vida prescrita pela Regra é totalmente ascética. Os monges jejuam regularmente, vivem com simplicidade, recusam conforto e cumprem as regras estritas do mosteiro. Esta não é uma questão de obter mérito espiritual. Em vez disso, o monge conhece o coração humano e como as suas paixões devem ser controladas através de uma vida disciplinada. O ascetismo é um antídoto para o veneno do egocentrismo comum na nossa cultura, que nos ensina que satisfazer os nossos próprios desejos é a chave para uma vida boa. O asceta sabe que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada vivendo em harmonia com a vontade de Deus, e as práticas ascéticas treinam corpo e alma para colocar Deus acima de si mesmo.

O ascetismo, especialmente o jejum de acordo com o calendário da Igreja, foi durante a maior parte da história cristã uma parte normal da vida de cada crente. "Mas você, quando jejuar, unja a cabeça e lave o rosto", diz Jesus no Evangelho de Mateus (6:17), indicando que a abstinência periódica de alimentos por motivos religiosos era uma prática padrão. No primeiro século, os cristãos jejuavam às quartas e sextas-feiras, em memória da traição e crucificação de Cristo – uma prática ascética ainda hoje observada pelos cristãos ortodoxos orientais.

Um cristão que pratica o ascetismo treina-se para dizer não aos seus desejos e sim a Deus. Essa mentalidade praticamente desapareceu do Ocidente nos tempos modernos. Tornamo-nos um povo orientado para o conforto. Esperamos que nossa religião seja confortável. O sofrimento não faz sentido para nós. E sem o jejum e outras

disciplinas ascéticas, perdemos a capacidade de dizer não a nós mesmos às coisas que o nosso coração deseja.

Redescobrir o ascetismo cristão é urgente para os crentes que querem treinar os seus corações, e os corações dos seus filhos, para resistir ao hedonismo e ao consumismo que estão no cerne da cultura contemporânea. E é necessário nos ensinar profundamente como Deus usa o sofrimento para nos purificar para Seus propósitos. O sofrimento ascético é um método para evitar tornar-se como aqueles monges chamados de "detestáveis" por São Bento na Regra – "o pior tipo de monge", ou seja, aqueles cuja "lei é o desejo de autogratificação".

Nos ensinamentos dos Padres do Deserto, cada cristão luta para erradicar todos os desejos dentro dos seus corações que não se harmonizam com a vontade de Deus. O Irmão Agostinho explicou como isso funciona.

"É como se você estivesse fortalecendo sua vontade", disse ele. "Você pode estar em um período de jejum e seu estômago está roncando porque você não consegue comer antes das cinco e meia. E então você pensa: 'Se eu não consigo ficar sem comer por algumas horas, como posso esperar controlar minhas paixões mais espirituais, como raiva, inveja e orgulho? Como posso esperar ter alguma autodisciplina espiritual e moral se não começar primeiro com os desejos materiais mais tangíveis?'"

Além disso, como disse o Padre Benedict, o ascetismo pode ser um alerta para os espiritualmente preguiçosos. "Muitas vezes estamos mais longe de Deus do que imaginamos", disse ele. "O ascetismo serve como um lembrete saudável de como as coisas são. Não é um castigo por estar tão longe."

A pessoa com excesso de peso faz dieta não para se punir por ser pesada, mas para se tornar mais saudável. O atleta se exercita não porque se sinta culpado por ficar sentado assistindo TV, mas para treinar seu corpo para a competição. O mesmo acontece com os monges e o seu

ascetismo – e o mesmo deve acontecer connosco, cristãos leigos. Praticamos a abnegação para nos fortalecermos no amor e no serviço de Cristo e do Seu povo.

"O sofrimento faz parte da busca de Jesus Cristo, que sofreu primeiro antes de Sua glória", disse o irmão Ignatius. "Para encontrar Deus, você também precisa sofrer e estar disposto a experimentar o sofrimento".

Reaprender o ascetismo – isto é, como sofrer pela fé – é uma formação crítica para os cristãos que vivem no mundo de hoje e no mundo do futuro próximo. "Não existe grandeza que não esteja profundamente fundamentada na autoconquista e na abnegação", disse Romano Guardini, que explicou que todas as formas de ordem devem começar com o domínio de si mesmo e de seus desejos.[4]

"O chamado cristão é um paradoxo: somos chamados a estar no mundo, mas não ser do mundo", diz o irmão Evagrius. "Esse paradoxo foi vivido na igreja primitiva, no Império Romano, onde era uma cultura totalmente pagã, mas havia indivíduos e famílias que sentiam o chamado de Cristo e abandonavam tudo para segui-Lo, até para serem martirizados.

"Até que realmente retornemos a esse modelo", disse ele, "nada do que fizermos dará frutos".

Estabilidade

Nesse sentido, uma árvore que é repetidamente arrancada e transplantada terá dificuldade em produzir frutos saudáveis. O mesmo acontece com as pessoas e suas vidas espirituais. A falta de raízes não é um problema novo. No primeiro capítulo da Regra, São Bento denunciou o tipo de monge que ele chamava de "girovague".

"Eles passam a vida inteira vagando de província em província", escreveu ele, acrescentando que "estão sempre

em movimento, sem estabilidade, satisfazem suas próprias vontades" – e são ainda piores, disse o santo, do que os monges hedonistas. cuja única lei é o desejo.

Se você pretende criar raízes espirituais, ensinou Benedict, você precisa permanecer no mesmo lugar por tempo suficiente para que elas se aprofundem. A Regra exige que os monges façam um voto de "estabilidade" – o que significa que, salvo circunstâncias incomuns, incluindo ser enviado como missionário, o monge permanecerá pelo resto da sua vida no mosteiro onde fez os votos.

"É aqui que a vida beneditina é provavelmente mais contracultural", disse o Padre Benedict. "É a vida de Maria, não de Marta: permanecer aos pés de Cristo, não importa o que digam que você não está fazendo."

A Bíblia mostra-nos que Deus chama algumas pessoas para se levantarem e se moverem para alcançar os Seus propósitos, reconheceu o Padre Benedict. "Ainda assim, numa cultura como a nossa, onde todos estão sempre em movimento, o chamado beneditino para ficar parado, não importa o que aconteça, pode suscitar novas e importantes formas de servir a Deus".

Zygmunt Bauman diz que a modernidade líquida obriga-nos a recusar a estabilidade porque é um jogo de tolos. "O centro da estratégia de vida pós-moderna não é a construção de identidade, mas evitar a fixação", escreve ele.[5] Na análise implacável de Bauman, para ter sucesso hoje, você precisa estar livre de todos os compromissos, livre do passado ou do futuro. , vivendo em um presente eterno. O mundo muda tão rapidamente que quem é leal a qualquer coisa, até mesmo à sua própria identidade, corre um risco enorme.

Em vez de acreditar que a estrutura é boa e que os deveres para com o lar e a família nos levam a viver correctamente, as pessoas hoje foram enganadas pela modernidade líquida, levando-as a acreditar que maximizar

a felicidade individual deveria ser o objectivo da vida. O girovague, vilão da Regra de São Bento, é o herói da pós-modernidade.

Durante a maior parte da minha vida, teria sido justo me chamar de girovague. Mudei de emprego em emprego, subindo na carreira. Em apenas vinte anos da minha vida adulta, mudei de cidade cinco vezes e de denominação duas vezes. Minha irmã mais nova, Ruthie, por outro lado, permaneceu na pequena cidade da Louisiana onde fomos criados. Ela se casou com seu namorado do ensino médio, lecionou na mesma escola que frequentávamos quando crianças e criou os filhos na mesma igreja do interior.

Quando ela foi acometida de câncer terminal em 2010, vi o imenso valor da estabilidade que ela havia escolhido. Ruthie tinha uma ampla e profunda rede de amigos e familiares para cuidar dela, do marido e dos filhos durante sua provação de dezenove meses. O amor que a comunidade de Ruthie derramou sobre ela e sua família tornou a luta suportável, tanto em sua vida quanto após sua morte. O testemunho do poder da estabilidade na vida de minha irmã comoveu meu coração tão profundamente que minha esposa e eu decidimos deixar a Filadélfia e nos mudar para o sul da Louisiana para ficar perto de todos eles.

É claro que nem todos são chamados a regressar à sua cidade natal, mas todos deveriam pensar profundamente sobre os custos espirituais e emocionais da liberdade do girovague que nós, americanos contemporâneos, tomamos como nosso direito de nascença. Em certo sentido, o que parece ser liberdade pode na verdade ser uma forma de escravidão.

O Padre Martin disse que aqueles que pensam que a estabilidade se destina a atrasar-nos e a sufocar o crescimento pessoal e espiritual, estão a perder o valor oculto no compromisso com a estabilidade. Ele ancora você e lhe dá a liberdade que advém de não estar sujeito ao

vento, às ondas e às correntes da vida diária. Cria as condições ordenadas nas quais a peregrinação interna da alma em direção à santidade se torna possível.

Ou, como disse o Padre Martin: “A estabilidade dá-nos o tempo e a estrutura para nos aprofundarmos em quem somos como filhos de Deus”.

Comunidade

O desenraizamento da vida contemporânea desgastou os laços comunitários. É comum agora encontrar pessoas que não conhecem seus vizinhos e não querem realmente conhecê-los. Fazer parte de uma comunidade é compartilhar sua vida. Isso inevitavelmente impõe exigências ao indivíduo que limitam sua liberdade.

A igreja nem sempre é um sinal de contradição com esta moderna falta de comunidade. Na primeira década da minha vida como cristão adulto, deixei a igreja assim que os cultos terminaram. Envolver-se com as pessoas de lá não era interessante. Apenas Jesus e eu éramos tudo que eu queria e precisava, ou assim pensei. Poderíamos dizer que eu não estava interessado em participar da peregrinação deles, que preferia ser turista na igreja – e era muito imaturo espiritualmente para entender o quão prejudicial isso era.

Esta abordagem consumista da comunidade de crentes reproduz a fragmentação que está a abalar o Cristianismo no mundo contemporâneo. Nos mosteiros beneditinos, contudo, os monges estão sempre conscientes de que não são apenas indivíduos que partilham alojamentos com outros indivíduos, mas que fazem parte de um todo orgânico – uma família espiritual.

As instruções da Regra relativas à obediência destinam-se a promover a responsabilidade mútua. Todos no

mosteiro dependem de todos os outros, e todas as decisões importantes devem ser tomadas em conjunto com os outros e tendo em conta os seus interesses. Viver em comunidade real é colocar o bem dos outros à frente dos nossos próprios desejos, quando fazê-lo serve a verdade e a justiça.

Muitas das instruções mais rigorosas da Regra são orientadas para a proteção da vida comunitária. Bento XVI dedica um capítulo à prescrição de penalidades para os monges que chegam atrasados aos serviços de oração. O santo explica que se outros virem o seu mau exemplo, podem ser tentados a fazer o mal. Uma escola para o serviço do Senhor não pode cumprir a sua missão se os seus alunos se atrasam frequentemente.

Bento XVI dedica vários capítulos curtos às punições por outras infrações. Seu método é encorajar os monges que cometeram erros a confessar imediatamente sua culpa ao abade e receber uma reprimenda. Se a culpa chegar ao conhecimento do abade através do testemunho de outrem, a pena será maior. E se as transgressões de um monge forem tão grandes que ele seja excomungado do oratório ou da mesa comum, ele só poderá ser restaurado depois de se prostrar diante da comunidade como um ato de desculpas e humildade, até que o abade aceite o seu arrependimento.

O objetivo de exercícios como este não é envergonhar os monges errantes, mas sim discipliná-los para o seu próprio bem e para o bem de toda a comunidade. Ser cristão e ser membro jurado de uma comunidade religiosa implica certas obrigações para com os outros. As regras e a disciplina para aqueles que as quebram desgastam as pontas afiadas do egoísmo individual que permanecem como pedras irregulares no caminho do peregrino para a santidade.

Como um pai sábio e generoso, São Bento compreendeu que impor regras e disciplina aos seus filhos espirituais não era um ato de dominação, mas de amor, que os ajudava a crescer na caridade. Ele encerrou a Regra exortando seus

seguidores a abraçar o amor em comunidade. Em seu penúltimo capítulo, o santo ordenou aos irmãos que competissem zelosamente para servir aos demais.

> Assim como existe um zelo maligno de amargura que separa de Deus e leva ao inferno, também existe um zelo bom que separa dos vícios e leva a Deus e à vida eterna. Este zelo, portanto, os irmãos devem praticar com o mais fervoroso amor. Assim, eles deveriam antecipar-se uns aos outros em honra (Romanos 12:10); a maioria suporta pacientemente as enfermidades uns dos outros, sejam físicas ou de caráter; competem em obedecer uns aos outros - ninguém segue o que considera útil para si, mas sim o que beneficia o outro; ofereça castamente a caridade da fraternidade; tema a Deus com amor; amem o seu Abade com uma caridade sincera e humilde; não prefira absolutamente nada a Cristo.

Esse padrão extraordinário é difícil de alcançar em qualquer família, muito menos numa comunidade de estranhos, muitos dos quais vêm de origens muito diferentes e até de nações diferentes. No entanto, só estabelecendo esta meta para os indivíduos e para a comunidade como um todo o mosteiro poderá formar servos fiéis de Cristo.

A vida na comunidade cristã, seja em congregações monásticas ou comuns, consiste em construir o tipo de comunhão que cada um de nós precisa para completar a nossa peregrinação individual. Como Dietrich Bonhoeffer disse em Life Together, sua própria regra, de certo modo, para viver em comunidade fiel:

> Um cristão precisa de outro cristão que lhe fale a Palavra de Deus. Ele precisa dele repetidamente

> quando fica inseguro e desanimado, pois sozinho não pode ajudar a si mesmo sem desmentir a verdade. Ele precisa de seu irmão como portador e proclamador da palavra divina da salvação.[6]

A vida comunitária não é um ideal sonhador, disse Bonhoeffer, mas uma iniciação muitas vezes difícil na "realidade divina" que é a Igreja. Ou seja, a igreja existe como uma irmandade estabelecida por Cristo, mesmo que não pareça assim num determinado momento. O pastor luterano martirizado ensinou que as lutas dentro da comunidade são um dom da graça de Deus, porque forçam os seus membros a considerarem a realidade do seu parentesco, apesar da sua fragilidade. Uma comunidade que não consegue enfrentar as suas falhas e amar uns aos outros até à cura não é verdadeiramente cristã.

"Não é fácil", admitiu o Padre Martin. "Isso só é realmente possível pela graça, e esta é a beleza do Cristianismo: que ele pode unir pessoas de diferentes relações sanguíneas, línguas e etnias e nos dar uma cultura comum."

A comunidade monástica de Norcia contém irmãos dos Estados Unidos, Indonésia, Brasil, Alemanha e Canadá. A vida em comum pode ser muito difícil, dizem os monges, mas é essencial para viver o voto beneditino de "conversão de vida".

E ensina ao monge mais sobre si mesmo. "Quando um homem chega ao mosteiro pela primeira vez, a primeira coisa que nota são as peculiaridades de todos os outros – isto é, o que há de errado com todos os outros", disse o Padre Martin. "Mas quanto mais tempo você fica aqui, mais você começa a pensar: o que há de errado comigo? Você se aprofunda em si mesmo para aprender seus próprios pontos fortes e fracos. E isso leva você à aceitação dos outros."

O Padre Basílio diz que nos seus anos como monge, ele passou a ter uma compreensão muito mais clara do que significa viver como Corpo de Cristo: a comunidade como um todo orgânico, unido em Cristo, com cada homem comprometido no amor a fazendo a sua parte para fortalecer o todo.

"Deus distribuiu as suas graças de tal forma que realmente precisamos uns dos outros", disse o sacerdote. "Certamente existe o velho dentro de mim que anseia pelo individualismo, mas quanto mais vivo em comunidade, mais vejo que não é possível tê-lo e ser fiel ou totalmente humano."

Nas suas viagens cuidando dos assuntos do mosteiro, o Padre Martin, que é o seu gestor comercial, vê um vazio no rosto de muitas pessoas que encontra. Eles parecem tão ansiosos, tão inseguros, tão incertos. O monge acredita que isso é o resultado da solidão, do isolamento e da falta de laços comunitários profundos e vivificantes. Quando a luz no rosto da maioria das pessoas vem do brilho do laptop, do smartphone ou da tela da televisão, estamos vivendo uma Idade das Trevas, disse ele.

"Eles estão perdendo aquela luz fundamental destinada a brilhar na pessoa humana por meio da interação social", disse ele. "O amor só pode vir disso. Sem contato real com outras pessoas humanas, não há amor. Nunca vimos uma Idade das Trevas como esta."

Hospitalidade

A abordagem beneditina à oração, ao trabalho, ao ascetismo, à estabilidade e à comunidade requer práticas que unam firmemente a comunidade monástica. A proximidade e coesão resultantes são aumentadas pela separação dos monges do mundo. Mas Bento XVI ordena-

lhes na Regra que tenham consciência de que não vivem apenas para si próprios, mas também para servir os estrangeiros.

Segundo a Regra, nunca devemos rejeitar alguém que precisa do nosso amor. Uma igreja ou outra comunidade da Opção Bento XVI deve estar aberta ao mundo, para partilhar a generosidade do amor de Deus com aqueles que não o têm.

Os monges vivem principalmente vidas enclausuradas – isto é, ficam atrás dos muros do seu mosteiro e limitam o seu contacto com o mundo exterior. O trabalho espiritual a que são chamados exige silêncio e separação. Nosso trabalho não exige as mesmas estruturas. Como cristãos leigos que vivem no mundo, a nossa vocação é procurar a santidade em condições sociais mais comuns.

No entanto, mesmo os beneditinos enclausurados praticam a hospitalidade cristã para com o estrangeiro. A Regra ordena que todos aqueles que se apresentem como peregrinos e visitantes do mosteiro “sejam recebidos como Cristo, porque Ele vai dizer, porque Ele dirá: 'Eu era estrangeiro e vocês me acolheram'” (Mat. 25:35). Se você for convidado para jantar com os monges no refeitório, eles o cumprimentam pela primeira vez com uma cerimônia de lavagem das mãos prescrita na Regra.

O irmão Francis Davoren, 44 anos, mestre cervejeiro do mosteiro, era o refeitório, o monge encarregado de supervisionar a sala de jantar. Ele abordou essa tarefa com imaginação sacramental.

“São Bento diz que Cristo está presente nos irmãos, e Cristo está presente nos nossos hóspedes. Todos os dias eu pensava: ‘Cristo está vindo. Vou tornar isso o mais agradável possível para eles, porque mostrou a eles que nos importamos'”, disse ele. “Isso é um bom alcance para as pessoas: respeitá-las, reconhecer sua dignidade, mostrar-lhes que você pode ver Cristo nelas e querer trazê-las para sua vida”.

Como mestre convidado, o Irmão Inácio é o ponto de contato entre os peregrinos e a comunidade monástica. Ele explica por que os monges levam tão a sério as palavras de Cristo sobre receber estranhos: “É uma espécie de aviso: se você quer ser bem-vindo no céu, é melhor acolher as pessoas como o próprio Cristo agora, mesmo que você não goste, mesmo que você sofra por causa dessas pessoas”, disse ele. “Se a sua vida é buscar a Cristo, é isso. Você encontrará redenção ao servir esses convidados, porque Cristo está vindo neles”.

São Bento ordena aos seus monges que estejam abertos ao mundo exterior – até certo ponto. A hospitalidade deve ser dispensada com prudência, para que os visitantes não possam fazer coisas que perturbem o modo de vida do mosteiro. Por exemplo, à mesa, o silêncio é mantido tanto pelos visitantes como pelos monges. Como disse o Irmão Agostinho: “Se deixarmos que os visitantes perturbem demais o ritmo da nossa vida, não poderemos realmente receber ninguém”. O mosteiro recebe constantemente visitantes que têm todos os tipos de problemas e procuram conselhos, ajuda ou apenas alguém que os ouça, e é importante que os monges mantenham a ordem necessária para lhes permitir oferecer este tipo de hospitalidade.

Em vez de errar por excesso de cautela, porém, o Padre Benedict acredita que os cristãos devem ser tão abertos ao mundo quanto possível, sem compromissos. “Acho que muitos cristãos decidiram que o mundo é mau e deve ser evitado tanto quanto possível. Bem, é difícil converter as pessoas se essa for a sua postura”, disse ele. “É muito mais fácil ajudar as pessoas a verem a sua própria bondade e depois trazê-las para dentro do que apontar o quão más elas são e trazê-las para dentro.”

O poder da cultura popular é tão avassalador que os fiéis cristãos ortodoxos muitas vezes sentem a necessidade de recuar para trás de linhas defensivas. Mas o irmão Inácio, de cinquenta e um anos, advertiu que os cristãos não

devem ficar tão ansiosos e medrosos a ponto de deixarem de partilhar as Boas Novas, em palavras e acções, com um mundo mantido cativo pelo ódio e pelas trevas. É prudente traçar limites razoáveis, mas temos de ter cuidado para não sermos como o servo infiel da Parábola dos Talentos, que foi punido pelo seu senhor pela sua administração pobre e medrosa dos bens do senhor.

"A melhor defesa é o ataque. Você defende atacando", disse o irmão Ignatius. "Vamos atacar expandindo o reino de Deus – primeiro em nossos corações, depois em nossas próprias famílias e depois no mundo. Sim, é preciso ter fronteiras, mas o nosso dever é não deixar que as fronteiras fiquem aí. Temos que avançar infinitamente."

Equilíbrio

A vida beneditina é rigorosa, mas se for vivida segundo a Regra, também é livre de fundamentalismos e extremismos. "Esperamos não ordenar nada que seja duro ou pesado", escreveu Bento XVI. O objetivo da Regra, disse ele – e na verdade o objetivo da vida deles – no entanto, é que "nossos corações se expandam e percorreremos o caminho dos mandamentos de Deus com indescritível doçura de amor".

Disse o Padre Basílio: "São Bento toma a imagem que a Escritura usa para falar do próprio Cristo. 'Ele não quebrará uma cana quebrada, ele não apagará um pavio fumegante.' A humanidade já está frágil. Precisamos tratá-lo com cuidado, com preocupação, com delicadeza."

Esta orientação para a vida comunitária contrasta fortemente com uma série de outras comunidades cristãs intencionais que se desintegraram ou se tornaram semelhantes a um culto porque um líder autoritário obcecado pela pureza abusou do poder.

O Irmão Francisco disse assim: Se uma comunidade relaxar demais a sua disciplina, ela se dissolverá. Mas se for muito rígido, deixará as pessoas loucas. “Se você quiser julgar uma comunidade, você precisa ver quais são seus frutos”, disse ele. “Eles estão crescendo? Eles são alegres? Eles estão felizes? Eles estão fazendo o bem e ajudando as pessoas? Veja o que uma comunidade produz para ver que tipo de equilíbrio ela tem.”

O equilíbrio, então – ou dito de outra forma, a prudência, a misericórdia e o bom senso – é a chave para governar a vida de uma comunidade cristã. O mesmo acontece com manter as necessidades da vida monástica diária – comer, dormir, rezar, trabalhar, ler – numa relação harmoniosa, para que nada ultrapasse a vida de um monge e todos sejam integrados num todo saudável.

Mas o Padre Benedict insistiu que ninguém deveria pensar que a Regra é viver uma vida equilibrada, no sentido de satisfazer-se com meias medidas e mediocridade espiritual. O equilíbrio não é entre o bem e o mal, mas entre diferentes tipos de bem.

Bento XVI não queria criar monges insossos. “Ele quer que as pessoas sejam santas. Os santos não costumam ser pessoas muito equilibradas”, disse padre Benedict, rindo. “Ele estava criando uma vida radical: total desapego e ênfase na conversão. É dar tudo a Deus, o tempo todo.”

Os leigos podem beneficiar da Regra, disse ele, se compreenderem o que há de radical na vida de São Bento: o abandono total da vontade própria pela vontade de Deus. O método pode exigir equilíbrio na sua aplicação, mas o objetivo que o Senhor nos deu é extraordinário: ser perfeito, assim como nosso Pai celestial é perfeito.

Porque Jesus é um com o Pai, aqueles que buscam a perfeição devem tentar imitá-Lo. É uma heresia, claro, acreditar que podemos alcançar esta perfeição sozinhos ou deste lado do céu. É um paradoxo da vida cristã que quanto mais santo alguém se torna, mais consciente se torna da

sua falta e, portanto, da sua total dependência da misericórdia de Deus. Dito isto, a pessoa ideal é aquela que é semelhante a Cristo em todas as coisas, pois cumpre o chamado do Senhor. Quer seja chamada ao mosteiro ou ao mundo, à família ou à vida de solteira, ao trabalho manual ou ao trabalho administrativo, a ficar em casa ou a viajar pelo mundo, ela deve esforçar-se ao máximo para ser como Jesus. Ao ordenar metodicamente e praticamente nossos corpos, almas e mentes para uma vida harmoniosa centrada no Cristo que está presente em todos os lugares e preenchendo todas as coisas, o caminho beneditino oferece uma espiritualidade acessível a qualquer pessoa. Para o cristão que segue o caminho de São Bento, a vida quotidiana torna-se uma oração incessante, ao mesmo tempo uma oferta a Deus e um dom Dele, que nos transforma pouco a pouco à semelhança do Seu Filho.

A única grande tragédia da vida

O exemplo beneditino é um sinal de esperança, mas também um aviso: sejam quais forem as circunstâncias de um cristão, ele não pode viver fielmente se Deus for apenas uma parte da sua vida, separada do resto. No final, ou Cristo está no centro de nossas vidas, ou o Eu e todas as suas idolatrias estão. Não há meio termo. Com a Sua ajuda, podemos juntar os fragmentos das nossas vidas e ordená-los à Sua volta, mas não será fácil e não poderemos fazê-lo sozinhos. Esforçar-se por algo menos, porém, é viver o ditado do escritor católico francês Léon Bloy: “A única verdadeira tristeza, o único verdadeiro fracasso, a única grande tragédia na vida, é não se tornar um santo.”[7]

Quando me preparava para deixar o Mosteiro de São Bento após a minha estadia, mencionei ao Padre Martin como é incomum que um lugar como este exista no mundo

moderno. Jovens adotando uma tradição de oração, liturgia e vida comunitária ascética que remonta à igreja primitiva – e fazendo isso com tanta alegria evidente? Não deveria acontecer nestes tempos.

Mas aqui estão eles: um sinal de contradição com a modernidade.

O Padre Martin exibiu um largo sorriso por baixo da sua barba preta e disse que todos os cristãos podem ter isto se estiverem dispostos a fazer o que for necessário para montar a recuperação, "para recuperar o que perdemos e torná-lo real novamente.

"Há algo aqui que é muito antigo, mas também é novo", disse o padre Martin. "As pessoas dizem: 'Ah, você está apenas tentando voltar no tempo'. Se você está fazendo algo agora, significa que você está fazendo isso agora. É novo e está vivo! E isso é uma coisa muito poderosa."

Saindo de Norcia e descendo a montanha, um peregrino pode invejar a simplicidade das vidas dos monges na pacata aldeia. A serenidade e a solidez de Norcia e dos seus beneditinos parecem tão distantes do mundo tumultuado abaixo, e você não deveria se surpreender se sentir falta antes mesmo de chegar à estação ferroviária de Spoleto. Mas se você recebeu o presente de Norcia corretamente, não sairá de mãos vazias e despreparado para o que está por vir.

Para os irmãos e pais, terá dado a vocês um vislumbre do que pode ser a vida juntos em Cristo. Eles terão mostrado a você que o Cristianismo tradicional não está morto e que a Verdade, a Beleza e a Bondade podem ser encontradas e trazidas à vida novamente, embora isso não lhe custe nada menos do que tudo. E eles terão compartilhado seus antigos ensinamentos, transmitidos pelas mãos de monges e freiras de gerações em gerações durante um milênio e meio – sabedoria que pode ajudar os crentes comuns, lutando no mundo moderno, não apenas a se manterem

firmes durante a nova escuridão. Idade, mas na verdade florescer nela.

Como podemos retirar a sabedoria beneditina do mosteiro e aplicá-la aos desafios da vida mundana no século XXI? É para esta questão que nos voltamos agora. O caminho de São Bento não é uma fuga do mundo real, mas uma forma de ver esse mundo e habitar nele como ele realmente é. A espiritualidade beneditina ensina-nos a suportar o mundo no amor e a transformá-lo como o Espírito Santo nos transforma. A Opção Bento XVI baseia-se nas virtudes da Regra para mudar a forma como os cristãos abordam a política, a igreja, a família, a comunidade, a educação, os nossos empregos, a sexualidade e a tecnologia.

E faz isso com urgência. Quando contei pela primeira vez ao Padre Cassiano sobre a Opção Bento XVI, ele ponderou minhas palavras e respondeu gravemente: “Aqueles que não fazem de alguma forma o que você está falando, não vão sobreviver ao que está por vir”.

CAPÍTULO 4

Um novo tipo de política cristã

Tal como os povos de outras democracias ocidentais, os americanos estão a viver um terramoto político que abala os alicerces da ordem do pós-guerra. As antigas e familiares categorias que enquadravam o pensamento e o discurso político estão mortas ou morrendo. Onde os cristãos ortodoxos se enquadram nesta realidade emergente? De que lado devemos estar? Ou temos um lado?

A resposta não satisfará os cristãos conservadores que entendem a Igreja como o Partido Republicano em oração, ou que vão para a cabine de votação com mais convicção do que demonstram no culto dominical. Embora ainda existam algumas possibilidades de progresso na política tradicional, a crescente hostilidade para com os cristãos, bem como a confusão moral dos eleitores de valores, deverão inspirar-nos a imaginar um caminho melhor a seguir.

A Opção Bento XVI apela a uma nova forma radical de fazer política, um localismo prático baseado no trabalho pioneiro dos dissidentes do bloco oriental que desafiaram o comunismo durante a Guerra Fria. Uma forma ocidentalizada de "política antipolítica", para usar o termo cunhado pelo preso político checo Václav Havel, é o melhor caminho a seguir para os cristãos ortodoxos que procuram um envolvimento prático e eficaz na vida pública sem

perder a nossa integridade e, na verdade, a nossa humanidade.

A ascensão e queda dos eleitores de valores

Ainda recentemente, na década de 1960, com a notável excepção dos direitos civis, as preocupações morais e culturais não eram questões decisivas na política dos EUA. Os americanos votaram principalmente na economia, como fizeram desde a Grande Depressão. Havia consenso moral suficiente na nação culturalmente cristã para manter o sexo e a sexualidade apolíticos.

A revolução sexual mudou tudo isso. Começando com a decisão sobre o aborto Roe v. Wade em 1973, os americanos começaram a se classificar politicamente de acordo com crenças morais. A direita religiosa começou a crescer no Partido Republicano enquanto a esquerda secular fazia o mesmo entre os Democratas. Na virada do século, a guerra cultural era inegavelmente o centro ardente da política americana.

"Considerando que as eleições antes opunham o partido da classe trabalhadora ao partido de Wall Street", escreveu o jornalista Thomas Byrne Edsall no Atlantic, "elas agora colocam os eleitores que acreditam numa moralidade fixa e universal contra aqueles que vêem as questões morais, especialmente as sexuais. outros, tão elásticos e sujeitos à escolha pessoal."

Isso foi em 2003. Hoje a guerra cultural como a conhecíamos acabou. Os chamados eleitores de valores – conservadores sociais e religiosos – foram derrotados e estão a ser varridos para as margens políticas. As questões morais podem não ser tão centrais na nossa política como antes, mas o povo americano continua fragmentado, muitas vezes de forma amarga, por estas preocupações. Embora

Donald Trump tenha conquistado a presidência em parte com o forte apoio de católicos e evangélicos, a ideia de que alguém tão fortemente vulgar, ferozmente combativo e moralmente comprometido como Trump será um avatar para a restauração da moralidade cristã e da unidade social está para além da ilusão. Ele não é uma solução para o problema do declínio cultural da América, mas um sintoma dele.

A diminuição do drama da política americana permitiu que as tensões naturais dentro de ambos os partidos sobre questões económicas se afirmassem com ousadia. A nação está a fracturar-se em termos de classe, com grandes números tanto da esquerda jovem como da direita populista a desafiar o mercado livre, o consenso económico globalista que tem unido a política dos EUA desde as presidências de Reagan e Bill Clinton. Em 2016, o candidato republicano concorreu como adversário nacionalista dos acordos comerciais, enquanto o candidato democrata, globalista até à ponta dos dedos, era o favorito de Wall Street.

Esta é a primeira onda de um realinhamento político tectónico, baseado em visões concorrentes de comércio livre e identidade nacional. Raça e classe estarão na frente e no centro, para o bem ou para o mal, e podemos olhar para trás com carinho, para os anos em que o aborto e o casamento gay eram as coisas que animavam as nossas lutas mais ferozes. Bem-vindo à política da América pós-cristã.

Onde os antigos eleitores de valores se enquadram na nova dispensação? Nós não, na verdade não. A campanha presidencial de 2016 deixou claro – de forma penetrante e angustiante – que os cristãos conservadores, uma vez confortavelmente estabelecidos no Partido Republicano, são politicamente desabrigados.

As nossas grandes questões – aborto e liberdade religiosa – não faziam parte da campanha primária do Partido Republicano. Donald Trump conquistou a nomeação

do partido sem ter de cortejar os conservadores religiosos. No seu discurso de aceitação da convenção, ele nos ignorou. Durante a campanha para as eleições gerais, alguns evangélicos proeminentes e um punhado de líderes católicos subiram a bordo do comboio Trump por puro medo de uma administração de Hillary Clinton. Na sua surpreendente vitória, Trump obteve 52% dos votos católicos e impressionantes 81% dos votos evangélicos.

Trump governará como amigo dos conservadores cristãos? Talvez. Se ele nomear juízes para o Supremo Tribunal e juízes de tribunais inferiores que sejam entusiastas da liberdade religiosa, então a sua administração terá sido uma bênção para nós. Embora a conversão de Trump à causa pró-vida tenha sido muito tardia e politicamente oportuna, é razoável apostar que a sua administração irá cessar a hostilidade do seu antecessor para com ela. Para os cristãos que previram mais quatro anos de perda de terreno sob o ataque sustentado de uma Casa Branca progressista, estas não são coisas pequenas.

No entanto, há uma série de perigos, tanto claros como ocultos, do novo regime de Washington. Por um lado, a longa vida pública de Donald Trump mostrou que ele é muitas coisas, mas um cumpridor das suas promessas não é uma delas. A advertência do salmista de "não confiar nos príncipes" continua sendo um excelente conselho.

Por outro lado, a igreja não é formada apenas por brancos politicamente conservadores em oração. Muitos hispânicos e outros cristãos de cor, bem como todos os que, por qualquer razão, não votaram no divisivo Trump, não deixam por isso de ser cristãos. Manter a igreja unida durante os anos Trump representará um forte desafio para todos nós.

Além disso, justo ou não, o cristianismo conservador estará associado a Trump durante os próximos anos, e sem dúvida mais além. Se os líderes conservadores da Igreja

não forem extraordinariamente cuidadosos na forma como gerem o seu relacionamento público com a administração Trump, a reação anti-Trump causará graves danos à reputação da Igreja. A eleição de Trump resolve alguns problemas para a Igreja, mas dado o carácter do homem, cria outros. O poder político não é um desinfetante moral.

E isto leva-nos aos efeitos mais subtis, mas potencialmente mais devastadores, desta inesperada vitória eleitoral do Partido Republicano. Há primeiro a tentação de adorar o poder e de comprometer a alma para manter o acesso a ele. Há muitas maneiras de queimar uma pitada de incenso a César, e alguns proeminentes cristãos pró-Trump provavelmente cruzaram essa linha durante a temporada de campanha. Mais uma vez, a vitória política não vicia o vício da hipocrisia.

Existe também o perigo de os cristãos voltarem a cair na complacência. Nenhuma administração em Washington, por mais ostensivamente pró-cristã, é capaz de travar as tendências culturais de dessacralização e fragmentação que se têm vindo a desenvolver há séculos. Esperar algo diferente é fazer da política um falso ídolo.

Uma razão pela qual a Igreja contemporânea está em tantos problemas é que os conservadores religiosos da última geração acreditaram erradamente que poderiam concentrar-se na política e que a cultura cuidaria de si mesma. Durante os últimos trinta anos, muitos de nós acreditávamos que poderíamos reverter a maré do liberalismo agressivo da década de 1960 votando nos republicanos conservadores. Os evangélicos brancos e os "democratas Reagan" católicos uniram-se para apoiar os candidatos do Partido Republicano que prometeram apoiar uma legislação socialmente conservadora e nomear juízes conservadores para o Supremo Tribunal dos EUA.

Os resultados foram decididamente mistos nas frentes legislativa e judicial, mas o veredicto sobre a estratégia política global é claro: falhámos. Os direitos fundamentais

ao aborto permanecem solidamente em vigor, e os números das pesquisas Gallup desde a era Roe v. Wade até hoje não mudaram significativamente. O modelo tradicional de casamento e família não foi protegido nem pela lei nem pelos costumes e, por causa disso, os tribunais estão preparados para impor retrocessos dramáticos na liberdade religiosa em nome da antidiscriminação.

Mais uma vez, a nova administração Trump poderá conseguir bloquear ou pelo menos retardar estes movimentos com as suas nomeações judiciais, mas isto é um pequeno consolo. Será que a lei escrita por uma legislatura conservadora e interpretada por juízes conservadores substituirá a lei do coração humano? Não, não vai. A política não substitui a santidade pessoal. O melhor que os cristãos ortodoxos de hoje podem esperar da política é que ela possa abrir um espaço para a igreja realizar o trabalho de caridade, construção de cultura e conversão.

Política tradicional: o que ainda pode ser feito

Na verdade, os cristãos não podem dar-se ao luxo de desocupar totalmente a praça pública. A igreja não deve fugir à sua responsabilidade de orar pelos líderes políticos e de falar profeticamente com eles. A preocupação cristã não se esgota na luta contra o aborto e na protecção da liberdade religiosa e da família tradicional. Por exemplo, o novo populismo de direita pode dar aos cristãos tradicionalistas a oportunidade de moldar um novo Partido Republicano que, em questões económicas, tem mais a ver com a solidariedade com a Main Street do que com Wall Street. Os cristãos conservadores podem e devem continuar a trabalhar com os liberais para combater o tráfico sexual, a pobreza, a SIDA e afins.

A verdadeira questão que enfrentamos não é se devemos abandonar totalmente a política, mas como exercer o poder político com prudência, especialmente numa cultura política instável. Quando é cobarde não cooperar com políticos seculares devido a um medo exagerado da impureza – e quando é corruptor ser cúmplice? Donald Trump rasgou o livro de regras políticas em todos os sentidos. Os fiéis cristãos conservadores não podem confiar irrefletidamente nos hábitos aprendidos ao longo dos últimos trinta anos de envolvimento político. Os tempos exigem muito mais sabedoria e sutileza para os crentes que entram na briga política.

Acima de tudo, porém, exigem atenção à igreja e à comunidade locais, que não florescem nem fracassam com base principalmente no que acontece em Washington. E os tempos exigem uma apreciação aguda da fragilidade do que pode ser conseguido através da política partidária. Afinal, os republicanos nem sempre governarão Washington, e os republicanos que a governam agora podem ser mais adversários do trabalho da Igreja do que muitos cristãos crédulos pensam.

Yuval Levin, editor da revista National Affairs e membro do Centro de Ética e Políticas Públicas de Washington, afirma que os conservadores religiosos estariam melhor se "construíssem subculturas prósperas" do que procurassem posições de poder. Por que? Porque numa era de fragmentação crescente e imparável, a cultura comum já não importa tanto como antes. Escreve Levin:

> O centro não se manteve na vida americana, por isso devemos, em vez disso, encontrar os nossos centros para nós próprios, como comunidades de cidadãos com ideias semelhantes, e depois construir a ética americana a partir daí. . . . Aqueles que procuram chegar aos americanos com uma mensagem moral

> desconhecida devem encontrá-los onde estão e, cada vez mais, isso significa que os tradicionalistas devem defender a sua posição não plantando-se no centro da sociedade, como grandes instituições, mas dispersando-se pelas periferias como pequenas instituições. postos avançados. Nesse sentido, focar na sua própria comunidade próxima não envolve um afastamento da América contemporânea, mas uma maior atenção a ela.[1]

Embora os cristãos ortodoxos tenham de abraçar o localismo porque já não podem esperar influenciar a política de Washington como antes, há uma causa que deveria receber toda a atenção que lhes resta para a política nacional: a liberdade religiosa.

A liberdade religiosa é extremamente importante para a Opção Bento XVI. Sem uma defesa robusta e bem-sucedida das proteções da Primeira Emenda, os cristãos não serão capazes de construir as instituições comunitárias que são vitais para manter a nossa identidade e valores. Além do mais, os cristãos que não agem de forma decisiva dentro da zona de liberdade que temos agora estão a desperdiçar um tempo precioso – tempo que pode esgotar-se mais rapidamente do que pensamos.

Lance Kinzer está vivendo no limite da transição política que os conservadores cristãos devem fazer. Veterano republicano há dez anos na legislatura do Kansas, Kinzer deixou o cargo em 2014 e agora viaja pelo país como defensor da legislação sobre liberdade religiosa nas assembleias estaduais. “Eu era um republicano cristão evangélico muito normal e tudo o que isso implica – particularmente a crença de que este é o ‘nosso’ país, de uma forma que provavelmente não era saudável”, diz ele.

Tudo isso desmoronou em 2014, quando os republicanos do Kansas, antecipando o casamento gay imposto pelo

tribunal, tentaram expandir as proteções à liberdade religiosa para cobrir vendedores de casamento, fabricantes de bolos de casamento e outros. Tal como muitos outros legisladores republicanos neste estado vermelho-escuro, Kinzer esperava que a legislação fosse aprovada facilmente na Câmara e no Senado e chegasse à mesa do governador conservador Sam Brownback para assinatura.

Não funcionou dessa maneira. A Câmara de Comércio do Kansas se manifestou fortemente contra o projeto. Os meios de comunicação estatais e nacionais explodiram com a sua habitual indignação. Kinzer, que era um líder pró-vida na Câmara, estava habituado a uma cobertura dura da imprensa, mas a tempestade sobre a liberdade religiosa foi diferente de tudo o que ele alguma vez tinha visto.

O projeto foi aprovado na Câmara do Kansas, mas foi rejeitado no Senado controlado pelos republicanos. O resultado deixou Kinzer cambaleando. "Ficou muito claro para mim que a política de coligação social conservadora-grandes empresas estava desgastada ao ponto de ruptura e indicava uma diferença tão fundamental nas prioridades, no que era importante", lembra ele. "Foi desorientador. Tive conversas com pessoas por quem sentia que carregava muita água e considerava amigos a um nível político profundo, que, de forma muito pública e muito agressiva, tentavam minar algumas protecções bastante benignas da liberdade religiosa."

Kinzer já havia decidido deixar a política estadual de qualquer maneira, para retornar à advocacia e passar mais tempo com sua família. O desastre sobre a legislação sobre a liberdade religiosa confirmou que ele tinha tomado a decisão certa.

Não foi simplesmente exaustão com o processo político, mas mais um reconhecimento de que, dada "a realidade do momento cultural", era mais importante fortalecer a sua comunidade eclesial local do que continuar o seu trabalho legislativo. Embora tenha frequentado a igreja por toda a

vida - ele e sua família adoram uma congregação da Igreja Presbiteriana na América em Overland Park, um subúrbio de Kansas City - Kinzer concluiu que deveria fazer mais localmente.

“É fácil quando você escolhe a política como vocação para se convencer de que está fazendo um trabalho fundamental para o Reino através do que está fazendo na legislatura”, disse ele. “Comecei a questionar isso. Não é se valeu ou não a pena ter trabalhado nessas questões, mas sim uma sensação crescente dentro de mim de que há um verdadeiro trabalho de recuperação e renovação cultural, não fora da igreja, mas dentro da igreja, que realmente precisa acontecer primeiro, antes que possamos pensar em metas de longo prazo.”

Embora Kinzer e sua família frequentassem uma igreja conservadora dentro de uma denominação conservadora, ele descobriu que muitos de seus colegas congregantes desconheciam em grande parte sua própria tradição reformada - e, por sua vez, estavam alheios à riqueza de recursos que essa tradição oferecia para alimentá-los. mais profundamente na fé.

“Eu cresci com a ideia de que a igreja era um lugar onde você ia para ensinar e ter comunhão, mas você realmente está lá para uma espécie de conversa estimulante antes de sair e viver sua vida real pelo resto da semana”, ele diz.

Dada a viragem pós-cristã na cultura americana, isso já não é suficiente. Kinzer mergulhou mais profundamente na vida de sua congregação, dando uma aula sobre a Cidade de Deus de Agostinho e organizando uma nova reunião de oração para homens e mulheres. O antigo legislador vê isto como um trabalho vital para preparar a sua própria congregação para a nova realidade – uma que os cristãos americanos ainda não compreendem.

“O grande desafio, especialmente para os evangélicos que sempre acreditaram que havia uma espécie de maioria silenciosa entre eles, é aceitar o facto de que isto

simplesmente não é verdade", diz ele. "Isso é difícil, isso é desorientador. Internalizar o fato de que não é esse o caso é difícil e desorienta muitas pessoas.

"Da mesma forma, penso que é vital para a saúde do Cristianismo, e até mesmo para o envolvimento cristão na esfera política, que eles façam exatamente isso", continua ele. "E precisa ser mais do que apenas um exercício intelectual. Você precisa de formas de vida que reforcem sua distinção, que reforcem o tipo de sentido de 'estranhos no exílio' que está bem fundamentado nas Escrituras".

No entanto, Kinzer não abandonou totalmente a política. O primeiro objectivo dos Cristãos da Opção Bento XVI no mundo da política convencional é assegurar e expandir o espaço dentro do qual podemos ser nós próprios e construir as nossas próprias instituições. Para esse fim, ele viaja por todo o país defendendo legislação sobre liberdade religiosa nas legislaturas estaduais. Repetidamente ele vê legisladores republicanos que estão inclinados a apoiar a liberdade religiosa sofrendo ataques terríveis do lobby empresarial. Ele não sabe quanto tempo eles serão capazes de aguentar. Pastores e líderes cristãos leigos precisam preparar as suas congregações para tempos difíceis.

"É importante evitar ser alarmista, mas as pessoas realmente precisam de reconhecer a seriedade das ameaças que os cristãos enfrentam e a dificuldade real e profunda do ambiente político", diz Kinzer. "Eles precisam internalizar o que realmente significa estar numa postura minoritária, e começar a pensar assim é realmente crítico. Se não o fizermos, continuaremos a operar com base em um manual que tem muito pouco a ver com o jogo que realmente está sendo jogado."

Kinzer afirma que, mesmo que os cristãos reorientem a sua atenção localmente e centrem a sua atenção na construção das suas próprias comunidades eclesiais locais, não podem dar-se ao luxo de se desligarem completamente da política. Os riscos da liberdade religiosa são demasiado

elevados. O que isso significa no nível popular? Ele oferece estas sugestões:

- Seja ativo em nível estadual e local, envolvendo os legisladores com cartas pessoais (não correspondências recortadas e coladas de grupos ativistas) e reuniões presenciais.
- Concentre-se em metas prudentes e alcançáveis. Não lute toda a guerra cultural nem desperdice o escasso capital político em gestos sem sentido ou desnecessariamente inflamatórios.
- Nada importa mais do que proteger a liberdade das instituições cristãs para nutrir as gerações futuras na fé. Dada a nossa fraqueza política, outros objectivos têm de ficar em segundo plano.
- Contacte os meios de comunicação locais e convide a cobertura do lado religioso, em particular das controvérsias sobre liberdade religiosa.
- Seja educado e respeitoso. Não valide as afirmações dos oponentes de que a "liberdade religiosa" nada mais é do que uma desculpa para a intolerância.
- Porque os cristãos precisam de todos os amigos que puderem conseguir, formar parcerias com líderes de todas as denominações e de religiões não-cristãs. E estenda a mão da amizade aos gays e lésbicas que discordam de nós, mas que defenderão o direito da Primeira Emenda de estar errado.

A maioria dos cristãos americanos não tem noção de quão urgente é esta questão e quão crítico é para os

indivíduos e as igrejas acordarem do seu sono e defenderem-se enquanto ainda há tempo. Não podemos nos dar ao luxo de continuar a travar a última guerra.

"Estamos enfrentando o risco real de que o trabalho da Igreja, e a sua capacidade de formar os nossos filhos de acordo com as coisas que acreditamos serem mais importantes na vida, esteja sob ameaça de um governo hostil", alerta Kinzer. "E não acho que seja alarmista dizer isso."

Verdadeiro. Por mais importante que seja a liberdade religiosa, os cristãos não podem esquecer que a liberdade religiosa não é um fim em si mesma, mas um meio para viver plenamente como cristãos. A liberdade religiosa é um componente importante para nos permitir prosseguir com o verdadeiro trabalho da Igreja e com a Opção Bento XVI. Se a protecção da liberdade religiosa exige que comprometamos as crenças morais que nos definem como cristãos, então quaisquer vitórias que alcançarmos serão vazias. A missão da igreja na terra não é o sucesso político, mas a fidelidade.

Política Antipolítica

A Opção Bento XVI apela a uma nova política cristã, que surge da nossa relativa impotência na América contemporânea. Pode parecer estranho chamar a Regra de São Bento de documento político, mas nada mais é do que uma constituição que rege a vida partilhada de uma determinada comunidade. Porque dita como as virtudes beneditinas devem ser vividas pelas comunidades monásticas, a Regra é política.

O conceito é difícil de compreender porque quando pensamos em política, imaginamos campanhas, eleições, activismo, legislação – todos os elementos da política numa

democracia. No sentido filosófico mais básico, porém, a política é o processo pelo qual concordamos sobre como vamos viver juntos.

Como vimos, a política de um mosteiro beneditino é muito diferente da política de uma democracia liberal. Assim é como deve ser. O telos, ou objetivo final, de uma vida monástica não é o mesmo que o telos da vida num estado secular.

No entanto, ambas as comunidades – como todas as comunidades – são governadas por uma visão de ordem construída de acordo com algum sentido partilhado do Bem. Todas as leis refletem isso.

A política da Opção Bento XVI começa com o reconhecimento de que a sociedade ocidental é pós-cristã e que, na ausência de um milagre, não há esperança de reverter esta condição num futuro próximo. Isto significa, em parte, que o que os cristãos ortodoxos podem realizar através da política convencional diminuiu consideravelmente. A maioria dos americanos não apenas rejeitará muitas coisas que os cristãos tradicionais consideram boas, mas até mesmo as chamará de más. Tentar recuperar a nossa influência perdida será um desperdício de energia ou pior, se os recursos financeiros e outros que poderiam ter sido dedicados à construção de instituições alternativas para a longa resistência fossem, em vez disso, para uma tentativa fracassada de manter o poder.

Em vez disso, os cristãos devem voltar a sua atenção para um tipo diferente de política. Parte da mudança que temos de fazer é aceitar que nos próximos anos, os cristãos fiéis poderão ter de escolher entre ser um bom americano e ser um bom cristão. Numa nação onde "Deus e o país" estão tão interligados, a ideia de que a cidadania de uma pessoa pode estar em conflito radical com a sua fé é nova.

Alexis de Tocqueville estava convencido de que a democracia não sobreviveria à perda da fé cristã. O

autogoverno exigia convicções partilhadas sobre verdades morais. A fé cristã atraiu os homens para fora de si mesmos e ensinou-lhes que as leis devem estar firmemente enraizadas numa ordem moral revelada e garantida por Deus.

Se uma nação democrática perde a religião, escreveu ele, então torna-se vítima do individualismo desordenado, do materialismo e do despotismo democrático e inevitavelmente "prepara os seus cidadãos para a servidão". Portanto, disse Tocqueville, "é preciso manter o cristianismo nas novas democracias a todo custo".

Nós não fizemos isso. Se Tocqueville estiver certo, os cristãos conservadores devem agora preparar-se para tempos muito sombrios. A eleição de 2016 foi um prenúncio. Os americanos tiveram de escolher entre um democrata do establishment profundamente hostil aos valores cristãos fundamentais e à liberdade religiosa, e um republicano estranho, sem qualquer compromisso religioso específico, que se vendeu como um homem forte que imporia a ordem pela força de vontade.

Além do mais, temos agora de enfrentar uma questão que, de acordo com o nosso catecismo cívico, parecerá a muitos de nós herética. Anteriormente, isso era impensável, certamente para os cristãos patriotas. Mas deve ser confrontado.

Em seu livro de 2016, Conserving America?: Essays on Present Discontents, Patrick J. Deneen, um teórico político de Notre Dame, argumenta que o liberalismo iluminista, do qual ambos os partidos dos EUA descendem, é construído na premissa de que os humanos são por natureza "livres e independente", e que o propósito do governo é libertar o indivíduo autônomo. Fazer progressos em direcção a este objectivo, seja promovido pelos partidos de livre mercado da direita ou pelos partidos estatistas igualitários da esquerda, depende da negação dos limites naturais.

Isto é contrário ao que tanto as Escrituras como a experiência nos ensinam sobre a natureza humana. O propósito da civilização, nas palavras de Deneen, "tem sido sustentar e apoiar estruturas e práticas familiares, sociais e culturais que perpetuam e aprofundam formas pessoais e intergeracionais de obrigação e gratidão, de dever e endividamento".

Em outras palavras, a civilização não existe para possibilitar que os indivíduos façam o que quiserem. Acreditar nisso é um erro antropológico. Uma civilização na qual ninguém sentia uma obrigação para com o passado, para com o futuro, uns para com os outros, ou para com qualquer coisa superior à autogratificação, é perigosamente frágil. Nas últimas décadas do Império Romano Ocidental, Agostinho descreveu a sociedade como preocupada com a busca do prazer, o egoísmo e a vida do momento.

Porque prescreve o governo do povo, a democracia liberal só pode ser tão forte quanto as pessoas que vivem sob ela. E assim, a questão que temos agora diante de nós é se a nossa actual situação política é uma traição à democracia liberal ou, dados os seus princípios fundamentais de individualismo e igualitarismo, a realização inevitável da democracia liberal sob o secularismo. Escreve Deneen:

> Chegámos a um momento culminante em que o que é necessário menos é um movimento político – por mais importante que seja a procura de determinados bens públicos – do que um renascimento da cultura, de práticas sustentáveis e de modos de vida defensáveis nascidos da experiência partilhada, da memória e da partilha. confiar. No entanto, tal reavivamento não pode ocorrer através da tentativa de voltar atrás ou recuperar algo perdido. Em vez

> disso, ironicamente, o que é necessário é fornecido pelo próprio veículo de destruição e encontrado entre os pontos fortes do próprio liberalismo: a capacidade humana criativa de reinvenção e novos começos.[2]

Daí a necessidade, não da segunda vinda de Ronald Reagan ou de um pretenso salvador político, mas de um novo – e bastante diferente – São Bento.

Que tipo de política deveríamos seguir na Opção Benedict? Se alargarmos a nossa visão política para incluir a cultura, descobriremos que as oportunidades de acção e serviço são ilimitadas. O filósofo cristão Scott Moore diz que erramos quando falamos de política como mera arte de governar.

"A política trata de como ordenamos as nossas vidas na polis, seja ela uma cidade, uma comunidade ou mesmo uma família", escreve Moore. "É sobre como vivemos juntos, como reconhecemos e preservamos o que é mais importante, como cultivamos amizades e educamos nossos filhos, como aprendemos a pensar e a falar sobre que tipo de vida é realmente a vida boa."[3]

Ao pensar sobre a política desta forma, os cristãos americanos têm muito a aprender com a experiência dos dissidentes checos sob o comunismo. Os ensaios que o dramaturgo e prisioneiro político checo Václav Havel e o seu círculo produziram sob opressão e perseguição, superando em muito qualquer outro que os cristãos americanos possam experimentar num futuro próximo, oferecem uma visão poderosa para uma política cristã autêntica num mundo em que somos impotentes, minoria desprezada.

Havel, que morreu em 2011, pregou o que chamou de "política antipolítica", cuja essência descreveu como "viver na verdade". Sua declaração mais famosa e completa sobre isso foi um longo ensaio de 1978 intitulado "O poder dos impotentes", que eletrizou os movimentos de resistência do Leste Europeu quando apareceu pela primeira vez.[4] É um documento notável, que merece um estudo cuidadoso. e reflexão dos cristãos ortodoxos no Ocidente hoje.

Consideremos, diz Havel, o verdureiro que vive sob o comunismo, que coloca uma placa na vitrine de sua loja dizendo: "Trabalhadores do mundo, uni-vos!" Ele faz isso não porque acredita, necessariamente. Ele simplesmente não quer problemas. E se ele realmente não acredita nisso, ele esconde a humilhação da sua coerção dizendo a si mesmo: "O que há de errado com a união dos trabalhadores do mundo?" O medo permite que a ideologia oficial mantenha o poder – e eventualmente muda as crenças do verdureiro. Aqueles que "vivem dentro de uma mentira", diz Havel, colaboram com o sistema e comprometem toda a sua humanidade.

Cada ato que contradiz a ideologia oficial é uma negação do sistema. E se o verdureiro parar de colocar a placa na vitrine? E se ele se recusar a ir junto para se dar bem? "A sua revolta é uma tentativa de viver dentro da verdade" – e isso vai custar-lhe muito.

Ele perderá seu emprego e sua posição na sociedade. Seus filhos podem não ter permissão para ir para a faculdade que desejam, ou para qualquer faculdade. As pessoas irão intimidá-lo ou condená-lo ao ostracismo. Mas ao dar testemunho da verdade, ele realizou algo potencialmente poderoso.

Ele disse que o imperador está nu. E porque o imperador está de facto nu, algo extremamente perigoso aconteceu: com a sua acção, o verdureiro dirigiu-se ao mundo. Ele

permitiu que todos espiassem por trás da cortina. Ele mostrou a todos que é possível viver dentro da verdade.

Por serem públicos, os atos do verdureiro são inescapavelmente políticos. Ele dá testemunho da verdade das suas convicções, estando disposto a sofrer por elas. Ele se torna uma ameaça ao sistema – mas preservou sua humanidade. E isso, diz Havel, é uma conquista muito mais importante do que saber se este partido ou aquele político detém o poder.

"Um sistema melhor não garantirá automaticamente uma vida melhor", continua Havel. "Na verdade, o oposto é verdadeiro: somente criando uma vida melhor é que um sistema melhor pode ser desenvolvido" (ênfase minha).

A resposta, então, é criar e apoiar "estruturas paralelas" nas quais a verdade possa ser vivida em comunidade. Não será isto uma forma de escapismo, uma retirada para um gueto? De forma alguma, diz Havel; uma comunidade contracultural que abdicasse da sua responsabilidade de ajudar os outros acabaria por ser uma "versão mais sofisticada de 'viver dentro de uma mentira'".

Um bom exemplo de como poderia ser esta vida melhor vem do falecido matemático e dissidente Václav Benda. Católico fiel, Benda acreditava que o comunismo mantinha o seu domínio de ferro sobre as pessoas, isolando-as e fragmentando os seus laços sociais naturais. O regime checo puniu severamente a Igreja Católica, levando muitos crentes a privatizar a sua fé, retirando-se para trás dos muros das suas casas para não atrair a atenção das autoridades.

A contribuição distinta de Benda para o movimento dissidente foi a ideia de uma "polis paralela" – uma sociedade separada, mas porosa, existindo ao lado da ordem comunista oficial.[5] Diz Flagg Taylor, um filósofo político americano e especialista em movimentos dissidentes tchecos: " O argumento de Benda era que os

dissidentes não podiam simplesmente protestar contra o governo comunista, mas tinham de apoiar um envolvimento positivo com o mundo."

Correndo sério risco para si e para a sua família (ele e a sua esposa tinham seis filhos), Benda rejeitou a guetização. Ele não viu nenhuma possibilidade de colaboração com os comunistas, mas também rejeitou o quietismo, considerando-o uma falha em demonstrar a devida preocupação cristã pela justiça, caridade e em dar testemunho evangélico de Cristo na praça pública. Para Benda, a ordem de Havel de "viver na verdade" só poderia significar uma coisa: viver como cristão em comunidade.

Benda não defendeu a retirada para um gueto cristão. Ele insistiu que a pólis paralela deve entender-se como uma luta pela "preservação ou renovação da comunidade nacional no sentido mais amplo da palavra – juntamente com a defesa de todos os valores, instituições e condições materiais a que a existência de tal uma comunidade está vinculada.

> Pessoalmente, penso que uma forma não menos eficaz, excepcionalmente dolorosa e, a curto prazo, praticamente irreparável de eliminar a raça humana ou as nações individuais seria um declínio na barbárie, o abandono da razão e da aprendizagem, a perda de tradições e de memória. O regime dominante – em parte intencionalmente, em parte graças à sua natureza essencialmente niilista – fez tudo o que pôde para atingir esse objectivo. O objetivo dos movimentos de cidadãos independentes que tentam criar uma pólis paralela deve ser precisamente o oposto: não devemos desanimar pelos fracassos anteriores e devemos considerar a área da escolaridade e da educação como uma das nossas principais prioridades.[6]

Nesta perspectiva, a pólis paralela não se trata de construir uma comunidade fechada para os cristãos, mas sim de estabelecer (ou restabelecer) práticas comuns e instituições comuns que possam reverter o isolamento e a fragmentação da sociedade contemporânea. (Nisto ouvimos o apelo do Irmão Inácio de Nórcia para termos "fronteiras" – linhas formais atrás das quais vivemos para nutrir a nossa fé e cultura – mas para "empurrar para fora, infinitamente".) Benda escreveu que os objectivos políticos finais da polis paralela são " regressar à verdade e à justiça, a uma ordem significativa de valores, [e] valorizar mais uma vez a inalienabilidade da dignidade humana e a necessidade de um sentido de comunidade humana no amor e na responsabilidade mútuos."

Por outras palavras, os cristãos dissidentes devem ver os seus projectos da Opção Bento como a construção de um futuro melhor, não só para eles próprios, mas para todos os que os rodeiam. É uma visão grandiosa, mas Benda sabia que a maioria das pessoas não estava interessada em defender causas abstratas que atraíssem apenas os intelectuais. Ele defendeu ações práticas que os checos comuns poderiam realizar na sua vida quotidiana.

"Se você não gostou do andamento do ensino universitário, ajude os alunos a encontrar um seminário clandestino ministrado por um desses professores brilhantes expulsos da universidade pelo governo", diz Taylor, explicando os princípios de Benda. "Imprima bons romances por samizdat e coloque-os nas mãos do povo, e deixe-os ver o que estão perdendo. Apoie a educação teológica em um dos seminários clandestinos. Quando as pessoas virem que a resistência está ligada a algo que é realmente significativo para elas, e que isso só é possível se houver um certo número de pessoas empenhadas em preservá-la face à oposição do Estado, elas agirão."

Quer lhe chamemos "política antipolítica" ou "pólis paralela", como poderá ser a visão dos dissidentes checos

nas nossas circunstâncias? Havel dá vários exemplos. Pense nos professores que garantem que as crianças aprendam coisas que não aprenderiam nas escolas públicas. Pense em escritores que escrevem aquilo em que realmente acreditam e encontram maneiras de levar isso ao público, não importa o custo. Pense nos padres e pastores que encontram uma maneira de viver a vida religiosa apesar da condenação e dos obstáculos legais, e nos artistas que não se importam com a opinião oficial. Pense nos jovens que decidem não se importar com o sucesso aos olhos da sociedade e que desistem para seguir uma vida de integridade, não importa o que isso lhes custe. Estas pessoas que se recusam a assimilar e em vez disso constroem as suas próprias estruturas estão a viver a Opção Bento.

Se esperamos que a nossa fé mude o mundo um dia, temos de começar localmente. As comunidades da Opção Bento XVI deveriam ser pequenas, porque "a partir de um certo ponto, os laços humanos como a confiança pessoal e a responsabilidade pessoal não podem funcionar". E deveriam "surgir naturalmente a partir de baixo", o que significa que deveriam ser orgânicos e não transmitidos por planeadores centrais. Estas comunidades começam com o coração individual e daí se espalham para a família, a comunidade da igreja, a vizinhança e assim por diante.

Para saber o que nossos vizinhos precisam e desejam, teremos que estar próximos deles. Na época de Benda, o povo checo tinha pouco conceito de si mesmo como comunidade. O governo totalitário tirou-lhes isso. A tentativa de Benda de repolitizar o povo consistiu em ativar o seu desejo simplesmente de estar junto, de ser social da maneira que achasse agradável.

"Benda nos ensina uma lição importante", diz Taylor. "No meu caso, não conheço bem os meus vizinhos, a não ser uma família vizinha. Não há bar no bairro onde eu possa ir ver as pessoas da minha comunidade. Talvez haja

algo a ser dito sobre a reativação da natureza social das pessoas. Provavelmente não sabemos o que estamos perdendo."

Uma amiga minha que levava uma vida selvagem e hedonista converteu-se ao cristianismo depois de ver a família genuinamente feliz do seu irmão e de saber que a luz nos seus rostos e o amor nos seus corações vinham da fé em Cristo. Ela me disse: "Percebi mais tarde que só precisava de alguém que me desse permissão para ser saudável". À medida que o Ocidente declina na acídia espiritual, haverá cada vez mais pessoas que procuram algo real, algo significativo e, sim, algo saudável. É nosso mandato como cristãos oferecer isso a eles.

Não importa quão furiosas e exaustivas sejam as batalhas políticas partidárias, os cristãos têm de manter claramente diante de nós o facto de que a política americana convencional não pode resolver o que está errado com a nossa sociedade e cultura. São inadequados porque, tanto nas suas formas de esquerda como de direita, operam a partir da posição de que facilitar e expandir a escolha humana é o fim adequado da nossa política. A esquerda e a direita simplesmente discordam sobre onde traçar os limites. O programa de nenhum dos partidos é totalmente consistente com a verdade cristã.

Em contraste, a política da Opção Benedict assume que a desordem na vida pública americana deriva da desordem dentro da alma americana. A política da Opção Bento começa com a proposição de que o trabalho político mais importante do nosso tempo é a restauração da ordem interior, harmonizando-se com a vontade de Deus – o mesmo telos da vida na comunidade monástica. Todo o resto decorre naturalmente disso.

Acima de tudo, isto significa estar ordenado ao amor. Tornamo-nos aquilo que amamos e fazemos o mundo de acordo com os nossos amores. Devemos agir não com medo

e aversão, mas com afeto e confiança em Deus e em Sua vontade.

Quando estivermos verdadeiramente orientados para Deus, não teremos que nos preocupar com resultados imediatos – e isso é uma coisa boa. Ao entrevistar dissidentes sobreviventes da era comunista checa, o investigador Taylor descobriu algo que eles tinham em comum com São Bento e os seus monges. Nunca esperaram viver para ver o fim do totalitarismo e não acreditavam realmente que as suas actividades teriam qualquer efeito a curto prazo. Mas isso funcionou a seu favor.

"Eles se renderam à ideia de que valia a pena fazer essas coisas por si mesmas, não porque pudessem ter consequências definidas e mensuráveis", diz Taylor. "Havel, Benda e os outros dissidentes deixaram claro que, uma vez iniciado o caminho do consequencialismo, encontraremos sempre uma razão para não fazer nada. Você tem que querer fazer algo porque vale a pena fazer, não porque você acha que isso fará o Partido Comunista cair em quatro anos."

Construir comunidades da Opção Bento XVI pode não mudar a nossa nação, mas ainda assim vale a pena fazê-lo. Aqueles que estão envolvidos na construção destas estruturas não devem ser desencorajados por fracassos a curto prazo. Isso está fadado a acontecer. Em vez disso, devem manter o equilíbrio e concentrar-se, nas palavras de Havel, "na luta diária, ingrata e interminável dos seres humanos para viverem de forma mais livre, verdadeira e com dignidade serena".

Não se deixe enganar pela normalidade desta acusação. Esta é a política no seu nível mais profundo. É a política durante a guerra, e estamos a travar nada menos do que uma guerra cultural sobre o que C. S. Lewis chamou de "a abolição do homem".

"A melhor resistência ao totalitarismo é simplesmente expulsá-lo das nossas próprias almas, das nossas próprias

circunstâncias, da nossa própria terra, expulsá-lo da humanidade contemporânea", disse Václav Havel. O mesmo se aplica à corrosiva filosofia anticristã que tomou conta da vida pública americana.

Na melhor das hipóteses, as comunidades da Opção Bento XVI podem fornecer um testemunho político não intencional da cultura liberal secular, oferecendo um forte contraste a um conjunto de arranjos políticos e económicos cada vez mais frios e indiferentes. O Estado não será capaz de cuidar de todas as necessidades humanas no futuro, especialmente se as actuais projecções de crescente desigualdade económica se revelarem precisas. A pura humanidade da compaixão cristã e a imagem da dignidade humana que ela honra serão uma alternativa extraordinariamente atraente – não muito diferente do testemunho evangélico da igreja primitiva no meio do declínio do paganismo de um esgotado Império Romano.

Veja como começar com a política antipolítica da Opção Benedict. Separe-se culturalmente do mainstream. Desligue a televisão. Guarde os smartphones. Leia livros. Jogar jogos. Fazer música. Festa com seus vizinhos. Não basta evitar o que é mau; você também deve abraçar o que é bom. Comece uma igreja ou um grupo dentro de sua igreja. Abra uma escola cristã clássica ou junte-se e fortaleça uma que já exista. Plante um jardim e participe do mercado de um fazendeiro local. Ensine as crianças a tocar música e comece uma banda. Junte-se ao corpo de bombeiros voluntários.

A questão não é que devamos parar de votar ou de ser activos na política convencional. A questão, antes, é que isso não é mais suficiente. Depois que a decisão Planned Parenthood v. Casey de 1992 confirmou o direito ao aborto, o movimento pró-vida entendeu que não seria possível, no curto prazo, derrubar Roe v. Então ampliou sua estratégia. O movimento manteve lobistas e activistas que lutavam pelo bom combate em Washington e nas capitais dos

estados, mas a nível local, pró-vida criativos abriram centros de gravidez em crise. Estas rapidamente se tornaram fundamentais para o avanço da causa pró-vida – e salvaram inúmeras vidas em gestação. Este é um modelo que nós, cristãos tradicionais, devemos seguir. Os tempos mudaram dramaticamente e já não podemos contar com políticos e activistas para travar a guerra cultural sozinhos em nosso nome.

Muitos cristãos conservadores sentiram alívio com o destino do Supremo Tribunal ao ouvirem a notícia chocante (até mesmo para os seus apoiantes) de que Donald Trump tinha ganho a presidência. Isto é compreensível, e deveríamos instar a nova administração a nomear juízes fortemente empenhados na liberdade religiosa e na protecção da vida dos nascituros. Mas isto não pode ser repetido com frequência suficiente: os crentes devem evitar a armadilha habitual de pensar que a política pode resolver problemas culturais e religiosos. Confiar nos políticos republicanos e nos juízes que eles nomeiam para fazer o trabalho que só a mudança cultural e a conversão religiosa podem fazer é uma grande razão pela qual os cristãos se sentem tão debilitados. As profundas forças culturais que têm separado o Ocidente de Deus durante séculos não serão detidas ou revertidas por uma única eleição, ou por qualquer eleição.

Nós, cristãos ortodoxos fiéis, não pedimos o exílio interno de um país que pensávamos ser o nosso, mas é aí que nos encontramos. Somos uma minoria agora, por isso sejamos criativos, oferecendo alternativas quentes, vivas e cheias de luz a um mundo que se torna cada vez mais frio, morto e escuro. Estaremos cada vez mais sem influência, mas sejamos guiados pela sabedoria monástica e acolhamos isto humildemente como uma oportunidade enviada por Deus para a nossa purificação e santificação. Perder o poder político pode ser exatamente o que salva a alma da igreja. Deixar de acreditar que o destino do

Império Americano está em nossas mãos nos liberta para colocá-los para trabalhar pelo Reino de Deus em nossos pequenos condados.

CAPÍTULO 5

Uma Igreja para todas as estações

Sua igreja pode estar se matando e não ter ideia do que está fazendo. Tudo pode parecer bem na superfície, mas no fundo um câncer pode estar se metastatizando silenciosamente em seus ossos, cuja fragilidade se tornará dolorosamente clara quando colocada à prova.

Em 2004, Robert Louis Wilken refletiu na revista First Things sobre uma viagem preocupante que fez à Europa naquele ano. Wilken, um importante historiador americano do cristianismo primitivo, disse que, ao longo da sua vida, viu o "colapso da civilização cristã". Na Alemanha, naquela primavera, ele observou que até mesmo a lembrança de ter sido cristão estava desaparecendo. Já era suficientemente mau que os secularistas anticristãos estivessem a trabalhar arduamente para eliminar a fé da vida pública, mas era ainda pior que os cristãos estivessem a ajudar e a encorajar a sua própria extinção.

Por que? Os cristãos no Ocidente negligenciaram gravemente a manutenção da sua própria cultura distinta. Wilken escreveu:

> Nada é mais necessário hoje do que a sobrevivência da cultura cristã, porque nas últimas gerações esta cultura tornou-se perigosamente tênue. Neste momento da história da Igreja neste país (e no Ocidente em geral) é menos urgente convencer a

> cultura alternativa em que vivemos da verdade de Cristo do que a Igreja contar a si mesma a sua própria história e nutrir a sua própria vida, a cultura da cidade de Deus, a república cristã. Isto não acontecerá sem um renascimento da disciplina moral e espiritual e um esforço resoluto por parte dos cristãos para compreender e defender os remanescentes da cultura cristã.[1]

Em outras palavras: se você não mudar seus hábitos, você morrerá, e o mesmo acontecerá com o que resta da fé cristã em nossa civilização.

A Opção Bento XVI é vital para a vida da igreja local hoje. Por que? A espiritualidade beneditina é boa na criação de uma cultura cristã porque se trata de desenvolver e sustentar o cultus cristão, uma palavra latina que significa “adoração”. Uma cultura é o modo de vida que emerge do culto comum de um povo. O que consideramos mais sagrado determina a forma e o conteúdo da nossa cultura, que emerge organicamente do processo de tornar tangível uma fé.

Se quisermos provocar uma renovação genuína da cultura cristã, a Opção Bento terá de estar centrada na vida da Igreja. Todo o resto segue.

Em certo sentido, o novo estatuto de minoria dos cristãos pode ajudar-nos a manter o foco onde deveria estar. Como diz o líder batista do sul, Russell Moore, em seu livro Onward, ao perder sua respeitabilidade cultural, a igreja fica mais livre para ser radicalmente fiel.

“Envolveremos a cultura menos como os capelães de algum idílico Mayberry e mais como os apóstolos do livro de Atos”, escreve Moore. “Estaremos falando não principalmente para pagãos batizados que fazem parte da lista da igreja de alguém, mas para aqueles que estão ouvindo algo novo, talvez pela primeira vez. Dificilmente

seremos ‘normais’, mas nunca deveríamos ter tentado ser.”[2]

O melhor testemunho que os cristãos podem oferecer à América pós-cristã é simplesmente ser a igreja, uma minoria tão feroz e criativa quanto pudermos. “Nisto todos os homens saberão que sois meus discípulos”, disse o Senhor no Evangelho de João, e se tivermos uma chance hoje, o faremos apenas por causa do Seu amor vivido através de nós – aos nossos irmãos e irmãs em Cristo e depois para o mundo.

Mas você não pode dar o que não possui. Muitas das nossas igrejas funcionam como centros de entretenimento seculares com a moral religiosa colocada no topo, quando deveriam funcionar como o Corpo vivo e respirante de Cristo. Demasiadas igrejas sucumbiram à modernidade, rejeitando a sabedoria de épocas passadas, tratando o culto como uma actividade de consumo e permitindo que os paroquianos funcionassem como membros irresponsáveis e atomizados. A triste verdade é que, quando o mundo nos vê, muitas vezes não consegue ver nada diferente dos incrédulos. Os cristãos falam frequentemente em “alcançar a cultura” sem se aperceberem que, não tendo uma cultura cristã própria e distinta, foram cooptados pela cultura secular que desejam evangelizar. Sem uma cultura cristã substancial, não é de admirar que os nossos filhos estejam a esquecer o que significa ser cristão, e não é de admirar que não estejamos a trazer novos convertidos.

Se as igrejas de hoje quiserem sobreviver à nova Idade das Trevas, devem deixar de “ser normais”. Precisaremos de nos comprometer mais profundamente com a nossa fé, e precisaremos de o fazer de formas que parecem estranhas aos olhos contemporâneos. Ao redescobrir o passado, recuperar o culto litúrgico e o ascetismo, centrar as nossas vidas na comunidade eclesial e reforçar a disciplina eclesial, iremos, pela graça de Deus, tornar-nos novamente

o povo peculiar que sempre deveríamos ter sido. Os frutos deste foco na formação cristã resultarão não apenas em cristãos mais fortes, mas também num novo evangelismo à medida que o sal recupera o seu sabor.

Redescubra o passado

Se os monges de Norcia acordassem todos os dias num mundo novo e decidissem que a sua direcção seria decidida pelos seus caprichos, a comunidade desmoronaria, ou pelo menos deixaria de ser o tipo de comunidade que forma os monges cristãos. Em vez disso, seguem uma Regra que foi testada por mil e quinhentos anos de experiência. A tradição não só os orienta sobre como obedecer à Palavra de Deus e estar abertos à orientação do Espírito Santo, mas também os liberta do fardo de terem de inventar coisas à medida que avançam.

Isto é algo difícil para os cristãos modernos entenderem. A nossa imaginação foi colonizada por uma mentalidade que considera as formas de culto mais antigas e herdadas como impedimentos à autenticidade. Pelo contrário, precisamos de ser instruídos sobre como orar e adorar para treinar as nossas mentes a pensar de uma forma autenticamente cristã. Tal como Paulo exortou os romanos, devemos ser transformados pela renovação das nossas mentes, pela adoção de padrões de pensamento e comportamentos que não são realmente naturais para nós. Isto não é escravidão, mas liberdade.

Quando os cristãos ignoram a história de como os nossos pais e mães na fé rezaram, viveram e adoraram, negamos o poder vivificante das nossas próprias raízes e desligamo-nos da sabedoria daqueles cujas mentes foram renovadas. Como resultado, na melhor das hipóteses, a obra de Deus em nossas vidas é mais lenta e superficial do que poderia

ser de outra forma. Na pior das hipóteses, perdemos nossos filhos.

Uma grande parte da apostasia hoje é que nossos filhos não conhecem a história do Cristianismo nem entendem por que ela é importante. Uma amiga ortodoxa oriental, criada como evangélica, disse que não tinha ideia do que a igreja primitiva ensinava, ou mesmo quem eram os pais da igreja, até se tornar ortodoxa – uma tradição que enfatiza os seus escritos e ensinamentos. Para este amigo, a fé cristã equivalia à Bíblia conforme interpretada pelos pastores evangélicos mais populares da época.

Não é que o Evangelicalismo rejeite os escritos teológicos fundamentais do Cristianismo primitivo, explicou ela, mas nunca os menciona. Nem a igreja da sua juventude se aprofundou na tradição da Reforma da qual surgiu. Na sua igreja e escola religiosa, ela não foi alimentada com nada além do mingau ralo do cristianismo contemporâneo, com a sua teologia superficial e slogans otimistas. Enquanto o escritor Walker Percy falava sobre os insípidos romancistas cristãos contemporâneos, eles venderam seu direito de primogenitura por “um pote de mensagem”.

Este não é um problema exclusivamente evangélico. Muitos protestantes e católicos tradicionais nas últimas duas ou três gerações foram criados numa ignorância quase total das raízes da sua própria tradição. Não é pequeno o número de ortodoxos orientais de berço que cresceram aprendendo mais sobre os costumes étnicos dos seus antepassados do que sobre a fé dos seus pais. Cortar um povo da sua tradição é quebrar a cadeia da memória histórica e privá-lo de uma cultura. Não admira que a cultura cristã definha na modernidade.

Mas existem maneiras para cristãos determinados contornarem isso.

Certa vez, durante meus dias católicos, eu estava reclamando com um amigo católico sobre quão terrível era o ensino na vida paroquial. Um padre que nos ouviu disse

que tudo o que reclamávamos era verdade, mas não precisávamos resignar-nos e aos nossos filhos a este destino.

"Você poderia acessar a Amazon.com hoje à noite e receber dentro de uma semana uma biblioteca teológica que Tomás de Aquino teria invejado", disse ele. "Meus pais me criaram nos anos setenta, que foi o início do pesadelo da catequese. Eles sabiam que, se quisessem criar filhos católicos, teriam de fazer muitas coisas sozinhos, e o fizeram. Você também."

Se você não começar algo em sua igreja local, quem o fará? O ativista da liberdade religiosa Lance Kinzer, que você conheceu no capítulo anterior, iniciou um grupo de oração em sua igreja, no qual usam orações escritas pelo próprio Calvino. Kinzer também está liderando um estudo na escola dominical sobre os escritos de Agostinho. É compreensível que os protestantes fossem cautelosos em relação às obras teológicas pré-Reforma do segundo milénio, mas os escritos dos primeiros pais da igreja são uma mina de ouro de sabedoria espiritual e teológica.

Policarpo, Justino Mártir, Atanásio, Agostinho, João Crisóstomo, os Capadócios, Jerônimo, Inácio de Antioquia, Clemente de Alexandria, Máximo, o Confessor, Irineu e tantos mais: essas vozes dos primeiros oito séculos da igreja cristã ainda falam nós hoje. Os cristãos que buscam aprofundar suas conexões com o cristianismo histórico deveriam ler estes homens de Deus. Seus escritos são diretos e acessíveis até mesmo aos corações dos leitores contemporâneos. Revelam-nos a tradição cristã que nos deu a nossa distinção, grande parte da qual perdemos nos tempos modernos.

A perda da cultura distinta da igreja é também uma perda para o mundo, que Deus pretende abençoar através da vida da igreja. O crítico literário batista do sul, Ralph Wood, afirma que a tarefa da igreja hoje é "não criar uma contracultura, mas sim uma nova cultura baseada em uma

cultura tão antiga e quase esquecida que parece recém-criada".[3]

Nós, cristãos de hoje, podemos criar essa nova cultura com base no retorno criativo àquela antiga. Somos chamados a ser um novo – e bem diferente – Santo Policarpo, Santo Irineu, Santo Agostinho e assim por diante. A melhor maneira de fazer isso é mergulhar nas palavras e no mundo dos antigos santos.

Recuperar o Culto Litúrgico

Assim como muitos cristãos contemporâneos são alérgicos ao passado, muitos também são cautelosos em relação à liturgia, mas não deveriam ser. Liturgia – da palavra grega leitourgia, que significa "trabalho do povo" – no uso cristão significa a forma de culto comum. Existe uma ligação entre negligenciar a consideração da liturgia a sério, ou desistir completamente da liturgia, e abandonar a ortodoxia cristã. Se quisermos manter estas verdades ao longo do tempo, devemos manter a nossa liturgia.

Pode-se dizer que o crítico de mídia Marshall McLuhan escreveu sobre liturgias quando disse: "O meio é a mensagem". O que ele quis dizer foi que a forma concreta como a informação é transmitida é em si uma mensagem, porque molda a nossa capacidade de receber a mensagem.

Aqui está um exemplo. Quando os meus pais cresceram no Louisiana, nas décadas de 1940 e 1950, a Europa estava tão distante na sua imaginação que era praticamente irreal. Quando eu cresci no mesmo lugar, nas décadas de 1970 e 1980, a Europa parecia muito mais próxima graças à televisão, que transmitia sons e imagens do continente para a nossa casa quase diariamente. No ensino médio, tive alguns amigos por correspondência holandeses. Uma vez, criei coragem para ligar para um deles em nosso telefone

multifreqüencial. Foi um acontecimento tão importante em minha mente que, mesmo trinta anos depois, ainda consigo me lembrar do número de telefone da família dela, que memorizei como um verso de poesia. O som de sua voz chegando até mim ao telefone pela primeira vez me fez sentir que a tecnologia me permitiu avançar para outra dimensão. E de certa forma, tinha.

Para os meus filhos, que estão a ser criados na mesma localização geográfica que eu e os meus pais, a Europa é tão real como o Texas. Não só veem a Europa nos noticiários televisivos e na grande variedade de programação que chega à nossa televisão através da Internet, mas a nossa família gosta de falar ao vivo pela Internet, com Skype ou FaceTime, com os nossos amigos nos Países Baixos. McLuhan cunhou o termo aldeia global em 1964 para se referir ao compartilhamento mundial de cultura possibilitado pela tecnologia. Cinquenta anos depois, a Internet tornou isso uma realidade.

O que mudou não foi a "mensagem" da Europa, em termos de conteúdo informativo. A mudança revolucionária na consciência veio através dos meios de comunicação electrónicos – primeiro a televisão, depois a Internet. A mensagem verdadeiramente transformadora é que os meios eletrónicos tornam todo o mundo imediatamente acessível.

A liturgia é como um meio de comunicação no sentido McLuhanesco. O efeito da liturgia está tanto na informação que ela transmite como na forma como a transmite. Imagine que você está em uma missa católica em uma sombria igreja suburbana da década de 1970 que parece uma Pizza Hut reformada. No domingo seguinte você estará em uma missa católica na cidade de Nova York, na Catedral de São Patrício. A leitura das Escrituras é a mesma em ambos os lugares, e Jesus está tão presente na Eucaristia em Nossa Senhora da Pizza Hut como na de São Patrício. As chances são, porém, de que você tenha que

trabalhar mais para evocar um senso da verdadeira santidade da missa na igreja suburbana do que na catedral – embora teologicamente falando, a “informação” transmitida na Palavra e no Sacramento em ambos os lugares fosse a mesma . Esta é a diferença que a liturgia pode fazer.

James K. A. Smith, um filósofo cristão evangélico, salienta que tudo na vida é litúrgico, no sentido de que todas as nossas ações enquadram as nossas experiências e treinam os nossos desejos para fins específicos. Todos os dias vivemos o que ele chama de “liturgias culturais” de um tipo ou de outro.

A liturgia secular do shopping tem como objetivo despertar e cultivar certos desejos naqueles que entram no shopping. Promete proporcionar realização pessoal por meio da compra. Segundo Smith, imagens publicitárias de pessoas bonitas transmitem a mensagem subliminar de que você poderia ser tão feliz e atraente quanto elas se comprasse o produto. Se a liturgia do shopping fizer o que deve fazer, o desejo que as imagens e os rituais das compras evocam levará o comprador a trocar dinheiro por produtos e depois sair do shopping satisfeito – até que o desejo pela mesma experiência o traga de volta.[4]

A lição aqui é que vários elementos presentes no ritual de compras em um shopping ativam desejos particulares e os direcionam para determinados objetos, cuja compra promete proporcionar satisfação.

As liturgias cristãs, por outro lado, deveriam levar-nos a desejar a comunhão com Deus. A base das nossas liturgias é aquele que une o meio e a mensagem do Evangelho: Jesus Cristo. Como diz o estudioso Robert Inchausti, o famoso slogan de McLuhan é “apenas outra maneira de dizer 'o Verbo se tornou carne'”.[5] Nossas liturgias de adoração, por mais diversas que sejam, são orientadas para louvá-Lo e participar Dele. .

Houve uma série de liturgias ao longo da história da igreja cristã, mas a maioria seguiu um padrão básico derivado das Escrituras. Na sua forma mais básica, a liturgia dominical começa com a reunião formal da comunidade adoradora, a leitura das Escrituras, a celebração da Comunhão e a dispersão da comunidade para viver para Cristo. A liturgia dominical, então, é uma reunião de fiéis para comungar com Deus na Palavra e no Sacramento, e para enviá-los ao mundo.

Muitos cristãos hoje (incluindo alguns em igrejas litúrgicas) acreditam que o culto dominical é meramente expressivo – isto é, é apenas sobre o que nós, o povo, temos a dizer a Deus. Contudo, na tradição cristã, a liturgia trata principalmente, embora não exclusivamente, do que Deus tem a nos dizer. A liturgia revela algo da ordem divina e transcendente e, quando nos submetemos a ela, leva-nos a uma harmonia mais estreita com essa ordem.

Todo o culto é, em certo sentido, litúrgico, mas as liturgias que são sacramentais reflectem a presença de Cristo na ordem divina e encarnam-na numa forma concreta acessível aos adoradores. A liturgia não é mágica, claro, mas se for pretendida e recebida sacramentalmente, desperta a sensação de que os fiéis estão em comunhão com o reino eterno e transcendente através do ritual e dos seus elementos. A liturgia alimenta a imaginação sacramental, retecendo a ligação entre corpo e espírito.

Como vimos, os beneditinos ordenam as suas vidas em torno da crença de que a matéria é importante e de que o que fazemos com os nossos corpos e o mundo material tem consequências espirituais concretas.

O teólogo reformado contemporâneo Hans Boersma identifica a perda da sacramentalidade como a principal razão pela qual a igreja moderna está desmoronando. Se não houver uma participação real no eterno – isto é, se não considerarmos a matéria, e mesmo o próprio tempo, como firmemente enraizados no ser de Deus – então a vida da

igreja dificilmente poderá resistir às torrentes da modernidade líquida.

"Parece-me que a cultura ocidental contemporânea vê as coisas que vemos ao nosso redor – cada objeto criado – como isoladas", disse-me Boersma. "Normalmente, na nossa cultura, também olhamos para cada evento, seja ele qual for, como um evento isolado, independente de qualquer outro evento. Tudo em nossa cultura está em fluxo. Tudo não está relacionado com todo o resto. Não temos âncora, nem estabilidade."

A liturgia restaura a estabilidade que perdemos ao consolidar a história do evangelho em nossos corpos. Como disse MacIntyre, se quisermos saber o que fazer, devemos primeiro determinar a que história pertencemos. A adoração cristã, feita corretamente, nos lembra regularmente de que pertencemos a Cristo e à história que Ele está revelando. Mas também nos ensina que não somos livres para improvisar a história, mas somos obrigados a escrever os nossos próprios capítulos de acordo com o que nos foi revelado no Livro e em continuidade com o que os nossos pais e mães da fé escreveram. antes de nós.

Até mesmo os sociólogos seculares reconhecem o poder destes atos físicos para manter a memória cultural. No seu livro How Societies Remember, o antropólogo social Paul Connerton estuda práticas que vários povos empreenderam para se apegarem às suas histórias face ao esquecimento. Ele diz que quando uma comunidade quer recordar a sua história sagrada, aquela que lhe dá significado, deve fazer da história uma questão de "memória de hábito". Ou seja, deve absorver a história como algo "sedimentado no corpo".[6]

Os rituais mais poderosos envolvem o corpo, diz Connerton. Eles fazem uso de todos os sentidos para imprimir a história sagrada nas pessoas reunidas. Por exemplo, quando os adoradores se ajoelham ou se prostram

num determinado ponto de um ritual, aprendem nos seus próprios músculos o significado cheio de admiração daquele momento sagrado – e isso os ajuda a lembrar.

O estudo de Connerton descobriu que os rituais mais eficazes não variam e se destacam distintamente da vida diária nas suas canções e linguagem. E para que um ritual seja eficaz no treino dos corações e na formação da imaginação dos seus participantes, tem de ser algo a que eles estejam habituados nos seus corpos.

O Cristianismo é muito mais do que uma liturgia eficaz, é claro. Uma liturgia rica que não seja acompanhada por ensinamentos sólidos e práticas fortes seria pouco mais do que uma experiência estética para um congregante. Mas se a corporeidade é a forma como Deus nos criou para funcionar, e se a nossa tradição nos fornece liturgias baseadas na Bíblia que cimentam a memória cultural da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo nos nossos ossos, porque não as implementaríamos?

Além de nos ajudar a lembrar de Cristo, a liturgia também nos lembra que o cristianismo não é apenas uma filosofia, mas um modo de vida que exige tudo. Quando a minha pequena congregação de cristãos ortodoxos iniciou uma igreja missionária na nossa pequena cidade da Louisiana, a Igreja Ortodoxa Russa ofereceu-se para nos enviar um padre. Quando o Padre Matthew Harrington veio à cidade, disse-nos que era prática da igreja russa insistir que os seus membros comparecessem às vésperas (oração vespertina) no sábado à noite se quisessem receber a comunhão no domingo de manhã.

Isso era novo para nós. Todos nós (incluindo o Padre Matthew) éramos convertidos, mas a maioria de nós não tinha entrado na Ortodoxia através da tradição russa. Nós realmente tivemos que fazer isso? Sim, disse o padre Matthew. Não é negociável.

Então todos nós nos submetemos à disciplina. Foi difícil e eu me ressenti. O serviço de vésperas era inconveniente.

Acabamos chegando tarde nos churrascos e jantares de sábado à noite. Foram quarenta e cinco minutos do meu fim de semana que eu não queria desistir.

Depois de seis meses assim, percebi que as vésperas haviam se tornado. . . normal. E não apenas normal, eu realmente ansiava pelo serviço. A simples prática de começar o sábado à noite com oração comunitária na igreja ensinou-me (e aos meus filhos) que Deus vem em primeiro lugar nas nossas vidas. Mais especificamente, ajudou a reforçar a verdade de que o Cristianismo Ortodoxo é um modo de vida, e abraçá-lo significa que fazemos coisas que nos diferenciam da multidão.

A necessidade da liturgia está se tornando clara para cada vez mais teólogos protestantes. Talvez surpreendentemente para um pentecostal, Simon Chan, um notável teólogo, académico e escritor baseado em Singapura, é um de um número crescente de líderes de igrejas evangélicas que argumentam que as suas igrejas devem regressar à riqueza do culto litúrgico. A eclesiologia evangélica é inadequada para a tarefa de enfrentar os desafios da pós-modernidade, escreveu ele.

Isto ocorre em parte porque o Evangelicalismo tem historicamente se concentrado não na construção de instituições, mas no reavivamento, tornando-o inerentemente instável. Também adotou uma abordagem individualista da fé que a deixa vulnerável às tendências da cultura pop. Além disso, o Evangelicalismo desenvolveu-se em parte em reacção ao liberalismo dentro das principais denominações protestantes, cujo estilo de adoração mais formal levou os dissidentes evangélicos a associar (erroneamente, na opinião de Chan) a liturgia à morte espiritual.

Chan acredita que uma abordagem de adoração que se concentra na busca de euforia espiritual – a igreja como uma reunião de incentivo – é insustentável. Se quisermos construir uma fé capaz de manter a estabilidade e a

continuidade, precisamos frequentar regularmente uma igreja que celebre uma liturgia fixa. É assim que os indivíduos passam a ser “moldados pela história cristã”.

“O ritmo litúrgico é um tipo de música pela qual a verdade do evangelho é inculcada ao longo do tempo”, escreve Chan em seu livro Teologia Litúrgica.[7] Ele acrescenta que a liturgia é uma “jornada em direção a um fim pretendido” e constitui “a vivência de nossa fé batismal no corpo.”[8]

(As palavras de Chan me lembram uma conversa que tive em um café com uma evangélica milenar em Colorado Springs, na qual ela me explicou por que deixou sua igreja para frequentar uma igreja com foco mais litúrgico. “Cansei de ficar sentada lá”, ela disse. “Eu queria adorar com meu corpo.”)

Scott Aniol, que ensina adoração no Southwestern Baptist Theological Seminary, argumenta que nem todas as liturgias são igualmente eficazes. Todas as liturgias divinas transmitem a verdade de Deus de uma forma particular, mas algumas formas de adoração transmitem essas verdades e realidades melhor do que outras. Aniol diz que isso ocorre porque a liturgia nos treina a imaginar Deus de maneiras específicas – maneiras que tornam os crentes melhores discípulos.

As liturgias fazem mais do que transmitir informações sobre Deus. Eles formam nossa imaginação e nossos corações. Nada é mais eficaz para fazer isso de maneira fiel às Escrituras do que as antigas formas de adoração cristã, diz Aniol. O que muitos protestantes rejeitam como “repetição vã” nas formas litúrgicas de adoração é, na verdade, a qualidade da liturgia que a torna tão eficaz no discipulado.

“A questão não é se as pessoas serão formadas pela liturgia, mas quais liturgias as formarão”, diz Aniol. É aqui que os cristãos conservadores de hoje têm muito a

aprender com os nossos antepassados na fé. Na opinião de Aniol, não devemos rejeitar a tradição litúrgica cristã por sermos “relevantes” ou qualquer outra coisa – não se entendermos o culto como principalmente formativo, não expressivo. Ele ensina tanto seus seminaristas batistas quanto a congregação de sua igreja local a se aprofundarem na tradição cristã para recuperar antigas formas litúrgicas.

Ryan Martin pastoreia uma igreja fundamentalista rural em Minnesota, que não tem uma liturgia de cheiros e sinos, mas que, no entanto, observa uma forma de adoração mais tradicional. Eles acreditam que este é um mandato bíblico.

“Detestamos o entretenimento como adoração. Acreditamos que Deus deve ser adorado de uma forma que comunique a sua transcendência, bem como o calor do Evangelho”, diz Martin. “A adoração contemporânea manipula. Deus não é uma moda passageira ou uma divindade moderna. Vinculá-lo à nossa pequena fatia da cultura popular não faz justiça a ele como o Deus transcendente sobre toda a história e culturas.”

Ben Haguewood costumava frequentar as principais igrejas evangélicas, onde apreciava a seriedade com que a congregação encarava as Escrituras, mas passou a não gostar da falta de reverência. “Em nome da relevância e do acolhimento de pessoas que associavam a igreja ao julgamento e à negatividade, eles ofereciam um culto que para mim mais parecia uma versão diluída da cultura pop”, diz ele.

Haguewood agora adora na Redeemer Presbyterian, uma congregação conservadora da Igreja Presbiteriana na América (PCA) em Austin, Texas, que observa uma liturgia mais formal. Ele diz que a forma de adoração é bela, o ensino é claro e “nunca há qualquer equívoco” na primeira missão da igreja: adorar a Deus na Palavra e no Sacramento. “Não poderia ser mais ‘irrelevante’ para a

cultura moderna", diz Haguewood – e é por isso que ele adora.

Está além do escopo deste livro dizer a outros cristãos como eles devem celebrar suas liturgias, mantendo-se fiéis à sua tradição teológica. Dito isto, faria bem aos crentes da baixa igreja repensar a sua rejeição das liturgias tradicionais como nada mais do que "cheiros e sinos". O aroma do incenso, o som dos sinos das igrejas, o brilho das velas e os tons vívidos dos ícones – tudo isso causa uma impressão poderosa e pré-racional na mente e nos prepara para a comunhão com o Senhor na Palavra e no Sacramento.

Quando você entra em uma igreja Ortodoxa Oriental, por exemplo, você sabe imediatamente que está num espaço sagrado. As velas acesas simbolizam a Luz de Cristo. Os ícones lembram-nos a comunhão dos santos e a verdade teológica de que estamos rodeados por "tão grande nuvem de testemunhas", como Paulo escreveu aos Hebreus (12:1). E o incenso representa a presença do Espírito Santo. Todas estas coisas simples e sensuais trabalham em conjunto para integrar os nossos corpos no culto cristão, para nos colocar num estado de espírito contemplativo e para preparar o terreno para receber a semente das Escrituras e da Sagrada Comunhão. Não são acessórios decorativos que acompanham o culto (os ícones não são meras pinturas, por exemplo), mas uma parte crucial do próprio culto.

Devemos sentir que reunir-se numa igreja como uma comunidade para oferecer adoração ao nosso Deus é algo separado da vida comum. É isso que dá poder às ricas liturgias. As igrejas não litúrgicas estão a experimentar adicionar orações litúrgicas históricas e outros elementos da tradição cristã, incluindo velas e incenso, aos seus serviços. Isto é encorajador.

Agora, os evangélicos da igreja baixa estão absolutamente certos ao dizer que a liturgia em si não irá salvá-lo. Somente a conversão do coração o fará. A liturgia

é necessária para que o culto faça o que deve fazer para cumprir o seu potencial, mas a liturgia por si só não é suficiente, pela mesma razão que uma apresentação de um concerto de Bach não significa nada para um homem surdo. Se o corpo de um crente está adorando, mas seu coração e sua mente estão em outro lugar, que bem isso traz? O objetivo é integrar todas as partes da pessoa cristã. É preciso fé e razão para formar e discipular um cristão.

Dito isto, não pode haver dúvida de que a forma que o culto assume é uma arma poderosa, tanto contra a modernidade (ao construir um baluarte contra as suas forças desintegradoras) como a favor da modernidade (ao deixar as igrejas sem defesas adequadas).

Reaprender os hábitos cristãos tradicionais do ascetismo

Poucos cristãos leigos modernos fora dos círculos ortodoxos orientais (e muito poucos dentro deles) praticam jejum regular e outras formas tangíveis de ascetismo. Como aprendemos num capítulo anterior, ascetismo vem da palavra grega askesis, que significa "treinamento". Refere-se a abrir mão dos prazeres materiais, permanente ou periodicamente, para fortalecimento espiritual.

O ascetismo é uma parte vital da vida cristã que, nas palavras dos teólogos Stanley Hauerwas e Will Willimon, trata de "disciplinar nossos desejos e necessidades em congruência com uma história verdadeira, que nos dá os recursos para levar vidas verdadeiras". id_0000}}

Os monges beneditinos levam a sério o ensinamento do Novo Testamento de que o apego à riqueza e às coisas terrenas impede a jornada para a santidade. O Irmão Inácio explica que os monges valorizam muito a disciplina

ascética. Ele a descreve como uma limpeza espiritual – que pode ter um efeito evangélico, se feita com humildade.

"Você está tão ocupado limpando sua própria casa que não tem tempo de olhar a casa do vizinho", diz o monge. "Talvez quando meu vizinho perceber que estou falando sério sobre a limpeza da minha casa, eles possam me seguir e começar a limpar suas próprias casas. Se eu os convidar, eles podem dizer: 'Bela casa. Como você cuida disso?'"

Numa sociedade que valoriza o conforto e o bem-estar acima de qualquer outra coisa, pode não haver prática formativa cristã mais essencial do que o jejum regular. Os cristãos ortodoxos orientais observantes normalmente comem modestamente, evitando carne, laticínios, óleo e vinho às quartas-feiras (em memória da traição de Cristo) e às sextas-feiras (em memória da Sua crucificação). Da mesma forma, jejuamos durante as épocas prescritas que precedem dias santos importantes, como os quarenta dias antes da Páscoa (Páscoa), conhecida como Grande Quaresma.

Jejuar assim não é fácil, principalmente no início. Os padres ortodoxos orientais normalmente prescrevem jejuns leves para iniciantes espirituais. A questão não é abster-se de certos alimentos por razões legalistas, mas quebrar o poder que os nossos desejos corporais têm sobre nós. "Fui crucificado com Cristo; e já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim", escreveu o apóstolo Paulo aos gálatas (2:20). O jejum é um exercício espiritual cujo objetivo é submeter o corpo ao jugo libertador de Jesus. Como diz Wendell Berry, negar o desejo corporal em prol do crescimento espiritual é "uma recusa em permitir que o corpo sirva o que é indigno dele".[10]

Isto é verdade não apenas para o corpo individual, mas também para a igreja, o Corpo de Cristo. Durante a Grande Quaresma na Igreja Ortodoxa Oriental, toda a congregação

se envolve em longos e exigentes serviços de oração penitencial, muitas vezes envolvendo prostrações corporais completas na igreja. Embora nenhum paroquiano verifique quem mais está jejuando com tanta observância, se é que o faz, há uma forte sensação de que estamos todos juntos nesta difícil jornada de arrependimento. Desta forma, o ardor do jejum pode construir uma comunidade.

O ascetismo diário pode incluir manter uma regra regular de oração, comprometer-se com a leitura diária das Escrituras, reunir-se todas as noites com a família para jantar e definir um horário todas as noites para desligar a televisão ou o computador – e cumpri-lo. Com o tempo, esses exercícios se tornarão fáceis. O objetivo não é apenas adquirir disciplina espiritual, mas também fazer com que ela se torne uma segunda natureza, para que não se pense mais em adquiri-la.

Um corredor não poderia esperar completar uma maratona sem se preparar para isso através de horas de treinamento. Da mesma forma, se não nos treinarmos para desistir de pequenas coisas agora, não estaremos preparados para desistir de coisas grandes quando forem postas à prova. Perto do fim de sua vida, São Paulo escreveu a Timóteo (4:7): “Combati o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé”. Se esperamos dizer a mesma coisa, temos que praticar todos os dias de nossas vidas.

Aperte a Disciplina da Igreja

O que é verdade para os corpos cristãos individuais também é verdade para o Corpo de Cristo, a igreja. Não somos apenas um grupo de indivíduos que se reúnem uma vez por semana para partilhar o mesmo espaço de adoração. As Escrituras deixam claro que fazemos parte de

um sistema orgânico, cada um com o seu próprio papel a desempenhar. À medida que disciplinamos os nossos corpos físicos para os submeter às verdades espirituais, também devemos disciplinar o nosso corpo colectivo da igreja – e não apenas jejuando juntos e participando em orações penitenciais em assembleia.

À medida que os cristãos da Opção Benedict constroem comunidades eclesiásticas mais saudáveis, também terão de reforçar a disciplina eclesial. Gays, lésbicas e seus aliados não estão errados ao questionar por que os cristãos conservadores são rápidos em condenar o seu pecado, mas ignoram o divórcio desenfreado e o pecado sexual entre os heterossexuais nas nossas próprias congregações. A igreja primitiva mantinha uma disciplina bastante rígida entre suas congregações. Eles acreditavam que o Caminho levava a algum lugar e que aqueles que se recusavam a trilhar o Caminho precisavam ser trazidos de volta a ele ou, se persistissem no pecado, serem expulsos de suas próprias congregações.

A justificativa não era nem maldade nem autojustiça, mas responsabilidade. Além disso, a Igreja, como comunidade de prática e formação, não poderia fazer o que deveria fazer se não conseguisse manter a boa ordem. Os monges beneditinos que se recusam a viver de acordo com a Regra são obrigados a sair, pelo bem da integridade da comunidade.

Denny Burk, professor de seminário e pastor batista do sul em Kentucky, diz que a falta de disciplina eclesial nas igrejas de sua denominação deixou as congregações completamente despreparadas para o rescaldo da Revolução Sexual. Quando as igrejas são indisciplinadas, os membros também o serão. Cria um clima que conduz à imoralidade e ao desmoronamento dos casamentos. Acolhe congregantes que são cristãos apenas de nome. O problema tornou-se tão grave que o corpo governante Baptista do Sul aprovou uma resolução em 2008 apelando

às igrejas para renovarem “a prática de corrigir amorosamente os membros rebeldes da igreja” e “para recuperarem e implementarem os ensinamentos do nosso Salvador sobre a disciplina da igreja”.

A congregação que Burk ajuda a liderar hoje exige que os membros assinem um pacto que define as obrigações de sua irmandade. “Todo mundo que se junta à igreja sabe no que está se metendo, não apenas para ser um seguidor de Cristo, mas para ser um seguidor de Cristo dentro de nossa igreja”, ele me disse. “O fracasso em defender essas coisas significa que a igreja o chamará ao arrependimento. Qualquer membro que se recuse a abandonar o pecado e a seguir a Cristo será eventualmente excomungado.”

Isso aconteceu com um casal da igreja de Burk que estava se divorciando após mais de quatro décadas de casamento. Eles recusaram o aconselhamento dos pastores para ajudá-los a reconstruir o casamento. Eles até recusaram a ajuda de outros amigos e membros da igreja. Após meses de intervenção visando a cura do casamento, os pastores chegaram a um impasse com o casal. O casal simplesmente não cooperava. Eventualmente, a congregação se reuniu e votou para excomungá-los.

“Uma coisa é formar uma maioria moral e fazer lobby político pela moralidade pública, mas ninguém realmente se importa se as próprias igrejas não têm integridade”, diz Burk. “Se isso não acontecer, não haverá diferença entre a igreja e o mundo.”

Evangelizar com Bondade e Beleza

Felizmente, quando as igrejas são devidamente ordenadas em direção a Cristo através da liturgia, com a vida mantida através do ascetismo e da disciplina, o resultado é uma beleza em nítido contraste com o mundo. À medida que os

tempos ficam mais difíceis, a igreja se tornará cada vez mais brilhante, atraindo as pessoas para a sua luz. À medida que isso acontece, nós, cristãos, não devemos ter medo de considerar a beleza e a bondade as nossas melhores ferramentas evangelísticas.

"A arte e os santos são a maior apologética da nossa fé", disse o Cardeal Joseph Ratzinger, futuro Papa Bento XVI. Por que? Porque ver exemplos de grande beleza e extraordinária bondade ultrapassa as nossas faculdades racionais e toca o coração. Respondemos imediatamente à beleza e à bondade e desejamos o que elas revelam. Como diz o filósofo Matthew Crawford: "Somente as coisas bonitas nos levam a nos juntar ao mundo além de nossas cabeças".[11]

Crawford está meio certo. Observar atos de bondade também pode mudar sua vida. Observar a maneira como as pessoas da minha cidade natal, um vilarejo no sul da Louisiana, amaram e cuidaram de minha falecida irmã durante sua luta contra o câncer me levou a fazer algo que jurei que nunca faria: voltar depois de quase três décadas longe.

A arte e os santos – instanciações materiais da beleza e da bondade – preparam o caminho para a verdade proposicional porque apelam ao nosso desejo interior. Nem todo ato que perfura nosso coração e desperta nosso desejo é verdadeiramente belo ou bom. A razão nos ajuda a ordenar corretamente esses desejos.

Dito de forma mais clara, os incrédulos de hoje que não conseguem compreender as proposições do Evangelho podem ainda ter um encontro mudo e transformador com o Evangelho através da arte cristã ou de obras de amor cristão que os puxam para fora de si mesmos e os confrontam com a realidade de Cristo.

Os primeiros cristãos ganharam convertidos não porque os seus argumentos fossem melhores do que os dos pagãos,

mas porque as pessoas viam neles e nas suas comunidades algo de bom e belo – e queriam isso. Isto os levou à Verdade.

"A apologética, então e agora, tem um papel limitado", disse Robert Louis Wilken, o historiador da igreja primitiva. "Devemos falar o que é verdade, mas finalmente o apelo deve ser feito ao coração, não à mente. Estamos realmente levando as pessoas a mudarem seu amor. Amar algo diferente. O amor é o que atrai e mantém as pessoas."[12]

Fiquei surpreso com o número de pessoas que conheci ao longo dos anos que foram levadas à conversão apenas pela apologética, seja falada ou através de livros. Acontece, obviamente, mas raramente acontece por si só. No meu caso, a minha conversão adulta ao catolicismo foi principalmente intelectual, mas o longo caminho começou aos dezassete anos, quando tive um momento de caminho para Damasco na catedral medieval de Chartres. Nada na minha experiência me preparou para a beleza daquela catedral francesa. Entrei lá como um adolescente agnóstico e arrogante e saí desejando fazer parte da tradição da igreja que construiu um templo tão magnífico para Deus.

Sete anos tensos e tortuosos depois, minha mente estava pronta, graças a todas as leituras que fiz, mas tive medo de dar os primeiros passos reais. O que me levou a agir em relação a todas as coisas que lia foi a minha amizade improvável com um padre católico idoso que estava a passar os últimos dias da sua vida numa vida assistida. Monsenhor Carlos Sanchez nunca tentou me evangelizar. Ele apenas me tratou como um amigo e me contou histórias de sua vida, incluindo sua dramática conversão na meia-idade. A paz que aquele padre gentil e luminoso tinha era linda, e eu desejei possuí-la - e logo consegui.

Então, inicialmente fui tirado da minha cabeça e direcionado ao cristianismo pela forma de amor chamada eros. Meu desejo de conhecer Cristo mais intimamente foi

despertado e aprofundado por meu súbito e apaixonado desejo de manter um relacionamento com o Deus que se revelou através da beleza da catedral e com o Cristo que se revelou através da amizade de um homem de noventa e nove anos de idade. velho padre imigrante guatemalteco.

A lição aqui é que, numa época em que a razão lógica é posta em dúvida e até mesmo rejeitada, e o desejo do coração é glorificado pela cultura popular, a forma mais eficaz de evangelizar é ajudar as pessoas a experimentar a beleza e a bondade. A partir daí, nós os ajudamos a compreender a verdade de que toda bondade e beleza emanam do Deus eterno, que nos ama e quer se relacionar conosco. Para os cristãos, isto pode significar testemunhar aos outros através da música, do teatro ou de alguma outra forma de arte. Acima de tudo, porém, significará mostrar amor aos outros através da construção e manutenção de amizades genuínas e do exemplo de serviço aos pobres, aos fracos e aos famintos. Como nos lembra o Irmão Inácio de Nórcia, tudo é evangélico.

Abrace o exílio e a possibilidade do martírio

Assim como a beleza e a caridade são testemunhas do Evangelho, também o martírio tem sido tradicionalmente a semente da Igreja. Na igreja primitiva, a disposição de sofrer, até ao ponto de dar a vida, por Cristo, era vista como o testemunho mais poderoso da verdade de Cristo. As igrejas de hoje não estarão equipadas se não tivermos isto em mente e vivermos preparados para sofrer severas dificuldades, até mesmo a morte, pela nossa fé.

Raramente os cristãos americanos pensam nos mártires da história da Igreja, aqueles que deram as suas vidas em testemunho da fé. Histórias de homens e mulheres corajosos que sofreram tormento físico e morte em vez de

trair Cristo não se enquadram facilmente na vibração otimista de muitas igrejas americanas. Mas estes também são o nosso povo e têm lições importantes para nós – lições que precisamos desesperadamente ouvir.

Eles personificam a fé heróica e um amor a Cristo tão profundo que estavam dispostos a dar a própria vida. Seu número inclui os quarenta e oito crentes torturados publicamente e massacrados na cidade gaulesa de Lyon no ano de 177, e Policarpo, ordenado bispo pelo apóstolo João, e queimado na fogueira aos oitenta e seis anos por se recusar a queimar uma pitada. de incenso a César.

Mais perto do nosso tempo, cristãos como o pastor luterano Dietrich Bonhoeffer regressaram à Alemanha para resistir a Hitler e foram enforcados pelos nazis. Em 1996, sete monges trapistas foram raptados na Argélia por rebeldes islâmicos e assassinados. Eles se recusaram a deixar o país e o serviço aos aldeões muçulmanos entre os quais viviam.

Na tradição cristã, confessor é um crente que sofreu muito pela fé, mas não foi condenado à morte. O padre ortodoxo Gheorghe Calciu e o pastor luterano Richard Wurmbrand sobreviveram a torturas indescritíveis na Roménia comunista. Os seus testemunhos após a libertação da prisão e do exílio testemunham não só a sua coragem de falar a verdade apesar do medo de serem presos, e a força da sua resistência na prisão, mas também, e de forma ainda mais poderosa, a sua capacidade de amar aqueles que os torturaram.

Uma vez livre, Wurmbrand escreveu que existem dois tipos de cristãos: “aqueles que acreditam sinceramente em Deus e aqueles que, com a mesma sinceridade, acreditam que acreditam. Você pode diferenciá-los por suas ações em momentos decisivos.”[13]

Deveríamos parar de tentar conhecer o mundo nos seus próprios termos e concentrar-nos na construção da

fidelidade em comunidades distintas. Em vez de sermos amigos dos que procuram, deveríamos ser amigos dos que os encontram, oferecendo àqueles que nos procuram um modo de vida novo e diferente. Deve ser um modo de vida moldado pela história e práticas bíblicas que nos mantenham firmemente focados nas verdades dessa história num mundo que quer obscurecê-las e fazer-nos esquecer. Deve ser um modo de vida marcado pela estabilidade e pela ordem e alcançado através do trabalho constante, tanto comunitário como individual, de oração, ascetismo e serviço aos outros – exactamente o que a modernidade líquida não pode proporcionar.

Uma igreja que parece, fala e soa exatamente como o mundo não tem razão de existir. Uma igreja que não enfatiza o ascetismo e o discipulado é tão inútil quanto uma comissão técnica de futebol que não se importa se seus jogadores comparecem ao treino. E embora a liturgia por si só não seja suficiente, uma igreja que negligencie o envolvimento do corpo no culto terá cada vez mais dificuldade em conseguir que os corpos participem nos cultos de domingo de manhã, à medida que a América avança no pós-cristianismo.

As igrejas da Opção Bento encontrarão formas, dentro das suas próprias tradições, de assumir práticas, litúrgicas e outras, com o objectivo de aprofundar o seu compromisso com Cristo, construindo uma cultura cristã densa. E os crentes da Opção Bento XVI derrubarão as paredes conceituais que mantêm Deus confinado com segurança num compartimento em forma de igreja. Isso porque uma igreja que é igreja apenas aos domingos e em outras reuniões formais da congregação não está apenas deixando de ser a igreja que Cristo nos chama a ser; também não será uma igreja com força e foco para suportar as provações que virão.

CAPÍTULO 6

A ideia de uma vila cristã

Durante a presidência de Bill Clinton, a primeira-dama Hillary Clinton destruiu um ninho de vespas entre os conservadores ao promover um provérbio africano apócrifo: “É preciso uma aldeia para criar uma criança”. Conservadores sociais como eu interpretaram isso como uma tentativa de Estado-babá da Sra. Clinton para justificar que o governo metesse o nariz nos negócios da família.

Alguns anos depois, casado e esperando meu primeiro filho, eu estava me correspondendo com o conservador locutor de rádio Michael Medved e recebi dele um e-mail que nunca esqueci. Eu mencionei a ele que minha esposa e eu estávamos planejando educar nossos filhos em casa. Muito bem, respondeu Medved, mas vocês dois deveriam entender que a educação em casa é apenas uma medida parcial.

“Você precisa ter certeza de viver em uma comunidade que compartilha sua fé e seus valores”, aconselhou ele. “Quando seu filho sai de casa para brincar com as crianças da vizinhança, você deve poder confiar que os valores de sua casa não serão prejudicados pela companhia que ele mantém.”

Isso fez-me ver o provérbio africano de Hillary Clinton sob uma nova luz. Hoje, meu filho primogênito, Matthew, tem dezessete anos e um irmão e uma irmã mais novos.

Tudo o que a experiência prática como pai me ensinou confirma o conselho de Medved. É realmente necessária uma aldeia – isto é, uma comunidade – para criar uma criança.

Isso te surpreende? Não deveria. Deus nos criou para sermos seres sociais. Jesus disse que a soma da Lei e dos Profetas é que devemos amar o Senhor nosso Deus com todo o nosso coração, alma e mente e amar o nosso próximo como a nós mesmos. Amar requer amar os outros e deixar que os outros amem você. A menos que você tenha o raro chamado para ser um eremita, obedecer a Deus e ser fiel à nossa natureza divina significa envolver-se na vida comunitária.

O destino da religião na América está inextricavelmente ligado ao destino da família, e o destino da família está ligado ao destino da comunidade. No seu livro de 2015, Como o Ocidente realmente perdeu Deus, a crítica cultural Mary Eberstadt argumenta que a religião é como uma língua: só se pode aprendê-la em comunidade, começando pela comunidade da família. Quando tanto a família como a comunidade se fragmentam e falham, a transmissão da religião à próxima geração torna-se muito mais difícil. Basta que uma única geração deixe de transmitir uma tradição para que essa tradição desapareça da vida de uma família e, por sua vez, de uma comunidade. Eberstadt faz parte de uma longa linhagem de pensadores religiosos que reconhecem que quando as personificações concretas do relacionamento com Deus desmoronam, torna-se muito difícil apegar-se a Ele de forma abstrata.[1]

Durante décadas, os cristãos conservadores comportaram-se como se as principais ameaças à integridade das famílias e comunidades pudessem ser eficazmente combatidas através da política. Essa ilusão está agora destruída. Se quiser haver uma renovação autêntica, ela terá que acontecer nas famílias e nas

comunidades eclesiais locais. Na verdade, à medida que a ameaça ao cristianismo ortodoxo cresce nas mãos de governos hostis, os cristãos deveriam levar a sério uma afirmação tocqueviliana feita pelo sociólogo Robert Nisbet, que disse que a própria liberdade religiosa depende de comunidades religiosas fortes. Os déspotas, disse ele, "nunca se preocuparam com a religião que está confinada silenciosamente às mentes individuais. É a religião como comunidade, ou melhor, como pluralidade de comunidades, que sempre provocou as represálias dos governantes envolvidos no trabalho da tirania política."[2]

Fortalecer as famílias e as comunidades, e estreitar os nossos laços uns com os outros e com as nossas igrejas, exige que nos livremos da nossa passividade. Não é realista ter esperança ou esperar viver tão intensamente em comunidade como fazem os monges sob a Regra, mas na Opção Bento, não podemos ser laissez-faire em relação aos laços que nos unem uns aos outros. Com tantas forças na cultura contemporânea separando famílias e comunidades, não podemos presumir que tudo dará certo se seguirmos o fluxo.

Os cristãos da Opção Bento têm muito a aprender com os nossos irmãos judeus ortodoxos mais velhos na fé, que enfrentaram tentativas horríveis ao longo de milénios para destruir as suas famílias e comunidades.

O rabino ortodoxo Mark Gottlieb diz que os cristãos que vivem separados da cultura dominante precisam de "dedicação crua e de arregaçar as mangas para criar estruturas profundas de comunidade". Se quisermos sobreviver, precisamos desenvolver um "foco e dedicação semelhantes aos de um laser para nos vermos como o próximo elo na cadeia da história cristã".

"Esse sentimento de urgência, de fazer com que a família esteja em primeiro lugar na sua vida, parece-me um ponto de partida e um requisito fundamental para os cristãos

fiéis", diz Gottlieb. "Tem que haver um compromisso muito deliberado com o crescimento da família e o desenvolvimento de um serviço saudável e fiel à família."

O poder da cultura secular para quebrar as correntes que nos ancoram firmemente na história bíblica é imenso. Mas não estamos impotentes face à ameaça.

Transforme sua casa em um mosteiro doméstico

Assim como a vida do mosteiro está ordenada para Deus, o lar da família também deve estar. Toda família cristã gosta de pensar que coloca Deus em primeiro lugar, mas nem sempre é assim que vivemos. (Declaro-me culpado.) Se formos abade e abadessa do nosso mosteiro doméstico, cuidaremos para que a vida da nossa família seja estruturada de forma a tornar clara a todos os seus membros a missão de conhecer e servir a Deus.

Isso significa manter horários regulares de oração familiar. Isso significa leituras regulares das Escrituras e de histórias da vida dos santos – heróis e heroínas cristãos de épocas passadas. "As crianças cristãs precisam de heróis cristãos", diz Marco Sermarini, um líder comunitário leigo católico em Itália. "Eles precisam saber que seguir Jesus radicalmente não é um sonho impossível."

Viver num mosteiro doméstico também significa colocar a vida da igreja em primeiro lugar, mesmo que tenha de manter o seu filho fora de um programa desportivo que programa jogos durante os cultos da sua igreja. Ainda mais importante, seus filhos precisam ver você e seu cônjuge sacrificando a participação em eventos caso entrem em conflito com a igreja. E eles precisam ver que você leva a vida espiritual a sério.

A escritora católica Rachel Balducci vive com o marido Paul e cinco filhos (um sexto está na faculdade) na mesma

comunidade cristã intencional em que ela e Paul foram criados. Ela se lembra da impressão que a fé de seu pai causou nela. “Cresci aqui vendo meu pai fazer a coisa certa, mesmo quando ninguém estava olhando. Agora sei que vê-lo acordado de manhã e passar um tempo em oração fez uma grande diferença em minha vida”, disse ela.

Um mosteiro é um lugar de ordem hierárquica, mas todos os membros são valorizados e unidos num vínculo de amor. São Bento instrui o abade a consultar até mesmo o membro mais jovem da irmandade, pois ele pode ter uma sabedoria que escapa aos mais velhos. Na minha família, praticamos o hábito de pedir perdão quando pecamos uns contra os outros. É difícil para mim, como pai, humilhar-me diante dos meus filhos quando os ofendei, mas é necessário para a minha própria humildade, e é importante que os filhos vejam que os seus pais também ordenam as suas vidas para Cristo. Uma cultura de obediência é a marca de um mosteiro saudável e de uma família saudável, mas os membros de ambas as comunidades devem cuidar para que aqueles que recebem autoridade sobre eles também se sujeitem a uma autoridade superior.

A hospitalidade é um princípio central da vida beneditina, mas não aprendi isso com os monges. Recebi isso dos meus pais. Minha mãe e meu pai tinham uma merecida reputação de receber outras pessoas em seu lar e mesa. Os sulistas, é claro, têm uma reputação de hospitalidade, mas a porta aberta dos meus pais foi particularmente pronunciada. É uma das lições de infância pela qual sou mais grato, e minha esposa Julie e eu tentamos colocá-la em prática na vida de nossa própria família. Esperamos que os nossos filhos se lembrem das risadas e das conversas à volta da nossa lareira e mesa com os viajantes e outros convidados e associem isso ao que significa ser uma família cristã, partilhando as nossas bênçãos com os outros e recebendo, por sua vez, a bênção da sua companhia.

Um mosteiro mantém fora dos seus muros pessoas e coisas que são contrárias ao seu propósito, que é formar os seus membros em Cristo. Para as famílias, isto significa limitar estritamente os meios de comunicação social, especialmente a televisão e os meios de comunicação online, tanto para manter afastados conteúdos inadequados como para evitar a dependência dos meios de comunicação electrónicos. Também é importante que os pais façam o mesmo por si próprios. É verdade que não se deve esperar que os adultos continuem a ver filmes e televisão ao nível das crianças, mas também não se devem sentir livres para ver o que quiserem. A exposição excessiva a materiais moralmente comprometedores irá, com o tempo, entorpecer os instintos morais de uma pessoa. Lembre-se, a vida na comunidade monástica também é para a formação do abade.

Não tenha medo de ser inconformista

Crie seus filhos para saberem que sua família é diferente – e não se desculpe por isso. Não é uma questão de esnobismo. Trata-se de incutir nas crianças a convicção de que há algumas coisas que as pessoas da nossa família simplesmente não fazem – e está tudo bem.

"Meu filho tem alergia a amendoim e, desde os primeiros dias, tivemos que ensiná-lo a ficar longe de certos alimentos", diz Denny Burk, pastor batista do sul e professor de seminário em Kentucky. "Ele tem apenas cinco anos, mas entende e não reclama. Ele tem uma ótima atitude.

"Mas desde os primeiros dias temos conversado com ele sobre isso. No banquete da igreja toda semana, ele não toca na mesa sem antes nos consultar", continua Burk. "Nós, cristãos, temos que educar nossos filhos sobre a

moral da mesma maneira. Eles precisam saber que não há problema em ser inconformista. Se você começar cedo com eles, será mais fácil quando eles se tornarem adolescentes."

A adolescência é quando as crianças se tornam intensamente conscientes da ansiedade dos pais em fazer com que seus filhos pareçam excluídos ou que pareçam estranhos aos olhos dos colegas pais. Se a mãe e o pai não se mantiverem firmes e não estiverem dispostos a ser considerados peculiares pelos seus próprios amigos devido ao seu rigor, então as crianças não terão qualquer hipótese.

Não subestime os amigos dos seus filhos

É importante que seus filhos tenham um bom grupo de colegas. Por "bom", quero dizer aquele em que os seus membros, ou pelo menos a maioria deles, partilham as mesmas fortes crenças morais. Embora a influência dos pais seja crítica, a investigação mostra que nada forma o carácter de um jovem como os seus pares. A cultura do grupo do qual seu filho faz parte enquanto cresce será a cultura que ele ou ela adotará como sua.

Pais engajados não podem terceirizar a formação moral e espiritual de seus filhos para sua igreja ou organização paraeclesial. Entrevistando uma grande variedade de cristãos para este livro, muitas vezes ouvi reclamações de que grupos de jovens afiliados à igreja tinham mais como objetivo manter as crianças entretidas do que discipuladas. Uma adolescente evangélica mais velha me contou que abandonou seu capítulo local de um grupo paraeclesiástico nacional porque ficou cansada de ver seus colegas fumando, bebendo e fazendo sexo. "Honestamente, prefiro sair com as crianças que não acreditam", ela me disse.

“Eles me aceitam mesmo sabendo que sou crente. Pelo menos perto deles, eu sei o que realmente é ser cristão.”

A pressão dos colegas realmente começa a acontecer na meia-infância. A pesquisadora de psicologia Judith Rich Harris, em seu livro clássico The Nurture Assumption, diz que as crianças dessa idade modelam seu próprio comportamento em torno do grupo de colegas. Escreve Harris: “Os novos comportamentos tornam-se habituais – internalizados, por assim dizer – e eventualmente tornam-se parte da personalidade pública. A personalidade pública é aquela que uma criança adota quando não está em casa. É aquele que se desenvolverá na personalidade adulta.”[3]

Harris aponta para o exemplo dos imigrantes e dos seus filhos. Estudo após estudo mostra que não importa quão forte seja a cultura local, os descendentes da primeira geração quase sempre estão em conformidade com os valores da cultura mais ampla. “A velha cultura se perde em uma única geração”, escreve ela. “As culturas não são transmitidas de pais para filhos; os filhos de pais imigrantes adotam a cultura de seus pares.”[4]

Por outro lado, diz Harris, é que, na maioria dos casos, não é tarde demais para as crianças que foram expostas a más influências. Os investigadores descobrem que os danos causados ao núcleo moral de uma criança podem muitas vezes ser reparados se ela for afastada de um mau grupo de pares. Além do mais, pais determinados que administram um lar disciplinado e que envolvem seus filhos em um bom grupo de colegas podem estabelecer uma boa base, não importa quão negligentes tenham sido até agora.

As más notícias sobre a fragilidade da cultura também são boas notícias, segundo Harris: “As culturas podem ser alteradas, ou formadas do zero, numa única geração.”[5]

Não idolatre a família

Fui criado em uma boa família chefiada por um patriarca forte e amoroso, um tradicional cavalheiro sulista que valorizava a família e o lugar acima de todas as coisas. Com ele aprendi a amar as coisas boas que são a família e o lugar. O que só percebi muito mais tarde na minha vida foi que ele vivia como se a família e o lugar fossem mais importantes do que Deus e a liberdade dos seus filhos. Isto causou-me dor e sofrimento mais tarde na vida, mas, em última análise, levou-me a uma fé muito mais profunda e a uma profunda reconciliação com o meu pai antes da sua morte.

Uma das coisas que aprendi nesse processo de cura foi que nunca se deve esperar mais da família do que ela pode dar. Mesmo na melhor das hipóteses, a família terá suas falhas. Uma família saudável será humilde e misericordiosa – algo que é surpreendentemente difícil de conseguir para muitos. Idealmente, a família deveria ser um ícone de fé, através do qual o amor de Deus brilha para iluminar os seus membros. Quando os membros da família consideram a sua existência um fim em si mesma, em oposição a um meio para atingir o fim da unidade com Deus, a família corre o risco de se tornar tirânica.

Às vezes acontece que mães e pais pensam que estão servindo a Deus com sua disciplina austera, mas na verdade estão afastando Dele os seus filhos. Falei com uma estudante do ensino médio que chamarei de Ellen, uma jovem ateia agonizante que foi criada em um lar rígido por pais fanaticamente religiosos.

“Meus pais são pessoas muito paranóicas. Eles são teóricos da conspiração. Eles têm medo de que, se exporem seus filhos ao mundo exterior, seremos corrompidos, porque eles veem o mundo como um lugar imundo, muito imundo”, ela me disse. “Esse abrigo total é muito prejudicial, e isolar-se do mundo dessa forma é exatamente o tipo de ambiente que você precisa para desenvolver um culto.”

Ellen diz que seus dois irmãos mais velhos também são ateus e ela espera que seus irmãos mais novos sigam o mesmo caminho, porque a mãe e o pai os criaram com muito medo e ansiedade. “Desejo-lhe boa sorte com a Opção Benedict”, ela me disse. “Mas, por favor, diga aos pais que, se quiserem que seus filhos continuem cristãos, não façam o que os meus fizeram. Eles nos sufocaram e nos transformaram em rebeldes.”

Viva perto de outros membros da sua comunidade

A geografia é um segredo para a força e resiliência das comunidades judaicas ortodoxas. Como a sua fé exige que eles caminhem até a sinagoga no sábado, eles devem viver a uma curta distância. Isto também é conveniente para a sua vida de oração comunitária.

“Meu dia é construído em torno das orações”, disse-me o rabino Mark Gottlieb. “Orações da manhã: acorde, vá à sinagoga. Orações da tarde: desça a rua onde trabalho, no centro de Manhattan. Orações noturnas: em casa, no meu bairro de Nova Jersey. O ritual de oração estrutura todos os dias e todos os meses.

“Não basta dizer que você vai à sinagoga no sábado”, disse o rabino. “Muitas vezes vemos que os judeus que conseguem ir à sinagoga duas ou três vezes por dia, além do sábado, são também os mais capazes de manter uma distância saudável dos elementos mais nefastos da cultura moderna. Não é apenas uma questão de compromisso teológico, mas de práticas e de se ver como parte de uma comunidade judaica mais ampla no relacionamento com Deus. Isto não é apenas para rabinos e estudiosos, mas também para o judeu praticante médio.”

Os cristãos não têm os requisitos geográficos que os judeus ortodoxos têm, mas muitos daqueles que optam por

viver nas proximidades consideraram isso uma bênção. Como recém-chegados ao Cristianismo Ortodoxo Oriental, os habitantes do Alasca Shelley e Jerry Finkler descobriram que viver a vinte minutos da catedral em Eagle River inibia a sua capacidade de participar da plenitude da vida da igreja. Várias famílias da catedral vivem a poucos passos da catedral, em terrenos adquiridos por membros da igreja há décadas, quando eram acessíveis.

Os Finkler inicialmente pensaram que morar em um bairro com a família da igreja era estranho. As circunstâncias fizeram com que morassem temporariamente no bairro da igreja, e eles descobriram a diferença que isso fez na vida de sua família. Mais tarde, quando voltaram para sua casa nos subúrbios, os Finkler perderam o que tinham em Eagle River. Todos no assentamento suburbano se conheciam e eram da mesma classe, mas não era a mesma coisa.

"Não havia o senso de bem comum que você tem quando vive perto de pessoas que compartilham sua fé", disse-me certa vez Shelley Finkler. "Isso fez uma grande diferença quando se tratava de ajudar uns aos outros."

Os Finkler logo venderam sua casa e se mudaram novamente, desta vez para muito mais perto de sua igreja.

Quando a nossa igreja missionária Ortodoxa Oriental teve de fechar, a minha esposa e eu avaliamos o quanto nós e os nossos filhos havíamos crescido na fé e no discipulado após quatro anos de oração comunitária e litúrgica com a nossa congregação. Decidimos que não poderíamos ficar sem uma paróquia ortodoxa por perto, para que pudéssemos estar presentes em todas as oportunidades. Esse foi um dos motivos pelos quais arrumamos nossas coisas e nos mudamos para Baton Rouge, a quarenta e cinco minutos de distância. Sabíamos que não haveria maneira de praticarmos adequadamente a nossa fé em comunidade enquanto vivêssemos tão longe da igreja.

Por que estar perto? Porque, como eu disse antes, a igreja não pode ser apenas o lugar onde você vai aos domingos – ela deve se tornar o centro da sua vida. Ou seja, você pode visitar seu local de culto apenas uma vez por semana, mas o que acontece lá no culto, e a comunidade e a cultura que ele cria, devem ser as coisas em torno das quais você organizará o resto da semana. Os beneditinos estruturam toda a sua vida – o trabalho, o descanso, a leitura, as refeições – em torno da oração. Não se espera que os cristãos no mundo vivam no mesmo nível de concentração e intensidade que os monges de clausura, mas deveríamos esforçar-nos por ser como eles, apagando tanto quanto possível a falsa distinção entre Igreja e vida.

Recordemos que o Irmão Martinho de Norcia acredita que depois de experimentar a vida em comunidade cristã, é difícil ser plenamente cristão, ou plenamente humano, sem ela. Os Santos dos Últimos Dias (SUD, ou Mórmons) podem não ser cristãos ortodoxos, mas são excepcionalmente bons em fazer o tipo de construção de comunidade que o monge sugere ser uma parte vital de ser cristão.

Terryl L. Givens, professor de literatura e religião na Universidade de Richmond e especialista na fé SUD, diz que isso ocorre porque a teologia e a eclesiologia Mórmon criam laços sociais extraordinariamente fortes dentro das igrejas locais (ou “alas”). Os mórmons não acreditam em pular de enfermaria. Eles recebem sua ala com base em onde moram e não têm direito de apelação. Isto os obriga a trabalhar juntos para construir uma comunidade unificada de crentes, e não a vagar em busca de uma. Givens chama isso de “construção de Sião, não caça a Sião” – uma referência à crença Mórmon de que os adeptos devem lançar as bases para Sião, a comunidade que Jesus Cristo estabelecerá em Seu retorno.

Os cristãos americanos têm o péssimo hábito de tratar a igreja como uma experiência de consumo. Se uma congregação não atende às nossas necessidades,

rapidamente encontramos outra que acreditamos que atenderá. Sou tão culpado disso quanto qualquer outra pessoa. Mas Rachel Balducci pode testemunhar os benefícios, espirituais e outros, de se fundamentar numa comunidade comprometida.

Ela mora com o marido Paul e os filhos na Comunidade Aleluia, uma comunidade leiga pactuada de católicos e protestantes carismáticos fundada em 1973. Os pais de Paul e Rachel estavam entre os primeiros colonizadores de um bairro problemático em Augusta, Geórgia, onde os novos membros da comunidade poderiam pagar moradia. Eles ajudaram-se mutuamente a arrumar seus lugares e começaram a vida em comum.

Hoje a Comunidade Aleluia conta com cerca de oitocentos membros, muitos dos quais permanecem na Vila da Fé, que é como chamam o assentamento original. Quando se casaram e decidiram constituir família, os Balducci perceberam que o que receberam quando crianças era algo que valia a pena transmitir à família que esperavam constituir um dia.

A comunidade em si não o tornará santo se você não estiver comprometido com a oração e com o cultivo de um relacionamento pessoal com Jesus, adverte Rachel. Ecoando a observação do Padre Martin, ela diz que o dom da comunidade é que ela constrói uma estrutura social na qual é mais fácil para os cristãos ouvirem e responderem à voz de Deus e na qual outros os responsabilizam caso percam o caminho reto. Viver tão próximo de outras pessoas pode esgotar a paciência, admite Rachel, mas tem sido bom para ela e para a sua família.

“Se eu fosse eremita, só Deus e eu, seria mais fácil ser santa”, diz ela. “Viver assim faz bem à minha humildade. É como estar em um copo de pedras. Ele dá brilho a você e desgasta suas arestas.”

Chris Currie amplifica o ensinamento do Padre Martin de que Deus nos discipula através da vida em comunidade.

Currie, católico de Hyattsville, Maryland, acredita que as estruturas atomizadoras da vida suburbana americana tornam mais difícil ser verdadeiramente cristão. “Muitas das escolhas que fazemos sobre como vivemos têm tremendas consequências espirituais”, diz Currie. “A forma como a América do pós-guerra decidiu que queria viver acelerou o processo de desintegração e alienação cultural que todos vivemos. Escritores seculares escreveram sobre isso, mas os cristãos também precisam entender isso.

“Não fomos chamados a ser materialistas isolados, desligados dos vizinhos e acumulando coisas nos nossos castelos”, continua.

Em 1997, Currie e sua esposa, recém-casados, mudaram-se para o subúrbio de Washington. A habitação era acessível no coração da cidade, fundada no final do século XIX, mas no final da década de 1990 estava em declínio. Os Curries compraram um consertador vitoriano e Chris se envolveu em esforços cívicos locais para revitalizar a comunidade ao longo das linhas do Novo Urbanismo.

Logo Hyattsville iniciou seu renascimento, e os cristãos foram uma grande parte dele. Os pioneiros Curries convidaram outras jovens famílias católicas ortodoxas para se juntarem a eles no bairro histórico, que foi desenvolvido antes do automóvel e, portanto, era facilmente acessível a pé. Embora Hyattsville seja hoje menos acessível do que era antes, mais de cem famílias católicas mudaram-se para lá, em grande parte porque queriam fazer parte de uma comunidade densa com uma boa paróquia – e agora uma boa escola.

Os católicos de Hyattsville não fazem parte de uma organização formal. Muitos estão enraizados na vizinha Freguesia de São Jerónimo, mas alguns vão para outras freguesias da zona. Estudos bíblicos, grupos de oração e clubes de leitura acontecem nas casas das pessoas. Mas a comunidade é também uma ajuda prática para os seus membros, pois eles ajudam-se mutuamente com cuidados

infantis e projectos de reparação, ajudam-se mutuamente durante as doenças e enfrentam todos os tipos de desafios juntos de formas que a vida em comunidade geográfica torna possível.

Viver tão perto da "cidade imperial", como Currie chama Washington, significa que a maioria dos membros da sua comunidade trabalha na capital do país. A sua vizinhança católica muito unida dá-lhes o estímulo de que necessitam para serem fortes testemunhas da fé na cidade secular. "Não estamos fechando as escotilhas, nos encolhendo e mantendo silêncio sobre a nossa fé", diz Currie. "Não fazemos isso de forma beligerante, mas não temos vergonha de quem somos."

Ele acredita que a comunidade da Paróquia de São Jerônimo foi chamada a estar presente na área metropolitana de Washington. A única forma de resistirem às pressões do mundanismo e da secularização é viverem próximos uns dos outros e reforçarem a sua identidade religiosa através da vida vivida em comum. A sua densa comunidade é um forte modelo de estar no mundo, mas não dele. Encontrar o equilíbrio entre ser uma presença evangélica para a comunidade em geral e ao mesmo tempo proteger o que os torna distinta e autenticamente cristãos é difícil – mas Currie acredita que este é o chamado do Evangelho.

"Em última análise, penso que os cristãos têm de compreender que sim, temos de ser contraculturais, mas não, não temos de fugir do resto da sociedade", diz ele. "Temos que ser um sinal de contradição para a sociedade envolvente, mas ao mesmo tempo temos que estar envolvidos com essa sociedade, ao mesmo tempo que nutrimos a nossa própria comunidade para que possamos formar plenamente os nossos filhos".

Torne real a rede social da Igreja

Em sua primeira carta à igreja em Corinto, Paulo exortou os crentes de lá a “terem o mesmo cuidado uns pelos outros.

“Se um membro sofre, todos sofrem juntamente”, escreveu o apóstolo. “Se um membro é homenageado, todos se alegram juntos. Agora vocês são o Corpo de Cristo e individualmente membros dele”.

A Igreja SUD vive esse princípio de uma forma única. A prática Mórmon de “ensino familiar” orienta dois mórmons designados titulares do ofício sacerdotal da igreja a visitar cada indivíduo ou família numa ala pelo menos uma vez por mês, para ouvir as suas preocupações e oferecer conselhos. Um programa paralelo chamado Sociedade de Socorro envolve mulheres ministrando às mulheres como “professoras visitantes”. Estes tornaram-se uma importante fonte de estabelecimento e fortalecimento de laços comunitários locais.

“Em teoria, embora nem sempre na prática, todo homem e mulher adulto é responsável por sustentar espiritual e emocionalmente três, quatro ou mais outras famílias, ou mulheres, no programa de professoras visitantes”, diz Terryl Givens, da SUD. Ele acrescenta que os Mórmons frequentemente realizam reuniões sociais para celebrar e renovar os laços com a comunidade. “O mormonismo pega o simbolismo do primeiro e a aleatoriedade do último e os transforma em uma ordenação deliberada de relações que constrói uma trama de sociabilidade em toda a ala”, diz ele.

Os não-mórmons podem aprender com a dedicação deliberada que os pupilos – tanto no nível de liderança quanto no nível leigo – têm para cuidar uns dos outros espiritualmente. A comunidade da igreja não é apenas as pessoas com quem se adora no domingo, mas as pessoas com quem se vive, serve e nutre como se fossem membros

da família. Além do mais, a igreja é o centro da vida social do Mórmon.

"A consequência é que, para onde quer que os Mórmons viajem, eles encontram um parentesco imediato e uma intimidade notável com outros Mórmons praticantes", diz Givens. "É por isso que os Mórmons raramente se sentem sozinhos, mesmo num mundo hostil – cada vez mais hostil."

Ultrapasse os limites da Igreja para construir relacionamentos

Há uma geração, dois líderes cristãos conservadores – o evangélico Chuck Colson e o católico romano Richard John Neuhaus – lançaram uma iniciativa chamada Evangélicos e Católicos Juntos. A ideia era promover melhores relações entre os cristãos de duas tradições eclesiásticas que eram mutuamente suspeitas. Colson e Neuhaus perceberam, mais cedo do que muitos, que as mudanças culturais pós-década de 1960 significavam que os evangélicos conservadores e os católicos ortodoxos tinham agora mais em comum entre si do que com os liberais nas suas próprias tradições eclesiásticas. Chamaram o seu tipo de parceria, nascida em parte do activismo pró-vida, de "ecumenismo das trincheiras".

Os tempos mudaram, e também alguns dos problemas que os evangélicos e católicos conservadores enfrentam. Mas a necessidade de um ecumenismo nas trincheiras é mais forte do que nunca. O Metropolita Hilarion Alfeyev, um bispo sénior da Igreja Ortodoxa Russa, apelou em diversas ocasiões aos tradicionalistas do Ocidente para formarem uma "frente comum" contra o ateísmo e o secularismo. É certo que as diferentes igrejas não devem comprometer as suas doutrinas distintas, mas devem, no entanto, aproveitar todas as oportunidades para formar

amizades e alianças estratégicas em defesa da fé e dos fiéis.

Erin Doom, funcionária de longa data da lendária Eighth Day Books, uma livraria cristã em Wichita, Kansas, fundou o Eighth Day Institute (EDI) como o braço educacional sem fins lucrativos da loja. Comprometido com o ecumenismo ortodoxo e com a construção da comunidade cristã local, o EDI organiza vários simpósios e eventos ao longo do ano. Seu evento principal, porém, pode ser o Hall of Men, um encontro semestral na sede do clube do EDI, uma espécie de bar clandestino cristão ao lado da livraria. Homens católicos, ortodoxos e protestantes têm-se reunido ali desde 2008 para rezar, para discutir e debater as obras de uma grande figura da história cristã, e depois para se sentarem à mesa, bebendo cerveja e desfrutando da companhia uns dos outros.

O Salão dos Homens e a sua organização paralela de mulheres recentemente lançada, as Irmãs de Sophia, são uma forma de os "meros cristãos" se envolverem na Grande Tradição, enraizarem-se nela e saírem pelo mundo para renovar a cultura. Doom diz que os homens se reúnem num espírito de fraternidade, dispostos a falar sobre as suas diferenças teológicas numa atmosfera de amor cristão. Ele credita a generosidade ecumênica e o senso de hospitalidade do proprietário da Eighth Day Books, Warren Farha, por definir o tom.

"Se nós, cristãos, quisermos sobreviver, se quisermos fazer a diferença, temos que ser capazes de nos unir. A ortodoxia pequena é vital", diz Doom. "Gostaria que o EDI fosse um modelo para outras comunidades. Tudo começa com Hall of Men, envolvendo a galera. Em última análise, quero fornecer ferramentas e recursos para que todas as famílias cristãs transformem as suas casas em pequenos mosteiros".

É tão simples quanto iniciar um grupo de leitura – mas com o propósito de catequese, discipulado e construção de

comunidade intencional. É um evento social, é verdade, mas tem que ter um foco forte em algo mais sério do que a socialização. O Salão dos Homens reza quando se reúne e depois discute um texto da Grande Tradição da igreja. Espera-se que os participantes argumentem a partir de suas próprias convicções teológicas, mas ninguém está tentando converter ninguém, e tudo é feito por amizade.

Uma chave para tornar estes grupos ecuménicos bem-sucedidos é evitar diluir os distintivos doutrinários por uma questão de cortesia. Honrar a diversidade significa exatamente isso: dar aos outros membros da irmandade a graça de trazerem à mesa o seu eu cristão pleno, sem medo de reprovação. Este respeito mútuo pela diferença cria o espaço onde podem ocorrer discussões teológicas sérias e construção de comunidade.

"Esses caras não fazem parte da tradição da minha igreja, mas se tornaram meus melhores amigos", disse-me um homem evangélico. "Quando você começa a ler essas coisas e a falar sobre a igreja primitiva, você começa a ver que tem mais em comum com alguns crentes fora de sua própria tradição. É bom estar com outros caras que levam a vida cristã tão a sério quanto você. Você percebe que estamos todos juntos nesta batalha com o mundo."

Ame a comunidade, mas não a idolatre

Ellen, a jovem cuja família controladora a levou ao ateísmo, vem de uma parte do país onde o extremismo religioso não é incomum. Na verdade, após o seu próprio despertar religioso na idade adulta, os seus pais mudaram-se com a família para a sua cidade para se juntarem a outras famílias que partilham as suas opiniões quase apocalípticas. Ela descreve a comunidade sitiada à qual seus pais aderiram como um "culto" informal.

“Estávamos em uma comunidade pequena e unida de alunos que educavam em casa. A maioria das pessoas do grupo era como minha família ou até mais do que minha família. As únicas crianças com quem interagi enquanto crescia eram outras crianças deste grupo”, disse ela. “Não conversávamos muito com os moradores locais e não participávamos de eventos da cidade e de eventos familiares. Não interagimos com minha família extensa. Acho que foi difícil para eles verem como meus pais estavam nos educando e até que ponto eles foram ao fundo do poço.”

Longe de ser estimulante, disse Ellen, a sua comunidade era extremamente controladora. Quando ela começou a ter dúvidas sobre a forma como todos viviam, outras crianças reagiram com raiva e a evitaram. Eles também começaram a tratar os pais e irmãos de Ellen com desdém. “Não conhecíamos ninguém fora deste culto, então você se sentiu muito pressionado a se conformar”, disse ela.

A maior tentação para comunidades unidas é a compulsão de controlar indevidamente os seus membros e de policiar uns aos outros com demasiada severidade quanto ao desvio de um padrão de pureza. É difícil saber quando e onde traçar o limite em cada situação, mas uma comunidade tão rígida que não pode dobrar-se quebrará a si mesma ou aos seus membros.

Em Eagle River, no Alasca, a comunidade ortodoxa oriental em torno da Catedral de São João perdeu um número significativo dos seus membros depois de terem surgido divisões profundas sobre o rigor de viver a vida ortodoxa.

O Padre Marc Dunaway, pároco da catedral, viveu a dolorosa partida de amigos e familiares que partiram em busca de uma Ortodoxia mais rigorosamente observadora. Em 2013, ele disse-me: “Penso que a cura para qualquer comunidade evitar estes tristes problemas é ser aberta e

generosa e resistir aos impulsos de construir muros e isolar-se.

"Se você se isolar, ficará estranho", continuou o padre Marc. "É um equilíbrio complicado entre permitir a liberdade e a abertura, por um lado, e manter uma identidade comunitária, por outro. A ideia de comunidade em si não deveria tornar-se um ídolo. Uma comunidade é um organismo vivo que deve mudar, crescer e se adaptar."

Comunidades que são muito apertadas por medo da impureza sufocarão os seus membros e estrangularão a alegria da vida juntos. A ideologia é inimiga da vida comunitária alegre, e a ideologia mais destrutiva é a crença de que é possível criar uma utopia. Solzhenitsyn disse que a linha entre o bem e o mal percorre o centro de cada coração humano. Esse axioma deve estar no centro de cada comunidade cristã, mantendo-a humilde e sã.

"Foi bom para nós desenvolvermos amizades fora da nossa comunidade", disse um homem, ainda membro entusiasmado de uma comunidade cristã intencional. "Quando as únicas pessoas com quem você tem contato são aquelas com quem você vai à igreja, é difícil saber quando elas estão perguntando algo irracional. É fácil cair na armadilha de pensar que todos fora da comunidade são corruptos, mas isso não é verdade."

Não deixe o perfeito ser inimigo do bom o suficiente

Se você gastar muito tempo planejando e tentando construir a comunidade perfeita da Benedict Option, você nunca começará. E se você esperar que a igreja, ou outra pessoa, faça alguma coisa funcionar, isso pode nunca acontecer. O que você está esperando?

É importante ter algum tipo de visão e um plano, mas também estar aberto a possibilidades.

“Só Deus pode compreender todos os diferentes fatores que influenciam as equações da sua comunidade. Você nunca será capaz de manipulá-los totalmente e é prejudicial tentar”, aconselha Chris Currie. “Basta estar aberto ao movimento do Espírito Santo dentro da comunidade para que as pessoas que têm uma contribuição a fazer se sintam abertas para fazê-la.”

Então você coloca as coisas à prova. O que floresce constrói a comunidade, e o que não floresce você abandona e segue em frente. Diz Currie: “Temos que entender que nossas mentes não estão direcionando isso principalmente. Em última análise, Deus é o arquiteto e temos que ser principalmente cooperativos com a graça. Em última análise, estamos sendo conduzidos nesta jornada por Deus, por isso temos que ser humildes quanto à nossa própria capacidade de moldar as coisas.”

A necessidade de controlar é um sinal da mentalidade cristã da classe média, repreende Marco Sermarini. Ele e os seus amigos da comunidade foram criados no que Marco desdenhosamente chama de “esta igreja burguesa, esta igreja de conforto, esta igreja onde as pessoas não queriam correr nenhum risco para viver radicalmente para o Senhor Jesus”.

A história de como Sermarini e a sua comunidade católica leiga começaram em San Benedetto del Tronto, uma pequena cidade na costa adriática de Itália, inspira devido à sua qualidade de improvisação.

Sermarini, que também é chefe da Sociedade G. K. Chesterton da Itália, e sua comunidade começaram como um grupo informal de jovens católicos inspirados no exemplo de Pier Giorgio Frassati, um leigo católico do século XX e reformador social que morreu aos vinte anos de idade. quatro. O Beato Pier Giorgio (passou a primeira fase da canonização, ganhando o título) era conhecido por ajudar os pobres – e foi isso que Sermarini e os seus amigos

fizeram na faculdade, estendendo a mão aos jovens em situação de risco.

Depois da faculdade, os homens descobriram que gostavam da companhia uns dos outros e de ajudar os necessitados, por isso permaneceram juntos. Ao se casarem, eles trouxeram suas esposas para o grupo. Em 1993, encorajados pelo seu bispo local, incorporaram como associação oficial dentro da Igreja Católica, uma associação de famílias que chamavam, brincando, de Tipi Loschi – italiano para "os suspeitos do costume".

Hoje os Tipi Loschi contam com cerca de duzentos membros em sua comunidade. Eles administram a escola comunitária, a Scuola libera G. K. Chesterton, bem como três cooperativas separadas, todas projetadas para servir a algum fim de caridade. Eles continuam a construir e a crescer, impulsionados por um sentido de empreendedorismo espiritual e social e inspirados por uma estreita ligação ao mosteiro beneditino em Norcia, do outro lado das Montanhas Sibilinas. À medida que as diversas iniciativas do Tipi Loschi foram bem sucedidas (e apesar de algumas que não o fizeram), a associação de famílias passou a considerar-se umas às outras como algo mais orgânico.

Eles começaram a ajudar uns aos outros nas tarefas cotidianas, tentando reverter a atomização aparentemente imparável da vida diária. Agora sentem-se mais próximos do que nunca e estão determinados a continuar a aproximar-se da sua cidade, oferecendo fé e amizade a todos, a partir das certezas confiantes da sua comunidade católica. É assim que eles continuam a crescer.

"A possibilidade de viver assim é para todos", afirma Sermarini. "Temos apenas que seguir uma maneira antiga de fazer as coisas que sempre tivemos, mas que perdemos há alguns anos. O principal é não seguir o mainstream. Então busque a Deus e, depois disso, procure outros que também levem a sério a busca por Deus e junte-se a eles.

Começamos com esse desejo e começamos a tentar ensinar outros a fazer o mesmo, a receber o mesmo dom que nos foi dado: a fé católica".

Está ficando claro, diz Sermarini, que as famílias cristãs precisam começar a se vincular de forma decisiva com outras famílias. "Se não avançarmos nesta direção, enfrentaremos cada vez mais crises."

Embora um oceano os separe, Leah Libresco (agora Leah Sargeant) entende do que Sermarini está falando. Ela é católica e efervescente empreendedora social da Benedict Option que mora na cidade de Nova York com o marido Alexi. Antes de se casarem em 2016, Libresco organizou eventos da Benedict Option entre seus jovens amigos cristãos solteiros em Washington, D.C. Ela começou a fazer isso depois de se convencer de que seu círculo precisava de mais liturgias culturais cristãs em suas vidas diárias.

"Eu costumava fazer coisas com meus amigos cristãos e sabíamos que éramos todos cristãos, mas o fato de sermos cristãos nunca surgiu", diz ela. "Há algo estranho quando nenhuma das partes comunitárias da sua vida é abertamente cristã. A Opção Benedict trata de criar a oportunidade para que essas coisas aconteçam. Não parece urgente, mas é muito importante."

Libresco adotou uma abordagem semelhante para incentivar a vida cristã solteira, como o Tipi Loschi adotou para a vida familiar cristã. Não pense demais. Faça atividades que sejam prazerosas, não apenas obedientes. Deixe as coisas acontecerem naturalmente. Esteja disposto a correr riscos e falhar sem desmoronar.

Ecoando Sermarini, Libresco diz que esta estratégia não é nada nova; só parece assim porque nos esquecemos de como agir como uma comunidade em vez de como um conjunto aleatório de indivíduos.

"As pessoas ficam tipo, 'Essa coisa da Opção Benedict, é apenas ser cristão, certo?' E eu digo, 'Sim! Você descobriu o koan!'", Libresco me disse. "Mas as pessoas não farão

isso a menos que você chame de algo diferente. É apenas a igreja sendo o que deveria ser, mas se você lhe der um nome, isso fará com que as pessoas se importem."

Reaprender a arte perdida da comunidade é algo que os cristãos devem fazer em obediência ao apóstolo Paulo, que aconselhou os fiéis a fazerem a sua parte para fazer crescer o Corpo de Cristo "para a sua edificação no amor" (Efésios 4:15). Mas também existem razões práticas para o fazer.

Será necessário construir comunidades de crentes à medida que o número de cristãos se torna cada vez mais escasso. Serão necessárias comunidades com uma missão forte e partilhada para iniciar e sustentar escolas autenticamente cristãs e autenticamente contraculturais.

Nos próximos anos, os cristãos enfrentarão uma pressão crescente para retirar os seus filhos das escolas públicas. As escolas privadas seculares podem oferecer uma educação melhor, mas o seu ethos moral e espiritual provavelmente não será melhor. E as escolas cristãs estabelecidas podem não ser suficientemente ortodoxas, academicamente desafiantes ou moralmente sólidas. Uma rede comunitária estreita gera o capital social necessário para lançar uma escola ou para reformar e revitalizar uma escola existente.

É difícil exagerar a importância da missão educacional cristã. Além de construir a assembleia de crentes na igreja, não há trabalho institucional mais importante a ser feito na Opção Bento.

CAPÍTULO 7

Educação como formação cristã

Em meados da década de 1980, a liberalização do líder soviético Mikhail Gorbachev no seu próprio país inspirou o mesmo afrouxamento das restrições nas nações do Pacto de Varsóvia, incluindo a Checoslováquia. Com o amanhecer da longa noite comunista, Václav Benda reflectiu sobre o que ele e os seus aliados no movimento dissidente tinham conseguido até então. Benda ficou desapontado com o seu fracasso em estabelecer uma polis paralela, mas descreveu um fracasso como catastrófico: a sua incapacidade de estabelecer um sistema escolar que proporcionasse uma educação alternativa ao estado.

Como cristão, Benda queria criar uma contracultura que defendesse e restaurasse valores morais e religiosos autênticos na sociedade checa e reatasse os laços entre os checos e o seu passado cortado pelos comunistas. Como professor universitário, ele acreditava que a educação era o meio mais importante para isso.

Por que eles falharam? Os seus esforços foram demasiado exclusivos e os formulários demasiado falhos. Ao mesmo tempo que afrouxava os laços noutras áreas da vida cívica, o Estado comunista manteve o seu controlo férreo sobre a educação. E, disse Benda, a destruição da família checa sob o comunismo dificultou o sucesso de qualquer reforma educativa.

A Polónia, com a sua forte cultura católica, esteve muito mais perto do que os checos de realizar uma polis paralela. Da Polónia católica vieram as faíscas – na forma do movimento operário Solidariedade e de Karol Wojtyla, Papa João Paulo II – que acenderam o fogo que queimou o comunismo até ao chão. E, no entanto, hoje, polacos como o filósofo católico e antigo dissidente Ryszard Legutko lamentam que a fé e a cultura que o seu povo preservou durante a noite escura do totalitarismo estejam a dissolver-se graças ao solvente do liberalismo secular de estilo ocidental (que inclui o hedonismo e o consumismo).

Nós, cristãos tradicionais na América, podemos aprender com ambos os exemplos da Europa Oriental. Não enfrentamos nada tão terrível como os checos enfrentaram sob o domínio soviético, é claro, mas as forças mais insidiosas do liberalismo secular estão constantemente a alcançar o mesmo objectivo: roubar-nos e às gerações futuras as nossas crenças religiosas, valores morais e memória cultural, e tornar somos peões de forças fora do nosso controle.

É por isso que temos de nos concentrar firmemente e sem hesitação na educação. Temos muito mais liberdade do que Benda e os seus colegas tinham, e o nosso povo, embora sob pressão, está muito menos desmoralizado do que os checos.

“A educação tem de estar no centro da sobrevivência cristã – como sempre esteve”, diz Michael Hanby, professor de religião e filosofia da ciência no Pontifício Instituto João Paulo II de Washington. “O objetivo do monaquismo não era simplesmente recuar de um mundo corrupto para sobreviver, embora em várias iterações isso pudesse ter sido uma dimensão disso”, continua ele. “Mas no centro disso estava uma busca por Deus. Foi essa busca que determinou a preservação do aprendizado clássico e da tradição pagã por parte dos monges, porque eles amavam o

que era verdadeiro e o que era belo onde quer que o encontrassem."

Por mais crucial que seja a sobrevivência cultural, Hanby adverte que os cristãos não podem contentar-se apenas em manter a cabeça acima da água dentro da modernidade líquida. Temos de procurar apaixonadamente a verdade, reflectir rigorosamente sobre a realidade e, ao fazê-lo, chegar a um acordo com o que significa viver como cristãos autênticos no mundo desencantado criado pela modernidade. A educação é o meio mais importante para conseguir isso.

"Reter a imaginação necessária para ver ou procurar Deus será um elemento indispensável na preservação da verdadeira liberdade e da liberdade cristã quando a nossa liberdade sob a lei se tornar cada vez mais limitada", diz Hanby.

Hoje, em toda a comunidade cristã, existe um movimento crescente chamado educação cristã clássica. É contracultural tanto na forma como no conteúdo e apresenta aos estudantes a tradição ocidental – tanto greco-romana como cristã – em toda a sua profundidade. Fazer o que é certo requer um nível de esforço e compromisso a que os americanos contemporâneos não estão habituados – mas que alternativa temos?

Se você quiser saber até que ponto a educação é crítica para a sobrevivência cultural e religiosa, pergunte aos judeus. O rabino Mark Gottlieb diz: "Os judeus comprometidos com a vida tradicional colocam a escolaridade acima de quase tudo. Há famílias que farão qualquer coisa, menos ir à falência, para dar aos seus filhos uma educação judaica ortodoxa." Os cristãos não têm estado tão atentos à importância da educação, e é hora de mudar isso.

Para esse fim, uma das peças mais importantes do movimento da Opção Bento é a difusão das escolas cristãs clássicas. Em vez de permitir que seus filhos passem

quarenta horas por semana aprendendo “fatos” com algumas horas de educação cosmovisiva acrescentadas, os pais precisam retirá-los das escolas públicas e proporcionar-lhes uma educação que seja corretamente ordenada – isto é, baseada em a premissa de que existe uma estrutura unificada e dada por Deus para a realidade eque ela pode ser descoberta. Eles precisam ensinar-lhes as Escrituras e a história. E não devem parar depois do 12º ano – também é necessário um plano cristão para o ensino superior.

Construir escolas que possam educar adequadamente exigirá que igrejas, pais, grupos de pares e companheiros cristãos trabalhem juntos. Será caro, mas que escolha existe?

Dê à sua família uma educação bem ordenada

Para pais cristãos sérios, a educação não pode ser simplesmente uma questão de construir o histórico escolar dos seus filhos para aumentar as suas hipóteses de entrar na Ivy League. Se este for o modelo que sua família segue (talvez com uma pitada de Deus por cima para temperar), você terá dificuldade em formar adultos cristãos contraculturais, capazes de resistir às desordens do nosso tempo.

O tipo de educação que construirá uma fé mais resiliente e madura nos jovens cristãos é aquela que os imbui de um sentido de ordem, significado e continuidade. É aquele que integra o conhecimento em uma visão harmoniosa do todo, que une todas as coisas que existem, foram e sempre existirão em Deus.

Todo modelo educacional pressupõe uma antropologia: uma ideia do que é um ser humano. Em geral, o modelo regular está orientado para equipar os estudantes para

terem sucesso no mercado de trabalho, para proporcionarem uma vida agradável e segura para si próprios e para as suas futuras famílias e, idealmente, para cumprirem os seus objectivos pessoais – quaisquer que sejam esses objectivos. O modelo educacional cristão padrão hoje utiliza esse modelo e acrescenta aulas de religião e serviços de oração.

Mas de uma perspectiva cristã tradicional, o modelo baseia-se numa antropologia falha. No Cristianismo tradicional, o objetivo final da alma é amar e servir a Deus com todo o coração, alma e mente, para alcançar a unidade com Ele na eternidade. Para nos prepararmos para a vida eterna, devemos unir-nos a Cristo e esforçar-nos para viver em harmonia com a vontade divina.

Ser plenamente humano é estar plenamente conformado com essa realidade – como diria C. S. Lewis, com as coisas que existem – através da cooperação com a graça concedida gratuitamente por Deus. Atraídos pelo amor de Deus, cambaleamos ao longo do caminho do peregrino, regozijando-nos, enchendo as nossas mentes com o conhecimento Dele e da Sua Criação, e permitindo que os nossos corações sejam convertidos pela entrega radical ao Seu amor. Ser humanizado é crescer – pela contemplação e pela ação, e pela fé e pela razão – no amor ao Bom, ao Verdadeiro e ao Belo. Todos estes são reflexos do Deus Triúno, em quem vivemos, nos movemos e existimos.

Compartimentar a educação, separando-a da vida da igreja, é criar uma falsa distinção. São Bento, na sua Regra, chamou o mosteiro de “escola ao serviço do Senhor”. Isto não era uma mera figura de linguagem. Bento XVI acreditava que o discipulado era uma questão de pedagogia, de treinar tanto o coração como a mente, para que pudéssemos crescer além da infância espiritual. No capítulo 7 da Regra, numa instrução sobre a humildade, Bento XVI disse aos irmãos para se lembrarem de que nada

está escondido de Deus, citando a descrição que o salmista faz de Deus como um "buscador de corações e mentes".

Na tradição beneditina, a aprendizagem está totalmente integrada na vida de oração e de trabalho. Ser um monge fiel exigia saber ler, obviamente, mas a capacidade de escrever era fundamental para a vida monástica. Os mosteiros tornaram-se lugares onde inúmeros monges empreenderam o árduo trabalho de copiar à mão as Sagradas Escrituras, livros de orações, escritos patrísticos e literatura do mundo clássico. Estes homens de Deus lançaram as bases para uma nova civilização, e fizeram-no porque amavam a Deus.

Hoje, o nosso sistema educativo enche a cabeça dos alunos com factos, sem aspiração maior do que o sucesso nos empreendimentos mundanos. Desde a Alta Idade Média, a busca do conhecimento por si só foi lentamente separada da busca da virtude. Hoje a ruptura é limpa.

O educador Martin Cothran, um líder nacional do movimento escolar cristão clássico, diz que muitos cristãos hoje não percebem como a natureza da educação mudou ao longo dos últimos cem anos. O progressismo da década de 1920 envolveu o uso de escolas para mudar a cultura. O vocacionalismo das décadas de 1940 e 1950 tentou usar as escolas para adaptar as crianças à cultura. Mas a forma tradicional de educação, que reinou desde o período greco-romano até à era moderna, consistia em transmitir uma cultura e uma cultura em particular: a cultura do Ocidente e, durante a maior parte desse tempo, o Ocidente cristão.

"A educação clássica dos pagãos que foi transformada pela Igreja tentou inculcar em cada nova geração uma ideia do que um ser humano deveria ser, através da constante apresentação de exemplos de humanidade ideal, e do estudo dos grandes feitos de grandes homens", disse-me Cothran. "Esta era uma cultura com um objectivo definido e distinto: transmitir a sabedoria do passado e produzir

outra geração com os mesmos ideais e valores – ideais e valores baseados na sua visão do que era um ser humano.

"Isso é o que a educação foi por mais de dois milênios", continuou ele. "Agora é algo que mantém o rótulo antigo, mas não é a mesma coisa. Não é nem o mesmo tipo de coisa. Foi abandonado na escola moderna – incluindo muitas escolas cristãs. Mesmo muitos pais cristãos que não aceitam o politicamente correto das escolas de hoje aderiram completamente ao conceito utilitário de educação."

Na verdade, não há nada de errado, em princípio, em aprender algo útil ou em alcançar a excelência na ciência, nas artes, na literatura ou em qualquer outro campo do intelecto. Mas o domínio dos factos e da sua aplicação não é a mesma coisa que educação, tal como um diploma avançado em teologia sistemática não torna alguém um santo.

A separação entre aprendizagem e virtude cria uma sociedade que estima as pessoas pelo seu sucesso na manipulação da ciência, da lei, do dinheiro, das imagens, das palavras, e assim por diante. Se as suas realizações são ou não moralmente dignas é uma questão secundária, que parecerá ingênua para muitos, se é que lhes ocorre.

Se um modo de vida cristão não estiver integrado na vida intelectual e espiritual dos estudantes, eles correrão o risco de se afastarem sem culpa própria. Como diz John Mark Reynolds, que recentemente fundou a Saint Constantine School em Houston, os jovens cristãos que tiveram um encontro pessoal e transformador com Cristo, e que conhecem a apologética cristã, mas não a integraram em suas vidas, são mais vulneráveis do que eles pensam. Eles têm de aprender como traduzir a experiência de conversão e o conhecimento intelectual da fé num modo de vida cristão – ou a sua fé permanecerá frágil.

Se é verdade que uma fé cristã simplista e anti-intelectual é uma cana tênue no vendaval da vida

académica, também é verdade que a fé que é principalmente intelectual – isto é, uma questão de domínio da informação – é enganosamente frágil. Equipar os estudantes cristãos para prosperarem num ambiente altamente secularizado e até mesmo hostil não é uma questão de lhes dar uma concha protectora. A casca pode rachar sob pressão ou ser descartada. Em vez disso, deve tratar-se de construir força interna da mente e do coração.

Ensine as Escrituras às Crianças

Como as Escrituras são a palavra viva de Deus, é fundamental criar modelos educacionais para nossos filhos que integrem o conhecimento bíblico e a meditação em suas vidas. Infelizmente, neste momento estamos decepcionando nossos filhos.

Num jantar há alguns anos com três professores de uma faculdade evangélica conservadora, mencionei o quanto eu, um não-evangélico, admirava os evangélicos por educarem tão bem seus jovens nas Escrituras.

O professor à minha esquerda disse que eu tinha uma visão romantizada ou pelo menos ultrapassada dos evangélicos. “Você ficaria surpreso com quantos de nossos alunos vêm aqui sem saber quase nada sobre a Bíblia”, disse ele com tristeza.

Isso me surpreendeu. Eu disse aos professores que estava acostumado a ouvir essa reclamação de professores universitários católicos, mas será que isso também vale para os evangélicos? Em uma faculdade conservadora?

Olhei ao redor da mesa. Todas as cabeças assentiram afirmativamente. Os professores explicaram que, embora a maioria dessas crianças viesse da igreja e da cultura de grupos de jovens, sua formação teológica era surpreendentemente escassa. “Fazemos o melhor que

podemos, mas só os temos há quatro anos", disse um professor. "Você não pode compensar em tão pouco tempo o que eles nunca tiveram."

Desde aquela noite, tenho feito questão de pedir aos professores de todas as faculdades cristãs que me convidam para dar palestras que avaliem o conhecimento cristão de seus alunos de graduação. Em quase todos os casos, seja o colégio católico ou evangélico, a resposta é a mesma: são analfabetos teológicos.

"Muitos dos nossos alunos vêm aqui de algumas das escolas católicas mais conceituadas desta região", disse um professor. "Eles não sabem nada sobre sua fé e não veem o problema. Eles tiveram a ideia de que o catolicismo é tudo o que eles querem que seja."

Nada disto é uma surpresa para quem está familiarizado com a literatura das ciências sociais que documenta a ignorância generalizada entre os americanos sobre os fundamentos cristãos. Afinal, o Deísmo Terapêutico Moralista vem de algum lugar.

Os pais que procuram neutralizar a MTD e ensinar as Escrituras aos seus filhos podem encontrar um bom exemplo em Bento XVI. A Regra prescreve horários diários para os monges se envolverem na lectio divina, o método beneditino de leitura das Escrituras. O santo também ordenou a seus monges que se dedicassem a outras formas de leitura e estudo para enriquecer o estudo da Bíblia. Durante a Quaresma, por exemplo, a Regra orienta cada monge a receber um livro da biblioteca do mosteiro e lê-lo. A Regra instrui os monges a lerem não só as Escrituras, mas também as obras dos Padres da Igreja e a vida dos santos, pois estas são "ferramentas de virtude" para quem deseja construir uma casa de fé com fundamentos sólidos.

O estudo das Escrituras não só os levará a Deus, mas também unirá os jovens cristãos de uma forma que os ajudará a resistir ao ataque do secularismo. Novamente, podemos aprender com a educação judaica aqui. Charles

Chaput, o arcebispo católico da Filadélfia, testemunhou o poder da educação judaica ortodoxa em uma visita em 2012 à Universidade Yeshiva. Depois de observar os alunos estudando a Torá como parte do curso básico da universidade, Chaput escreveu como ficou impressionado com "o poder das Escrituras para criar uma nova vida".[1]

"A Palavra de Deus é um diálogo vivo entre Deus e a humanidade. Esse diálogo divino refletiu-se no diálogo de aprendizagem entre os estudantes", escreveu o arcebispo na revista First Things. "Os alunos começaram como estranhos, mas o seu trabalho de reflexão sobre as Escrituras e de partilha do que descobriram uns com os outros criou algo mais do que eles próprios: uma amizade entre eles, e para além deles mesmos, com Deus."

Os estudantes judeus ortodoxos estudam as Escrituras não com uma distância acadêmica, mas como o pão da vida e os nervos que os unem como uma comunidade. Alcançar este nível de devoção na educação parece uma meta irrealista para escolas e faculdades cristãs, mas não deveríamos tentar? Se o Rabino Gottlieb estiver correto, a sobrevivência de uma cultura autenticamente cristã exige isto ou algo próximo disso.

Mergulhe os jovens na história da civilização ocidental

A educação não só tem de redefinir a nossa relação com a realidade última, como também tem de restabelecer a nossa ligação à nossa história. Ou seja, a educação é fundamental para a recuperação da memória cultural. Quanto mais profundas forem as nossas raízes no passado, mais segura será a nossa âncora contra as correntes rápidas da modernidade líquida. Quanto maior for a nossa compreensão de onde viemos, mais seguros poderemos

permanecer no presente pós-cristão e mais confiantes poderemos traçar um rumo para o futuro pós-cristão.

O Cristianismo emergiu da confluência da religião hebraica, da filosofia grega e do direito romano. As formas e os conteúdos da civilização ocidental provêm das mesmas raízes, bem como do encontro da fé cristã com vários povos europeus. Para ser claro, Jesus Cristo – e não Aristóteles, Tomás de Aquino ou Augusto César – é o salvador da humanidade. Ainda assim, a Divina Comédia de Dante, a obra-prima medieval e um dos pináculos da civilização ocidental, mostra de forma imaginativa como Deus usou pessoas do passado pagão do Ocidente para preparar almas para a vinda de Cristo.

A educação cristã clássica procede da convicção de que Deus ainda faz isso através da arte, literatura e filosofia do passado, tanto greco-romana como cristã. Não podemos compreender o Ocidente sem a fé cristã, e não podemos compreender a fé cristã tal como a vivemos hoje sem compreender a história e a cultura do Ocidente. Se as gerações futuras não aprenderem a amar a nossa herança cultural ocidental, iremos perdê-la.

Consideremos o recente lamento do teórico político de Notre Dame, Patrick Deneen. Num ensaio publicado num blogue de educação online, Deneen disse que os seus alunos são rapazes e moças simpáticos, agradáveis e decentes, mas também são "nada-sabedores" cujos "cérebros estão em grande parte vazios" de qualquer conhecimento significativo. "Eles são o ápice da civilização ocidental, uma civilização que se esqueceu de quase tudo sobre si mesma e, como resultado, alcançou uma indiferença quase perfeita em relação à sua própria cultura", escreveu ele.[2]

Essas crianças não são estúpidas. Deneen, que lecionou em Princeton e Georgetown antes de chegar a Notre Dame, destacou que nenhuma dessas universidades é fácil de

entrar. Esses alunos testam bem e sabem o que devem fazer para tirar boas notas e "construir currículos excelentes" que os impulsionam para cima através da meritocracia. "Eles são a nata da sua geração", escreveu ele, "os mestres do universo, uma geração que espera governar a América e o mundo".

Por mais inteligentes e talentosos que sejam, estes jovens poderão ser uma das últimas gerações desta coisa chamada civilização ocidental. Eles nem sabem o que não sabem – e não se importam. Por que deveriam? Tal como acontece com o seu escasso conhecimento da fé cristã, eles apenas fazem o que os seus pais, as suas escolas e a sua cultura lhes ensinaram.

É certo que esta não é uma crise nova. Em 1943, uma matéria do New York Times lamentou a lamentável ignorância dos estudantes norte-americanos sobre os fatos históricos. O irado profeta secular Philip Rieff, examinando os destroços das universidades na sequência dos protestos da contracultura, desencadeou uma trovejante jeremiada contra o sistema de ensino superior na década de 1970. No seu livro Fellow Teachers, de 1973, Rieff, também professor universitário, criticou os educadores por concordarem com as exigências da moda dos estudantes por "relevância". Na opinião preconceituosa de Rieff, eles renunciaram à sua autoridade magistral e abdicaram da sua responsabilidade de transmitir à próxima geração a sua herança civilizacional. "No final deste tremendo desenvolvimento cultural, nós, modernos, chegaremos à barbárie", escreveu Rieff. "Os bárbaros são pessoas sem memória histórica. A barbárie é o verdadeiro sentido da contemporaneidade radical. Libertados de todos os passados de autoridade, avançamos em direção à barbárie, e não nos afastamos dela."[3]

Eu sou um americano com formação universitária. Em todos os meus anos de escolaridade formal, nunca li Platão

ou Aristóteles, Homero ou Virgílio. Eu não sabia nada sobre a história grega e romana e mal compreendia o significado da Idade Média. Dante era um estranho para mim, assim como Shakespeare.

Os mil e quinhentos anos de cristianismo, desde o fim do Novo Testamento até à Reforma, foram uma página em branco, e eu conhecia apenas os factos mais básicos sobre a revolução de Lutero. Eu ignorava Descartes e Newton. Minha compreensão da história ocidental começou com o Iluminismo. Tudo o que veio antes dele se perdeu atrás de uma cortina nebulosa de esquecimento.

Ninguém fez isso de propósito. Ninguém tentou me privar do meu patrimônio civilizacional. Mas ninguém sentiu qualquer obrigação de apresentá-lo a mim e à minha geração de uma forma ordenada e coerente. As ideias têm consequências – e a sua falta também. A melhor maneira de criar uma geração de ignorantes sem rumo, que não sentem nenhum sentimento de obrigação além de si mesmos, é privá-los de um passado.

No século XX, todos os governos totalitários sabiam que era necessário controlar o acesso das pessoas à memória cultural para ganhar domínio sobre elas. Hoje, no Ocidente contemporâneo, a nossa memória cultural não nos foi tirada pelos ditadores. Em vez disso, tal como os drones confortáveis e em busca de prazer em Admirável Mundo Novo, deixámos de nos preocupar com o passado porque ele inibe a nossa capacidade de procurar prazer no presente.

Não é suficiente apresentar aos alunos factos sobre a civilização ocidental – a civilização que é o pai e a mãe de todos os cidadãos do Ocidente, quer os seus antepassados imigraram de África ou da Ásia, e mesmo que, como eu, a sua confissão cristã seja bizantina. Reynolds, um educador cristão veterano e fundador do Torrey Honors Institute da Universidade Biola, diz que os professores têm de ir além dos meros dados, integrando a história e a cultura na

imaginação moral dos alunos. “Você não pode simplesmente dizer: ‘Aqui está a glória da civilização cristã! Olhe para ele e divirta-se’”, diz Reynolds.

Ou seja, não é provável que seja amor à primeira vista para os estudantes de hoje. O material pode parecer distante para eles, especialmente porque foram formados por uma cultura que enfatiza a contemporaneidade (ou seja, a “relevância”) e que os incentiva a serem conformistas passivos na realização de testes.

Perante estes obstáculos, os educadores cristãos clássicos têm de praticar a antiga arte da sedução intelectual, aperfeiçoada há quase 2.500 anos na Grécia. “É preciso ser mais socrático”, diz Reynolds, “para atrair os alunos e torná-lo parte da sua identidade. Este é o tipo de educação que produziu C. S. Lewis e J.R.R. Tolkien. Por que quereríamos menos para nossos filhos hoje?”

Tire seus filhos das escolas públicas

Dado que a educação pública na América não é devidamente ordenada, nem informada religiosamente, nem capaz de formar uma imaginação devotada à civilização ocidental, é altura de todos os cristãos retirarem os seus filhos do sistema escolar público.

Se essas razões já não bastassem, o efeito corrosivo da cultura tóxica de pares encontrada entre estudantes de muitas escolas públicas (bem como privadas) confirmaria o caso. É verdade que as tendências nacionais em matéria de actividade sexual entre adolescentes e de consumo de drogas e álcool têm evoluído numa direcção positiva. As taxas de gravidez e aborto na adolescência diminuíram acentuadamente e o número de crianças que praticam sexo antes dos quinze anos diminuiu ligeiramente. Mas os números ainda preocupam muitos pais cristãos. Afinal, é

realmente reconfortante saber pelos Centros de Controle de Doenças que pouco mais de 20% dos alunos do 12º ano fumam maconha pelo menos uma vez por mês? Que quase seis em cada dez alunos do último ano do ensino médio relatam ter tido relações sexuais?[4]

Além disso, as escolas públicas, por natureza, estão na linha de frente das últimas e piores tendências da cultura popular. Por exemplo, sob pressão do governo federal e de activistas LGBT, muitos sistemas escolares estão agora a acolher e a normalizar o transgenerismo – com o apoio de muitos pais.

O teólogo Carl Trueman descobriu isto quando tentou reunir mães e pais no seu distrito escolar suburbano de Filadélfia para se oporem a uma proposta de política transgénero que, segundo ele, iria minar os direitos dos pais e prejudicar o desporto feminino.

"Fiquei surpreso ao ver que os pais não viam nenhum problema com a política ou a consideravam um bem positivo. Ninguém parecia compreender que o problema era maior do que ajudar uma criança que realmente lutava com problemas de identidade", diz Trueman. "Eles simplesmente não conseguiam ver que as propostas envolviam o estabelecimento de um precedente significativo para a expansão do poder das escolas à custa dos direitos dos pais. Escusado será dizer que a política foi aprovada sem oposição significativa."

Confirmando de forma anedótica o que parece ser uma tendência, uma mulher no subúrbio de Baltimore disse-me: "Todas aquelas pessoas que dizem que você é alarmista sobre a Opção Bento XVI não devem estar a criar filhos". Ela continuou dizendo que na escola de sua filha, um número chocante de adolescentes procurava seus pais, dizendo-lhes que eles achavam que eram transgêneros e pedindo para receber hormônios.

O que os pais fazem?

“Você ficaria surpreso com quantos deles fazem isso”, disse a mulher. “Eles têm muito medo de perder os filhos. E é assim que a nossa cultura lhes diz para reagir. Pais como estes tornam-se os mais ferozes defensores do transgenerismo.”

Três meses depois da nossa conversa, a filha daquela mulher voltou do ensino médio com a notícia de que ela era realmente um menino e exigindo que sua família a tratasse como tal.

Uma leitora do meu blog disse que vê o mesmo tipo de coisa ao ver sua filha passar do ensino fundamental para o ensino médio. “Não há nada como ter seu filho de 12 anos voltando da escola e começar a marcar quais de seus colegas são bi”, disse o leitor. “Eu disse à minha filha que era estatisticamente impossível haver tantos alunos bissexuais na sua turma e que para a maioria das raparigas – e eram todas raparigas – o sétimo ano era demasiado cedo para fazerem declarações sobre a sua sexualidade. Em troca, ouvi muitos comentários sobre o gênero ser fluido e não binário.”

O leitor ligou para uma amiga que tinha uma filha da mesma turma e perguntou o que estava acontecendo. "Onde você esteve?" ela riu. “Pelo menos um terço dessas meninas se autodenominam bi.”

Poucos pais têm presença de espírito e força de carácter para fazer o que for necessário para proteger os seus filhos de formas de sexualidade desordenada aceites pela cultura jovem americana dominante. Por um lado, o poder dos meios de comunicação social para definir os termos do que é considerado normal é imenso e afecta tanto adultos como crianças. Por outro lado, os pais são tão susceptíveis à pressão dos colegas como os seus filhos.

“As pessoas criam os seus filhos da forma como os seus amigos e vizinhos o fazem, e não da forma como os seus pais o fizeram”, diz a investigadora de psicologia Judith

Rich Harris, “e isto é verdade não apenas em sociedades dominadas pelos meios de comunicação como a nossa.”[5]

Este tipo de coisa é a razão pela qual cada vez mais pais cristãos estão concluindo que não podem dar-se ao luxo de manter os seus filhos nas escolas públicas. Alguns dizem a si mesmos que seus filhos precisam permanecer ali para serem “sal e luz” para as outras crianças. Contudo, à medida que a cultura popular continua a descer, esta lógica começa a soar como uma racionalização. Isso traz à mente um pai que joga seu filho em um rio de corredeiras na esperança de que ela salve outra criança que está se afogando.

Os pais podem tentar neutralizar os efeitos da educação secular com a igreja, a escola dominical e grupos de jovens, mas é pouco provável que duas ou três horas de educação religiosa semanal contrariem as quarenta ou mais horas passadas na escola ou em programas relacionados com a escola. Nem é uma boa aposta que tais medidas limitadas possam compensar a hostilidade anticristã, tanto activa como passiva, enfrentada pelos jovens crentes que crescem num mundo pós-cristão. Se quisermos que os nossos filhos sobrevivam, temos de agir.

Não se iluda com as escolas cristãs

Não existe um espaço completamente seguro.

Quando um pai solteiro, um evangélico e ex-professor de escola pública, ficou farto de ver a sua filha do nono ano ser provocada por se recusar a comemorar a saída do armário de uma colega lésbica, transferiu-a para uma escola cristã privada. O pai, que pediu anonimato, diz que foi apenas uma solução parcial.

“Minha filha passou de uma escola pública onde não tinha amigos cristãos crentes para uma escola cristã onde

apenas quinze ou vinte por cento dos alunos parecem ter alguma vida de fé real", disse ele. "É melhor do que ela tinha antes, e pelo menos ela está tendo um curso bíblico."

Mesmo em muitas escolas cristãs, o cristianismo é uma aparência secular de ver o mundo. Não é suficientemente forte para resistir ao ataque do secularismo. Muitos pais usam as escolas cristãs como forma de proteger os filhos dos defeitos mais prejudiciais da escola pública, mas têm apenas um interesse nominal em que recebam uma educação cristã.

Anos atrás, uma amiga cristã em Dallas recusou-se a considerar enviar seus filhos para algumas das escolas cristãs de elite da cidade. Como recém-chegado à cidade, presumi que o alto custo das mensalidades fosse o motivo. De jeito nenhum, ela disse; ela não queria que seus filhos absorvessem a cultura materialista e consciente de status nas escolas.

O diretor de uma escola secundária cristã me disse que ele e seus professores estão constantemente lutando contra pais que consideram o conteúdo moral e teológico sério do currículo muito pesado para seus filhos. "Eles só pensam em colocar seus filhos em uma universidade de ponta e em iniciá-los em uma boa carreira", disse ele. Outro diretor, este de uma academia cristã cara no Extremo Sul, disse: "Nossos pais acham que, se pagaram a mensalidade de dezessete mil dólares, fizeram tudo o que se esperava deles em relação à educação religiosa de seus filhos. "

No Sul, algumas escolas cristãs carregam um legado racista que injustamente (mas compreensivelmente) faz com que os afro-americanos e outros suspeitem das iniciativas educativas da Opção Bento XVI. No final da década de 1960 e início da década de 1970, quando a integração racial chegou às escolas públicas, alguns pais brancos criaram escolas privadas exclusivamente brancas que se tornaram ironicamente conhecidas como

“academias de segregação”. Vergonhosamente, muitas dessas escolas reivindicaram uma identidade cristã.

Embora os tempos tenham mudado e muitas igrejas também, o estigma permanece. As escolas da Opção Benedict seriam sensatas se fizessem esforços especiais para a reconciliação racial, recrutando famílias negras, especialmente tendo em conta que as escolas públicas estão efectivamente a segregar novamente. Além disso, o futuro do cristianismo na América, tanto católico como evangélico, será muito mais hispânico. O mesmo deveria acontecer com o futuro da escolaridade cristã.

Em qualquer caso, se uma escola cristã estiver tão imersa no mundo que perpetue o veneno da cultura secular e isole os alunos da fé histórica, ela irá falhar com as crianças. Nesses casos, mesmo quando os alunos das escolas cristãs aprendem as verdades básicas da sua fé, a compreensão superficial que adquirem não lhes traz muito bem a longo prazo. Eles continuam sendo o que São Paulo chamou de “crianças em Cristo” (1 Coríntios 3:1). Na verdade, a educação teológica banal que muitos receberam na escola cristã servirá mais como uma vacinação contra levar a fé a sério do que como um incentivo para isso. Tire seus filhos.

Comece escolas cristãs clássicas

Felizmente, existe uma boa alternativa tanto para as escolas públicas como para as escolas cristãs medíocres: a educação cristã clássica. É construído casando o ideal greco-romano de que o propósito da educação é cultivar a virtude e a sabedoria, com a cosmovisão cristã tradicional. O Instituto CiRCE, uma organização cristã sediada na Carolina do Norte que forma professores no modelo

clássico, proclama: “O cristão clássico não pergunta: 'O que posso fazer com esta aprendizagem?' ”

Tal como o mosteiro beneditino, a escola cristã clássica ordena tudo em torno do Logos, Jesus Cristo, e da busca de conhecê-lo com o coração, a alma e a mente. A educação clássica aceita a compreensão fundamental da Grande Tradição de que toda a realidade está fundamentada em ideais transcendentais – na verdade, Naquele em quem nos movemos, vivemos e existimos.

Todas as escolas cristãs deveriam considerar como parte da sua missão o cultivo da devoção pessoal a Cristo nos corações dos seus alunos. A educação cristã clássica adota uma abordagem mais abrangente e universal. Neste modelo, um amor penetrante de Cristo sustenta e harmoniza todo o aprendizado em sala de aula. O objetivo é nutrir formandos cujos corações desejam a verdade, a bondade e a beleza e que usam a mente para descobrir essas coisas.

A educação cristã clássica adota uma abordagem de Grandes Livros no currículo. Apresenta os textos e obras de arte ocidentais canônicos aos alunos, usando uma estrutura medieval chamada Trivium, que, como argumentou Dorothy Sayers em seu ensaio de 1947 “As ferramentas perdidas da aprendizagem” (o documento fundador do atual movimento de educação clássica), corresponde às capacidades mentais dos jovens em determinadas idades de desenvolvimento.

Normalmente, a carreira escolar clássica de um aluno começa com o ensino médio, onde ele aprende e memoriza fatos básicos sobre o mundo. A segunda parte da experiência de uma criança é a escola de Lógica, que corresponde aos anos do ensino médio. É quando os alunos aprendem a usar a razão para analisar os fatos e discernir o significado deles. A terceira e última etapa é a escola de retórica, que se concentra no pensamento abstrato, na poesia e na autoexpressão clara.

A abordagem clássica apresenta o cânone ocidental de uma forma sistemática que está profundamente integrada numa antropologia cristã e numa visão abrangente da realidade. Não existe maneira contracultural mais poderosa de cultivar cristãos resilientes desde a juventude.

Nem todos têm a oportunidade de enviar os seus filhos para uma escola cristã clássica a tempo inteiro. Felizmente, o mundo do ensino doméstico cristão clássico está florescendo, com mais recursos de ensino sendo disponibilizados a cada semestre que passa. Existem também escolas híbridas, como a que meus filhos frequentam, a Sequitur Classical Academy de Baton Rouge.

O modelo da Sequitur reúne os alunos durante meio dia e conta com os pais para completar a equação educacional. A minha esposa e eu descobrimos que esta abordagem híbrida mantém o melhor do ensino em casa, ao mesmo tempo que proporciona aos nossos três filhos uma educação ainda mais abrangente, bem como as vantagens de construir uma comunidade de estudantes e famílias comprometidas com a mesma missão educativa.

Uma boa escola cristã clássica não apenas ensina aos alunos a Bíblia e a civilização ocidental, mas também integra os alunos na vida da igreja. Na recém-inaugurada Escola Saint Constantine em Houston, uma escola cristã clássica na tradição ortodoxa oriental, o modelo do presidente John Mark Reynolds integra a escola tanto quanto possível com famílias e igrejas. Ele chama-lhe uma espécie de "novo monaquismo" que procura harmonizar a igreja, a escola e a vida familiar dos seus alunos.

"No passado, as escolas funcionavam de forma bastante independente da família e da igreja. Isso era defensável quando a nossa cultura era mais cristã, mas já não é verdade", diz ele. Acreditando que a escola deve reforçar a vida da igreja para que os paroquianos e os alunos cresçam na sua fé, a escola trabalha de acordo com o horário da

igreja, garantindo que os alunos tenham tempo e espaço no calendário para as suas vidas espirituais.

Os resultados espirituais deste tipo de integração são tangíveis. O diretor de uma escola cristã clássica no sudoeste me disse que essas escolas muitas vezes ficam surpresas ao descobrirem que estão conduzindo famílias e igrejas cristãs de volta à tradição. “Embora sejamos o único dos três que não foi ordenado pela Bíblia para formar os nossos filhos, é assim que as coisas estão a acontecer em muitos lugares”, disse ele.

A integração escola-igreja numa era pós-cristã também tem um benefício prático. Existir sob a égide de uma igreja oferece proteção legal não disponível para outras escolas cristãs. Especialistas jurídicos dizem que as escolas cristãs que enfrentam desafios antidiscriminação em tribunal têm maior protecção se puderem demonstrar que são guiadas de forma clara e significativa pelas doutrinas estabelecidas de uma determinada igreja e puderem demonstrar que aplicam essas doutrinas.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer as formas como as escolas cristãs clássicas podem impulsionar um ecumenismo saudável face a um inimigo comum. Embora haja benefícios em estabelecer uma escola sob uma tradição específica, há também sabedoria em adotar uma abordagem ampla, desde que a escola permaneça sob um dos credos antigos. “A boa notícia é que este tipo de escolas tem a oportunidade real de curar as antigas divisões, porque as antigas divisões estão mortas”, diz Reynolds, da Escola Saint Constantine.

A Sequitur Classical Academy é ortodoxa com “o” minúsculo, mas interdenominacional. A maioria dos professores e alunos são evangélicos, mas minha esposa ortodoxa oriental ensina lá, e nossos filhos ortodoxos orientais frequentam lá. Também existem católicos tradicionalistas na comunidade escolar. O cofundador Brian Daigle, nascido católico e mais tarde migrando para igrejas

reformadas, diz que sua própria jornada dentro da tradição cristã lhe ensinou amor e respeito pelo que cada um dos ramos da fé traz para a escola.

"Fazer parte desse tipo de comunidade acadêmica cristã me deu convicções mais fortes em algumas áreas e mais humildade em outras", diz ele. "E isso me tornou um estudioso melhor, capaz de ler mais amplamente além das linhas denominacionais, compreendendo a importância das nuances teológicas de um autor para suas decisões literárias, por exemplo."

Daigle diz que o companheirismo e a colaboração intelectualmente honestos entre os cristãos ortodoxos nas escolas deveriam fortalecer o testemunho das igrejas locais nestes tempos de secularização mais militante. Ele está confiante de que estudar juntos dentro da Grande Tradição criará laços de amizade e solidariedade espiritual que serão uma boa posição para os estudantes nos dias que virão. "O benefício, espero, para os nossos estudantes é que os estamos preparando não para empregos que ainda não existem, mas para uma igreja que ainda não existe", diz Daigle.

As vantagens de aliar uma escola clássica a uma igreja específica podem ser vistas na história da St. Jerome Academy em Hyattsville, Maryland – sem dúvida a mais famosa escola cristã clássica do país.

Em 2010, a Arquidiocese Católica de Washington, D.C., avançava com planos de fechar a escola anexa à Paróquia de St. Jerome, no subúrbio de Maryland. As matrículas na escola, que vai da pré-escola à oitava série, estavam em queda livre e a escola estava endividada. O empresário católico local Chris Currie, o professor de filosofia da Universidade Católica Michael Hanby e outros pais abordaram os líderes da escola e propuseram um passe de Ave Maria para salvá-la: transformá-la numa escola clássica.

A diretora Mary Pat Donoghue concordou com o plano. O pároco, apesar das suas reservas, decidiu que não tinham nada a perder. A arquidiocese deu luz verde para a experiência. Em resposta, Currie, Hanby e outros elaboraram um currículo, os pais e a paróquia angariaram dinheiro suficiente para saldar a dívida de 117 mil dólares da escola em declínio e contrataram oito novos professores comprometidos com a abordagem clássica.

Hoje, a pequena escola católica que estava às portas da morte está a rebentar e tornou-se um modelo nacional para usar o modelo clássico para reavivar escolas paroquiais em declínio. Currie diz que a reforma e o renascimento de São Jerônimo nunca teriam acontecido em uma rica escola católica suburbana. Aconteceram na freguesia suburbana por necessidade: era mudar ou morrer.

E tudo começou com a iniciativa de leigos comuns da paróquia. Como católicos ortodoxos, a equipa de São Jerónimo fez questão de se submeter à autoridade do pároco e do bispo local – e teve a sorte de os responsáveis da Igreja terem deixado os videntes ter liberdade para tentar algo radicalmente diferente.

"Você tem que mudar a maneira como ensina, e isso significa jogar fora muitos livros e recursos com os quais sua escola está acostumada", diz Currie. "E a educação clássica não pode ser um artifício para aumentar as matrículas. Você tem que ter uma forte conexão com a missão em tudo que faz. Essa é a única maneira de torná-lo eficaz e desejável para quem está de fora."

A nova Academia São Jerônimo priorizou chegar aos pais e envolvê-los na vida da escola e na sua visão clássica. E a equipa seguiu uma visão educacional católica com c minúsculo, rejeitando a ideia de que a educação clássica era apenas para católicos altamente intencionais.

"Isso não significa que você aceita ninguém na escola", diz Currie. "Há algumas crianças que podem não conseguir lucrar com uma educação clássica e atrapalharão outras

pessoas em suas aulas. Mas esse número é muito pequeno. Somos muito diversificados e temos alunos de todos os grupos raciais e socioeconômicos. Depois que os pais veem a diferença que isso faz nas crianças, eles ficam convencidos. A nosso ver, esta educação é para pessoas de todas as esferas da vida."

É possível começar uma escola cristã clássica em sua comunidade? Através do seu website, a Associação de Escolas Clássicas e Cristãs (accsedu.org), uma organização protestante ortodoxa com membros em quarenta e cinco estados e quatro países estrangeiros, oferece um pacote de instruções, incluindo uma série de perguntas que as comunidades locais devem fazer. antes de iniciar esta jornada.

O Instituto para a Educação Liberal Católica (www.catholicliberaleducation.org) é uma organização rica em recursos para católicos e inclui no seu site o plano educacional da Academia St. Jerome. (Na verdade, Mary Pat Donoghue, a diretora que supervisionou a transição da escola Hyattsville, agora trabalha como consultora em tempo integral para o instituto.)

Nenhuma escola cristã clássica? Então escola em casa

Houve uma explosão de recursos para ajudar os cristãos clássicos que educam em casa. O Instituto CiRCE é um importante centro, através do seu site e conferências, assim como a Society for Classical Learning. O método Conversas Clássicas é um dos programas mais populares.

Escolas como a Sequitur Classical Academy de Baton Rouge e a Coram Deo Academy do Norte do Texas, que oferecem ensino em sala de aula complementado pelo ensino em casa, também estão crescendo em popularidade.

Muitos pais cristãos descobrem que escolas cristãs ortodoxas confiáveis não estão disponíveis localmente ou são inacessíveis. Assim, recorrem ao ensino em casa – uma estratégia que pode gerar custos significativos numa economia onde a maioria das famílias depende de dois rendimentos.

Uma mãe católica do Vale do Silício, a quem chamarei de Maggie, me contou que ela e seu marido, professor, decidiram estudar em casa, em parte porque acreditavam que poderiam se sair melhor do que a escola pública local. A escola privada estava fora de questão e a sua experiência como estudante em escolas católicas locais destruiu a sua confiança nelas.

Embora represente apenas 3,4% das crianças em idade escolar do país, a popularidade do ensino em casa está crescendo em popularidade, tendo aumentado seus números em 62% entre 2003 e 2012, de acordo com o Departamento de Educação dos EUA.[6] Mas como qualquer pai que pratica o ensino em casa lhe dirá , não é para todos. Requer habilidades específicas – conhecimento organizacional, por exemplo – bem como inteligência e uma extraordinária capacidade de paciência. Além disso, você precisa ter uma família com dois pais e a capacidade de sobreviver com uma única renda – fatores que colocam o ensino em casa fora do alcance de muitas famílias.

Mas é possível para alguns, desde que estejam dispostos a viver asceticamente. Maggie acrescentou que ela e suas colegas mães que educam em casa estão abrindo mão de carreiras, do sucesso e, dado o custo de vida local, de uma riqueza material significativa pelo bem de seus filhos.

Mesmo que sua família tenha que sobreviver com um salário – e o de professora – Maggie acredita que vale a pena. O mesmo acontece com as outras mães em seu círculo de educação domiciliar, diz ela.

“Simplesmente não podemos ser sugados pelo vórtice que gira loucamente à nossa volta e também não queremos que os nossos filhos sejam sugados”, disse ela. “Não queremos que os nossos filhos pensem que o seu único propósito na vida é serem aceites em Stanford e ganhar o primeiro milhão antes dos trinta anos. Precisamos servir a algo – acredito, Deus – maior do que nós mesmos, e escolas de qualquer tipo, pelo menos aqui, não ensinam você a fazer isso.”

A Opção Bento XVI e a Universidade

A necessidade de pares cristãos ortodoxos comprometidos não termina na formatura. A faculdade também é um momento de desafio moral e espiritual, e nem todos os jovens crentes conseguem sobreviver com a fé intacta. Os cristãos não devem apenas encontrar formas de ajudar os estudantes a navegar no sistema universitário existente, mas também procurar formas de reinventar a universidade.

Em 2016, numa discussão à porta fechada entre académicos evangélicos conservadores, ouvi administradores universitários e professores falarem francamente sobre como os seus alunos, incluindo estudantes do seminário, estão a ver as suas convicções atacadas pela ideologia sexual progressista – e isto está a afectar o seu comportamento sexual.

De um modo mais geral, o dramático declínio da fé entre os jovens adultos (35 por cento dos quais não se identificam com qualquer religião ou tradição religiosa) significa que os estudantes crentes enfrentam mais pressão social do que qualquer geração anterior para abandonarem a ortodoxia cristã. Onde eles podem procurar esperança?

Mais imediatamente, os estudantes podem aderir ou iniciar associações cristãs no campus – essencialmente

encontrando formas de viver nas comunidades da Opção Benedita.

Estudantes católicos de universidades não católicas muitas vezes recorrem ao campus Newman Center, normalmente o nexo do ministério universitário. Nem todos os Centros Newman são confiavelmente ortodoxos, mas o St. John's, aquele da Universidade de Illinois em Champaign-Urbana, tem a reputação de ser um local de ensino católico sólido, estudo bíblico, retiros e comunhão para cerca de dez mil católicos. no campus.

O St. John's Newman Center também foi pioneiro na vida comunitária católica em campi universitários públicos. Seu Newman Hall é uma moderna residência estudantil que abriga seiscentos estudantes católicos, em um ambiente liderado por padres em tempo integral e pessoal pastoral, com uma capela aberta 24 horas por dia. Em 2013, os líderes católicos no Texas e na Flórida abriram duas residências universitárias – uma na Texas A&M e outra no Instituto de Tecnologia da Flórida – baseadas no modelo de St.

Ryan Mattingly credita sua experiência em St. John's por renovar sua fé católica e ajudá-lo a descobrir sua vocação sacerdotal. Agora seminarista com ordenação marcada para 2018, Mattingly disse ao National Catholic Register que viver naquela comunidade estudantil o aproximou da oração e dos sacramentos e o afastou do estilo de vida partidário. Disse Mattingly: "Isso deu substância à minha fé – apenas viver a fé de maneira cotidiana em uma grande universidade secular, onde a fé não é tão incentivada."[7]

O padre Bryce Sibley, que dirige o ministério universitário católico da Universidade de Louisiana em Lafayette (ULL), disse-me que a Fellowship of Catholic University Students (FOCUS), um ministério universitário nacional em crescimento que tem um capítulo em mais de cem universidades, incluindo a ULL , tem sido fundamental

para construir comunidades estudantis católicas fortes e intencionais entre os Millennials.

"Esses jovens católicos são ortodoxos. Eles querem confissão, querem os sacramentos, querem formação", disse o Padre Sibley. "Não se trata apenas de pizza e diversão. Como resultado, nos últimos seis anos, quase cinquenta pessoas ingressaram no seminário ou na vida religiosa".

Ao contrário do ministério católico no campus, quando estava na faculdade, há uma geração, disse o Padre Sibley, a FOCUS concentra-se intensamente no discipulado através da oração, do estudo e da adoração - muitas vezes em pequenos grupos - e na preparação dos alunos para a evangelização. "Se você conversar com a maioria dos ministros universitários católicos hoje, estamos realmente esperançosos", disse o Padre Sibley. "Essas crianças querem a verdadeira fé, não uma versão diluída. Se você quiser evangelizar, as coisas vão mudar".

Do lado evangélico, o movimento Centro de Estudos Cristãos oferece uma comunidade contracultural para jovens crentes. Tudo começou em 1968, quando um grupo de líderes e estudantes evangélicos da Universidade da Virgínia iniciou uma associação informal para promover o envolvimento intelectual e cultural cristão no campus. Inspirado pela L'Abri Fellowship, a rede internacional de centros de estudos evangélicos fundada por Francis e Edith Schaeffer, o grupo de Charlottesville acabou comprando uma casa na Chancellor Street, perto do campus, e montou uma sede.

Embora a organização tenha passado por algumas mudanças de nome ao longo dos anos, agora é chamada de Centro de Estudos Cristãos. A casa na Chancellor Street é um centro movimentado de atividades estudantis, com estudantes cristãos estudando em sua impressionante nova biblioteca, reunindo-se em pequenos grupos e assistindo a

palestras e estudos bíblicos. O centro também serve como sede para vários ministérios paraeclesiásticos no campus.

Pensar na grande casa na Chancellor Street como um clube para estudantes universitários cristãos seria vender muito menos que o centro. É um centro vital e profundamente impressionante para a vida artística e intelectual séria e o companheirismo entre a comunidade evangélica da UVA e qualquer pessoa que deseje passar por aqui. O centro leva a sério a aplicação do discipulado cristão à vida da mente, e isso fica evidente.

Existem agora mais de vinte Centros de Estudos Cristãos afiliados em campi nos Estados Unidos, todos inspirados no original da UVA. Um fenómeno que constitui uma grande promessa para a construção de comunidades cristãs profundas em campi em todo o país emergiu do centro UVA: uma rede de alojamentos privados em grupo de pessoas do mesmo sexo para estudantes cristãos.

A uma curta distância do centro há mais de vinte residências onde universitários e universitárias vivem em diversas formas de comunidade durante seus anos de graduação. Não existe uma Regra que abranja todas as casas, e algumas casas não têm nenhuma Regra; eles são apenas cristãos vivendo juntos. O que todos eles fazem é construir apoio e obrigações mútuos entre os estudantes que moram lá.

Sentado ao redor de uma mesa no centro, numa tarde de outono, conversei com atuais e antigos moradores das casas cristãs. Todos falaram com genuíno calor e carinho sobre como a vida nas casas os estabilizou e aprofundou seu compromisso de fé na UVA. Disse um rapaz: “Encontrei pessoas que me contaram histórias que me ajudaram a saber quem eu sou e a dar sentido ao mundo”.

Alguns dos presentes ficaram tão marcados pelos anos que viveram lá que permaneceram em Charlottesville após a formatura, procurando emprego e aprofundando o relacionamento com amigos que fizeram na residência.

Sam Speers e Jed Metge são dois graduados da UVA. Em 2011, eles foram membros fundadores da Chancellot, uma comunidade intencional masculina de graduação em uma casa vizinha ao centro. Os homens me disseram que sua comunidade se reuniu com cerca de vinte rapazes ativos na InterVarsity Christian Fellowship do campus.

A regra da casa é simples. É uma comunidade de homens cristãos, activos no InterVarsity, empenhados em viver juntos num espírito de discipulado e apoio mútuo na vivência de elevados padrões morais. É intencionalmente estruturado para incluir homens da turma de cada ano. A irmandade da casa é "unida, mas acolhedora", o que significa que o seu propósito é servir e evangelizar a comunidade mais ampla da UVA.

Os dois homens se lembraram de um estudante de graduação que morava na casa ao lado naquele primeiro ano. O estudante passou a passar mais tempo na sala do Chancellot do que em sua própria casa coletiva. Eles finalmente perguntaram por que ele andava tanto.

"Ele disse: 'Há um sentimento diferente sobre como vocês são um com o outro'", lembrou Metge.

O estudante falou sobre como ele e seus colegas de casa sempre brigavam por causa de louça suja e outros dramas domésticos. Ele queria saber o que fazia tanta diferença na vida comum dos homens do Chanceler.

"Dissemos a ele que era Cristo", disse Metge. "Dissemos a ele que ele também poderia ter a mesma paz. Outro colega de casa e eu oramos com ele e o levamos a Cristo".

A regra da casa desenvolveu-se ao longo do tempo. Eles tentaram coisas diferentes. Era difícil manter o compromisso com a oração matinal juntos, mas a oração noturna era mais fácil. Eles se engajaram na confissão mútua de seus pecados à comunidade, para que pudessem ajudar uns aos outros nas lutas pessoais. ("Na altura, não chamávamos a isto confissão", diz Speers. "Chamámos-lhe responsabilidade, o que era mais kosher para os

evangélicos.”) E exigiam um envolvimento sustentado do grupo em conversas e estudos teológicos.

Havia regras pequenas, mas rígidas também. Nenhuma garota em quartos privados com portas fechadas. Não é permitido álcool, exceto nos quartos de pessoas com idade legal para beber. Alguns homens que lutavam contra a pornografia deixavam seus laptops na sala comunal para não se sentirem tentados.

Funcionou maravilhas. Metge disse que a vida em Chancellot deu-lhe um nível de saúde e estabilidade emocional e espiritual que ele nunca havia experimentado. “Quando reflito sobre meus anos de faculdade, minha alegria foi muito grande, e isso se deveu muito a esta casa”, diz ele. “Isso ampliou e aprofundou minha visão de que profundidade de compromisso é possível para outros como cristãos. Sair daquela comunidade e entrar na igreja local, e na idade adulta, ajudou-me a ver que uma comunidade mais profunda é possível, não importa em que circunstância eu me encontre.”

Embora grupos como o de Metge ajudem os estudantes a manter a fé na faculdade como ela é agora, eles poderão ser ainda mais vitais no futuro. Se as tão temidas tentativas de retirar a acreditação académica às faculdades e universidades cristãs com base na antidiscriminação se materializarem e tiverem sucesso, haverá muito menos lugares para os estudantes crentes frequentarem e para os professores fiéis ensinarem.

Estudantes cristãos de pós-graduação em humanidades me dizem que conseguem ler o que está escrito na parede da academia e não veem nenhum futuro para si mesmos como professores universitários. No outono de 2016, alguns membros mais jovens da Sociedade de Filósofos Cristãos atacaram publicamente Richard Swinburne, um dos mais eminentes filósofos vivos, como um fanático por defender brevemente o ensinamento cristão ortodoxo sobre a homossexualidade. Proeminentes professores de filosofia

não-cristãos de Yale, Columbia e Georgetown atacaram, insultando Swinburne e os seus defensores em termos obscenos e profanos. É por esse tipo de coisa que um cristão Ph.D. O candidato em literatura inglesa numa prestigiada universidade americana confidenciou-me que a total ideologização esquerdista dos estudos literários o levou a desistir de planos para uma carreira acadêmica.

O chão está se movendo rápida e decisivamente sob nossos pés. É hora dos cristãos reconhecerem o perigo e começarem a criar uma contracultura acadêmica cristã. John Mark Reynolds está se preparando para essa mudança. Quando ele deixou o cargo de reitor na Universidade Batista de Houston, há alguns anos, foi-lhe oferecido a presidência de uma faculdade. Ele recusou, embora fosse um trabalho de prestígio que pagava muito mais dinheiro do que ele ganha como diretor da Escola São Constantino, a academia cristã clássica que ele fundou.

Ele ocupa vários cargos na nova escola de Houston - até mesmo como zelador em meio período. É um golpe para o seu orgulho, mas ele diz que foi bom para ele perceber o quão mimado ele era na academia cristã convencional – e o quanto isso o tornou dependente de um modelo de ensino superior que ele acredita ser financeiramente insustentável, e entrará em colapso.

Reynolds explica que mesmo as faculdades cristãs vivem à beira de uma bolha financeira que está prestes a rebentar. Quando ele era reitor de uma faculdade cristã, menos de um terço do orçamento da escola era destinado ao setor acadêmico.

“A faculdade como a conhecemos deve morrer”, diz ele. “Não estou disposto a permitir que um garoto do centro da cidade venha à escola e peça emprestado cem mil dólares para obter um diploma de bacharelado que pode ou não levar a um emprego, onde eles não vejam um professor em tempo integral por dois anos. anos. Esse é o mundo real.”

O modelo da Escola Saint Constantine eventualmente incluirá uma faculdade de artes liberais de quatro anos. A escola está fortemente ligada às igrejas locais e a sua componente universitária, quando lançada, será estreitamente afiliada ao King's College, uma instituição cristã na cidade de Nova Iorque. A razão, segundo Reynolds: "As instituições cristãs que foram credenciadas antes dos problemas que estão por vir serão as últimas a serem desafiadas".

O presidente da Saint Constantine relata uma abundância de currículos excelentes em arquivo, incluindo alguns de mestrado e doutorado. titulares. "Existem muitos professores cristãos inteligentes, conservadores e ortodoxos por aí que precisam de trabalho", disse ele.

Anthony Esolen concorda. Um conhecido professor de literatura, tradutor de Dante e católico ortodoxo, Esolen foi alvo de intensos ataques no outono de 2016 dentro de sua própria escola, a Providence College, administrada por católicos, por se manifestar contra o que ele acreditava ser uma tentativa do governo de destruir sua comunidade católica. identidade em prol do multiculturalismo.

"Já passou da hora de os administradores das faculdades cristãs abandonarem as políticas de contratação que nos colocaram nessa situação", disse-me Esolen. "Sabemos que há muitos jovens eruditos cristãos excelentes que têm de lutar para encontrar um emprego. Bem, vamos pegá-los e pegá-los imediatamente. Deveríamos estabelecer uma rede para esse propósito."

Esolen está certo, embora também esteja, infelizmente, justificado no seu cepticismo de que a maioria das faculdades e universidades cristãs terão o bom senso de fazer isto. Mesmo assim, as escolas cristãs clássicas deveriam aproveitar esta oportunidade, reunindo os seus recursos e iniciando um banco de empregos para que académicos cristãos talentosos dispostos a ensinar nas escolas primárias e secundárias saibam onde estão os

empregos. Os cristãos não podem esperar que professores de qualidade façam isso por centavos. Além de os pais estarem dispostos a pagar propinas que permitam às escolas pagar salários competitivos aos professores qualificados, os cristãos ricos deveriam redireccionar algumas das suas contribuições políticas para as escolas cristãs clássicas. Eles são essenciais para o futuro do Cristianismo na América.

Volte aos clássicos e avance para o futuro

Os cristãos hoje estão enfrentando as dores do parto daquela futura igreja – e isso pode ser assustador. Mesmo quando velhas certezas estão desmoronando, novas oportunidades estão surgindo. Aqueles que tentam manter formas pedagógicas – públicas, privadas e paroquiais – que já não conseguem moldar os corações e as mentes das próximas gerações de uma forma autenticamente cristã, correm o risco de prejudicar os seus filhos, deixando-os moral e espiritualmente vulneráveis.

A educação cristã clássica é a nova contracultura. Em pouco mais de um século, os cristãos passaram do centro da cultura americana para as suas margens. Vamos assumir nosso status e ter orgulho dele. “Uma coisa morta segue a corrente, mas apenas uma coisa viva vai contra ela”, disse G. K. Chesterton.

Essa citação de O Homem Eterno é o lema da Scuola libera G. K. Chesterton, a escola comunitária de Tipi Loschi, a comunidade leiga católica em San Benedetto del Tronto, Itália. A escola começou porque Marco Sermarini e sua esposa Federica tiveram a coragem de suas convicções cristãs contraculturais.

Há quase uma década, Marco e Federica começaram a temer que as escolas públicas e a escola secundária

católica local prejudicassem o trabalho de formação cristã que os seus filhos recebiam em casa e na comunidade de Tipi Loschi.

Em junho de 2008, Marco ouviu uma palestra do Padre Ian Boyd, um padre americano e especialista em Chesterton que visitava a Itália. O Padre Boyd disse que o problema que enfrentamos hoje é a padronização por padrões baixos. Além do mais, as pessoas não têm tempo para fazer coisas criativas – mas devem arranjar tempo, porque seguir a tendência dominante significa morte espiritual.

Quando voltou para casa, Marco disse à esposa que precisavam abrir uma escola. Eles tiveram três meses para fazer isso. "Muitas pessoas pensaram que eu era louco, e talvez seja, mas começamos no dia 15 de setembro", disse Marco. Eles tinham quatro alunos, dois deles filhos de Sermarini. Hoje há setenta alunos no ensino fundamental e médio.

O sucesso da escola Chesterton inspirou Tipi Loschi a sonhar grande. "Quando descobrimos que poderíamos fazer algo estranho, começamos a pensar em quantas coisas poderíamos fazer de uma forma não convencional", diz Sermarini. "Sabíamos que não poderíamos viver uma vida normal com um revestimento cristão, mas tínhamos que mudar as raízes".

Indo contra a corrente educativa italiana, os Tipi Loschi encontraram não só sucesso na sua escola, mas também inspiração para serem cristãos contraculturais de muitas outras maneiras.

"Muitas vezes nesta vida você pensará que é impossível ter qualquer outro tipo de ordem", continua ele. "Mas se você começar a mudar as coisas e movê-las para onde elas deveriam estar, e se você colocar Deus sobre tudo isso, então você ficará surpreso com quantas coisas se encaixam."

Construir um novo sistema educativo cristão será dispendioso e arriscado. É assustador desafiar o status quo, disse a Sermarini, especialmente se você não tem certeza se alguém estará do seu lado.

"Grande Vara!" ele deixou escapar, batendo no ar. "Ninguém deveria ter medo. Tenha fé! Somos cristãos! Sabemos que com Deus todas as coisas são possíveis."

Isso é verdade. Os educadores cristãos, tanto em casa como na sala de aula, precisam desse tipo de fé para nos manter em movimento quando batemos no muro. É importante lembrar, porém, que a esperança deve estar fundamentada na realidade.

Anos atrás, meu amigo Mitch Muncy orientou alunos de graduação do sexo masculino na Universidade de Dallas, uma escola católica de artes liberais com forte foco na tradição dos Grandes Livros. Naquela época, Mitch me disse que ficou feliz em ver como esses jovens ficavam entusiasmados com a arte, os livros, as ideias e a fé. Mas ele tinha que lembrá-los constantemente de uma realidade nada romântica: que eles não poderiam cumprir seu chamado de criar uma família e servir a Deus e à igreja da maneira que sonhavam fazer se não tivessem ambições além de ler e falar sobre Grandes Livros, ou habilidades para realizá-los.

Esta verdade deve manter a visão clara dos visionários educacionais da Opção Benedict. Olhando para o futuro próximo, o mundo do trabalho parece incerto para todos, especialmente para os cristãos. Os desafios práticos que enfrentamos são diferentes de todos os que a maioria dos crentes neste país já enfrentou. As escolas e faculdades – moral, espiritual e vocacionalmente – terão de preparar os

jovens crentes para algumas realidades cada vez mais duras.

Devido ao facto de floristas, padeiros e fotógrafos terem sido arrastados pelos tribunais por demandantes gays, sabemos agora que alguns cristãos ortodoxos perderão os seus negócios e os seus meios de subsistência se se recusarem a reconhecer as novas ortodoxias seculares. Podemos esperar que a muitos mais cristãos serão negadas oportunidades de emprego através de licenças ou outros requisitos profissionais, porque foram expulsos de certos locais de trabalho por pura intolerância ou pelo facto de não poderem, em sã consciência, trabalhar em determinadas áreas. O que eles farão?

Como você está prestes a aprender, não é muito cedo para os cristãos começarem a fazer essa pergunta e a fazer planos.

CAPÍTULO 8

Preparando-se para o trabalho duro

Crescendo no Texas, o irmão Francis Davoren presumiu que seria um homem que trabalharia principalmente com a mente. Ele era um bom aluno, intelectualmente inclinado e talentoso em matemática e ciências. Na faculdade, ele estudou física, mas mudou para teologia quando começou a se perguntar se Deus o estava chamando para viver como padre ou monge. Ele só percebeu isso mais tarde na vida, mas durante grande parte de sua vida, o irmão Francis pensou que aqueles que faziam trabalho intelectual eram melhores do que aqueles que trabalhavam com as mãos.

Hoje, aos quarenta e três anos, o Irmão Francisco tem um novo respeito pelo trabalho físico, graças ao trabalho árduo que tem de realizar no mosteiro, como carregar pesados sacos de cereais e manter a canalização. “Tem sido ótimo para mim, porque me ajuda a lembrar que a pessoa humana é corpo e espírito, não apenas espírito”, afirma. “É preciso haver uma integração de corpo e alma. Você pode usar esse corpo para ser santificado através do trabalho. É ótimo aprender que você não precisa apenas pensar nas coisas, mas realmente fazê-las.”

O Irmão Francisco também fica satisfeito por saber que o seu trabalho é vital para o sucesso geral do mosteiro e da sua missão. Diz o monge: “Essa é a minha pequena parte na Igreja. Cada pessoa tem um papel para sustentar tudo.”

Na era que agora se abate sobre nós, o Irmão Francisco e o modelo beneditino de santificação do trabalho comum serão um modelo para os cristãos tradicionais nas nossas vidas profissionais, em aspectos importantes. Em primeiro lugar, o modelo beneditino lembra-nos que o trabalho e o culto estão integrados e que as nossas carreiras não estão separadas da nossa fé. Em segundo lugar, lembra-nos que o trabalho manual é uma dádiva – uma dádiva que os cristãos poderão ter de redescobrir se o pós-cristianismo nos expulsar das profissões. Por fim, vemos o trabalho como um dom retribuído a Deus e à comunidade. Se as comunidades da Opção Bento quiserem sobreviver, terão de recuperar este tipo de solidariedade, não apenas a um nível "meramente espiritual", mas também a um nível prático.

Para que serve o trabalho

A maioria dos cristãos ainda usa a palavra chamado para se referir à convicção de que Deus está convidando um homem ou uma mulher para um ministério de tempo integral. Os católicos romanos tendem a usar a palavra vocação – da palavra latina vocare, "chamar" – para se referir a um chamado ao sacerdócio ou à vida monástica. No mundo secular, a palavra vocação caiu em desuso, exceto como sinônimo de trabalho.

Nem sempre foi assim. Em 1603, o antigo teólogo puritano inglês William Perkins fez um sermão no qual definiu a vocação como "um certo tipo de vida ordenado e imposto ao homem por Deus para o bem comum".[1] Perkins explicou que todo homem – rei , pastor, soldado, marido, pai e assim por diante – tem uma vocação dada por Deus. Ele comparou a sinfonia das vocações na sociedade ao funcionamento de um relógio, cada engrenagem girando em harmonia com o propósito comum de marcar o tempo.

Neste entendimento mais antigo, diz o teórico político Patrick Deneen, vemos que o trabalho de alguém não é tão escolhido como recebido de Deus, para o benefício de todos. O trabalho de uma pessoa é, por vezes misterioso, parte de um empreendimento maior, na economia tanto secular como divina.

“Apesar do uso contemporâneo da palavra 'profissional' para significar treinamento restrito em uma escolha de trabalho”, escreve Deneen, “a origem do termo aponta para a maneira como o trabalho de alguém se conecta não apenas a outras atividades na trajetória de vida de alguém – a 'carreira' de alguém - mas, de forma mais abrangente, como o trabalho de alguém se relaciona com um todo maior fora e além da própria vida.”[2]

Esta é uma visão profundamente beneditina. Um monge aprende a cumprir a tarefa que lhe foi confiada para a maior glória de Deus e para o sustento da comunidade dos crentes. Na tradição beneditina, o nosso trabalho é uma forma de participarmos no trabalho criativo de Deus de ordenar a Criação e produzir dela bons frutos. Quando empreendido com o espírito correto, nosso trabalho é também um meio que Deus usa para nos ordenar interiormente.

O equilíbrio é fundamental. Há uma razão pela qual a Regra prescreve trabalho apenas para determinadas horas do dia. O trabalho é uma coisa boa, até mesmo sagrada, mas não se deve permitir que domine a vida de alguém. Se isso acontecer, a nossa vocação poderá tornar-se um ídolo. Lembre-se de que se um abade perceber que um monge artesão está se orgulhando indevidamente de seu trabalho, a Regra exige que o abade o designe novamente. É uma penalidade severa, mas que lembra a todos os cristãos que o nosso trabalho deriva o seu valor final apenas do papel que desempenha na economia de Deus.

O trabalho é bom, mas só é bom em relação à sua participação no desenvolvimento da vontade de Deus e em benefício dos outros. Na América moderna, workaholic, perdemos esse sentido de significado vocacional. Ironicamente, ainda é praticado, mesmo que apenas por costume, na Europa secularizada.

O sogro de Deneen é um açougueiro de uma pequena cidade no sul da Alemanha e um católico crente. Ele disse ao seu genro americano que agradece a Deus pelas leis rigorosas da Alemanha que determinam horários de encerramento das lojas. Essas leis tornam a vida menos conveniente para os consumidores, admitiu o açougueiro, mas sem elas ele nunca teria sido capaz de administrar seu negócio familiar e criar uma família. Sem a proteção dessa regulamentação, apenas grandes lojas com um grande número de funcionários poderiam prosperar. Neste sentido, a cultura de consumo da Alemanha consegue cultivar vidas mais equilibradas e integradas para o povo alemão.

A lição laboral mais importante da Regra, porém, é que um cristão deve realizar o trabalho, e todas as outras coisas que faz, como uma dádiva a Deus – como participação na Sua ordenação da Criação. Isto é tão verdadeiro para o carpinteiro e o contador como para o ministro e o professor. Se pensarmos no trabalho como um fim próprio, desligado dos propósitos de Deus, ou apenas como algo que fazemos para pagar as contas, colocamo-nos em risco de racionalizar qualquer coisa para manter os nossos empregos.

Queimando Incenso para César

A tentação de vender a fé em prol da autoproteção não é de forma alguma uma ameaça abstrata. Podemos (ainda) não estar no ponto em que os cristãos sejam proibidos de

comprar e vender em geral sem a aprovação do Estado, mas estamos à beira de áreas inteiras da vida comercial e profissional estarem fora dos limites para os crentes cujas consciências não os permitirão. para queimar incenso aos deuses da nossa época.

O local de trabalho está a ficar mais difícil para os crentes ortodoxos à medida que o compromisso da América com a liberdade religiosa enfraquece. Os progressistas zombam das alegações de discriminação ou perseguição anticristã. Não acredite neles. A maioria dos especialistas com quem conversei sobre esse assunto só falaram abertamente depois que prometi ocultar suas identidades. Eles estão com medo de que suas palavras hoje possam custar-lhes suas carreiras amanhã.

Eles não são paranóicos. Embora os cristãos possam não ser perseguidos pela sua fé em si, já são alvo de perseguição quando defendem o que a sua fé implica, especialmente em questões de sexualidade. À medida que a agenda LGBT avança, interpretações amplas das leis anti-discriminação irão afastar cada vez mais os cristãos tradicionais do mercado, e o mundo empresarial tornar-se-á hostil em relação aos fanáticos cristãos, considerando-os um perigo para o ambiente de trabalho.

A Human Rights Campaign Foundation, um poderoso grupo de pressão LGBT, publica anualmente um Índice de Igualdade Corporativa. No seu relatório de 2016, mais de metade das vinte maiores empresas dos EUA obtiveram uma pontuação perfeita. Deixar de obter uma pontuação alta é considerado um problema sério nas principais corporações.

Entre os critérios que a fundação utilizou em suas avaliações de 2016 estava que “as medidas de desempenho da alta administração/executivo incluem métricas de diversidade LGBT”. Uma empresa que queira obter o selo de aprovação da fundação terá de apresentar provas concretas de que está a promover a agenda LGBT no local

de trabalho. O fenómeno do “aliado” – pessoas heterossexuais que se declaram publicamente apoiantes da agenda LGBT – é uma forma de as empresas demonstrarem o progresso aos defensores dos direitos dos homossexuais, bem como identificarem dissidentes que possam impedir o progresso.

Falei com vários cristãos, em áreas tão diversas como o direito, a banca e a educação, que enfrentam uma pressão crescente dentro das suas empresas e instituições para se declararem publicamente “aliados” dos colegas LGBT. Em alguns casos, os funcionários têm a oportunidade de usar crachás especiais anunciando seus aliados. Naturalmente, se alguém não usar o crachá, provavelmente enfrentará perguntas de colegas de trabalho e até mesmo será rejeitado.

Estes trabalhadores temem que isto sirva em breve como um juramento de lealdade de facto para os funcionários cristãos – e se não o assinarem, por assim dizer, isso significará o fim dos seus empregos e possivelmente até das suas carreiras. Assinar o juramento, acreditam eles, seria o equivalente moderno a queimar uma pitada de incenso diante de uma estátua de César.

Será impossível, na maioria dos lugares, obter licenças para trabalhar sem afirmar o dogma da diversidade sexual. Por exemplo, em 2016, a Ordem dos Advogados dos Estados Unidos votou pela adição de uma regra “anti-assédio” ao seu Código de Conduta Modelo, uma regra que, se adoptada pelos advogados estaduais, tornaria simplesmente impossível discutir questões relacionadas com a homossexualidade (entre outras coisas) sem arriscar sanção profissional – a menos que se adote o lado progressista do argumento.

Nesse sentido, será muito difícil manter um diálogo aberto em muitos locais de trabalho sem se colocar em perigo. Um professor cristão da faculdade de ciências de uma universidade secular recusou-se a responder a uma

pergunta que eu tinha sobre a biologia da homossexualidade, por medo de que qualquer coisa que ele dissesse, por mais inócuo e baseado em fatos, pudesse levá-lo a ser acusado dentro de sua universidade. bem como atacado por multidões de mídia social. Todos os que trabalham para uma grande empresa serão submetidos a formação em "diversidade e inclusão" e enfrentarão pressão não apenas para tolerar colegas de trabalho LGBT, mas para afirmar a sua sexualidade e identidade de género.

Além disso, as empresas que não cumprirem as leis antidiscriminatórias estaduais e federais que abrangem LGBTs não poderão receber contratos governamentais. Na verdade, de acordo com um litigante de liberdade religiosa que teve de defender clientes contra uma série exasperante de ações judiciais antidiscriminação, a única coisa que existe entre um empregador ou empregado e uma ação judicial é a imaginação dos demandantes LGBT e dos seus advogados.

"Somos todos vulneráveis a esse tipo de segmentação", disse ele.

Diz um advogado defensor da liberdade religiosa: "Não há uma solução iminente para estes conflitos; nenhum platô que estamos prestes a alcançar. Apenas intensificação. É um trem que não irá parar enquanto houver impulso e direção."

David Gushee, um conhecido especialista em ética evangélico que mantém uma posição agressivamente progressista sobre questões homossexuais, publicou uma coluna em 2016 observando que o meio termo está a desaparecer rapidamente na questão de saber se a discriminação contra gays e lésbicas por razões religiosas deve ser tolerada.

"A neutralidade não é uma opção", escreveu ele. "Também não é uma meia aceitação educada. Nem evitar o

assunto. Por mais que se esconda, o problema virá e encontrará você."[3]

Professores de escolas públicas, professores universitários, médicos e advogados enfrentarão uma enorme pressão para capitularem a esta ideologia como condição de emprego. O mesmo acontecerá com psicólogos, assistentes sociais e todos os que exercem profissões de ajuda; e, claro, floristas, fotógrafos, padeiros e todas as empresas sujeitas às leis de acomodação pública.

Os estudantes cristãos e seus pais devem levar isso em consideração ao decidir sobre um campo de estudo na faculdade e na escola profissional. Um médico de destaque nacional, que também é cristão devoto, me disse que desencoraja seus filhos a seguirem seus passos. Os médicos, agora e num futuro próximo, estarão a lidar com questões relacionadas com o sexo, a sexualidade e a identidade de género, mas também com o aborto e a eutanásia. A "autonomia do paciente" e a não discriminação são os princípios que superam todas as considerações de consciência, e espera-se que os médicos se alinhem.

"Se eles fizerem da conformidade uma questão de licenciamento, não haverá onde se esconder", disse este médico. "E então o que você faz se tiver uma dívida de trezentos mil dólares da faculdade de medicina e tiver uma família com três filhos e um pai doente? Decisão difícil, porque não há muitas paróquias ou comunidades religiosas que intervenham e ajudem."

Em épocas passadas, as minorias religiosas viram-se excluídas de certas profissões. Nos tempos medievais, por exemplo, a intolerância anti-semita na Europa impediu os judeus de participarem em muitos ofícios e profissões, desviando-os para fazerem trabalhos marginais que os cristãos não queriam fazer. Os judeus ingressaram no setor bancário, por exemplo, porque a usura era considerada

pecaminosa pelo cristianismo medieval e era mantida fora do alcance dos cristãos.

Da mesma forma, os cristãos ortodoxos da era emergente precisarão de se adaptar a uma era de hostilidade. A lista negra será real. No Canadá, a profissão jurídica está a tentar proibir os licenciados em direito da Trinity Western University, uma faculdade privada cristã de artes liberais, de exercer a advocacia – isto, para punir a escola por ser insuficientemente progressista nas questões LGBT. Da mesma forma, um grupo activista LGBT chamado Campus Pride colocou mais de cem faculdades cristãs numa "lista da vergonha" e apelou às empresas e à indústria para não contratarem os seus licenciados. Não é sensato desconsiderar a influência de grupos como este na cultura corporativa – e isso, por sua vez, terá um efeito devastador nas faculdades cristãs.

"Os desafios à educação cristã — especialmente ao ensino superior — estão prestes a ser agressivos", disse um jurista. "Títulos de universidades não credenciadas, ou universidades que não podem colocar graduados ou receber verbas federais para pesquisa, são de valor muito baixo."

Significa isso que nenhum cristão deve cursar medicina ou direito ou matricular-se em treinamento profissional para ingressar em outras áreas? Não necessariamente. Significa, no entanto, que os cristãos não devem presumir que, num determinado campo, não haverá desafios tão grandes à sua fé que tenham de escolher entre o seu cristianismo e as suas carreiras. Muitos cristãos serão obrigados a ganhar a vida de uma forma que não comprometa a sua consciência religiosa. Isto exige prudência, ousadia, criatividade vocacional e solidariedade social entre os crentes.

Seja prudente

Nem todo desafio no local de trabalho é uma colina pela qual vale a pena morrer. Nem todo escritório é o Coliseu Romano.

David Hall, um funcionário federal em Illinois, colocou seu trabalho em perigo ao recusar repetidamente o pedido de seu empregador para assistir a um vídeo de treinamento sobre diversidade LGBT. Hall, um cristão, disse à sua agência que assinar uma declaração reconhecendo que viu o clipe seria "uma abominação".

Embora Hall deva, em última análise, obedecer à sua própria consciência, é difícil simpatizar com alguém disposto a sacrificar seu trabalho por algo tão trivial. Assinar uma declaração afirmando que viu um vídeo de treinamento não é a mesma coisa que assinar uma declaração afirmando a homossexualidade.

Os cristãos devem exercer sabedoria nestes casos. A vida é cheia de compromissos e nem todo mundo transforma um crente em Judas. Alegar perseguição religiosa desnecessariamente não ajudará a causa. Em vez disso, fornecerá à esquerda secular motivos para afirmar que toda preocupação com a liberdade religiosa é uma farsa.

"Se possível, no que depender de vocês, estejam em paz com todos os homens", instruiu São Paulo (Romanos 12:18). Os cristãos não devem procurar conflitos e, em vez disso, devem submeter-se tanto quanto possível ao seu local de trabalho e às autoridades legais. A lição para os crentes hoje? O silêncio nem sempre significa aquiescência e, em alguns casos, pode ser uma abordagem mais sábia e amorosa. No final, poderemos ser obrigados a perder os nossos empregos e até, infelizmente, mais. Mas os desafios agressivos à nossa fé no local de trabalho podem por vezes ser desviados ou paralisados por um exercício santo de prudência. O silêncio pode ser um escudo.

Os cristãos nunca devem negar a sua fé, mas isso também não significa que sejam obrigados a ser francos sobre isso. “Acho que é possível ser cristão e evitar cair em armadilhas, desde que tenhamos o direito de permanecer calados e de exercê-lo com prudência”, diz um professor de direito. Um médico católico aconselha os médicos cristãos a não se esforçarem para provocar confrontos.

“Se alguém expressa uma opinião contrária às suas crenças, incluindo um paciente, mas na verdade não está sendo solicitado a violar sua consciência, deixe para lá”, diz ele. “Construir para o futuro. Desenvolva alianças, conquiste boa vontade, eduque silenciosamente, procure escritórios, práticas e sistemas nos quais você possa trabalhar sem controvérsia.”

Manter um testemunho cristão com os seus colegas, evitando conflitos religiosos sempre que possível, também pode ser um ato de amor. “Quanto mais assustados e paranóicos estivermos, mais difícil será estabelecer ligações e relacionamentos com pessoas que precisam de Jesus”, diz um cristão que trabalha com recursos humanos numa empresa Fortune 500. “Se estivermos sempre em pé de guerra, eles vão sentir isso.”

Este facilitador de RH, que pediu para permanecer anônimo, aconselha os cristãos a liderarem com compaixão e empatia, optando pelo não julgamento. Ele desenvolveu amizades com colegas LGBT, que sabem que ele é um cristão ortodoxo, mas que também entendem que ele não deseja demonizá-los. Este tipo de amizade pode dar ao crente informações valiosas sobre as lutas da vida real que estes colegas enfrentam e fazê-los saber que são amados pelos seus colegas cristãos.

“O que me entusiasma na Opção Bento é que estamos a manter uma cultura, de modo que quando esta experiência social em sexualidade que estamos a realizar falhar – e irá falhar – estas pessoas terão de ter um lugar para ir”, diz ele. . “Não podemos permitir que as pessoas pensem que

não deveriam falar com os cristãos. Não pode haver nenhum final positivo nisso."

Seja ousado

É claro que chega um momento em que a prudência deve acabar e a ousadia começar. Em algumas situações, se os cristãos forem suficientemente corajosos para falar, poderão ganhar tempo para a liberdade religiosa. "Sou um pecador que está longe de ser perfeito, mas recusei ser um pecador enrustido", diz Stephen Bainbridge, professor de direito da UCLA e católico. "Vou continuar tendo uma foto de São Tomás Moro em meu escritório. E continuarei reagindo quando as pessoas violarem a liberdade de expressão e de religião, especialmente nos campi.

"E se meus colegas não gostarem disso, tudo que posso dizer é: 'Venha e experimente se você acha que já é forte o suficiente'", continua Bainbridge. "Afinal, se me permitem citar o grande reformador: 'Aqui estou; Não posso fazer outra coisa.'"

Quais são algumas questões do local de trabalho sobre as quais um crente não pode transigir? Em que "oponho-me pessoalmente, mas" não é desculpa? Um médico cristão deve sempre e em qualquer lugar recusar tirar vidas inocentes; o aborto e a eutanásia são proibidos. Os professores cristãos nas escolas públicas e privadas não devem concordar com o ensino como normativo da nova ideologia de género, como alguns sistemas escolares estão a começar a exigir. Participar na produção e distribuição direta de pornografia é outra. E qualquer trabalho, por mais benigno que seja, que obrigue alguém a afirmar (em vez de recusar a aprovação de) algo não-cristão e falso, não vale a pena ser mantido, não importa a que custo.

Reconhecendo estes desafios, os cristãos precisam de se colocar algumas questões difíceis: Sou chamado para trabalhar nesta indústria? Se sim, como posso viver fielmente dentro dele? Caso contrário, posso encontrar uma linha de trabalho mais segura?

Uma jovem amiga minha, uma brilhante estudante de medicina de vinte e poucos anos, estava a caminho de se tornar uma cientista pesquisadora. Ela estava se formando em medicina e estagiando em um dos melhores laboratórios do país. Ela também é uma cristã crente, mas o tipo de comportamento que observou no laboratório, bem como os projetos de pesquisa nos quais esperava trabalhar no futuro, a fizeram duvidar de suas perspectivas de carreira.

Há muito tempo minha amiga queria ser uma cientista médica, mas tendo sido criada em um lar cristão devotamente ortodoxo e tendo certeza de suas próprias convicções de fé, ela percebeu que não poderia, em sã consciência, continuar nesse caminho. Ela mudou de curso para estudar administração hospitalar.

"Simplesmente não valeu a pena para mim", ela me disse na época. "Eu não queria ir muito longe nesse caminho e depois me deparar com uma escolha que poderia arruinar minha carreira ou violar minha consciência. E ver como os cientistas eram cruéis no laboratório, apenas para progredir nas suas carreiras, fez-me temer que, se permanecesse naquela cultura, poderia tornar-me no tipo de pessoa que faz a mesma coisa e nem sequer repara num problema. "

Seja empreendedor

Agora é o momento para os cristãos, cujos meios de subsistência podem estar em perigo, começarem a pensar e

a agir criativamente em campos profissionais ainda abertos para nós, sem risco de compromisso. O objetivo é criar oportunidades de negócios e de carreira para os cristãos que foram expulsos de outras indústrias e profissões.

“As nossas igrejas precisam de mais empreendedores e precisamos de ensinar os nossos filhos a pensar de forma empreendedora sobre o seu futuro”, diz Calee Lee, um cristão ortodoxo oriental em Irvine, Califórnia.

“A chave para a vida profissional sob a Opção Bento XVI não é diferente de hoje: identifique uma necessidade em sua comunidade, desenvolva um excelente produto ou serviço que atenda a essa necessidade e então 'trabalhe nisso de todo o coração, trabalhando para o Senhor'. , não para homens'”, diz Lee, citando Colossenses. “Precisamos desenvolver um bom senso comercial, não ter medo do lucro e compreender que ao construir algo valioso, seja uma junta ou um serviço de jardinagem, estamos trazendo algo de bom para o mundo.”

Lee fundou sua empresa de livros infantis digitais, a Xist Publishing, porque viu uma necessidade. Xist junta autores e ilustradores para produzir os tipos de livros que Lee queria que seus filhos lessem. Hoje o Xist tem mais de duzentos livros no seu catálogo online e proporciona rendimentos a escritores e artistas visuais – todos trabalhando fora da publicação tradicional.

Embora ela não tenha iniciado sua empresa por causa da perseguição ou assédio anticristão no local de trabalho, Lee cita isso como um exemplo de como os crentes expulsos de certas profissões podem aproveitar a economia da Internet para se sustentarem de maneiras que não sejam moralmente comprometedoras. .

Ela aponta para o sucesso de empresas como a LuLaRoe, uma fabricante de roupas fundada em 2012 por DeAnne Stidham, uma dona de casa mórmon que percebeu a necessidade de moda modesta, mas atraente, para mulheres como ela. Ao vender por meio de uma rede

nacional de mais de 12 mil consultoras — geralmente mães que ficam em casa — a LuLaRoe se transformou em uma potência de nicho.

"Eu poderia criticar as grandes editoras por não publicarem os livros que escrevo ou coisas que quero que meus filhos leiam, ou poderia fazer isso sozinho", diz Lee. "Você pode estar frustrado com a indústria da moda ou pode ser a indústria da moda. Essa é a abordagem que os cristãos precisarão adotar quando as coisas ficarem difíceis no local de trabalho. Por exemplo, professores que não queiram lecionar na rede pública de ensino podem abrir suas próprias empresas de reforço escolar."

Os tempos serão mais difíceis para os cristãos ortodoxos no local de trabalho, reconhece Lee, mas não é o fim do mundo. Isso significa que eles precisam se tornar mais inovadores comercialmente e ter uma mentalidade mais independente.

Compre Christian, mesmo que custe mais

Eles também terão que começar a construir os negócios da comunidade cristã através de compras disciplinadas – isto é, optando por direcionar o seu patrocínio para empresas de propriedade cristã.

Richard Starr é membro da Grace Bible Chapel, uma grande igreja evangélica no canto norte de Maryland, na última década. A igreja publica um diretório de seus membros e seus negócios, caso outros membros da congregação queiram patrociná-los.

"Quando minha bomba d'água quebrou um ano e eu não tinha os dois mil dólares em mãos para consertá-la, a McDowell's Plumbing me deixou pagar mais de dois meses. Quando precisei de dois pneus novos, procurei Steve Foster, que colocou quatro, me ligou e disse: 'Suas garotas

dirigem este carro e acho que você precisa delas por segurança. Pague-me quando puder'", diz Starr.

"E sim, a Foster's Auto custa um pouco mais dinheiro do que outras lojas, mas no longo prazo vale a pena, não apenas economicamente, mas para apoiar uma empresa que trata as pessoas dessa maneira."

No entanto, diz Starr, como regra geral, "devemos comprometer-nos a descobrir que bons negócios pertencem aos nossos irmãos e irmãs em Cristo, e depois tratá-los com condescendência". O comércio diário conduzido dentro da comunidade constrói capital social.

Construir redes cristãs de emprego

Os cristãos também têm de se tornar muito mais intencionais na contratação de trabalhadores dentro da sua própria comunidade eclesial. Muitas igrejas já possuem redes internas informais que ajudam os membros a encontrar empregos com empregadores que estão dentro da comunidade ou são conhecidos por outros membros. Para que a Opção Bento XVI funcione, esta abordagem terá de se tornar mais formal e sustentada.

Andrew Pudewa, o guru do ensino doméstico que dirige o bem-sucedido Institute for Excellence in Writing (IEW), emprega membros de sua comunidade agrária católica tradicionalista em Oklahoma. O IEW não só publica material educacional altamente conceituado para alunos que educam em casa em todo o país, mas o rápido crescimento do negócio editorial do IEW, impulsionado pela Internet, proporciona um meio de subsistência para várias famílias nos círculos religiosos de Pudewa.

Da mesma forma, a Reba Place Fellowship, no subúrbio de Chicago, uma comunidade menonita intencional activa desde a década de 1950, desmembrou vários negócios que

começaram como ministérios eclesiásticos, incluindo uma loja de bicicletas e uma loja de móveis Amish.

"Eu patrocinei ou conheço essas empresas e o impacto real que elas proporcionam à comunidade", diz Chad Comello, que mora em um apartamento de propriedade de Reba. "Eles empregam muitos membros do convênio de Reba e outros jovens adjacentes a Reba, como eu, para empregos pequenos, mas também para empregos estáveis. Esses empregos me mantiveram à tona quando estava desempregado e me deram algum propósito durante alguns momentos sem rumo."

Se Starr perdesse o emprego, ele tinha certeza de que poderia contar com o apoio da congregação Grace Bible até encontrar outro, e que todos ajudariam na procura de emprego. Esse é o tipo de cristãos que eles são: crentes que vivem em comunidade tão próxima que, quando um passa por momentos difíceis, os outros compensam o máximo que podem.

Em Itália, o Tipi Loschi criou três cooperativas empresariais para proporcionar emprego tanto aos seus membros como a toxicodependentes e ex-reclusos reabilitados. Como apoiantes entusiastas do Distributismo, um modelo económico baseado na doutrina social católica e que favorece as pequenas cooperativas e empresas familiares, os Tipi Loschi esperam criar mais cooperativas locais à medida que crescem.

Reba Place, Tipi Loschi e iniciativas semelhantes oferecem exemplos de como as igrejas e outras associações cristãs podem construir empreendimentos económicos para sustentar as suas próprias comunidades – tal como os monges beneditinos têm feito durante séculos. Hoje, o clima cultural e jurídico em mudança significa que todas as comunidades cristãs, de qualquer dimensão, devem começar a pensar nestas iniciativas como centrais para a sua missão.

Além do nível local, Comunhão e Libertação (CL), um movimento católico global com sede em Itália, gere a Companhia de Obras, uma rede nacional italiana de pequenas e médias empresas, instituições de caridade e organizações sem fins lucrativos. Todos são dirigidos por membros do CL e dedicados à cooperação em prol da vivência dos princípios católicos na vida económica. Os líderes da vida cristã ortodoxa nos Estados Unidos deveriam considerar a formação de uma associação semelhante de empresas, em prol do apoio e colaboração mútuos.

Redescubra os negócios

Para alguns cristãos, a transição será tão radical como a que o irmão Francisco fez: passar do trabalho com a mente para o trabalho com as mãos. E também pode ser mais lucrativo espiritualmente.

Sam MacDonald é um católico que supervisiona o sistema escolar paroquial na zona rural do condado de Elk, Pensilvânia, duas horas a nordeste de Pittsburgh. Embora o condado não seja a potência industrial de antes, ainda existem fabricantes significativos lá.

O condado de Elk (população 31.479) é fortemente católico e culturalmente conservador. MacDonald, filho do condado de Elk, foi um dos bons alunos incentivados pela cultura a partir e seguir seu caminho no mundo exterior. Depois de se formar em Yale em meados da década de 1990 e trabalhar como jornalista em Washington, D.C., ele finalmente voltou com a esposa e os filhos. Hoje ele é um inovador na educação, trabalhando para apresentar o modelo clássico a algumas escolas católicas do condado.

“Vou ter uma academia clássica que construa modeladores. É para lá que estamos indo”, diz ele. “Se você

voltar cinquenta anos, as crianças católicas daqui foram todas ensinadas pelas freiras. Eles eram todos criadores de moldes que aprendiam latim e sabiam fazer trigonometria como ninguém."

Se você tem uma forte ética de trabalho, pode passar em um teste de drogas e pode ser confiável para chegar na hora certa, Elk County tem um emprego para você. Os seus fabricantes locais sabem que dentro de dez anos precisarão de dez mil trabalhadores para substituir os trabalhadores qualificados que se estão a reformar. Muitos dos actuais residentes do condado que normalmente preencheriam esses empregos são demasiado disfuncionais para os fazer ou mudaram-se. Em vez de considerarem a deslocalização das fábricas dentro de uma década, os industriais do Condado de Elk estão a considerar uma campanha para atrair bons trabalhadores para a área.

"Eles querem contratar e formar uma força de trabalho de cidadãos-trabalhadores", diz MacDonald, "pessoas que não serão apenas funcionários confiáveis, mas que também serão bons cidadãos, que vão à igreja e que se envolvem com a comunidade."

MacDonald diz que já existe uma boa base para uma comunidade católica da Opção Bento XVI lá. Há muitas igrejas, um excelente sistema escolar católico que está a melhorar e um espírito culturalmente conservador que é favorável à família. Além disso, é acessível: você pode conseguir uma boa casa por cerca de sessenta mil dólares, o que não é muito mais do que muitos trabalhadores qualificados ganham num ano.

O problema é que você tem que trabalhar em uma fábrica, embora essa seja uma alternativa muito mais atraente hoje em dia do que nas décadas passadas, quando o chão das fábricas era sujo. E você tem que morar em um lugar que MacDonald descreve como "no meio do nada".

É uma questão de prioridades.

“Se você está em uma situação em sua vida em que decide que não pode trabalhar para sua empresa porque não pode ser um aliado, Elk County pode fazer sentido”, diz ele. “Ninguém vai pedir a um criador de moldes para ser um aliado. Eles não se importam.

Os cristãos de mentalidade tradicional que mergulharam nos escritos de Wendell Berry deveriam compreender que o agrarianismo não é uma panaceia. “Você não pode ganhar a vida como agricultor, mas pode ganhar a vida como criador de moldes”, diz MacDonald. “O industrialismo é o novo agrarismo. Não é uma volta à terra, mas sim ao comércio.”

O desafio para alguns cristãos da Opção Benedict será encontrar e mudar-se para os condados de Elk por toda a América – lugares distantes nas margens do Império. O engraçado é que as “margens do Império” podem estar tão próximas quanto os limites do que é um emprego aceitável na classe social de alguém. Os cristãos fiéis que previram uma carreira profissional para si ou para os seus filhos precisarão dar uma segunda olhada no ofício. É melhor ser um encanador com a consciência limpa do que um advogado corporativo com a consciência comprometida.

Prepare-se para ser mais pobre e marginalizado

No final, tudo se resume ao que os crentes estão dispostos a sofrer pela fé. Estamos preparados para ter o nosso capital social desvalorizado e perder o estatuto profissional, incluindo a possibilidade de acumular riqueza? Estamos preparados para nos mudar para lugares distantes da riqueza e do poder das cidades do Império, em busca de um modo de vida mais livre religiosamente? Isso chegará a esse ponto para mais e mais de nós. O momento do teste está próximo.

“Muitos cristãos não vêem diferença entre ser fielmente cristão e ser profissional e socialmente ambicioso”, diz um activista da liberdade religiosa. “Isso está acabando.”

História verídica: um casal no subúrbio de Washington, D.C., abordou seu pastor pedindo-lhe que ajudasse sua filha estudante universitária, que sentiu um chamado para ser missionária no exterior.

"Isso é maravilhoso!" disse o pastor.

“Ah, não, você entendeu mal”, disseram os pais. “Queremos que você nos ajude a dissuadi-la de arruinar sua vida.”

Cristãos como esse casal não sobreviverão ao que está por vir. Cristãos com corações sacrificiais como a vontade de sua filha. Mas isso vai custar-lhes muito.

Uma jovem cristã que sonha ser advogada ou médica poderá ter de abandonar essa esperança e iniciar uma carreira na qual ganhe muito menos dinheiro do que um advogado ou médico ganharia. Um aspirante a acadêmico cristão pode ficar satisfeito com o salário menor e o menor prestígio de lecionar em uma escola secundária cristã clássica.

Uma família cristã pode ser forçada a vender ou fechar um negócio em vez de se submeter aos ditames do Estado. A família Stormans, do estado de Washington, enfrentou esta decisão depois que o Supremo Tribunal dos EUA confirmou uma lei estadual que exige que a sua farmácia venda comprimidos que a família considera abortivos. Dependendo do resultado final da sua luta legal, a florista Barronelle Stutzman, que por razões de consciência se recusou a arranjar flores para um casamento gay, enfrenta a mesma escolha.

Quando esse preço precisa ser pago, os cristãos da Opção Benedict devem estar prontos para apoiar uns aos outros economicamente – através da oferta de empregos, do patrocínio de empresas, de redes profissionais, e assim por diante. Isto não será uma panaceia; a conversão da

praça pública numa zona politizada será demasiado abrangente para que as redes cristãs ortodoxas possam empregar ou de outra forma apoiar financeiramente todos os seus refugiados económicos. Mas poderemos ajudar alguns.

Dado o quanto os americanos passaram a confiar no conforto, na liberdade e na estabilidade da classe média, os cristãos ficarão extremamente tentados a dizer ou fazer qualquer coisa que nos seja solicitada para manter o que temos. Esse é o caminho da morte espiritual. Quando o procônsul romano disse a Policarpo que o queimaria na fogueira se não adorasse o imperador, o idoso bispo do século II respondeu que o procônsul ameaçou com fogo temporário, o que não era nada comparado com o fogo do julgamento que aguardava os ímpios.

Se Policarpo estava disposto a perder a vida em vez de negar a sua fé, como podemos nós, cristãos de hoje, não estar dispostos a perder os nossos empregos se formos postos à prova? Se Barronelle Stutzman está preparada para perder o seu negócio como custo do discipulado cristão, como podemos fazer menos?

Só poderemos escolher com coragem e justiça no momento da provação se nos tivermos preparado de todas as maneiras possíveis. Podemos começar pensando no nosso trabalho como uma vocação, como uma vocação no sentido mais antigo: um modo de vida que nos foi dado por Deus para a Sua própria glória e para o bem comum. Não há razão para que não possamos servir a comunidade e o nosso próprio desejo de excelência profissional como médicos, advogados, professores ou quase qualquer outra coisa – desde que saibamos no nosso coração que somos, em primeiro lugar, bons servos do Senhor.

Até agora neste livro falamos sobre o que significa criar as estruturas e adotar as práticas que treinam nossos corações para serem primeiro bons servos do Senhor, até o ponto do sacrifício. Isto é o que a Opção Bento XVI deveria

fazer: ajudar-nos a ordenar todas as partes da nossa vida em torno Dele. Contudo, nenhuma destas estratégias funcionará, a menos que os cristãos pensem de forma radicalmente diferente sobre as duas forças mais poderosas que moldam e impulsionam a vida moderna: o sexo e a tecnologia.

CAPÍTULO 9

Eros e a nova contracultura cristã

A oportunidade de trabalhar é um dom de Deus que, quando bem utilizado, serve a vida e nos atrai de volta para Ele. Contudo, se o trabalho – ou a família, a comunidade, a escola, a política ou qualquer outra coisa boa – se tornar um fim em si mesmo, transforma-se num ídolo. Eventualmente se tornará uma prisão, um deserto, até mesmo um cemitério do espírito. Estas coisas só servem à verdade e ao florescimento humano se forem ícones através dos quais brilha a luz de Cristo, tornando-os um meio pelo qual o reino de Deus floresce.

O mesmo acontece com o sexo, um dom divino que, se for devidamente valorizado, torna-se uma fonte de alegria, abundância e florescimento – do casal e da sua comunidade. Quando vinculado aos propósitos de Deus, o sexo une o homem e a mulher física e espiritualmente, e dessa união fecunda pode surgir uma nova vida, criando uma família.

Mas se usarmos o sexo de forma desordenada, ele pode ser uma das forças mais destrutivas do planeta. Olhe ao seu redor para o sofrimento das crianças criadas sem pais, o flagelo da pornografia que destrói a imaginação de milhões, as famílias destruídas pela infidelidade e pelo abuso, e assim por diante.

Para um cristão, só existe uma maneira correta de usar o dom do sexo: dentro do casamento entre um homem e uma

mulher. Isto é uma heresia para o mundo moderno e uma palavra dura que quebra corações, amizades, famílias e até igrejas. Não existe nenhum ensinamento central da fé cristã que seja menos popular hoje, e talvez nenhum seja mais importante para obedecer.

É fácil entender por que as pessoas seculares não entendem as razões das práticas sexuais cristãs: muitos cristãos hoje também não as entendem. Durante gerações, a igreja permitiu que a cultura catequizasse a sua juventude sem resistir muito. A vida beneditina oferece um caminho melhor.

Por que os cristãos deveriam prestar atenção aos ensinamentos sobre a sexualidade dos monásticos, que vivem na castidade? Eles não odeiam sexo?

É claro que não, assim como não odeiam boa comida porque jejuam com frequência, odeiam palavras porque vivem em grande silêncio, odeiam famílias porque não se casam, ou odeiam coisas materiais porque vivem com simplicidade. Deveríamos ouvir os monges sobre a sexualidade pela mesma razão que deveríamos ouvi-los sobre a riqueza e a pobreza: porque o seu ascetismo é um testemunho da bondade desses dons divinos.

Lembre-se de que todos os cristãos são chamados a viver com algum grau de abstinência sexual. Os beneditinos comprometem-se com uma vida de pureza sexual como parte do seu discipulado radical. O seu celibato testemunha a santidade do sexo no cosmos cristão como propriedade exclusiva do estado de casado. E o seu exemplo de pureza corporal que transforma o instinto erótico em paixão espiritual demonstra aos leigos que viver dentro dos limites da sexualidade ordenados por Deus, mesmo nas circunstâncias mais extremas, não só é possível, mas necessário para desfrutar dos frutos mais plenos da vida em Cristo. Como diz Wendell Berry: “A questão da

temperança, incluindo a disciplina sexual, não é que ela reduza o prazer, mas que salvaguarde a abundância."[1]

O testemunho radical dos monges cristãos é uma graça especial para os cristãos leigos nestes tempos. Não há outra área em que os cristãos ortodoxos tenham de ser tão contraculturais como nas nossas vidas sexuais, e teremos de apoiar-nos uns aos outros nas nossas posições impopulares. Temos de compreender a rica visão cristã da sexualidade, compreender como a Revolução Sexual a mina, reconhecer a nossa própria culpabilidade e estar preparados para lutar para manter os nossos filhos ortodoxos.

As práticas sexuais são tão centrais para a vida cristã que quando os crentes deixam de afirmar a ortodoxia sobre o assunto, muitas vezes deixam de ser significativamente cristãos. Foi a força contracultural da sexualidade cristã que derrubou as práticas desumanizadoras do mundo pagão. O Cristianismo ensinou que o corpo é sagrado e que a dignidade possuída por todos os seres humanos como feitos à imagem de Deus exigia tratá-lo como tal.

É por isso que a repaganização moderna chamada Revolução Sexual nunca pode ser reconciliada com o Cristianismo ortodoxo. Infelizmente, essa revolução derrubou a autoridade da Igreja na cultura mais ampla e está agora abalando a própria Igreja até aos seus alicerces. Os cristãos que vivem a Opção Bento XVI devem comprometer-se resolutamente com a resistência e ajudar-se mutuamente a fazer o mesmo.

Sexo e a Encarnação

Certa vez ouvi uma mulher evangélica, numa conversa em grupo sobre sexualidade, deixar escapar: "Por que temos

que ficar presos ao sexo? Por que não podemos simplesmente voltar a falar sobre o Evangelho?”

O Cristianismo não é uma fé desencarnada, mas encarnada. Deus veio até nós na forma de um homem, Jesus Cristo, e nos redimiu de corpo e alma. A forma como tratamos os nossos corpos (e, na verdade, toda a Criação) diz algo sobre a forma como consideramos Aquele que nos deu o corpo e cuja presença preenche todas as coisas. Esse é o Evangelho.

Como ensinam os beneditinos, uma das nossas tarefas na vida é ser um meio pelo qual Deus ordena a Criação, harmonizando-a com os Seus propósitos. A sexualidade é uma parte inextricável desse trabalho.

Wendell Berry escreveu: “O amor sexual é o coração da vida comunitária. O amor sexual é a força que na nossa vida corporal nos liga mais intimamente à Criação, à fertilidade do mundo, à agricultura e ao cuidado dos animais. Isso nos leva à dança que mantém a comunidade unida e a une ao seu lugar.”[2]

Isto é mais importante para a sobrevivência do Cristianismo do que a maioria de nós entende. Quando as pessoas decidem que o cristianismo historicamente normativo está errado em relação ao sexo, normalmente não encontram uma igreja que apoie as suas opiniões liberais. Eles pararam completamente de ir à igreja.

Isto levanta questões críticas: será o sexo o eixo da ordem cultural cristã? Será realmente verdade que abandonar o ensinamento cristão sobre sexo e sexualidade é eliminar o factor que dá — ou deu — ao Cristianismo o seu poder como força social?

Embora ele não tivesse dito dessa forma, Philip Rieff provavelmente teria dito sim. Em O Triunfo da Terapêutica, ele analisa o que chama de “desconversão” do Ocidente do Cristianismo. Quase toda a gente reconhece que este processo está em curso desde o Iluminismo, mas Rieff

mostrou que tinha atingido uma fase mais avançada do que a maioria das pessoas – e muito menos os cristãos – reconhecia.

Rieff, escrevendo na década de 1960, identificou a Revolução Sexual – embora não tenha usado esse termo – como um indicador importante do fim do Cristianismo. Na cultura cristã clássica, escreveu ele, "a rejeição do individualismo sexual" estava "muito próxima do centro do simbólico que não se manteve". Ele quis dizer que renunciar à autonomia sexual e à sensualidade da cultura pagã e redirecionar o instinto erótico era intrínseco à cultura cristã. Sem o Cristianismo, o Ocidente estava voltando ao seu estado anterior.[3]

É quase impossível para os americanos contemporâneos compreenderem por que o sexo era uma preocupação central do cristianismo primitivo. Sarah Ruden, tradutora de clássicos formada em Yale, explica a cultura na qual o cristianismo apareceu em seu livro de 2010, Paul Among the People. Ruden afirma que é profundamente ignorante pensar no apóstolo Paulo como um proto-puritano severo atacando hippies pagãos despreocupados, ordenando-lhes que parassem de se divertir.

Na verdade, os ensinamentos de Paulo sobre a pureza sexual e o casamento foram adoptados como libertadores na cultura greco-romana pornográfica e sexualmente exploradora da época – exploradora especialmente de escravos e mulheres, cujo valor para os homens pagãos residia principalmente na sua capacidade de produzir filhos e fornecer prazer sexual. O cristianismo, tal como articulado por Paulo, operou uma revolução cultural, restringindo e canalizando o eros masculino, elevando o estatuto das mulheres e do corpo humano e infundindo amor no casamento – e na sexualidade conjugal.

O casamento cristão, escreve Ruden, era "tão diferente de tudo antes ou depois quanto a ordem de dar a outra

face". A castidade — o uso corretamente ordenado do dom da sexualidade — era a maior distinção que separava os cristãos da igreja primitiva do mundo pagão.[4]

A questão não é que o cristianismo se tratasse apenas, ou principalmente, de redefinir e revalorizar a sexualidade, mas que, dentro de uma antropologia cristã, o sexo assume um significado novo e diferente, que exigiu uma mudança radical de comportamento e de normas culturais. No Cristianismo, o que uma pessoa faz com a sua sexualidade não pode ser separado do que uma pessoa é. Num certo sentido, os modernos acreditam na mesma coisa, mas a partir de uma perspectiva totalmente diferente da da igreja primitiva.

Ao falar de como os homens e mulheres da era cristã primitiva viam os seus corpos, o historiador Peter Brown diz que o corpo

> estava embutido em uma matriz cósmica de maneiras que tornavam a percepção que ele tinha de si mesmo profundamente diferente da nossa. Em última análise, o sexo não era a expressão de necessidades interiores, alojadas no corpo isolado. Em vez disso, era visto como a pulsação, através do corpo, das mesmas energias que mantinham as estrelas vivas. Quer esse pulso de energia venha de deuses benevolentes ou de demônios malévolos (como muitos cristãos radicais acreditavam), o sexo nunca poderia ser visto apenas como uma coisa para o corpo humano isolado.[5]

O ensino sexual do cristianismo primitivo não vem apenas das palavras de Cristo e do apóstolo Paulo; mais amplamente, emerge da antropologia da Bíblia. O ser humano carrega a imagem de Deus, ainda que manchada

pelo pecado, e é o ápice de uma ordem criada e imbuída de sentido por Deus.

Nessa ordem, o homem tem um propósito. Ele foi feito para alguma coisa, para atingir certos fins. Quando Paulo advertiu os cristãos de Corinto de que fazer sexo com uma prostituta significava que eles uniriam Jesus Cristo àquela prostituta, ele não estava falando metaforicamente. Porque pertencemos a Cristo como uma unidade de corpo, mente e alma, a forma como usamos o corpo e a mente sexualmente é muito importante.

Qualquer coisa que façamos que não esteja em perfeita harmonia com a vontade de Deus é pecado. Pecado não é apenas quebrar regras, mas deixar de viver de acordo com a própria estrutura da realidade.

O cristão que vive na realidade não unirá o seu corpo ao de outro fora da ordem que Deus nos dá. Isso significa que não há sexo fora da aliança através da qual um homem e uma mulher selam o seu amor exclusivamente através de Cristo. No ensino cristão ortodoxo, os dois realmente se tornam "uma só carne" de uma forma que transcende o simbólico.

Se o sexo é santificado através da aliança matrimonial, então o sexo dentro do casamento é um ícone do relacionamento de Cristo com o Seu povo, a Igreja. Revela o poder milagroso e vivificante da comunhão espiritual, que ocorre quando um homem e uma mulher – e apenas um homem e uma mulher – se entregam um ao outro. Que o casamento possa ser assexuado é uma novidade total na tradição teológica cristã.

"O significado da diferença sexual nunca antes dependeu das preferências de uma criatura, ou de Deus ter concedido ou não episodicamente a uma determinada criatura a possibilidade de ter certas preferências", escreve o teólogo católico Christopher Roberts. Ele prossegue dizendo que, para os cristãos, o significado da sexualidade sempre dependeu da sua relação com a ordem criada e com a

escatologia – o fim último do homem. “Como ficou particularmente claro, talvez pela primeira vez em Lutero, o fato de uma criação sexualmente diferenciada é considerado pelos seres humanos como uma informação de Deus sobre quem e o que significava ser humano”, escreve Roberts.[6]

Contrariamente à moderna teoria do género, a questão não é: Somos homens ou mulheres? mas como devemos ser homem e mulher juntos? A legitimidade do nosso desejo sexual é limitada pela natureza dada. Os fatos da nossa biologia não são incidentais à nossa personalidade. O casamento tem de ser sexualmente complementar porque apenas o par homem-mulher reflecte a generatividade da ordem divina. “Homem e mulher ele os fez”, diz Gênesis, revelando que a complementaridade está inscrita na natureza da realidade.

O divórcio fácil leva ao limite o vínculo sagrado do matrimónio, mas não nega a complementaridade. O casamento gay sim. Da mesma forma, o transgenerismo não apenas dobra, mas quebra a realidade biológica e metafísica do homem e da mulher. Tudo neste debate (e em muitos outros entre o cristianismo tradicional e a modernidade) depende da forma como respondemos à questão: o mundo natural e os seus limites são um dado adquirido ou somos livres para fazer com ele o que quisermos?

Na verdade, nunca houve uma idade de ouro em que todos os cristãos viveram de acordo com os seus ideais sexuais. A Igreja tem lidado com a imoralidade sexual nas suas próprias fileiras desde o início – e sejamos honestos, algumas das medidas que tomou para combatê-la foram cruéis e injustas.

A questão, porém, é que, para a imaginação cristã pré-moderna, o sexo estava repleto de significado cósmico de uma forma que já não é. Paulo admoestou os coríntios a

“fugirem da imoralidade sexual” porque o corpo era um “templo do Espírito Santo” e advertiu-os de que “vocês não pertencem a si mesmos”. Ele estava lhes dizendo que seus corpos são vasos sagrados que pertenciam a Deus, que, em Cristo, “todas as coisas subsistem”. A autonomia sexual, aparentemente o bem mais precioso da pessoa moderna, não é apenas moralmente errada, mas também uma falsidade metafísica.

A revolução mais revolucionária da história

Mas a nossa percepção dessa verdade diminuiu há muito tempo. Agora estamos do outro lado de uma Revolução Sexual que tem sido nada menos que catastrófica para o Cristianismo. Atingiu o cerne do ensino bíblico sobre o sexo e a pessoa humana e demoliu a concepção cristã fundamental da sociedade, das famílias e da natureza dos seres humanos. Não pode haver paz entre o Cristianismo e a Revolução Sexual, porque eles se opõem radicalmente. À medida que a Revolução Sexual avança, o Cristianismo deve recuar – e recuou, mais rapidamente do que a maioria das pessoas teria pensado ser possível.

Em 1996, a organização de sondagens Gallup realizou o seu primeiro inquérito perguntando aos americanos o que pensavam do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Impressionantes 68% se opuseram. Em 2015, pouco antes da decisão Obergefell da Suprema Corte dos EUA proclamando o direito constitucional ao casamento gay, a pesquisa Gallup revelou que 60% dos americanos agora apoiam o casamento entre pessoas do mesmo sexo.[7] Este número aumentará constantemente à medida que as gerações mais velhas morrerem e fizerem caminho para as gerações mais jovens, que favorecem esmagadoramente os direitos LGBT.

A investigação mostra que os Millennials, tanto seculares como religiosos, defendem os direitos dos homossexuais por uma enorme maioria. Aqueles que se desfiliaram do Cristianismo dizem que as atitudes negativas da fé em relação à homossexualidade foram um factor importante. A grande maioria dos Millennials que se identificam como cristãos acreditam que a Igreja deve mudar os seus pontos de vista.

Sendo esse o caso, poderíamos pensar que as igrejas que liberalizaram os seus ensinamentos sobre a homossexualidade, como as principais denominações protestantes, ou que minimizaram esses ensinamentos, como as paróquias católicas progressistas, estariam em expansão. Eles não são. Na verdade, eles estão destruindo mais rápido do que os mais ortodoxos.

Os futuros historiadores perguntar-se-ão como é que os desejos sexuais de apenas três a quatro por cento da população se tornaram o fulcro sobre o qual toda uma visão do mundo foi desalojada e derrubada. Uma resposta parcial é que a culpa é da mídia. Em 1993, uma reportagem de capa na Nation identificou a causa dos direitos dos homossexuais como o ápice e a pedra angular da guerra cultural:

> Todas as correntes cruzadas das actuais lutas de libertação estão incluídas na luta gay. O momento gay é, de certa forma, semelhante ao momento que outras comunidades viveram no passado do país, mas é também algo mais, porque a identidade sexual está em crise em toda a população, e os gays – ao mesmo tempo os sujeitos e objetos mais conspícuos da crise – foram forçados a inventar uma cosmologia completa para compreendê-la. Ninguém diz que as mudanças virão facilmente. Mas é possível que uma

pequena e desprezada minoria sexual mude a América para sempre.[8]

Eles estavam certos. Vincular a causa dos direitos dos homossexuais ao movimento pelos direitos civis foi um golpe de mestre estratégico. Embora a homossexualidade e a raça sejam dois fenómenos muito diferentes, os meios de comunicação social consideraram a equivalência como certa e raramente ou nunca deram a vozes opostas a oportunidade de serem ouvidas.

Embora a implacável campanha mediática a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo tenha sido extremamente importante para o seu sucesso, não foi o mais importante. Os americanos aceitaram o casamento gay tão rapidamente porque isso ressoava com o que eles já acreditavam sobre o significado do sexo heterossexual e do casamento.

Temos o casamento gay porque a maioria heterossexual passou a ver a sexualidade como algo principalmente para o prazer pessoal e a auto-expressão e apenas secundariamente para a procriação. Temos o casamento gay porque a maioria heterossexual, por sua vez, passou a ver o casamento da mesma forma – e duas gerações de americanos cresceram com estes valores nominalistas sobre sexo e casamento como normativos.

Ser moderno, como vimos, é acreditar nos desejos individuais como o locus da autoridade e da autodefinição. Como escreve o filósofo Charles Taylor: “Toda a postura ética dos modernos supõe e segue a morte de Deus (e, claro, do cosmos significativo).”[9]

O casamento gay e a ideologia de género significam o triunfo final da Revolução Sexual e o destronamento do Cristianismo porque negam a antropologia cristã no seu âmago e destroem a autoridade da Bíblia. A sexualidade bem ordenada não está no cerne do Cristianismo, mas,

como Rieff viu, está tão perto do centro que perder o ensino claro da Bíblia sobre este assunto é arriscar perder a integridade fundamental da fé. É por isso que os cristãos que começam por rejeitar a ortodoxia sexual acabam por rejeitar eles próprios o cristianismo ou por lançar as bases para que os seus filhos o façam.

"A morte de uma cultura começa quando as suas instituições normativas não conseguem comunicar ideais de uma forma que permaneça interiormente convincente", escreve Rieff. Por esse padrão, o Cristianismo na América está em perigo mortal.

Se um remanescente quiser sobreviver, deve resistir à Revolução Sexual. Mas como?

Não se comprometa em manter os jovens

Diluir ou enterrar a verdade bíblica sobre a sexualidade para manter a geração do milênio não funcionará. As principais igrejas protestantes tentaram esta estratégia e permanecem em colapso demográfico. É verdade que as igrejas cristãs ortodoxas também estão em dificuldades, mas lançar o ensino bíblico ao mar, numa tentativa de manter o barco a flutuar em mar agitado, não é a resposta.

Até mesmo tornar o ensinamento tradicional sobre integridade sexual uma questão opcional – seja explícita ou implicitamente, não falando sobre isso ou fechando os olhos – é um erro. É impossível colocar entre colchetes as instruções claras do Cristianismo sobre como viver uma vida de integridade sexual e separá-la do resto da vida cristã. É hipócrita.

"A indiferença em relação às questões sexuais significará o fim da ortodoxia cristã", diz um amigo evangélico, comentando a atitude de muitos cristãos, mesmo os conservadores.

É verdade que uma pessoa pode ser completamente casta e ainda assim ir para o inferno se seu coração estiver frio. Mas isso não é um argumento para desafiar o ensino claro da Bíblia. Quer queiramos quer não, o sexo está no centro da cultura contemporânea e está a despedaçar a Igreja. Você não pode evitar a briga, nem na sua própria igreja, nem na sua própria família. Evitar tomar partido é tomar partido – e não o da Bíblia.

Além disso, diluir a verdade para preservar ou expandir a congregação é fazer da comunidade um ídolo.

Afirme a bondade da sexualidade

Andrew T. Walker, um líder leigo batista do sul da geração Millennial, diz que cresceu em uma boa igreja, mas nunca ouviu um único sermão sobre antropologia cristã (ou seja, o que é o homem?) ou sexualidade bíblica além dos chavões conservadores.

“Não me lembro de ter tido uma lição sobre por que meu corpo é uma coisa boa. Ninguém nunca me explicou por que a complementaridade é importante”, diz Walker. “Temos sido tão motivados por uma cultura de entretenimento, mas se você dissesse à maioria das congregações que nas próximas semanas teremos uma série de sermões sobre antropologia bíblica, a congregação não receberia a ideia com entusiasmo”, ele continua. "Isto está errado. Isso tem que mudar se quisermos sobreviver e transmitir a fé.

“Tragicamente, temo que o cristão médio na América não seja diferente do americano médio – só queremos que nos digam o que fazer e como sentir. Isso não significa que nossas igrejas precisem ser chatas, mas precisaremos encontrar maneiras criativas de nos aprofundarmos em questões importantes.”

Walker não está sozinho em sua experiência. Frequento a igreja regularmente há mais de vinte anos, tanto em paróquias católicas como ortodoxas em todo o país. Ainda estou para ouvir um sermão que explique com profundidade o que o Cristianismo ensina sobre a pessoa humana e sobre o uso ordenado do sexo. Aliás, lembro-me apenas de um sermão em todos esses anos em que um padre endossou a visão cristã ortodoxa do sexo.

Muitos pastores têm medo de falar sobre sexo. Eles precisam superar isso. É difícil viver castamente nesta cultura erotizada; os pastores não deveriam tornar isso mais difícil, negando ao seu povo o ensino e o apoio de que precisam para serem fiéis. O silêncio do púlpito e dos ministros e professores da igreja transmite a mensagem de que o sexo e a sexualidade não são importantes e que a igreja não tem nada a oferecer sobre o assunto.

Isso é ridículo e até cruel. O ensinamento da Igreja sobre o significado do sexo foi libertador para mim quando comecei a praticar a fé quando adulto. Eu vivi de acordo com os padrões do mundo, baguncei minha vida e machuquei outras pessoas. Finalmente, encurralado pelos meus próprios desejos desordenados, rendi-me a Cristo.

Para um homem americano de 25 anos que vive numa cidade grande, num ambiente secular e hedonista, escolher a castidade por fidelidade a Jesus é assumir uma cruz pesada. Eu odiava isso, mas queria Cristo mais do que seguir minha própria vontade. Passaram-se cinco anos antes de eu me casar, no final de uma jornada ascética através de um deserto árido – uma jornada que eu não sabia que um dia terminaria em casamento.

Agora, porém, está claro para mim que a renúncia sexual em obediência aos padrões bíblicos era precisamente o que eu precisava para purificar o meu coração e preparar-me para o casamento. Por mais difícil que fosse praticar a castidade, foi mais difícil do que deveria ser, porque nunca tive o apoio das igrejas paroquiais das quais fazia parte.

O que teria ajudado? Por um lado, a igreja precisava levantar a sua própria bandeira de vez em quando. Isto é, teria sido uma fonte de força para mim na minha luta para ser obediente se o pastor tivesse sinalizado à congregação que a disciplina sexual é uma parte importante da vida cristã.

Por outro lado, as igrejas paroquiais poderiam ter organizado aulas para adultos solteiros para explorar em profundidade o ensino cristão sobre sexo e estratégias para viver o seu ensino. Também poderia ter se transformado numa pequena comunidade de crentes que poderiam contar uns com os outros para apoio mútuo.

Mas eu também não estava isento de culpa. Não existe nenhuma regra que diga que um leigo não pode iniciar ele próprio tal grupo dentro da paróquia. Esperei que outra pessoa fizesse isso. Minha própria passividade como cristão de vinte e poucos anos foi uma falha da qual agora me arrependo.

Essa não é a única maneira pela qual minha passividade me serviu mal. Não me esforcei muito para cultivar amizades com outros cristãos ortodoxos comprometidos em fazer o mesmo. Naquela época, eu não compreendia completamente como era difícil permanecer no caminho da fidelidade à moralidade sexual cristã quando você o navega sozinho. Eu deveria ter me cuidado melhor.

Apesar de todas essas falhas, caminhei na linha porque sabia por experiência própria que não queria voltar para aquele Egito em particular. E como adulto convertido, eu me eduquei sobre o que Cristo espera de Seus seguidores em relação ao comportamento sexual e como o sexo está entrelaçado em toda a tapeçaria do ensino cristão.

Ser autodidata na ética sexual católica tornou-me incomum entre a maioria dos católicos da minha geração que conheci. Nunca lhes foi apresentada a plenitude dos ensinamentos da Igreja sobre o amor e a sexualidade, se é que algum ensinamento sexual lhes foi apresentado.

Pareceu-me que tinham sido formados – ou melhor, malformados – por padres e outros católicos adultos que se envergonhavam do ensinamento da Igreja sobre a sexualidade e que o minimizavam, talvez para evitar confrontar os jovens com verdades que considerariam difíceis. Ao longo dos anos, percebi que uma abordagem da catequese alegre e egocêntrica serve menos como uma porta de entrada para o cristianismo maduro do que como uma vacinação contra ele.

"Quando a cultura coloca mais ênfase nas necessidades do indivíduo e menos nas regras sociais, atitudes mais relaxadas em relação à sexualidade são o resultado quase inevitável", disse o pesquisador Jean Twenge ao Los Angeles Times.[10]

Há uma enorme disparidade entre a juventude evangélica e a juventude católica em questões sexuais. As pesquisas revelam que, embora os Millennials, como grupo, sejam muito mais liberais em questões sexuais, os evangélicos têm muito mais probabilidade do que os católicos de professar os ensinamentos cristãos tradicionais. Na verdade, os católicos estão a fazer um trabalho tão fraco na formação dos seus jovens que os católicos da geração Y têm maior probabilidade de serem liberais sexuais do que os americanos médios.

No entanto, há um movimento crescente dentro de muitas igrejas para minimizar ou rejeitar totalmente os ensinamentos da Bíblia sobre a sexualidade e, em vez disso, enfatizar a luta contra a pobreza, o racismo e outras formas de injustiça social. Esta é uma escolha falsa. O ativismo pela justiça social é louvável, mas não lhe rende indulgências pelo pecado sexual. Especialmente os pastores de jovens precisam deixar isso claro.

Moralismo não é suficiente

Como vimos, muitos americanos acreditam que ser cristão consiste principalmente em tratar Deus como um terapeuta cósmico e em ser feliz consigo mesmo e ser gentil com os outros. Isso é um pseudocristianismo. Dito isto, um cristianismo que reduz a vida em Cristo a um código moral e ético pode ser, num aspecto, melhor do que nada – mas não é a fé cristã.

Se o verdadeiro desafio da Revolução Sexual é cosmológico, então uma igreja que tenta enfrentá-lo com o moralismo da classe média está a trazer facas para um tiroteio. Os comandos secos e frágeis do moralismo transformam-se em cinzas diante do drama erótico revelado na Bíblia.

Gênesis nos diz que desde o início, a masculinidade, a feminilidade e o sexo são criados por Deus e ligados à Criação. O homem e a mulher tornam-se "uma só carne", embora permaneçam plenamente eles mesmos, porque é assim que Deus considera a natureza do vínculo entre Ele e cada pessoa.

Isso era algo radicalmente novo no mundo. Como escreveu o Papa Bento XVI: "O modo de amar de Deus torna-se a medida do amor humano. Esta estreita ligação entre eros e casamento na Bíblia praticamente não tem equivalente na literatura extra-bíblica."[11]

Ao longo de todo o Antigo Testamento, os seus autores descrevem a relação pactual de Deus com Israel em termos de casamento e infidelidade. Deus ama Israel pessoalmente e através da sua aliança produzirá o nascimento do Messias, que redimirá a Criação caída. Somente na fidelidade ao Senhor, recebendo o seu amor e devolvendo-o a Ele, Israel poderá conhecer-se a si mesmo.

Jesus, nascido de uma Virgem, cumpriu a lei na sua vida, depois esvaziou-se na Cruz num acto de amor perfeito pela salvação de todos. Embora o Novo Testamento contenha muitas advertências fortes contra a imoralidade sexual, a

castidade por si só nunca é um objetivo. Pelo contrário, como vimos, é o meio através do qual o instinto erótico do homem é canalizado e redireccionado na relação contínua com Deus.

A paixão erótica desenfreada cria caos e desintegração. O Eros que se submete a Cristo frutifica no dom dos filhos, das famílias estáveis e das comunidades. O teólogo ortodoxo contemporâneo Olivier Clément afirma que o segredo espiritual do Cristianismo é que o amor de Deus passa pelo corpo humano e flui por todo o universo ao qual está unido. No Cristianismo, o desejo do indivíduo (eros) é purificado e transformado em ágape – amor incondicional e altruísta.

A Divina Comédia de Dante, a maior criação literária da Idade Média, é um retrato surpreendentemente poderoso das múltiplas dimensões do amor: a paixão do peregrino Dante por Beatriz e a glória que transfigura a Criação quando um homem permite que seu desejo por Deus condicione todos os seus outros O amor é. Este é o amor como um glorioso drama cósmico, transcendendo o tempo e o espaço, no qual cada indivíduo se junta à dança eterna, partilhando “o amor que move o Sol e todas as outras estrelas”.

Reduzir o ensino cristão sobre sexo e sexualidade a um moralismo simples, enfadonho e do tipo "não-farás" é uma farsa e uma falta de imaginação. Embora se possa dar crédito à coragem de certos pastores conservadores que não se esquivam ao seu dever de dizer a verdade sobre o sexo, aqueles que martelam a imoralidade sexual como se fosse o único pecado grave, ou estavam de alguma forma desligados de uma série de outros pecados. de paixão, distorcem o Evangelho e minam a sua credibilidade. Este lamentável reducionismo constitui uma falha em recorrer ao poço inesgotável de recursos da tradição teológica e artística cristã. No final, tudo se resume a uma questão de os cristãos terem perdido a sua grande história sobre eros,

cosmos e theosis, a palavra grega para “união com Deus”, o fim último da peregrinação cristã.

“Toda a vida está agora a ser ordenada por narrativas e imagens que não refletem as antigas fronteiras”, diz o sociólogo Christian Smith. “As igrejas têm algo a dizer sobre isso. Eles deveriam voltar repetidamente ao poço do Evangelho e oferecer uma verdadeira história alternativa e transcendente. Se não conseguem fazer isso, se continuam sobrecarregados com o moralismo, então é melhor que parem com isso agora.”

Se o Cristianismo é uma história verdadeira, então a história que o mundo conta sobre a liberdade sexual é um grande engano. É falso. Como aconselhou o romancista Walker Percy, temos que atacar o falso em nome do real. Os cristãos terão de se tornar melhores contadores da nossa própria história. Os jovens não serão persuadidos a adotar a castidade cristã ou intimidados por máximas moralistas. A beleza e a bondade, incorporadas na grande arte e na ficção, e na vida dos cristãos comuns, casados e solteiros, são as únicas coisas que têm uma chance.

Os pais devem ser educadores sexuais primários

Se não fizermos isso, a cultura fará isso por nós. A pornificação da praça pública continua em ritmo acelerado. Parafraseando o falecido grande estudioso da mídia Neil Postman, quando as crianças podem acessar computadores ou smartphones e assistir pornografia pesada, a infância acaba.

As mães e os pais têm de ser muito mais agressivos na gestão do acesso dos seus filhos aos meios de comunicação e à tecnologia. Mas não há como mantê-los numa bolha permanente. Quando escolas públicas em lugares como o estado de Washington ensinam ideologia de género no

jardim de infância, os pais não podem considerar nada garantido. Temos que começar a falar sobre sexo e sexualidade com nossos filhos, desde cedo e com frequência.

As crianças de hoje crescem numa cultura que procura destruir a família natural: um homem e uma mulher, ligados exclusivamente um ao outro, e os filhos que têm juntos. Hoje é considerado preconceituoso dizer que a família natural é superior a qualquer outro arranjo. Nas escolas de hoje, e certamente na cultura popular, até se diz às crianças que o género não é uma categoria fixa ligada ao sexo biológico. Além disso, a cultura do namoro, do divórcio e da procriação solteira é hoje tão normativa que não se pode culpar os jovens pela sua confusão. O novo normal é que não existe normal.

"Eu me preocupo o tempo todo com meus alunos, se eles conseguirão ou não sustentar uma família", disse-me um professor de uma faculdade evangélica conservadora. "A maioria deles nunca viu como é uma família tradicional."

Nesse sentido, é imperativo que criemos os nossos filhos para saberem que os filhos são uma bênção sem restrições e que a fertilidade não é uma doença.

É difícil saber como iniciar essas conversas e para onde levá-las. Um excelente recurso para as famílias é The Humanum Series, seis curtas-metragens, todos disponíveis gratuitamente no YouTube, que apresentam a visão cristã tradicional de sexo, género, casamento e família.

Produzidos pelo Vaticano e com a participação de cristãos e outras pessoas de todo o mundo, os vídeos Humanum exploram a dimensão cósmica do plano de Deus para a família, em palavras e imagens profundas mas fáceis de compreender. Eles exploram o significado do casamento e da sexualidade, o papel da família, da masculinidade e da feminilidade, como o casamento ajuda as pessoas a suportar as dificuldades, o casamento e a sociedade e muito mais. Nenhum dos seis vídeos do Humanum dura

mais de vinte minutos. Eles não são nem um pouco enfadonhos e, na verdade, são surpreendentes em sua sofisticação e na forma como transmitem a alegria da visão tradicional de sexo, casamento e família.

Na minha família, nós os observávamos com nossos três filhos, de dezesseis, doze e nove anos. Todos os clipes eram apropriados para visualização familiar e serviram como plataforma de lançamento para discussões sobre seus temas. Há poucas coisas mais difíceis para os pais cristãos do que formar a imaginação moral dos seus filhos sobre o sexo, até porque é difícil saber como articular a verdade bíblica de uma forma cativante e apelativa. Os filmes Humanum são um verdadeiro presente para as famílias – e para as igrejas.

A Série Humanum reforça com admirável habilidade a ecologia natural da família. As crianças de hoje crescem numa cultura que procura destruir a família natural: um homem e uma mulher, ligados exclusivamente um ao outro, e os filhos que têm juntos. Os pais cristãos nunca devem presumir que os seus filhos compreendem que a família natural é o plano de Deus para a humanidade. Temos que deixar isso explícito em nosso ensino. Temos que torná-lo implícito também, modelando o respeito mútuo, o sacrifício, o afeto e todas as coisas boas que advêm de um casamento espiritualmente frutífero.

Ame e apoie pessoas solteiras na comunidade

Os jovens americanos estão esperando mais tempo para se casar, tornando mais provável que a sua comunidade religiosa tenha cristãos solteiros. Como eu disse antes, a igreja pode ser um lugar solitário para os solteiros. Só me casei aos trinta anos e me senti invisível nas paróquias que frequentava quando solteiro.

É compreensível que as igrejas considerem o casamento e a família como formas ideais de vida cristã, mas fazê-lo muitas vezes desvaloriza a vida e o testemunho daqueles que não recebem o chamado ao casamento. Os cristãos casados tendem a ter pena dos solteiros entre eles, se é que pensam neles. E é muito fácil para os cristãos solteiros, desanimados pela dificuldade dos seus desafios, cair na autopiedade e na amargura.

Uma vida monástica bem vivida exemplifica os frutos espirituais que podem advir do estado de solteiro ordenado a Cristo.

"Todo mundo está em busca do amor. É o desejo humano mais básico. Quer se busque esse amor nos prazeres carnais, nos bens materiais ou em Deus, todos o procuram", diz o Irmão Evagrius, de Norcia. "A vida monástica, em poucas palavras, é renunciar a todos os outros prazeres pelo amor de Deus. Tudo na vida monástica é construído para ajudar você a conseguir isso."

Uma congregação não pode ser um mosteiro, mas não há razão para que não deva estender a mão para manter mais próximos os seus membros individuais, como membros da família eclesial. Como me disse o Irmão Agostinho, há dias em que ele se sente exausto pelos rigores da vida monástica – e nesses dias, ele conta com a caridade dos seus irmãos monges para carregá-lo. Por que não podemos servir os membros solteiros da nossa comunidade de maneira semelhante?

Além disso, se uma comunidade paroquial tiver os recursos, deverá considerar a criação de casas de grupos do mesmo sexo para os seus membros solteiros viverem em comunhão de oração, como o que se poderia chamar de monásticos leigos. É difícil viver castamente numa cultura tão erotizada como a nossa, especialmente quando há tão pouco respeito pela castidade. Espera-se isso do mundo, mas a igreja deve ser diferente.

Todos os cristãos solteiros são chamados a viver no celibato, mas pelo menos os heterossexuais têm a possibilidade de casar. Os cristãos gays não o fazem, o que torna a sua luta ainda mais intensa.

Pior ainda, muitos cristãos gays enfrentam a rejeição das mesmas pessoas com quem deveriam poder contar: a igreja. A veemência furiosa com que muitos activistas gays condenam o Cristianismo está enraizada em grande parte na memória cultural da rejeição e do ódio por parte da Igreja. Os cristãos precisam assumir o nosso passado a este respeito e arrepender-se dele.

Mas isso não significa – e não pode significar – que devamos abandonar o ensino bíblico claro e vinculativo sobre a homossexualidade. Os cristãos gays, como todos os cristãos solteiros, são chamados a uma vida de castidade. Esta é uma cruz pesada de carregar, mas que não pode ser recusada em obediência.

Nossos irmãos e irmãs gays em Cristo não deveriam ter que fazer isso sozinhos. Nos últimos anos, vários cristãos atraídos pelo mesmo sexo que vivem em fidelidade ao ensino ortodoxo encontraram a sua voz no movimento da Amizade Espiritual. Baseia-se nos escritos de Santo Aelredo de Rievaulx, um abade do século XII.

"Aelred ajudou-me a ver que a obediência a Cristo me oferecia mais do que apenas a negação do sexo e do romance", escreve Ron Belgau, um dos fundadores do movimento. "Amizades castas centradas em Cristo ofereciam um caminho positivo e gratificante, embora às vezes desafiador, para a santidade."[12]

Esse é um ponto importante, tanto para os cristãos gays quanto para os cristãos solteiros. Muitas vezes a castidade é apresentada apenas como dizer não ao sexo. Embora não possamos negar o sacrifício real e doloroso que a ética cristã exige dos crentes solteiros, não devemos negligenciar o ensino e a exploração do bem que pode advir

da renúncia à sexualidade de alguém. Embora o monasticismo ainda não tivesse se desenvolvido quando o Novo Testamento foi escrito, Jesus disse que alguns são chamados por Deus para serem solteiros castos ("eunucos para o reino dos céus"). Este é um caminho íngreme para a santidade, especialmente traiçoeiro na nossa cultura completamente erotizada, mas é um caminho para a santidade para alguns. Temos isso na autoridade de Cristo.

É difícil para os cristãos solteiros permanecerem nesse caminho, mas, novamente, pelo menos os cristãos heterossexuais têm a perspectiva do casamento para confortá-los. Se esperamos que os cristãos gays abracem o celibato, então nas nossas igrejas, famílias e vidas individuais devemos dar-lhes amor, respeito e amizade.

Além disso, os cristãos gays que rejeitam o ensino tradicional ainda devem ser tratados com amor, porque também eles são portadores da imagem de Cristo. O amor vence, embora não como diz o movimento LGBT. Mas ainda vence. Os cristãos não ousam esquecê-lo.

Combata a pornografia com tudo o que você tem

Certa vez, pedi a um padre católico amigo que me contasse o problema mais comum que ele enfrenta no confessionário. "Pornografia", disse ele. "Nada mais chega nem perto."

Há anos que ouço a mesma coisa de outros padres e pastores. O problema é esmagador – e a igreja não é um refúgio. Em 2014, o Grupo Barna publicou uma pesquisa mostrando que os cristãos, em geral, não são diferentes do resto da população quando se trata de usar pornografia.[13]

Embora o uso de pornografia esteja aumentando entre grupos demográficos – em parte porque a Internet a torna muito mais acessível – os pesquisadores veem uma

mudança tectônica quando se trata de jovens adultos. Entre os adultos com idades entre dezoito e vinte e quatro anos, 96% dos entrevistados por Barna não acham que a pornografia seja negativa. Nove em cada dez adolescentes concordam. E embora o uso de pornografia seja um problema esmagadoramente masculino, quase uma em cada cinco mulheres jovens admite assisti-la.

O dano moral e espiritual causado pelo uso de pornografia deveria ser óbvio. A pornografia desumaniza e destrói a imagem de Deus no rosto de seus atores. Por sua vez, treina seus usuários para verem os outros como objetos despersonalizados de prazer sexual. Isso destrói a conexão entre sexo e amor. Isto não é novidade.

Recentemente, porém, neurocientistas descobriram que o uso da pornografia tem efeitos potencialmente devastadores no cérebro. Assistir pornografia inunda os centros de prazer do cérebro com dopamina. Quanto mais se usa pornografia, mais se tem que usá-la, e versões mais extremas dela, para obter a mesma dose de dopamina. A pornografia literalmente reconfigura o cérebro, tornando muito difícil para usuários antigos serem excitados por seres humanos reais.

Em 2015, uma matéria de capa da revista Time sobre a onipresença da pornografia destacou as experiências de jovens adultos que atingiram a maioridade após o lançamento do smartphone em 2007 e que, portanto, tinham acesso portátil 24 horas por dia a vídeos pornográficos hardcore. Disse a escritora Belinda Luscombe:

> A sua geração consumiu conteúdos explícitos em quantidades e variedades nunca antes possíveis, em dispositivos concebidos para fornecer conteúdos de forma rápida e privada, tudo numa idade em que os seus cérebros eram mais plásticos – mais propensos

> a mudanças permanentes – do que mais tarde na vida. Esses jovens se sentem como cobaias involuntárias em um experimento de condicionamento sexual de uma década, em grande parte não monitorado.[14]

Homens no auge da juventude, que deveriam ser viris, agora relatam impotência e incapacidade de estabelecer relacionamentos normais com mulheres. Assim morre a possibilidade de trazer crianças ao mundo e criar famílias.

Os cristãos, especialmente os pais cristãos, não ousam encarar isso levianamente. Além de conversarem sobre pornografia com seus filhos desde cedo, os pais devem decidir firmemente não dar aos filhos smartphones com acesso à Internet – ou acesso não monitorado à Internet, ponto final. Os pais devem observar de perto os grupos de pares de seus filhos e tomar medidas fortes e decisivas se a pornografia entrar em cena. Se você descobrir que a pornografia faz parte da vida social do seu filho, não poderá dizer: "Todo mundo faz isso". Você deve agir de forma decisiva.

No entanto, cortar o acesso potencial à pornografia não é uma solução infalível. Temos que criar os nossos filhos para compreenderem a ligação entre sexo e amor em toda a economia da Criação. Este não é o tipo de coisa que você pode fazer com uma ou duas sessões sentadas com seus filhos. Requer anos de trabalho paciente e necessita do apoio ativo da igreja.

Uma resposta cosmológica à Revolução Sexual exige que nos eduquemos (e aos nossos filhos) na dimensão social da sexualidade. O sexo não está apenas ligado à ordem divina,

mas também une indivíduos, famílias e a comunidade uns aos outros.

"Sexo, como qualquer outro poder necessário, precioso e volátil comumente detido, é assunto de todos", diz Wendell Berry.[15]

Tal como acontece com tantas outras coisas na sociedade contemporânea, nós, americanos modernos, vemos o sexo como um assunto totalmente privado, um assunto de direitos individuais. Mas isso é falso. As regras, rituais e tradições de uma comunidade relativas à sexualidade, diz Berry, pretendem "preservar a sua energia, a sua beleza e o seu prazer; preservar e clarificar o seu poder de unir não apenas marido e mulher, mas também pais aos filhos, famílias à comunidade, a comunidade à natureza; garantir, tanto quanto possível, que os herdeiros da sexualidade, à medida que atingem a maioridade, sejam dignos dela."

Berry prossegue dizendo que "se a comunidade não puder proteger estas doações, não poderá proteger nada – e o nosso tempo está a provar isso".

De fato. Nosso trabalho como Cristãos da Opção Bento é formar comunidades de castidade saudável e fidelidade que possam proteger o presente e transmiti-lo às próximas gerações. Para fazer isso, temos que dominar uma das tecnologias culturalmente mais transformadoras da história da humanidade: a Internet.

CAPÍTULO 10

O Homem e a Máquina

Num fim de semana quente de primavera de 2016, fui a uma conferência da Opção Benedita em Clear Creek Abbey, um mosteiro beneditino na zona rural de Oklahoma. Assim que cheguei, fiquei inquieto ao saber que estávamos tão longe da civilização, por assim dizer, que era impossível receber telefone celular. O Wi-Fi só era possível se você entrasse em um prédio no local da conferência e ficasse em um determinado lugar, ou se colocasse em um único canto dos aposentos de hóspedes da abadia e torcesse pelo melhor. Naquele fim de semana, fiquei praticamente isolado do mundo exterior.

Fiquei surpreso com o quão ansioso isso me deixou. Vinte anos antes eu não teria notado. Poucos americanos o teriam feito. Em 2013, pela primeira vez, mais de 90% de nós tínhamos telefones celulares e, em 2015, impressionantes 64% deles eram smartphones.[1] O Pew Research Center classificou o telefone celular como "o mais rapidamente adotado". tecnologia de consumo na história do mundo."[2] Ter uma conexão móvel tornou-se tão normal que nem percebemos . . . até que não tenhamos um.

Ao longo do fim de semana, sempre que havia a menor pausa na conversa, minha mão enfiava a mão no bolso, reflexivamente, para pegar meu iPhone e verificar e-mails, Twitter, Facebook e notícias. Mas não estava lá. Eu estava desconectado e desconectado, tendo um jejum digital

inadvertidamente imposto a mim por esta conferência com tema monástico. Este exercício não planeado de ascetismo foi revelador – e não gostei do que vi.

Enquanto estava sentado ouvindo discursos, no momento em que minha atenção diminuiu, mesmo que minimamente, fui pegar meu iPhone. Os alto-falantes eram muito bons, mas ainda achei difícil dar-lhes toda a atenção. Eu sou sempre assim? Sim, infelizmente, sou eu. Tornou-se tão natural que meu vício era invisível para mim, em parte porque quase todo mundo que conheço faz a mesma coisa.

Este é um problema enorme para todos nós hoje, mas especialmente para os cristãos. Aquele fim de semana tecnológico inesperado forçou-me a pensar muito sobre como o smartphone e o computador dominam a minha vida – e sobre o enorme desafio que a tecnologia representa para a vida cristã autêntica no século XXI.

Existe a simples questão de os indivíduos não conseguirem gerir a utilização do smartphone, usarem o acesso online para verem pornografia ou se jogarem num sofá na cave e jogarem videojogos o dia todo, em vez de continuarem com os negócios da vida. Mas é mais profundo do que isso. A tecnologia online, nas suas diversas formas, é um fenómeno que, pela sua própria natureza, fragmenta e dispersa a nossa atenção como nada mais, comprometendo radicalmente a nossa capacidade de dar sentido ao mundo, reconfigurando fisiologicamente os nossos cérebros e tornando-nos cada vez mais impotentes contra os nossos impulsos.

Achamos que nossas muitas tecnologias nos dão mais controle sobre nossos destinos. Na verdade, eles vieram para nos controlar. E isto abre a porta para o ponto mais fundamental sobre a tecnologia: é uma ideologia que condiciona a forma como nós, humanos, entendemos a realidade.

Usar a tecnologia é participar de uma liturgia cultural que, se não estivermos atentos, nos treina para aceitar a

afirmação da verdade central da modernidade: que o único significado que existe no mundo é aquele que escolhemos atribuir-lhe em nossa busca incessante. dominar a natureza. Como vimos num capítulo anterior, o início do período moderno deu origem à ideia de que a ciência deveria ser usada para conquistar a natureza "para o alívio da propriedade do homem", nas palavras de Francis Bacon. E foi René Descartes quem disse que poderíamos tornar-nos "mestres e possuidores da natureza" e cuja filosofia ensinou o homem ocidental a pensar na natureza (incluindo o corpo humano) como uma espécie de máquina.

Se pudermos usar a tecnologia da maneira que quisermos, desde que o resultado resulte na nossa própria felicidade, então toda a realidade é "realidade virtual", aberta à interpretação da maneira que quisermos. Não existem limites naturais, apenas aqueles que ainda não temos capacidade tecnológica para superar. Este ponto de vista é onipresente na modernidade, mas profundamente antitético ao cristianismo ortodoxo.

As famílias e comunidades da Opção Benedict que permanecem apáticas em relação à tecnologia minam inadvertidamente quase tudo o que estão a tentar alcançar. A própria tecnologia é uma espécie de liturgia que nos ensina a enquadrar as nossas experiências no mundo de certas maneiras e que, se não tomarmos cuidado, distorce profundamente a nossa relação com Deus, com outras pessoas e com o mundo material – e até mesmo com o nosso relacionamento. autocompreensão.

A tecnologia não é moralmente neutra

A maioria das pessoas assume que a tecnologia nada mais é do que ciência aplicada, cujo significado moral depende do que o seu utilizador faz com ela. Isso é ingênuo. Num

poderoso discurso proferido num encontro católico em Filadélfia em 2015, o filósofo da ciência Michael Hanby explicou que “antes de a tecnologia se tornar um instrumento, ela é fundamentalmente uma forma de ver o mundo que contém dentro de si uma compreensão do ser, da natureza e da verdade”. [3]

O que Hanby quer dizer? Durante milhares de anos, os humanos usaram ferramentas para afetar o seu ambiente. O que deu origem à tecnologia como uma visão de mundo abrangente foi a sensação, começando com o nominalismo e surgindo no início da era moderna, de que a natureza não tinha significado intrínseco. São apenas coisas. Para o Homem Tecnológico, “verdade” é o que funciona para estender o seu domínio sobre a natureza e transformar esse material em coisas que ele considera úteis ou prazerosas, cumprindo assim o seu sentido do que significa existir. Considerar o mundo tecnologicamente, então, é vê-lo como material sobre o qual se estende o domínio de alguém, limitado apenas pela imaginação de alguém.

Na compreensão cristã clássica, a verdadeira liberdade para a humanidade, de acordo com a sua natureza, deve ser encontrada na submissão amorosa a Deus. Tudo o que não é de Deus é escravidão. Em seu livro Technopoly, de 1993, Neil Postman explicou que as culturas pré-modernas permitiam que suas convicções metafísicas e teológicas orientassem o modo como usavam suas ferramentas. Foi apenas nos tempos modernos, com a ascensão da tecnologia, que as nossas ferramentas viraram o jogo contra nós e ganharam o poder de dirigir as nossas convicções metafísicas e teológicas.

Isso porque o Homem Tecnológico entende a liberdade como a libertação de tudo o que não é livremente escolhido pelo indivíduo autônomo. Isto provavelmente explica por que os americanos são tão ingenuamente optimistas em relação à tecnologia. Como observou o filósofo Matthew

Crawford, as sementes da visão de mundo tecnológica estão incorporadas nas ideias iluministas sobre as quais a América foi fundada.

Em certo sentido, a tecnologia é verdadeiramente neutra. Afinal, a mesma escavadeira usada para construir um hospital pode ser usada para construir um campo de concentração. Mais profundamente, porém, a tecnologia como visão do mundo treina-nos para privilegiar o que é novo e inovador em detrimento do que é antigo e familiar e para valorizar o futuro de forma acrítica. Destrói a tradição porque recusa quaisquer limites à sua criatividade. O Homem Tecnológico diz: “Se podemos fazer isso, devemos ser livres para fazê-lo”. Para a mente tecnológica, as questões sobre por que deveríamos ou não aceitar desenvolvimentos tecnológicos específicos são difíceis de compreender.

Numa formulação provocativa mas perspicaz, Hanby diz que a Revolução Sexual é o que acontece quando aplicamos a ideologia da tecnologia ao corpo humano. Tornamos a biologia sujeita à vontade humana. A tecnologia contraceptiva liberta as mulheres (e os seus parceiros sexuais masculinos) para desfrutarem do sexo sem medo de engravidar. A tecnologia reprodutiva amplia o domínio da procriação ao liberar inteiramente a concepção do corpo.

Considere a fertilização in vitro (FIV), uma técnica inovadora que permite a concepção de casais inférteis. O nascimento de Louise Brown, em 1978, o primeiro “bebé de proveta”, causou grande controvérsia na época, especialmente entre os líderes religiosos, muitos dos quais o denunciaram como antinatural e alertaram que levaria à mercantilização da gravidez ao separar a concepção da sexualidade. União. Mas a maioria dos americanos não concordou. Uma pesquisa Gallup da época descobriu que 60% do público aprovava a fertilização in vitro.[4]

Em 2010, quando Robert G. Edwards, o cientista britânico que ajudou a pavimentar o caminho para a fertilização in vitro, ganhou o Prémio Nobel de medicina pelos seus esforços, a fertilização in vitro foi amplamente aceite. Uma pesquisa da Pew de 2013 descobriu que apenas 12% dos americanos consideram a fertilização in vitro como moralmente errada. Os números são praticamente os mesmos entre os cristãos americanos.[5]

Quanto à mercantilização da procriação, consideremos o casal sem filhos do Tennessee que teve óvulos de doadores fertilizados com o esperma do marido, criando dez embriões. Quatro bebês depois, o casal decidiu que não queria os embriões restantes e recorreu ao Facebook para oferecer-lhes um bom lar.

"Temos seis embriões congelados de boa qualidade com seis dias de idade para doar a uma família incrível que deseja uma família grande", postou a esposa, segundo o New York Times. "Preferimos alguém que esteja casado há vários anos, tenha um relacionamento amoroso estável e uma sólida formação cristã, e que ainda não tenha filhos, mas queira um barco carregado."[6]

De acordo com o ensino cristão ortodoxo, estas são seis pessoas humanas. A comunidade de doação de embriões desenvolveu um eufemismo fofo para essas crianças em gestação: "flocos de neve congelados".

Entretanto, estatísticas do governo britânico tornadas públicas em 2012 revelaram que 3,5 milhões de embriões foram criados em laboratórios do Reino Unido desde 1991, quando começou a manutenção de registos.[7] Noventa e três por cento nunca resultaram numa gravidez e cerca de metade foram deitados fora sem sequer tentando. Os Estados Unidos não têm registos fiáveis para efeitos de comparação, mas com uma população cinco vezes maior que a da Grã-Bretanha, um número paralelo significaria que 17,5 milhões de seres humanos em gestação foram

trazidos à existência num laboratório, com 16,2 milhões a morrer e 8,8 milhões atirados na lata de lixo sem tentativa de implantação.

Imagine cada homem, mulher e criança na cidade de Nova Iorque, ou a população de Houston vezes quatro, e compreenderá a imensidão da morte dentro das clínicas de fertilidade. Isto é, se você acredita que a vida começa na concepção, como afirmam 52% dos americanos em uma pesquisa YouGov de 2015.[8]

É evidente que há milhões de cristãos que não somam dois mais dois. Muitos cristãos conservadores opõem-se fortemente ao aborto e apoiam leis que o restringem. Não há nenhum movimento para proibir ou restringir a fertilização in vitro, embora, do ponto de vista da vida começa na concepção, ela extermine milhões de vidas em gestação. O que permite essa hipocrisia? A mentalidade tecnocrática.

O argumento é o seguinte: os bebés são coisas boas, por isso qualquer coisa que a tecnologia faça para ajudar as pessoas a ter bebés é, portanto, boa. O amor, como dizem, vence. O tecnocrata decide o que quer e, uma vez disponível através da tecnologia, racionaliza aceitando-o. Ocultar o que a tecnologia nos tira é uma característica da visão de mundo tecnocrática. Passamos a pensar nos avanços tecnológicos como inevitáveis porque são irresistíveis. Assim como a "verdade" para o tecnocrata é o que é útil e eficaz, o que é "bom" para ele é o que é possível e desejável.

O Homem Tecnológico considera como progresso tudo o que amplia as suas escolhas e lhe dá mais poder sobre a natureza. Os americanos admiram o "self-made man" porque ele se libertou da dependência dos outros pelos seus próprios esforços e é uma criação sua. Para o Homem Tecnológico, a escolha importa mais do que o que é escolhido. Ele não está muito preocupado com o que

deveria desejar; em vez disso, ele está preocupado em saber como poderá adquirir ou realizar o que deseja. A semente plantada no século XIV com o triunfo do nominalismo atinge a sua plena maturação no Homem Tecnológico.

A Internet como comporta da modernidade líquida

A tecnologia mais radical, disruptiva e transformadora já criada é a Internet. É o derradeiro facilitador da modernidade líquida porque condiciona a forma como experienciamos a vida ("como um fluxo de partículas que se move rapidamente", diz o escritor Nicholas Carr) e enquadra todas as nossas experiências. A Internet acelera rapidamente o processo de fragmentação política, social e cultural que está em curso desde meados do século XX e compromete profundamente a nossa capacidade de prestar atenção.

Este é um negócio maior do que parece. Como aprendemos no Capítulo 5, o teórico dos meios de comunicação Marshall McLuhan disse a famosa frase: "O meio é a mensagem", uma afirmação enigmática que confundiu muitas pessoas. O que ele quis dizer é que as mudanças que um novo meio causa numa cultura são muitas vezes mais importantes do que qualquer informação transmitida através desse meio. Por que? Porque o meio altera a forma como vivenciamos o mundo e o interpretamos.

Passar pela tela do seu computador ou smartphone é entrar em um mundo onde muitas vezes você não precisa lidar com algo não escolhido. Você pode ficar invisível na Internet ou criar sua própria identidade. Não existe uma lógica linear em ação na Internet: você pode navegar de site em site, entrando e saindo das mídias sociais, conforme

desejar. Trabalho como jornalista online e passo a maior parte dos dias da semana fazendo exatamente isso.

E adivinha? É maravilhoso. Isso tornou minha vida melhor de mais maneiras do que posso contar, inclusive possibilitando que eu morasse onde quero, porque posso trabalhar em casa. A Internet me deu muito e faz todos os dias.

Mas a Internet, como todas as novas tecnologias, também leva embora. O que isso exige de nós é nosso senso de agência. Matthew Crawford identifica um paradoxo intrínseco à Internet como tecnologia: ela diz-nos que nos dá mais liberdade e mais escolhas, mas na verdade está a seduzir-nos para um cativeiro passivo. A experiência de compulsão interior que tive na abadia repete-se de alguma forma todos os dias.

Há uma explicação científica para isso. No nível neurológico, as constantes distrações da Internet alteram a estrutura fisiológica do nosso cérebro. O cérebro se remodela para se adaptar à aleatoriedade ininterrupta da experiência na Internet, o que nos condiciona a desejar os choques repetitivos que acompanham a novidade. Escreve Nicholas Carr:

> Uma coisa é muito clara: se, conhecendo o que sabemos hoje sobre a plasticidade do cérebro, você se dispusesse a inventar um meio que religasse nossos circuitos mentais tão rápida e completamente quanto possível, você provavelmente acabaria projetando algo que parece e funciona de maneira muito parecida com a Internet.[9]

O resultado disso é uma incapacidade gradual de prestar atenção, focar e pensar profundamente. Estudo após estudo confirmou a experiência comum que muitos relataram na era da Internet: que usar a Web torna

infinitamente mais fácil encontrar informações, mas muito mais difícil dedicar o tipo de foco sustentado necessário para saber as coisas.

Para agravar o problema, a mentalidade tecnológica nega que haja algo importante a ser conhecido, além de como fazer coisas que nos ajudem a realizar os nossos desejos: no grego antigo, techne, ou "artesanato", versus episteme, ou "conhecimento adquirido através da contemplação". ." Techne se refere ao conhecimento que ajuda você a fazer as coisas, enquanto episteme se refere ao conhecimento de como as coisas são, para que você saiba o que fazer.

Tanto a contemplação quanto a ação são necessárias para o florescimento humano. A Idade Média valorizava a contemplação, razão pela qual as sociedades medievais, incluindo os produtos do seu conhecimento tecnológico, estavam ordenadas a Deus. O ícone, considerado uma janela simbólica para a realidade divina, é um símbolo adequado daquela época. A contemplação é estranha ao modo de vida moderno. O iPhone, um portal luminoso que promete nos mostrar o mundo, mas na verdade um espelho do mundo dentro de nossas cabeças, é o ícone da nossa época.

Sob o domínio da tecnologia, as condições que tornam possível a vida cristã autêntica desaparecem. E a maioria de nós não tem ideia do que está acontecendo.

Assuma o jejum digital como uma prática ascética

Na visão cristã tradicional, a Verdade, a Bondade e a Beleza são realidades objetivas, qualidades de Deus e, portanto, intrínsecas à própria Criação. Ser livre é ser capaz de ver e participar desses bens supremos, realizando assim a nossa verdadeira natureza. Como cristãos,

comportamo-nos virtuosamente não apenas porque Deus o ordena, mas porque adquirir virtude ajuda-nos a ver Cristo mais claramente e, ao vê-Lo, a revelá-Lo, por sua vez, aos outros. A igreja primitiva não procurava nada mais do que ver a face de Deus. Todo o resto se seguiu.

Se ver a face de Deus e nos tornarmos semelhantes a Cristo no processo é o nosso maior desejo, então devemos permanecer focados nesse objetivo final. Na Divina Comédia de Dante, o protagonista peregrino (também chamado Dante) aprende que o pecado é um amor desordenado. A fonte de toda desordem é amar mais as coisas finitas do que o Deus infinito. Mesmo amar as coisas boas, como a família e o país, pode ser uma fonte de condenação se alguém as ama mais do que ama a Deus e procura a realização nessas coisas em vez de no Criador dessas coisas.

É muito difícil manter o foco na contemplação de Deus. O peregrino Dante descobre que se perdeu na vida porque amou uma mulher, Beatriz, que era boa, verdadeira e bonita, pensando que ela era essas coisas em si mesma. Na vida após a morte, Beatrice, que morreu jovem, castiga Dante, dizendo-lhe que qualquer coisa boa nela apontava para a Fonte de toda a bondade. Sua incapacidade de ver isso o levou à quase destruição.

William James, o fundador da psiquiatria, escreveu: "Minha experiência é o que concordo em atender. Somente aqueles itens que percebo moldam minha mente." Nossos pensamentos realmente determinam nossas vidas. O redator de tecnologia Tim Wu, refletindo sobre o insight de James, observa que a religião sempre entendeu que direcionar a atenção humana para o que é sagrado é extremamente importante. É por isso que a cristandade medieval estava repleta de orações, rituais, jejuns e festas: para manter a vida, tanto pública quanto privada, ordenada em torno de coisas divinas.[10]

Isso foi antes. Não vamos regressar a uma cultura cristã ampla e tão densa num futuro próximo. Mas isso não deixa nós, cristãos, fora de perigo; significa simplesmente que, como indivíduos e comunidades, teremos que trabalhar muito mais para manter os nossos olhos focados em Deus.

Desenvolver o controlo cognitivo que leva a uma vida cristã mais contemplativa é a chave para viver como homens e mulheres livres na América pós-cristã.

O homem cujos desejos estão sob o controle da sua razão é livre. O homem que faz tudo o que lhe ocorre é um escravo. Incontáveis bilhões de dólares foram gastos por anunciantes ao longo do século passado para convencer as pessoas de que só podemos conhecer nossas verdadeiras identidades através da realização de nossos desejos. Digam os anunciantes: compre esse objeto ou experiência e você conhecerá a si mesmo – o eu que você deseja ser, não o eu que você é.

Não funciona. Tudo retorna ao meio do cotidiano. Então tentamos algo novo, pensando que isso, finalmente, será o que nos fará felizes. Seguimos sem parar, percorrendo e disparando nosso caminho pela vida, fugindo de Deus e de nós mesmos, com medo da quietude, da quietude, de nossos próprios pensamentos. Somos como os monges errantes que São Bento condenou na sua Regra como o pior tipo de monástico, guiados apenas pelas suas próprias vontades inquietas. “Da miserável conduta de todos esses, é melhor calar do que falar”, escreveu o santo.

Os monges encontram a verdadeira liberdade submetendo-se a uma regra de vida, ou seja, ordenando-se a Deus de uma forma estruturada. E não apenas os monges: quase qualquer pessoa que viva por sua própria escolha, de forma sustentada e disciplinada, encontrará a verdadeira liberdade. O marceneiro que se entregou ao aprendizado das tradições de seu ofício tem muito mais liberdade para exercer sua criatividade dentro do ofício do

que o amador tolo que pensa que pode inventá-lo à medida que avança.

Se você não controlar sua própria atenção, há muitas pessoas ansiosas para fazer isso por você. O primeiro passo para recuperar o controle cognitivo é criar um espaço de silêncio no qual você possa pensar. Durante uma profunda crise espiritual na minha vida, a maré tóxica da ansiedade crónica não começou a diminuir da minha mente até que o meu padre me ordenou que adotasse uma regra diária de oração contemplativa. Acalmar minha mente durante uma hora de oração foi incrivelmente difícil, mas acabou abrindo um caminho onde o Espírito Santo poderia trabalhar para acalmar as águas tempestuosas dentro de mim.

Uma organização judaica chamada Reboot promove um conceito não sectário que eles chamam de "sábado digital". É um dia de descanso em que as pessoas se desconectam da tecnologia – principalmente computadores, iPads e smartphones – para que possam se reconectar com o mundo real. O sábado digital não é um castigo, mas sim um meio através do qual se pode deixar de lado as preocupações do mundo (pelo menos aquelas que nos são comunicadas através da tecnologia digital).

Isto é semelhante ao antigo hábito cristão do jejum ritual, que ainda é observado com relativo rigor por muitos cristãos ortodoxos orientais. Os cristãos ortodoxos fiéis observam a Grande Quaresma – o período de quarenta dias antes da Semana Santa – abstendo-se de carne, peixe, laticínios e outros alimentos, de acordo com sua força. Eles também devem aumentar a sua oração, arrependimento e adoração. Tal como acontece com a observância judaica do sábado, nada disso pretende ser punitivo, mas sim para o bem da humanidade.

"Quando um homem parte em viagem, ele deve saber para onde está indo", escreve o padre ortodoxo Alexander

Schmemann em seu estudo sobre a Quaresma.[11] É por isso que todos os crentes sérios devem se envolver em períodos de ascetismo. Eles nos ensinam a nos livrar das distrações acumuladas que impedem nossos olhos de ver nosso objetivo. Neil Postman, embora seja um homem secular, elogia os ascetas religiosos, dizendo que eles "destroem" informações que desviam o seu olhar do seu fim último. Parafraseando o título do livro mais famoso de Postman, as práticas dos ascetas religiosos impedem-nos de se divertir até à morte espiritual.

Quando nos abstemos de práticas que desordenam os nossos amores, e nesse tempo de jejum redobramos a nossa contemplação de Deus e das coisas boas da Criação, centramos as nossas mentes na estabilidade interior que precisamos para criar um eu coerente e significativo. A Internet é um fenómeno de dispersão, que encoraja a entrega a impulsos apaixonados. Se não conseguirmos reagir contra a Internet com a mesma força com que ela nos empurra, não podemos deixar de perder o equilíbrio. E se perdermos o equilíbrio, acabaremos perdendo o caminho reto da vida. Os cristãos sabem disso de geração em geração, desde a igreja primitiva.

Mas conosco, essa sabedoria foi esquecida. Lamenta Nicholas Carr: "Estamos acolhendo o frenesi em nossas almas".

Tire os smartphones das crianças

Certa vez, minha esposa perguntou a uma nova amiga cristã por que ela educava seus filhos em casa, visto que eles moravam em um bom distrito escolar público. Disse o amigo: "O dia em que meu filho da quinta série chegou da escola e disse que seus amigos estavam assistindo pornografia hardcore em seus smartphones foi o dia em

que meu marido e eu ligamos". Não foi culpa da escola. Smartphones eram proibidos lá. Os meninos acessavam pornografia em seu tempo livre – e não havia nada que as autoridades escolares pudessem fazer a respeito.

Quando os pais entregam aos seus filhos pequenos computadores portáteis com acesso virtualmente ilimitado à Internet, não deveriam ficar surpreendidos quando os seus filhos – especialmente os seus filhos – mergulham na pornografia. Infelizmente, pelo menos com os meninos, é da natureza da fera cheia de hormônios. Mães e pais que nunca deixariam seus filhos sozinhos em uma sala cheia de DVDs pornográficos não hesitam em entregar-lhes smartphones. Isso é moralmente insano.

Não se deve esperar que nenhum adolescente ou jovem adolescente tenha autocontrole para dizer não. Anteriormente neste livro, discutimos os impactos catastróficos que a pornografia pode ter nos cérebros dos viciados. De acordo com o Centro de Pesquisa de Crimes Contra Crianças da Universidade de New Hampshire, 93% dos meninos e 62% das meninas viram pornografia online na adolescência.[12] Pode ser impossível proteger os olhos constantemente, mas é uma atitude irresponsável por parte dos pais. não tentar. Além disso, os pais em grupos de pares devem trabalhar juntos para impor a proibição de smartphones entre os seus filhos.

Além disso, os adolescentes são demasiado imaturos para compreenderem os sérios problemas legais que podem enfrentar com o sexting. Em muitas jurisdições, o envio de imagens sexualmente explícitas de menores é considerado transmissão de pornografia infantil. É justo colocar um aluno impulsivo do décimo ano na mesma categoria de um pervertido? Não, mas isso é um apelo ao promotor público e ao juiz. Mesmo que o seu filho evite a condenação, ser arrastado através do processo legal com a perspectiva do estatuto de agressor sexual pairando sobre

a sua cabeça, potencialmente para o resto da sua vida, pode ser financeiramente e emocionalmente devastador para uma família.

Finalmente, embora a maioria dos adolescentes que fazem sexo nunca se encontrem em perigo legal, a dimensão moral pode ser ruinosa. O hábito treina as crianças a objectivar o sexo oposto, tratando-o como mercadoria, e a considerar a sua própria sexualidade como algo a ser comercializado para obter estatuto. Uma única imagem ilícita que chegue às redes sociais pode destruir a reputação de um adolescente e levá-lo ao bullying e ao abuso.

Além do risco do conteúdo pornográfico, existe o problema crítico do que o excesso de exposição online faz ao cérebro de um jovem. Se não tratarmos as nossas casas e escolas como mosteiros, limitando estritamente tanto a informação que chega aos nossos filhos (para o bem da sua própria formação interior), como o seu acesso a tecnologias que alteram o cérebro, estaremos a perder as nossas responsabilidades. como administradores de suas almas – e das nossas.

Você sabia que Steve Jobs, fundador da Apple Computer, não permitia que seus filhos usassem iPads e limitava estritamente seu acesso à tecnologia? Jobs não foi o único.

Chris Anderson, ex-jornalista de tecnologia e agora CEO do Vale do Silício, disse ao New York Times em 2014 que sua casa é como um mosteiro tecnológico para seus cinco filhos. “Meus filhos acusam eu e minha esposa de sermos fascistas e excessivamente preocupados com a tecnologia, e dizem que nenhum de seus amigos tem as mesmas regras”, disse Anderson. “Isso porque vimos os perigos da tecnologia em primeira mão. Eu já vi isso em mim mesmo, não quero que isso aconteça com meus filhos.”[13]

Se é assim que os gênios da tecnologia do Vale do Silício são pais, como justificamos ser mais liberais? Sim, você

será considerado um esquisito e maníaco por controle. E daí? Estes são seus filhos.

"O facto de colocarmos estes dispositivos nas mãos dos nossos filhos desde muito novos, com pouca orientação, e de eles experienciarem a vida em termos de gostos e desgostos, o facto de terem agora basicamente a tecnologia como um acessório protético – tudo isso parece considero-me incrivelmente míope e perigoso", diz o filósofo Michael Hanby.

"Isso está afetando sua capacidade de pensar e de ter relacionamentos humanos básicos", disse ele. "Esta é uma vasta experiência social sem precedentes. Entregamos nossos filhos a isso sem saber o que estamos fazendo."

Mantenha as mídias sociais fora da adoração

Algumas igrejas incentivam o envio de tweets e mensagens de texto durante os cultos. A ideia é que esta seja simplesmente outra forma de compartilhar o Evangelho. Eles podem estar certos em geral, mas é um grande erro convidar esta tecnologia para a adoração.

Por um lado, não há chance de que as pessoas que tweetam e enviam mensagens de texto durante a igreja se restrinjam a comentar o sermão ou as leituras das Escrituras. Mais importante ainda, o último lugar onde alguém precisa ter sua atenção dividida é durante o culto dominical. A mídia social divide nossa atenção com a eficiência extrema de um chef de sushi. Muitas pessoas, especialmente os jovens, vivem toda a semana imersas no espaço mental fragmentado que é a norma de hoje. Trazer as redes sociais para o culto dominical agrava o problema, em parte ao negar que seja um problema em primeiro lugar.

A neurociência demonstrou que lembrar de uma coisa depende de manter a atenção nela. Envolver-se nas redes sociais durante o culto praticamente garante que tudo o que o pastor disser será efêmero. Além disso, encorajar o uso das redes sociais durante o culto funciona contra o estado de espírito contemplativo que é necessário trazer para a igreja.

Mais profundamente, os pastores e líderes de louvor que justificam a incorporação das redes sociais no culto deveriam perguntar-se: Como é que isto serve o Evangelho? Se "compartilhar o Evangelho" significa simplesmente divulgar informações sobre Jesus, então isso faz sentido. Mas vemos que tornar-se discípulo de Cristo é submeter-se à formação e não absorver informações. Nesse sentido, as redes sociais funcionam como um vendaval que impede que a semente do Evangelho se enraíze no solo da alma.

Faça coisas com as mãos

Por mais de uma década, meu amigo Andrew Sullivan foi um dos blogueiros mais prolíficos e influentes da Internet. Então, um dia, em 2015, no auge de sua fama e sucesso, ele desistiu repentinamente e caiu fora do radar.

Alguns meses depois, quando estávamos em Boston, Andrew e eu nos encontramos para tomar um café. Eu mal podia acreditar como ele estava bonito. Ele estava em forma e radiante e tinha uma surpreendente sensação de serenidade. Andrew me disse que isso foi fruto de sair da Internet.

Um ano depois, em um ensaio da New York Magazine, Andrew explicou sua dramática epifania:

> A cada minuto que eu estava absorto em uma interação virtual, eu não estava envolvido em um encontro humano. Cada segundo absorvido em alguma trivialidade era um segundo a menos para qualquer forma de reflexão, ou calma, ou espiritualidade. "Multitarefa" era uma miragem. Esta foi uma questão de soma zero. Ou vivi como uma voz online ou vivi como um ser humano no mundo em que os humanos viveram desde o início dos tempos.
>
> E então decidi, depois de 15 anos, viver na realidade.[14]

Não é viável para a maioria de nós abandonar totalmente a Internet. Mas pelo menos podemos impor-nos uma disciplina semelhante à dos monges beneditinos, que, observando a Regra, limitam-se estritamente a tarefas particulares durante certas horas.

Também podemos fazer mais coisas com as mãos. Dito dessa forma, parece quase infantil, mas há um ponto sério aqui. A tecnologia permite-nos tratar a interacção com o mundo material – pessoas, lugares, coisas – como uma abstracção. Sujar as mãos, por assim dizer, com jardinagem, cozinha, costura, exercício e coisas do género, é uma forma crucial de restaurar o nosso sentido de ligação com o mundo real. O mesmo acontece com fazer coisas cara a cara com outras pessoas.

Temos que trabalhar arduamente para lutar contra a tecnologia que facilita tão a nossa vida quotidiana, para que possamos ser seres humanos que vivem na realidade. O Irmão Francisco de Nórcia diz que carregar grandes sacos de cereais no seu trabalho monástico tem sido ótimo para ele "porque me ajuda a lembrar que a pessoa humana é corpo e espírito, não apenas um espírito".

Progresso da pergunta

Do outro lado dessa equação, o corpo não é simplesmente um wetware, uma forma biológica do computador. O hábito de pensar mecanicamente sobre o corpo faz com que baixemos a guarda moral e ética. O progresso tecnológico não é a mesma coisa que o progresso moral – e na verdade, pode ser o seu oposto.

Numa conversa tensa sobre bioética, um proeminente pesquisador médico cristão me disse: "As coisas que enfrentaremos na próxima década chocam a consciência.

"Meus colegas não conseguem ver", continuou ele, referindo-se aos cientistas com quem trabalha. "A maioria deles não são cristãos, mas mesmo os cristãos, quando tento envolvê-los no assunto, não recebo nada além de olhares vazios."

São cientistas cujas mentes foram capturadas e desarmadas pela tecnologia, que nos treina a pensar em nós próprios em termos instrumentais. No início do século XX, as mentes mais progressistas do establishment americano abraçaram a eugenia – a pseudociência de melhorar a raça através da reprodução controlada. Os principais clérigos endossaram a ideia, dizendo que ela melhoraria a sociedade através da ciência aplicada. Coube aos católicos e aos fundamentalistas protestantes opor-se à eugenia com base na dignidade humana.

A eugenia caiu em desgraça depois que o mundo viu o que os nazistas fizeram com essas teorias raciais. Agora, no século XXI, a eugenia está a regressar, graças ao rápido avanço da biotecnologia que promete dar aos pais a capacidade de criar bebés concebidos. Encontrarão os cristãos contemporâneos a sua voz profética? Não, se eles ordenaram as suas mentes de acordo com o imperativo tecnológico.

A conexão entre uma futura distopia impulsionada pela tecnologia e o shopping suburbano está mais próxima do que você pensa. Como vimos no Capítulo 1, o sociólogo Christian Smith descobriu que apenas 9% dos Millennials inquiridos consideravam o consumismo uma questão moral séria. Para a maioria dos americanos, o desejo é autojustificável. Para os consumidores, se você pode pagar, por que não comprar? Para os cidadãos de uma tecnocracia, se a tecnologia existe para lhe dar o que deseja, ninguém tem o direito de se opor.

A mente do Homem Tecnológico não consegue resistir aos desejos do seu coração, porque foi treinado pela sua cultura para não questioná-los. O Homem Tecnológico passa a acreditar que os limites do que ele pode fazer à natureza residem principalmente na sua capacidade de subjugá-la à sua vontade. O cristão deve se rebelar contra isso. A única fortaleza inexpugnável é a metafísica, a convicção de que o significado nos transcende e está fundamentado em Deus. Existem limites além dos quais não podemos ir se quisermos viver.

Pensar que o mundo mediado pela tecnologia é o mundo real é um erro fatal. Não vemos a realidade então; nós só vemos a nós mesmos. Se não compreendermos isto, se não acreditarmos que todas as coisas existem independentemente dos nossos desejos, que existe um mundo além das nossas cabeças, então não há razão para prestar atenção, porque não há nada para contemplar. Se o sentimento define a realidade, então a contemplação é inútil, assim como a resistência. Se vivermos como se o tédio fosse a raiz de todos os males, não seremos capazes de reagir, e se não reagirmos, descobriremos que as nossas máquinas nos dominaram. Talvez eles já tenham feito isso.

No Capítulo 1, vimos que o Cristianismo autêntico foi dominado por uma forma parasitária de espiritualidade chamada Deísmo Terapêutico Moralista, cujo efeito é cultivar os cristãos para acreditarem que Deus abençoa

tudo o que os faz felizes. Dessa forma, a tecnologia se torna uma espécie de teologia. É uma teologia multiforme, porque o deus de quem ela dá testemunho é o Eu em constante mudança que procura a libertação de todos os limites e obrigações não escolhidas.

Cada vez que a igreja abraça uma nova moda, especialmente tendências que transformam o culto num espetáculo eletrónico, ela cede mais da sua alma a esta falsa teologia. Em pouco tempo – e talvez já estejamos neste ponto em alguns lugares – a igreja torna-se totalmente possuída pelo espírito deste mundo. O cristianismo ortodoxo autêntico não pode de forma alguma ser reconciliado com o Zeitgeist. Na medida em que a Igreja convidar a mentalidade tecnológica a fixar residência nela, as condições para o Cristianismo deixarão de existir.

A principal razão é que a imersão na tecnologia nos faz perder a memória coletiva. Sem memória, não sabemos quem somos, e se não sabemos quem somos, nos tornamos aquilo que nossas paixões momentâneas desejam que sejamos.

Nenhum regime está a tentar roubar-nos a nossa memória cultural e a nossa identidade cristã. Nós mesmos estamos doando. Neil Postman aconselhou uma estratégia de resistência, dizendo que “um combatente da resistência compreende que a tecnologia nunca deve ser aceite como parte da ordem natural das coisas”. Caso contrário, a guerra acabou.

Se os cristãos de hoje não permanecerem firmes na rocha da ordem sagrada, tal como revelada na nossa sagrada tradição – modos de pensar, falar e agir que encarnam o cristão na cultura e a transmitem de geração em geração – não teremos nada em que nos apoiar. todos. Se não

adotarmos práticas quotidianas que mantenham essa ordem sagrada presente para nós, para as nossas famílias e para as nossas comunidades, iremos perdê-la. E se o perdermos, corremos grande risco de perder de vista Aquele para quem tudo naquela ordem sagrada aponta, como um mapa do tesouro divino.

Esse foi o principal argumento deste livro. Nestas páginas, tentei soar o alarme para os cristãos conservadores no Ocidente, alertando-os de que o maior perigo que enfrentamos hoje não vem da política agressiva de esquerda ou do Islão radical, como muitos parecem pensar. Estes são perigos que os nossos irmãos e irmãs cristãos na China, na Nigéria e no Médio Oriente enfrentam. Para nós, o maior perigo vem da própria ordem secular liberal. E a nossa incapacidade de compreender isto reforça o nosso cativeiro cultural e a assimilação aparentemente imparável das próximas gerações.

A Opção Bento XVI não é uma técnica para reverter as perdas, políticas ou outras, que os cristãos sofreram. Não se trata de uma estratégia para voltar no tempo a uma idade de ouro imaginada. Menos ainda é um plano para a construção de comunidades de pessoas puras, isoladas do mundo real.

Pelo contrário, a Opção Bento XVI é um apelo a empreender o longo e paciente trabalho de recuperar o mundo real do artifício, da alienação e da atomização da vida moderna. É uma forma de ver o mundo e de viver no mundo que mina a grande mentira da modernidade: que os humanos nada mais são do que fantasmas numa máquina e que somos livres de ajustar as suas configurações da forma que quisermos.

“É fácil para mim imaginar que a próxima grande divisão do mundo será entre pessoas que desejam viver como criaturas e pessoas que desejam viver como máquinas”, escreve Wendell Berry. Vamos nos posicionar ao lado das criaturas e do Criador.

Conclusão: A Decisão de Bento XVI

Em vez de um castelo fortificado construído no meio da terra, devemos pensar num exército de estrelas lançadas ao céu.

—Jacques Maritain, sobre a igreja na modernidade

Numa noite fria de janeiro, sentei-me com o pastor Greg Thompson em um aconchegante pub da Virgínia, bebendo uma xícara fumegante de refrigerante quente e conversando com ele sobre a Opção Benedict. Thompson, na época pastor titular de uma congregação presbiteriana de Charlottesville, é cauteloso em relação ao movimento, temendo que os cristãos americanos sejam atraídos por medo. Embora o medo face a estes tempos turbulentos seja compreensível, disse Thompson, a Opção Bento XVI, em última análise, tem de ser uma questão de amor. "No momento em que a Opção Beneditina passa a ser outra coisa senão a comunhão com Cristo e a convivência com o próximo no amor, ela deixa de ser beneditina", disse ele. "Não pode ser uma estratégia para o autoaperfeiçoamento ou para salvar a igreja ou o mundo."

As observações de Thompson destacam um desafio fundamental para os cristãos da Opção Benedict no futuro: como viver com alegria e confiança, mesmo que o mundo pareça estar desmoronando ao nosso redor? Como navegamos com segurança nas arcas que construímos

entre as ilusões gêmeas do falso otimismo e do medo exagerado?

A imagem da igreja como uma Arca flutuando sobre águas tempestuosas de destruição é muito antiga na história da fé cristã. Este conceito icónico de autocompreensão da Igreja deve ser recuperado com vigor.

Mas há outra forma biblicamente sólida de pensar sobre as águas que inundam a terra, uma forma que é tão importante para o projecto da Opção Bento XVI como a história da Arca de Noé.

Durante o cativeiro babilônico dos hebreus, Deus concedeu ao profeta Ezequiel uma visão da restaurada Cidade Santa de Jerusalém. Na visão, um homem misterioso conduz o profeta a um templo reconstruído. Ezequiel vê uma corrente de água saindo do altar, fluindo de suas aberturas para o mundo exterior. Ele se aprofunda e se alarga à medida que se afasta do Templo, até se tornar um rio que ninguém pode atravessar. Por onde quer que esta água flua, segue-se vida abundante.

A interpretação cristã tradicional da visão de Ezequiel afirma que esta se cumpriu no Pentecostes, quando Deus derramou o Espírito Santo sobre os discípulos reunidos, inaugurando uma nova era com o nascimento da igreja. Através da igreja – o Templo restaurado – fluiriam as águas vivas da graça salvífica.

A igreja, então, é tanto Arca como Fonte – e os cristãos devem viver em ambas as realidades. Deus nos deu a Arca da igreja para evitar que nos afogássemos no dilúvio violento. Mas Ele também nos deu a igreja como um lugar para afogarmos simbolicamente o nosso velho eu na água do batismo e para crescermos em uma nova vida, nutridos pela torrente interminável de Sua graça. Não se pode viver a Opção Bento XVI sem ver ambas as visões simultaneamente.

O amor é a única maneira de superarmos o que está por vir. O amor não é um êxtase romântico. Tem de ser um tipo

de amor que tenha sido aperfeiçoado e intensificado através da oração regular, do jejum e do arrependimento e, para muitos cristãos, através da recepção dos santos sacramentos. E deve ser um amor que foi refinado através do sofrimento. Não há outro caminho.

Nas minhas viagens em busca da Opção Bento, não encontrei nenhuma personificação mais completa dela do que a Tipi Loschi, a comunidade católica vigorosamente ortodoxa e alegremente contracultural na Itália que me foi recomendada pelo Padre Cassiano de Norcia. Viajando de carro com o líder do Tipi Loschi, Marco Sermarini, pelas colinas acima de sua cidade, perguntei-lhe como o resto de nós poderia ter o que sua comunidade descobriu.

Comece levando a sério a vida como cristãos, disse ele. Aceite que não pode haver meio termo. O Tipi Loschi começou como um grupo de jovens católicos que queriam mais da sua vida de fé do que o Deísmo Terapêutico Moralista.

“Essa costumava ser a minha vida”, disse Marco. “Eu não sabia que o ensinamento de Jesus Cristo era para toda a minha vida, não apenas para a parte ‘religiosa’ dela. Se você reconhecer que Ele é o Senhor de tudo, você ordenará sua vida de uma maneira radicalmente diferente”.

O que Marco e seus amigos descobriram, para sua grande surpresa, foi que tudo o que precisavam para viver juntos fielmente estava bem diante deles o tempo todo. “Não inventamos nada”, disse ele. “Não descobrimos nada. Estamos apenas redescobrindo uma tradição que estava trancada numa velha caixa. Tínhamos esquecido.

Dirigindo pelas cidades e campos dolorosamente belos com vista para o Adriático, Marco parou seu SUV na beira de uma estrada estreita e me levou a uma encosta íngreme. Estava coberto de oliveiras. Este era o olival da família Sermarini. Quando menino, o avô de Marco, de 91 anos, ajudou seu próprio pai a colher azeitonas dessas árvores. Marco foi criado fazendo o mesmo, e agora ele e seus

próprios filhos colhem azeitonas anualmente e extraem o azeite para uso da família.

Isto, eu disse a Marco, é estabilidade.

Ele encolheu os ombros e olhou pensativo para as árvores.

“Não sei o que vai acontecer na vida, mas enquanto isso, temos que lutar pelo bem”, ele me disse. “A possibilidade de salvar as coisas boas do mundo é apenas isso: uma possibilidade. Temos que aproveitar os riscos que temos para colocar uma rocha na terra e mantê-la firme.”

Voltamos para o SUV, entramos e seguimos em frente. Meu amigo continuou a filosofar sobre a estabilidade em um mundo em mudança.

“Nada do que fizermos nesta vida será eterno, mas temos que construí-los como se fossem eternos”, continuou Marco. “É isso que Deus quer. Se você se prometer a uma mulher para o resto da vida, essa é uma forma de tornar o eterno presente aqui no tempo.

Temos de avançar confiantes de que as pequenas coisas que fazemos poderão, com o tempo, transformar-se em obras poderosas, explicou ele. Tudo depende de Deus. Tudo o que podemos fazer é o nosso melhor para servi-lo.

Às vezes, Marco fica deitado na cama à noite, preocupado com o facto de os seus esforços, e os esforços da sua pequena comunidade cristã, não terem grande valor face a tanta oposição. Ele está ansioso porque a corrente será forte demais para resistir e os separará.

“Sei pelas oliveiras que em alguns anos teremos uma colheita grande e noutros em pouca”, disse. “Os monges, quando trouxeram a agricultura para este local há mil anos, ensinaram aos nossos antepassados que há alturas em que temos de guardar sementes. Por isso penso que temos que caminhar neste caminho de São Bento, nesta Opção Bento. Esta é uma época para salvar a semente. Se não guardarmos a semente agora, não teremos colheita nos próximos anos.”

Já estava ficando tarde. Tive medo de perder o ônibus para o aeroporto de Roma. Não deveríamos ir? Perguntei.

“Grande Rod, não se preocupe, meu amigo!” ele disse. "Você se preocupa muito. Voce vai conseguir!" E lá fomos nós acelerando, pela estrada sinuosa em direção ao mar.

À medida que o sol se punha no céu ocidental, falámos mais uma vez sobre o desafio que os cristãos ortodoxos enfrentam no Ocidente e como isso parece assustador. Marco me deixou com essas falas inesquecíveis.

“Na Itália, temos um ditado: ‘Quando não há cavalo, um burro pode fazer um bom trabalho’. Eu me considero um burrinho”, disse ele. “Há tantos cavalos de raça pura que não correm para lugar nenhum, mas este velho burro está dando conta do recado. Você e eu, vamos continuar fazendo esse trabalho como burrinhos. Não se esqueça, foi um burro que trouxe Jesus Cristo para Jerusalém.”

Grande! Assim, nós, burrinhos, seguimos em frente, percorrendo o caminho peregrino no caminho de Bento, para fora da cidade imperial em ruínas, para um lugar de paz onde podemos ficar quietos e aprender a ouvir a voz do nosso Mestre. Encontramos outros como nós e construímos comunidades, escolas para o serviço do Senhor. Fazemos isso não para salvar o mundo, mas por nenhuma outra razão além de O amarmos e sabermos que precisamos de uma comunidade e de um modo de vida ordenado para servi-Lo plenamente.

Vivemos liturgicamente, contando a nossa história sagrada em adoração e canto. Jejuamos e festejamos. Casamos e damos nossos filhos em casamento e, embora no exílio, trabalhamos pela paz da cidade. Damos as boas-vindas aos nossos recém-nascidos e enterramos os nossos mortos. Lemos a Bíblia e contamos aos nossos filhos sobre os

santos. E também lhes contamos no pomar e junto à lareira sobre Ulisses, Aquiles e Enéias, sobre Dante e Dom Quixote, e Frodo e Gandalf, e todas as histórias que contam o que significa ser homens e mulheres do Ocidente.

Trabalhamos, oramos, confessamos nossos pecados, demonstramos misericórdia, acolhemos o estrangeiro e guardamos os mandamentos. Quando sofremos, especialmente por causa de Cristo, damos graças, porque é isso que os cristãos fazem. Quem sabe o que Deus, por sua vez, fará com a nossa fidelidade? Não cabe a nós dizer. Nossa ordem é, nas palavras do poeta cristão W. H. Auden, "avançar cambaleando, regozijando-se".

Os monges beneditinos de Norcia tornaram-se um sinal para o mundo de formas que eu não previ quando comecei a escrever este livro. Em agosto de 2016, um terremoto devastador abalou a região. Quando o terremoto ocorreu no meio da noite, os monges estavam acordados para rezar as matinas e fugiram do mosteiro em busca da segurança da praça ao ar livre.

O Padre Cassiano reflectiu mais tarde que o terramoto simbolizou o desmoronamento da cultura cristã do Ocidente, mas que houve um segundo símbolo de esperança naquela noite. "O segundo símbolo é a reunião do povo em torno da estátua de São Bento na praça para rezar", escreveu ele aos apoiadores. "Essa é a única maneira de reconstruir."

Os tremores deixaram a igreja basílica estruturalmente instável demais para o culto e a maior parte do mosteiro inabitável. Os irmãos evacuaram a cidade e mudaram-se para suas terras na encosta da montanha, fora dos muros de Norcia. Eles armaram tendas nas ruínas de um antigo mosteiro e continuaram a sua vida de oração, interrompida apenas por visitas à cidade para ministrar ao seu povo.

Os monges receberam visitantes ilustres no seu exílio, incluindo o então primeiro-ministro italiano Matteo Renzi e o cardeal Robert Sarah, que dirige o escritório litúrgico do

Vaticano. O Cardeal Sarah abençoou os alojamentos temporários dos monges, celebrou missa com eles e depois disse-lhes que o seu mosteiro “me lembra Belém, onde tudo começou”.

“Estou certo de que o futuro da Igreja está nos mosteiros”, disse o cardeal, “porque onde está a oração, aí está o futuro”.

Cinco dias depois, mais terremotos abalaram Norcia. A cruz no topo da fachada da basílica caiu no chão. E então, no início da manhã de domingo, 30 de outubro, ocorreu o terremoto mais forte que atingiu a Itália em trinta anos, com epicentro logo ao norte da cidade. A Basílica de São Bento, do século XIV, padroeiro da Europa, caiu violentamente no chão. Apenas a sua fachada permaneceu. Nem uma única igreja em Norcia permaneceu de pé.

Com a poeira ainda subindo dos escombros, o Padre Basil ajoelhou-se nas pedras da praça, de frente para a basílica em ruínas, e acompanhado por freiras e alguns Norcini idosos, incluindo um em cadeira de rodas, ele rezou. Mais tarde, um vídeo amador postado no YouTube mostrou o Padre Basil, o Padre Benedict e o Padre Martin correndo pelas ruas da cidade repleta de escombros, em busca dos moribundos que precisavam da extrema-unção. Pela graça de Deus, não havia nenhum.

De volta à América, o padre Richard Cipolla, um padre católico em Connecticut e um velho amigo do padre Benedict, enviou um e-mail ao subprior quando ouviu a notícia do último terremoto. “Há danos? O que está acontecendo?" Padre Cipolla escreveu.

“Sim, danos muito piores”, respondeu o padre Benedict. “Mas estamos bem. Há muito para lhe contar, mas apenas ore. Estou bem e Deus continua nos purificando e trazendo coisas muito boas.”

Na manhã seguinte, quando o sol nasceu sobre Norcia, o Padre Benedict, que em breve substituiria o Padre Cassiano, que se aposentava, como prior, enviou uma

mensagem aos amigos do mosteiro em todo o mundo. Ele disse que nenhum Norcini perdeu a vida no terremoto porque acatou os avisos dos tremores anteriores e deixou a cidade. “[Deus] passou dois meses nos preparando para a destruição completa da igreja de nosso padroeiro, para que, quando finalmente acontecesse, pudéssemos assisti-la, com horror, mas em segurança, do alto da cidade”, escreveu o monge-sacerdote.

O Padre Benedict acrescentou: “Estes são mistérios que levarão anos – não dias ou meses – para serem compreendidos”.

Certamente isso é verdade. Na verdade, quando deixei Norcia no início daquele ano, invejei os monges pela segurança da sua fortaleza nas montanhas. Mas eu estava errado. Não há lugar nesta Terra totalmente a salvo de catástrofes. Quando a terra se moveu, a Basílica de São Bento, que permaneceu firme durante muitos séculos, caiu no chão. Resta apenas a fachada, mera aparência de uma igreja. Mas note isto: porque os monges se dirigiram para as colinas após o terramoto de Agosto, eles sobreviveram. Deus os preservou na santa pobreza de sua Belém coberta de lona, onde continuaram a viver a Regra da maneira antiga, inclusive cantando a Missa Antiga. Agora eles podem começar a reconstruir em meio às ruínas, sua resiliente fé beneditina ensinando-os a receber esta catástrofe como um chamado à santidade e ao sacrifício mais profundos. Se Deus quiser, um dia uma nova vida surgirá dos escombros.

Porque viveram a Opção Bento nos bons tempos, construíram dentro de si a estabilidade e a resiliência para suportar os piores momentos – e para começar de novo, no tempo de Deus.

“Rezamos e vigiamos da encosta da montanha, pensando nos longos três anos que São Bento passou na caverna antes que Deus decidisse chamá-lo para se tornar uma luz para o mundo”, escreveu o Padre Benedict. “Fiat. Fiat.”

Deixe estar. Deixe estar.

Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Agradecimentos

Este livro demorou a chegar e é fruto de mais de uma década de conversas entre amigos de todo o país. Desejo agradecer a todos eles, em particular a Patrick Deneen, Caleb Stegall, Jake Meador, Frederica Mathewes-Green, Michael Hanby, Ryan Booth, Philip Bess, Leroy Huizenga, Kale Zelden, Ross Douthat, Michael Brendan Dougherty, Denny Burk, Andrew T Walker, Andy Crouch, Chris Roberts, Marco Sermarini, Russell Arben Fox, Becky Elder, James Card, Ralph C. Wood, Lance Kinzer, Conor Dugan, Jeff Polet, Mark T. Mitchell, Robert Duncan, Caleb Bernacchio, Matthew Lee Anderson. , Alan Jacobs, Gabe Lyons, Jason McCrory, Joe Hartman, Mark Meador, Matt Bonzo, James Matthew Wilson, Christopher Roberts e o falecido Roger Pfau.

Agradecimentos especiais vão para Ken Myers, o gênio feliz por trás do Mars Hill Audio Journal, que tem sido a influência mais formativa no meu pensamento como cristão tentando dar sentido à nossa cultura pós-cristã. Este livro nada mais é do que uma série de notas de rodapé sobre o trabalho que Ken realizou ao longo dos anos. Se a única coisa que conseguir for apresentar aos cristãos mais atenciosos as riquezas do Journal, então ficarei satisfeito.

Obrigado a Clint Barron, Ryan T. Anderson e outros que leram as primeiras versões deste manuscrito, e obrigado às comunidades em torno dos Livros do Oitavo Dia de Wichita e da Abadia de Clear Creek, na zona rural de Oklahoma,

pela sua calorosa hospitalidade e testemunho. Correndo o risco de parecer grandioso, quero também expressar a minha gratidão pela vida e obra de Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI, que considero o segundo Bento da Opção Bento.

Meu agente literário, Gary Morris, é tudo o que um escritor poderia esperar, e o trabalho que ele fez para dar vida a este e a todos os outros livros que escrevi é algo que jamais poderei retribuir. Foi um prazer trabalhar com Bria Sandford, editora deste livro, e foi especialmente útil ao me ensinar como explicar todas essas coisas monásticas para evangélicos como ela. Muitas das ideias deste livro foram aprimoradas em conversas com leitores do meu blog no site do The American Conservative. Agradeço aos meus leitores por seu incentivo e críticas construtivas. Agradeço também aos meus chefes na TAC, especialmente Jeremy Beer e Daniel McCarthy, pelo seu apoio inabalável e, com a mais profunda gratidão, agradeço a Howard e Roberta Ahmanson pela sua generosidade contínua. Agradeço à minha esposa Julie e aos meus filhos Matthew, Lucas e Nora, pela infinita paciência. Não é fácil ter um escritor na família, mas espero que um dia meus filhos entendam que este livro é para o bem do futuro deles.

Finalmente, faltam-me palavras para expressar a minha gratidão aos monges de Norcia por me terem aberto o seu coração e o seu mosteiro. Nenhum de nós poderia imaginar que, quando este livro estivesse concluído, a basílica e o mosteiro estariam em ruínas. Estes homens de Deus estão agora a viver o caminho da Cruz, mas estou confiante de que Deus os usará de uma forma especial para levarem a Sua luz ao mundo. Em meio a toda a tristeza, confusão e dor do mundo, os monges Norcia e seus alegres amigos hobbits, os Tipi Loschi, lembram-me da ordem do ancião em Apocalipse 5: “Não chores, pelo Leão da Tribo de Judá, a Raiz de David triunfou.” Porque eles acreditam e porque vivem isso, eu também posso viver e acreditar. Todos nós também podemos.

Notas

Capítulo 1: O Grande Dilúvio

1. Ephraim Radner, “No Safe Place Except Hope: The Anthropocene Epoch,” Living Church, 28 de julho de 2016, http://livingchurch.org/covenant/2016/07/28/no-safe-place-except-hope -a-época-antropocena/.
2. Michael Lipka, “Millennials Increasingly Are Driving the Growth of 'Nones'”, Pew Research Center, 12 de maio de 2015, http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/05/12/millennials-increasingly -estão-conduzindo-o-crescimento-de-nenhum/.
3. Christian Smith e Melinda Lundquist Denton, Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers (Nova Iorque: Oxford University Press, 2005).
4. Christian Smith e Patricia Snell, Perdidos na Transição: O Lado Negro da Idade Adulta Emergente (Nova York: Oxford University Press, 2011), 86.
5. Alasdair MacIntyre, Depois da Virtude, 3ª ed. (Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2007), 263.

Capítulo 2: As Raízes da Crise

1. Robert Rector, “Marriage: America's Greatest Weapon Against Child Poverty,” Heritage Foundation Special Report #117, 5 de setembro de 2012. Usando estatísticas do governo dos EUA, o relatório também diz que o casamento reduz a probabilidade de pobreza

infantil em 82 por cento, http ://www.heritage.org/research/reports/2012/09/marriage-americas-greatest-weapon-against-child-poverty).
2. Charles Taylor, Uma Era Secular (Cambridge, MA: Belknap Press da Harvard University Press, 2007), 12.
3. CS Lewis, A imagem descartada: uma introdução à literatura medieval e renascentista (Nova York: Cambridge University Press, 2012), 203.
4. David Bentley Hart, A Experiência de Deus: Ser, Consciência, Felicidade (New Haven, CT: Yale University Press, 2013), Kindle ed., 62.
5. Lewis, Imagem Descartada, 222.
6. Brad S. Gregory, A Reforma Não Intencionada: Como uma Revolução Religiosa Secularizou a Sociedade (Cambridge, MA: Belknap Press da Harvard University Press, 2012), 99.
7. John Adams, Carta à Milícia de Massachusetts, 11 de outubro de 1798, Arquivos Nacionais dos EUA, http://founders.archives.gov/documents/Adams/99-02-02-3102.
8. Zygmunt Bauman, Modernidade Líquida (Malden, MA: Blackwell, 2000).
9. Philip Rieff, O triunfo da terapêutica: usos da fé depois de Freud, edição do 40º aniversário. (Wilmington, DE: ISI Books, 2006), 19.
10. Stephen L. Gardner, "O Eros e as Ambições do Homem Psicológico", ibid., 244.
11. Charles Taylor, A Ética da Autenticidade (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992), 14.
12. Ursula K. Le Guin, Um Feiticeiro de Earthsea (Nova York: Houghton Mifflin, 2012), 51.

Capítulo 3: Uma regra para viver

1. Esther de Waal, Buscando a Deus: O Caminho de São Bento (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2001), 15.

2. Este livro utiliza a tradução de Leonard Doyle que a Ordem de São Bento utiliza em seu site (http://www.osb.org/rb/text/toc.html). Os beneditinos adaptaram-no fazendo com que todos os outros capítulos da Regra usassem pronomes femininos, mas isso foi alterado para os pronomes masculinos originais para evitar confusão.
3. Romano Guardini, O Fim do Mundo Moderno (Wilmington, DE: ISI Books, 1998), 210.
4. Ibid., 202.
5. Zygmunt Bauman, "De Peregrino a Turista, ou, Uma Breve História de Identidade", em Questões de Identidade Cultural, ed. Stuart Hall e Paul du Gay (Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1996), 24.
6. Dietrich Bonhoeffer, Life Together: The Classic Exploration of Christian in Community (Nova York: Harper One, 2009), 8.
7. Léon Bloy, citado em Peter Kreeft, Prayer for Beginners (San Francisco: Ignatius Press, 2000), 39.

Capítulo 4: Um Novo Tipo de Política Cristã

1. Yuval Levin, A República Fraturada: Renovando o Contrato Social da América na Era do Individualismo (Nova York: Basic Books, 2016), 178.
2. Patrick J. Deneen, Conserving America?: Essays on Present Discontents (South Bend, IN: St. Augustine's Press, 2016), 3.
3. Scott H. Moore, Os Limites da Democracia Liberal: Política e Religião no Fim da Modernidade (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2009), 15.
4. Václav Havel, "O Poder dos Impotentes", trad. Paul Wilson, em O Poder dos Impotentes: Cidadãos Contra o Estado na Europa Centro-Oriental, ed. John Keane (Armonk, NY: ME Sharpe, 1985).

5. O conceito de Benda teve um antecessor interessante na igreja primitiva. O historiador Peter Brown diz que as cartas de São Cipriano, bispo de Cartago (martirizado em 258), "mostra como a Igreja começou a funcionar como um corpo ferozmente independente – uma verdadeira 'cidade dentro da cidade'". Ascensão da cristandade ocidental: triunfo e diversidade, 200-1000 d.C. (Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013), 62.
6. Václav Benda, "O Significado, Contexto e Legado da Polis Paralela", trad. Paul Wilson, em A Longa Noite do Vigilante: Ensaios de Václav Benda, 1978–1989, ed. F. Flagg Taylor IV (South Bend, IN: St. Augustine's Press, 2017).

Capítulo 5: Uma Igreja para Todas as Estações

1. Robert Louis Wilken, "A Igreja como Cultura", First Things, abril de 2004, https://www.firstthings.com/article/2004/04/the-church-as-culture.
2. Russell Moore, Avante: Envolvendo a Cultura Sem Perder o Evangelho (Nashville, TN: B&H Books, 2015), 27.
3. Ralph C. Wood, Lutando pela Fé: O Engajamento da Igreja com a Cultura (Waco, TX: Baylor University Press, 2003), 2.
4. James K. A. Smith, Desejando o Reino: Adoração, Visão de Mundo e Formação Cultural (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2009).
5. Robert Inchausti, Ortodoxia Subversiva: Foras da Lei, Revolucionários e Outros Cristãos Disfarçados (Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2005), 143.
6. Paul Connerton, How Societies Remember (Nova York: Cambridge University Press, 1989), 72.
7. Simon Chan, Teologia Litúrgica: A Igreja como Comunidade de Adoração (Downers Grove, IL:

InterVarsity Press, 2006), 159.
8. Ibid., 149.
9. Stanley Hauerwas e William H. Willimon, Resident Aliens (Nashville, TN: Abingdon Press, 2014), 78.
10. Wendell Berry, Sexo, Economia, Liberdade e Comunidade: Oito Ensaios (Nova York: Pantheon, 1994), 108.
11. Matthew Crawford, O mundo além da sua cabeça: sobre como se tornar um indivíduo em uma era de distração (Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 2015), 257.
12. Robert Louis Wilken, "Evangelismo na Igreja Primitiva: Entrevista da História Cristã – Roman Redux", em Christian History 57 (1998), http://www.christianitytoday.com/history/issues/issue-57/evangelism-in -entrevista-história-cristã-da-igreja-inicial.html.
13. Richard Wurmbrand, In God's Underground (Bartlesville, OK: Living Sacrifice Book Company, 2004), Kindle ed., loc. 661.

Capítulo 6: A Ideia de uma Aldeia Cristã

1. O sociólogo Robert Nisbet observou na obra do filósofo judeu Martin Buber, do filósofo católico Jacques Maritain, dos teólogos protestantes Emil Brunner e Reinhold Niebuhr, e do teólogo e padre anglicano Vigo Auguste Demant: "'Quando as relações entre o homem e Deus é subjetivo, interior (como em Lutero) ou em atos e lógica atemporais (como em Calvino), a total dependência do homem de Deus não é mediada pelos fatos concretos da vida histórica", escreve Canon Demant. E quando não é tão mediada, a relação com Deus torna-se tênue, amorfa e insuportável". Nisbet, A busca pela comunidade (Wilmington, DE: ISI Books, 2010), 11.

2. Ibid., 223.
3. Judith Rich Harris, The Nurture Assumption: Why Children Turn Out the Way They Do (Nova York: Free Press, 2009), 165.
4. Ibid., 179–85.
5. Ibid., 189.

Capítulo 7: A Educação como Formação Cristã

1. Charles J. Chaput, "Lições de Yeshiva", First Things, agosto de 2012, https://www.firstthings.com/article/2012/08/yeshiva-lessons.
2. Patrick Deneen, "How a Generation Lost Its Common Culture," Minding the Campus, 2 de fevereiro de 2016, http://www.mindingthecampus.org/2016/02/how-a-generation-lost-its-common- cultura/.
3. Philip Rieff, Fellow Teachers (Nova York: Harper & Row, 1973), citado em Jeremy Beer, "Pieties of Silence", American Conservative, 23 de outubro de 2006, http://www.theamericanconservative.com/articles/pieties -do-silêncio/.
4. Centro Nacional de Estatísticas de Saúde, Saúde, Estados Unidos, 2015: Com Recurso Especial sobre Disparidades de Saúde Raciais e Étnicas (Washington: U.S. Government Printing Office, 2016), tabela 51, 194–96; Centros de Controle e Prevenção de Doenças, Resumos de Vigilância MMWR. 65, não. 6 (10 de junho de 2016), tabela 69, 119.
5. Judith Rich Harris, The Nurture Assumption: Why Children Turn Out the Way They Do (Nova York: Free Press, 2009), 194.
6. Terence P. Jeffrey, "1.773.000: Homeschooled Children Up 61,8% in 10 Years", CNSNews.com, 19 de maio de 2015, http://www.cnsnews.com/news/article/terence-p-

jeffrey/1773000 -crianças educadas em casa-618-10 anos.
7. Peter Jesserer Smith, "Keeping the Faith on College Campuses", National Catholic Register, 15 de abril de 2013, http://www.ncregister.com/daily-news/keeping-the-faith-on-college-campuses# ixzz2QjYl1hb9.

Capítulo 8: Preparando-se para o trabalho duro

1. William Perkins, "Um Tratado sobre as Vocações", citado em Patrick J. Deneen, Conserving America? Ensaios sobre o descontentamento atual (South Bend, IN: St. Augustine's Press, 2016), 33.
2. Ibid., 34.
3. David Gushee, "On LGBT Equality, Middle Ground Is Disappearing", Religion News Service, 22 de agosto de 2016, http://religionnews.com/2016/08/22/on-lgbt-equality-middle-ground-is -desaparecendo/.

Capítulo 9: Eros e a Nova Contracultura Cristã

1. Wendell Berry, "Para que serve o sexo?: Entrevista com Wendell Berry", Reforma Moderna, novembro-dezembro de 2001, pp. 38-41, http://allsaintsaustin.typepad.com/files/what-is-sex-for-1.pdf.
2. Wendell Berry, Sexo, Economia, Liberdade e Comunidade: Oito Ensaios (Nova York: Pantheon, 1994), 133.
3. Philip Rieff, O triunfo da terapêutica: usos da fé depois de Freud, edição do 40º aniversário. (Wilmington, DE.: ISI Books, 2006), 12.
4. Sarah Ruden, Paulo entre o povo: o apóstolo reinterpretado e reinventado em seu próprio tempo (Nova York: Pantheon, 2010).
5. Peter Brown, O Corpo e a Sociedade: Homens, Mulheres e Renúncia Sexual no Cristianismo Primitivo

(Nova York: Columbia University Press, 2008), xlv-xlvi.
6. Christopher C. Roberts, Criação e Aliança: O Significado da Diferença Sexual na Teologia Moral do Casamento (Nova Iorque: T&T Clark International, 2007), 213.
7. Heather Mason Keifer, "Gallup Brain: The Birth of In Vitro Fertilization", Gallup.com, 5 de agosto de 2003, http://www.gallup.com/poll/8983/gallup-brain-birth-vitro-fertilization .aspx.
8. Andrew Kopkind, "The Gay Moment", Nation, 3 de maio de 1993.
9. Charles Taylor, Uma Era Secular (Cambridge, MA: Belknap Press da Harvard University Press, 2007), 588.
10. Jean Twenge, "O paradoxo do sexo milenar: mais conexões casuais, menos parceiros", Los Angeles Times, 9 de maio de 2015, http://www.latimes.com/science/sciencenow/la-sci-sn-millennials -atitudes sexuais-20150508-story.html.
11. Bento XVI, Deus caritas est, carta encíclica, 25 de dezembro de 2005, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/en/encyclals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html.
12. Ron Belgau, "Amizade Espiritual em 300 Palavras", Spirituafriendship.org, 29 de agosto de 2012, https://spiritualfriendship.org/2012/08/29/spiritual-friendship-in-300-words/.
13. "O uso de pornografia entre cristãos autoidentificados reflete amplamente a média nacional, segundo pesquisa", CNSNews.com, 27 de agosto de 2015, http://www.cnsnews.com/news/article/penny-starr/pornography-use- entre-cristãos-auto-identificados-em grande parte-espelhos-nacionais.
14. Belinda Luscombe, "Porn and the Threat to Virility", Time, 11 de abril de 2016, citado em Conor Friedersdorf, "Is Porn Culture to Be Feared?", Atlantic,

7 de abril de 2016, http://www.theatlantic .com/politics/archive/2016/04/porn-culture/477099/.
15. Wendell Berry, A vida é um milagre: um ensaio contra a superstição moderna (Washington, DC: Counterpoint, 2001), 55.

Capítulo 10: O Homem e a Máquina

1. "Cell Phone Ownership Hits 91 Percent Adults", Pew Research Center, 6 de junho de 2013, http://www.pewresearch.org/fact-tank/2013/06/06/cell-phone-ownership-hits-91 -de-adultos/.
2. "EUA Smartphone Use in 2015", Pew Research Center, 1º de abril de 2015, http://www.pewinternet.org/2015/04/01/us-smartphone-use-in-2015/.
3. Michael Hanby, "The Truth Shall Set You Free: Liberal Order and the Future of Christian Freedom", discurso proferido no Seminário St. Charles Borromeo, Filadélfia, 7 de dezembro de 2015, texto compartilhado com o autor por Hanby.
4. Neil Postman, Tecnopólio: A rendição da cultura à tecnologia (Nova York: Vintage, 1993), 184.
5. "Abortion Viewed in Moral Terms: Fewer See Stem Cell Research and IVF as Moral Issues", Pew Research Center, 15 de agosto de 2013, http://www.pewforum.org/2013/08/15/abortion-viewed- em termos morais /.
6. "Industry's Growth Leads to Leftover Embryos, and Painful Choices", New York Times, 17 de junho de 2015, http://www.nytimes.com/2015/06/18/us/embryos-egg-donors-difficult- problemas.html.
7. Andrew Hough, "1,7 milhões de embriões humanos criados para fertilização in vitro jogados fora", Daily

Telegraph, 31 de dezembro de 2013, http://www.telegraph.co.uk/news/health/news/977223 3/1.7-million-human -embriões criados para fertilização in vitro.html.
8. “Three-quarters Say Longmont Attack Is Murder”, YouGov.com, 7 de abril de 2015, https://today.yougov.com/news/2015/04/07/two-quarters-say-longmont-attack- assassinato/.
9. Nicholas Carr, The Shallows: O que a Internet está fazendo com nossos cérebros (Nova York: W. W. Norton, 2011), 116.
10. Tim Wu, The Attention Merchants: The Epic Scramble to Get Inside Our Heads (Nova York: Knopf, 2016), 344. A menção de Wu de como a vida monástica concentra a atenção, em contraste com as forças dispersas da vida na modernidade, vale um livro por si só.
11. Alexander Schmemann, Grande Quaresma: Jornada à Páscoa (Crestwood, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 1974), 11.
12. Nick Bilton, “Parenting in the Age of Online Pornography”, New York Times, 7 de janeiro de 2015, http://www.nytimes.com/2015/01/08/style/parenting-in-the-age- of-online-porn.html?_r=0.
13. Nick Bilton, “Steve Jobs Was a Low-Tech Parent”, New York Times, 10 de setembro de 2014, http://www.nytimes.com/2014/09/11/fashion/steve-jobs-apple-was -a-low-tech-parent.html.
14. Andrew Sullivan, “I Used to Be a Human Being”, Nova York, 18 de setembro de 2016, http://nymag.com/selectall/2016/09/andrew-sullivan-technology-almost-killed-me.html .

Índice

Os números das páginas neste índice referem-se à versão impressa deste livro. O link fornecido o levará ao início da página impressa. Pode ser necessário rolar para frente a partir desse local para encontrar a referência correspondente no seu e-reader.

aborto, 1, 22, 43, 79, 80, 82, 98, 155, 185
Adams, João, 36–37
Elredo de Rievaulx, Santo, 213
Depois da Virtude (MacIntyre), 16–18
Alfeyev, Metropolita Hilarion, 136
Comunidade Aleluia, 132
Ordem dos Advogados Americana, 180
Revolução Americana, 37, 46
Anderson, Chris, 230–31
Aniol, Scott, 111–12
Antônio do Egito, Santo, 14
Anticristo, 48-49
anti-semitismo, 182
Aristóteles, 29, 33, 34, 152, 154
Arnaldo, Mateus, 39
arte, 38, 40, 117–18, 119
ascetismo, 31, 42, 63-65, 71, 101, 117, 121, 219
Associação de Escolas Clássicas e Cristãs, 164
ateísmo, 39, 42, 46, 129, 136
Atlântico, 79
Auden, WH, 241
Agostinho, Santo, 13, 86, 90, 104

Cativeiro babilônico, 238
Bacon, Francisco, 33, 34, 219–20
Bainbridge, Stephen, 185
saldo, 74-75, 97, 178
Balducci, Paulo, 125, 132
Balducci, Rachel, 125, 132–33
batismo, 24, 63, 101
bárbaros, 13–14, 15, 17, 154

Grupo Barna, 214–15
Basílica de São Bento, 242–43
Bauman, Zygmunt, 40, 66
beleza, 76–77, 117–19, 120, 148, 210, 226
Belgau, Ron, 213
Benda, Václav, 93–97, 144–45
Bento, Santo, 4, 12–18, 23, 47–48, 51–52, 60, 64–66, 68–69, 71–75, 77, 91, 227, 242
  discípulos de, 14, 47, 55–56, 75, 125
  primeiros anos de, 12-13, 244
  como pai do monaquismo ocidental, 2, 14–15, 17–18, 51, 148
Bento XVI, Papa, 4, 8, 50, 117, 208
Ordem beneditina, 47–54, 57–62, 66–67, 70–77, 101, 108, 116, 126, 131, 141, 148, 176–78, 196, 197, 218
Opção Bento, 72, 77, 84, 91, 94–98, 101, 116, 124, 129, 139, 142–43, 175, 185, 237–40, 243
  definição de, 18
  gols de, 86, 88, 94, 121, 146, 159, 177, 186–87, 194, 197, 217, 236
Bernhard, Martin, 61, 67, 70–71, 76, 131–33
Berry, Wendell, 115, 191, 196–98, 216–17
Bíblia, 10, 11, 19, 31–32, 40, 51, 53, 58–59, 66, 90, 103, 105–7, 113, 114, 199–200, 203–4
  estudo de, 150-52
intolerância, 175, 210
pílula anticoncepcional, 43
Peste Negra, 29
Bloy, Leon, 76
Boersma, Hans, 108
Bonhoeffer, Dietrich, 70, 120
Boyd, Ian, 173
Admirável Mundo Novo (Huxley), 154
Marrom, Louise, 222
Marrom, Pedro, 199
Brownback, Sam, 84
Buber, Martin, 251
Burk, Denny, 116–17, 126–27

Cálcio, Gheorghe, 120–21
Calvino, João, 104
Orgulho do Campus, 182
capitalismo, 11, 23
Carr, Nicolau, 224, 225, 229
Contra-Revolução Católica, 32
celibato, 196, 213
Centros de Estudo Cristão, 168
Centros de Controle de Doenças, 156
Chan, Simão, 110–11
Chanceler, 169-70

Chaput, Carlos, 151-52
caridade, 82, 93, 120
castidade, 196, 199, 204, 206, 213, 217
Chesterton, GK, 173
crianças, 103, 131, 134, 143, 187, 209
  fora do casamento, 21–22, 211
  grupos de pares e, 127–28
  aumento de, 122–23, 125–29, 132, 138, 156–58, 195
  veja também educação
Cristianismo, 1–5, 12–16, 22–32, 36, 40, 58, 96
  abordagem contracultural e proativa para, 2, 3–4, 5, 12, 18, 134, 147, 171, 173, 196–97
  declínio de, 1–3, 4, 8–12, 22–23, 40–43, 46, 50, 68, 81, 100–101, 108, 198
  pais da igreja primitiva em, 104–5, 151
  empresas paternalistas de, 188-90, 193
  perseguição de, 12, 179, 187
  pseudo-, 10–11, 208
  restauração de, 3–4, 50, 54, 76, 79, 101
  ameaça para, 87-88, 93, 123, 204
  tradicional, conservador, 1–2, 3–4, 9, 10, 12, 18–19, 22, 39, 54, 76, 78, 80–84, 89–90, 98–99, 105, 123, 137, 236
Cipolla, Ricardo, 243
Instituto CiRCE, 160, 165
Cidade de Deus (Agostinho), 13, 86
Abadia de Clear Creek, 218
Clément, Olivier, 209
Clinton, projeto de lei, 80, 122
Clinton, Hillary, 21, 80, 81, 122
Colson, Chuck, 136
Comello, Chade, 189
Desmoronando (Murray), 22
Comunhão e Libertação (CL), 190
Comunismo, 78, 91–93, 97, 120, 144–45
Manifesto Comunista (Marx e Engels), 38
comunidade, 4–5, 8, 12, 17–18, 22, 44, 54, 67–71, 74, 77, 83, 88–89, 93–98, 101–2, 122–25
  edifício de, 139-43
  conexões dentro, 130–34, 189–90
  amor de, 138-39
Connerton, Paulo, 109
consciência, 11, 179, 183-84, 186
conservadorismo, 1–2
  religioso, 1, 9, 18, 79-84
  sociais, 82, 122
Conservando a América? (Deneen), 90-91
Constituição, EUA, 36–37
  Primeira Emenda para, 84, 87
consumismo, 2, 11, 68, 132, 145, 178, 234

contemplação, 225, 227–28, 235
contracepção, 43, 221
conversão, 13, 51, 82, 96, 101, 118–19, 207
Copérnico, 33
Cothran, Martin, 148–49
coragem, 185-86
Crawford, Mateus, 117–18, 221, 224
Criação, 178, 179, 197–98, 208, 209, 216, 229
Contras Crocantes (Dreher), 2
Currie, Chris, 133–34, 140, 163–64
Tchecoslováquia, 78, 91–95, 97, 144–45

Daigle, Brian, 162-63
Dallas, Universidade de, 174-75
Dante Alighieri, 152, 172, 209, 226, 241
Idade das Trevas, 4, 18, 46, 47
Darwin, Carlos, 38
Davoren, Francisco, 72–73, 74, 176–77, 190, 233
Declaração de Independência, 36
Deísmo, 10–11, 35, 45, 151, 235, 239
Demant, Vigo Auguste, 251
democracia, 23, 37, 38, 40, 46, 89
Democracia na América (Tocqueville), 38
Partido Democrático, 3, 79, 80, 89
Deneen, Patrick J., 90–91, 153, 177–78
Denton, Melinda Lundquist, 10
Depressão, Ótima, 79
Descartes, René, 34-35, 46, 154, 220
Padres do Deserto, 64
desejo, 42–44, 107, 117–18, 119, 227
  sexuais, 201, 202
de Waal, Esther, 49
Imagem descartada, The (Lewis), 25–26
Distribuição, 189
Divina Comédia (Dante), 152, 209, 226
Ofício Divino, 55, 58
divórcio, 43, 117, 201, 211
Donoghue, Mary Pat, 163, 165
Perdição, Erin, 136–37
Praia de Dover (Arnold), 39
Dreher, Lucas, 7
Dreher, Mateus, 1, 122
Dreher, Rod, 1, 7, 66–68, 122–23, 128–29, 206–7
Dreher, Ruthie, 66-67
Dunaway, Marc, 139

terremotos, 241-43

Igreja Ortodoxa Oriental, 1, 44, 64, 103, 104, 113, 114, 130–31, 138–39, 161, 162, 186
Eberstadt, Maria, 123
ecumenismo, 136-38
Edsall, Thomas Byrne, 79
educação, 4–5, 77, 91, 94–95, 98, 122, 143–75, 180
  Cristão, 145–55, 158–75, 190–91
  faculdade, 166–73, 180–83, 190
  educação domiciliar, 161, 165–66, 189, 229
  Judeu, 146, 151-52
  escola pública, 155–58, 185, 187, 210
  sexo, 210-12
Departamento de Educação, EUA, 165
Edwards, Robert G., 222
Livros do Oitavo Dia, 136–37
Instituto do Oitavo Dia (EDI), 136–37
eleições, EUA, de 2016, 3, 21, 79–80, 89–90
Engels, Friedrich, 38
Iluminismo, 23, 32–38, 42, 46, 47, 90, 154, 198
Esolen, Anthony, 172
Centro de Ética e Políticas Públicas, 83
Eucaristia, 24, 106, 107, 113
eugenia, 234
Europa, 8, 15, 29–30, 32, 37, 45, 49, 100, 105–6
  movimentos de resistência em, 78, 91-95, 97
eutanásia, 185
Evangelicalismo, 37, 39, 79–82, 84, 101–3, 110–11, 113, 117–19, 127, 134, 150–51, 207
Homem Eterno, O (Chesterton), 173
Excelência em Escrita (IEW), 189
excomunhão, 68-69, 117
Ezequiel, 238

fé, 4–5, 8, 12, 16, 18, 34, 40, 49, 60, 63, 94, 95, 100, 103, 113, 115, 118, 122
  desafios para, 184–86, 192–94, 197, 204
família, 1, 4, 11, 12, 67, 69, 77, 82, 89–90, 96, 115, 123–29, 137, 193
  repartição de, 8, 195
  naturais, 210–12
Farha, Warren, 137
jejum, 63–65, 114–15, 227, 228, 238, 241
Irmandade de Estudantes Universitários Católicos (FOCUS), 167–68
Colegas professores (Rieff), 153–54
Finkler, Jerry, 130–31
Finkler, Shelley, 130–31
Primeiro Grande Despertar, 37
Primeiras Coisas, 100, 151
Folsom, Cassiano, 48–52, 59, 77, 239, 241–42
Foster, Steve, 188

Franklin, Benjamim, 35
Frassati, Pier Giorgio, 140
livre arbítrio, 30, 38, 43, 67
Revolução Francesa, 37, 46, 48
Freud, Sigmund, 41-42
embriões congelados, 222-23

Gardner, Stephen L., 43
direitos dos homossexuais, 3, 9, 80, 175, 179–82, 201–3
Alemanha, nazista, 120
Dado, Terryl L., 132, 135
Sociedade GK Chesterton, 140
globalismo, 80
Deus, 8, 10, 15–16, 19, 23–28, 30, 33–35, 39, 41, 46–47, 50–57, 61–73, 89, 96–97, 111
bondade, 76–77, 117–18, 119, 205–7, 210, 226
Gorbachev, Mikhail, 144
Evangelho de João, 101
Evangelhos, 12, 31, 56, 58, 63, 101, 107, 112, 118, 197
Gottlieb, Marcos, 124, 130, 146, 152
Capela Bíblica da Graça, 188, 189
Grandes Livros, 160, 175
Era Greco-Romana, 148, 152–53, 154, 198–99
Gregório, Brad, 32
Gregório Magno, Santo, 14
Guardini, Romano, 54, 65
Gushee, David, 181
girovague, 65-67

Haguewood, Ben, 112
Salão, David, 183
Salão dos Homens, 136–37
Hanby, Michael, 145–46, 163, 220–21, 231
felicidade, 10, 36, 41, 63, 96, 107, 208, 220, 235
Harrington, Mateus, 110
Harris, Judith Rich, 128, 157
Hart, David Bentley, 26, 27
Hauerwas, Stanley, 114
Havel, Václav, 78, 91–93, 97
Hayden, Evagrius, 55, 65, 213
heresia, 195-96
eremitas, 14, 123, 133
Hitler, Adolfo, 120
santidade, 82, 107, 200
Espírito Santo, 77, 103, 113, 140, 201, 228, 238, 244
homossexualidade, 171, 213-14
Universidade Batista de Houston, 171
Como as sociedades se lembram (Connerton), 109

Como o Ocidente realmente perdeu Deus (Eberstadt), 123
corpo humano, 199, 209, 220
humanismo, 30-31
Fundação da Campanha pelos Direitos Humanos, 179–80
Série Humanum, O, 211
Guerra dos Cem Anos, 29

imaginação, 11, 23, 25, 29, 72, 103, 105, 146, 195, 209
Inhausti, Robert, 107
individualismo, 11, 16, 29, 30, 38, 41, 43
Revolução Industrial, 23, 37–38, 46
infidelidade, 195, 208
Instituto de Educação Liberal Católica, 164-65
Internet, 52, 106, 216, 217, 224–26
  desconectando de, 218–19, 228–29, 232–33
Irmandade Cristã InterVarsity, 169
fertilização in vitro (FIV), 222–23
Israel, 208
Itália, 12–15, 239–40

Tiago, Guilherme, 226–27
Jefferson, Thomas, 35
Jerônimo, Santo, 13, 104
Jerusalém, 238, 241
Jesus Cristo, 5, 14, 19, 25, 47, 53–56, 58–60, 63–65, 68–76, 96, 101–102, 107, 152, 184
  crucificação de, 64, 109, 114-15, 209
  divindade de, 197, 201
  ressurreição de, 109
  segunda vinda de, 132
  ensino de, 123, 207, 214, 239
Oração de Jesus, 59
Judeus, 182
  Ortodoxo, 124, 130, 146, 151–52
Empregos, Steve, 230
João, Apóstolo, 120
João Paulo II, Papa, 145

Legislatura do Kansas, 84-85
Kennedy, Anthony, 43
King's College, 172
Kinzer, Lance, 84-88, 104

Bolsa L'Abri, 168
Santos dos Últimos Dias (Mórmons), 131–32, 135
lectio divina, 58-59, 151
Lee, Calee, 186-88
Le Guin, Úrsula K., 47
Legutko, Ryszard, 145

Quaresma, 114, 115, 151, 228
Levin, Yuval, 83-84
Lewis, CS, 25–26, 28, 97, 147, 155
Agenda LGBT, 3, 9, 43, 156–57, 175, 179–83, 201–3, 213–14
liberalismo, 9, 36, 90-91, 97-98, 145
liberdade, 37, 42–44, 67; veja também liberdade religiosa
Vida Juntos (Bonhoeffer), 70
Teologia Litúrgica (Chan), 111
culto litúrgico, 101, 103, 105–13, 121
Locke, João, 35-36
Logotipos, 25, 54
"Ferramentas Perdidas de Aprendizagem, As" (Sayers), 160
Luisiana, 59, 66–67, 105–6, 110, 118
  Grande Inundação de 2016 em, 7–8, 19
amor, 57, 62, 65, 69, 71–72, 94, 96, 101, 118, 214, 237, 238–39
  de Deus, 53, 123, 129, 147–48, 209
  do vizinho, 19, 123, 184
  procurando, 212–14
  altruísta, 11, 209
  sexual, 197–98, 200, 207, 215–16
LuLaRoe, 187
Luscombe, Belinda, 215
Lutero, Martinho, 31–32, 154, 200

MacDonald, Sam, 190–92
MacIntyre, Alasdair, 2, 4, 16–18, 108
Maritain, Jacques, 237, 251
casamento, 9, 82, 117, 206
  sexo e, 195–96, 198–99, 200–201, 203, 208, 211–12
Martin, Ryan, 112
martírio, 120
Marx, Carlos, 38, 46
materialismo, 11, 19, 133, 158
Mattingly, Ryan, 167
Encanamento de McDowell, 188
McLuhan, Marshall, 60, 105, 106, 107, 224
Medved, Miguel, 122–23
memória, 16, 94, 100, 104, 106, 109, 235
Metge, Jed, 169-70
Idade Média, 15, 23–30, 34, 46, 47, 148, 209, 225
modernidade, 40, 41, 44, 50, 54, 101, 104, 113, 121, 145–46, 152, 203, 219–20, 224
Mosteiro de São Bento, 48–50, 56–57, 76, 141
monaquismo, 2, 4, 14–15, 47–77, 124–26, 137, 148, 176–77, 212–13
  fé e aprendizado mantidos vivos por, 15, 49
  meta de, 88, 145
monges, 4, 14–15, 31–32, 48–62, 64–77, 101, 116, 119, 131, 176–78, 227, 241, 243–44

Moore, Russel, 101
Moore, Scott, 91
Deísmo Terapêutico Moralista (MTD), 10–11, 45, 151, 235, 239
moralidade, 8, 9, 11, 14, 79, 83, 88, 89, 101, 117, 126, 127, 144
  abandono de, 16, 40, 41
  sexual, 40, 207–8, 208
Muncy, Mitch, 174-75
Murray, Charles, 22
música, 98, 119
Muçulmanos, 120

Napoleão I, Imperador da França, 37, 48-49
Nação, 202–3
natureza, 38, 43, 220
Neuhaus, Richard John, 136
New Hampshire, Universidade de, Centro de Pesquisa de Crimes Contra Crianças em, 229–30
Centros Newman, 167
Newton, Isaac, 33-34, 154
New York Times, 153, 222, 230–31
Nietzsche, Frederico, 38-39
Nisbet, Robert, 123, 251
Nivakoff, Benedict, 60, 64, 66, 71–73, 242–44
Nixen, Manjericão, 56, 58–59, 61–62, 71, 74, 242
nominalismo, 27, 28, 45, 223
Norcia (Nursia), 12–13, 48–49, 56, 70, 76, 94, 102, 119, 131, 141, 213, 233, 239, 241–43
Nutrir a suposição, The (Harris), 128

obediência, 125, 196, 206
Obergefell v.
ordem, 54–57, 62, 125
Origem das Espécies (Darwin), 38
Ostrogodos, 42, 46

Parábola dos Talentos, 73
“pólis paralela”, 93-94
Paulo, Santo, 25, 52–53, 57, 103, 113, 114–15, 134–35, 142, 159, 184, 198–99, 200, 201
Paulo entre o povo (Ruden), 198–99
Percy, Walker, 104, 210
Perkins, Guilherme, 177
Pedro, Santo, 27
Centro de Pesquisa Pew, 9, 218, 222
Pico della Mirandola, 30
Paternidade planejada v. Casey, 43, 98
Platão, 25, 154
política, 4–5, 8, 18, 32, 77, 123, 195

antipolítico, 78, 88-98
Cristão, 82-88, 91
Policarpo, Santo, 105, 120, 193
poligamia, 43
Pontifício Instituto João Paulo II, 145
pornografia, 170, 195, 198, 210, 214–16, 229–30
Carteiro, Neil, 210, 221, 228, 235
pobreza, 21, 208
"Poder dos Impotentes, O" (Havel), 92
Prakarsa, Inácio, 57, 65, 72–73, 94, 114, 119
oração, 18, 19, 50–52, 55–60, 71, 86, 103, 110, 115, 121, 125, 130–31, 147
Igreja Presbiteriana, 85, 112, 237
causa pró-vida, 80, 98
Protágoras, 30
Reforma Protestante, 23, 31–32, 45, 104, 154
Protestantes, Protestantismo, 1, 10, 32, 36, 39–40, 44, 45, 103–4, 110–11, 164, 202, 204, 234
Salmos, 55, 58, 81, 148
psiquiatria, 226
psicanálise, 41
psicologia, 40, 41
Pudewa, André, 189

racismo, 3, 208
Radner, Efraim, 9
racionalismo, 34, 35, 37, 38
Reagan, Ronald, 80, 82, 91
realidade, 25, 26, 34, 160–61, 234–35
motivo, 16, 23, 30, 37, 46, 94, 113, 118, 119
Bolsa Reba Place, 189–90
Reinicializar, 228
relacionamentos
edifício de, 136–38, 184, 215–16
com Deus, 123, 130, 220
com Jesus, 132, 200
Lei de Restauração da Liberdade Religiosa, 2–3
liberdade religiosa, 9, 80, 82, 84–85, 86–88, 98, 104, 123, 181, 183–84, 185, 192
discriminação e, 2–3
Direita Religiosa, 12, 79
Renascença, 29-31, 45
Renzi, Matteo, 242
Partido Republicano, 3, 8, 78, 79–85, 86, 90, 99
Reynolds, João Marcos, 149, 155, 161–62, 171–72
Rieff, Philip, 41–42, 153–54, 198, 203–4
Roberts, Christopher, 200
Roe versus Wade, 79, 82, 98

Igreja Católica Romana, 1, 10, 31–32, 34, 36, 39, 44, 48, 79–81, 93, 104, 118–19, 140–41, 207
  corrupção em, 31
  missa e sacramentos de, 24, 106, 167, 243
Império Romano, 17, 46, 65
  declínio e queda de, 2, 8, 12–16, 30, 42, 90, 98
Romênia, 120
Romantismo, 38, 43, 46
Rousseau, Jean-Jacques, 38
Ruden, Sarah, 198–99
Regra de São Bento, ix, 4, 15, 18, 47, 50–56, 59–66, 68–69, 72, 74–75, 77, 88, 102–3, 116, 134, 148, 151, 178 , 227, 243
Igreja Ortodoxa Russa, 110, 136

Escola São Constantino, 149, 161–62, 171–72
Academia São Jerônimo, 163-65
Paróquia de São Jerônimo, 133–34
Catedral de São João, 139
John's Newman Center, 167
casamento entre pessoas do mesmo sexo, 1, 3, 9, 80, 201, 202–3
samizdat, 95
Sanches, Carlos, 119
Sarah, Cardeal Robert, 242
Sargento, Alexi, 141-42
Sargento, Leah Libresco, 141–42
Sayers, Dorothy, 160
Schaeffer, Edith, 168
Schaeffer, Francisco, 168
Schmemann, Alexandre, 228
Escolástica, Santa, 14–15
Revolução Científica, 32–34, 45–46
Escola Libera GK Chesterton, 141, 173, 174
secularismo, 8–9, 10, 41, 44–45, 79, 97–98, 100, 102, 124, 133, 136, 150, 175, 196
eu mesmo, 9, 11, 34, 41, 75–76
Academia Clássica Sequitur, 161, 162, 165
Sermarini, Federica, 173-74
Sermarini, Marco, 125, 140–42, 173–74, 239–41
sexo, 5, 40, 77, 79, 127, 182, 194–217, 221
  abstinência de, 196, 213
  Visão cristã de, 195-217
  desordenado, 195
  educação em, 210-12
  bondade de, 205–7
  amor e, 197–98, 200, 207, 215–16
  casamento e, 195–96, 198–99, 200–201, 203, 208, 211–12
  procriação e, 195, 209, 210, 221
  adolescente, 155-56

sexting, 230
Revolução Sexual, 9, 23, 43, 78, 116, 185, 198, 201–4, 208, 216, 221
Shakespeare, Guilherme, 154
Sibley, Bryce, 167–68
pecado, 31, 44, 117, 125, 170, 185, 200, 226
smartphones, 218–19, 225, 228, 229–31
Smith, Cristão, 10, 11, 39, 209–10, 234
Smith, James KA, 107
Movimento do Evangelho Social, 39
justiça social, 208
mídia social, 218, 231–32
reforma social, 39-40, 46
Sociedade para Aprendizagem Clássica, 165
Sociedade de Filósofos Cristãos, 171
Movimento trabalhista solidário, 145
Solzhenitsyn, Aleksandr, 139
alma, 9, 11, 58, 60, 96, 123, 176
Igreja Batista do Sul, 116–17, 126–27, 205
União Soviética, 144
  colapso de, 14
Speers, Sam, 169, 170
disciplina espiritual, 100, 101, 109–10, 114, 116–17
Movimento de Amizade Espiritual, 213-14
estabilidade, 65–67, 71, 121, 240, 243
Starr, Richard, 188, 189
Stidham, Deanne, 187
Família Stormans, 193
Stutzman, Barronelle, 193
Sullivan, Andrew, 232–33
Suprema Corte, EUA, 3, 9, 43, 82, 98, 193, 202
Swinburne, Richard, 171

Taoísmo, 27
Taylor, Charles, 23–24, 26, 44–45, 203
Taylor, Flagg, 93–95, 96–97
tecnologia, 5, 37, 77, 106, 194, 217–36
  vício em, 219, 224-25
  desconectando de, 218–19, 228–29, 232–33
  on-line, 218–19, 224–26
Tecnopólio (Carteiro), 221
Teodorico, Rei, 13–14
Terceiro Grande Despertar, 39
Tomás de Aquino, Santo, 26–27, 104–5, 152
Tomás More, Santo, 185
Thompson, Greg, 237
Tempo, 215
Timóteo, Santo, 42–53, 116
Tocqueville, Alexis de, 38, 89, 123

Torá, 151
totalitarismo, 97, 154
direitos dos transgêneros, 3, 43, 156
Ordem trapista, 120
Universidade Trinity Ocidental, 182
Triunfo da Terapêutica, The (Rieff), 42, 198
Trívio, 160
Trueman, Carl, 156
Trump, Donald, 79-82
  eleição presidencial de, 3, 21, 79–80, 98
verdade, 44, 76–77, 89, 93, 96, 100, 111, 117–20, 148, 205, 220–21, 223
Twenge, Jean, 207

Unitarismo, 36
Estados Unidos, 21, 38, 39, 133
  declínio da afiliação religiosa em, 9
  Pais Fundadores de, 35-37
  pós-cristão, 4, 12, 80, 86, 89, 101, 121, 158, 162

Vaticano, 31-32, 211, 242
Virgínia, Universidade de (UVA), 168–69
virtude, 2, 4, 16, 19, 36–38, 77, 148, 149
Visigodos, 13–14, 42
vocações, 177-78, 194

Walker, Andrew T., 205
Pacto de Varsóvia, 144
Guerras Religiosas, 32, 45
Via Sacra, 11
Wilken, Robert Louis, 100–101, 117–18
Guilherme de Ockham, 26-28
Willimon, Will, 114
Wilmeth, Agostinho, 57, 64, 73, 213
trabalho, 4–5, 51–52, 60–62, 71
  como um chamado, 177-78, 194
  Redes cristãs e, 188–90, 193
  empreendedor, 186-88
  industrial, 190-92
  trabalho físico como, 51, 176-94, 233
Primeira Guerra Mundial, 14, 40
Wu, Tim, 226–27
Wurmbrand, Ricardo, 120–21

Editora Xist, 187

Universidade Yeshiva, 151

Sião, 132



O que vem a seguir na sua lista de leitura?

Descubra sua próxima ótima leitura!

Obtenha escolhas de livros personalizadas e notícias atualizadas sobre este autor.

Inscreva-se agora.


Cover for The Benedict Option